



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BOTÂNICA

MARIANA REIS DE BRITO

**PRÁTICAS BOTÂNICAS E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS: AS
MÚLTIPLAS FACES DE AUGUSTE FRANÇOIS MARIE GLAZIOU
NO BRASIL DO SÉCULO XIX**

Rio de Janeiro

2015

MARIANA REIS DE BRITO

**PRÁTICAS BOTÂNICAS E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS: AS
MÚLTIPLAS FACES DE AUGUSTE FRANÇOIS MARIE GLAZIOU
NO BRASIL DO SÉCULO XIX**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica), Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Biológicas (Botânica).

Orientadores: Dra. Luci de Senna Valle
Dr. Luiz Fernando Dias Duarte

Rio de Janeiro

Abril de 2015

REIS DE BRITO, MARIANA

Práticas botânicas e experiências estéticas: as múltiplas faces de Auguste François Marie Glaziou no Brasil do século XIX / Mariana Reis de Brito.

- Rio de Janeiro, 2015.

166 f. 14 il.

Orientadores: Luci de Senna Valle; Luiz Fernando Dias Duarte.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas (Botânica), 2015.

1. Etnobotânica Histórica. 2. Rio de Janeiro. 3. Natureza. 4. Sociedade. 5. Plantas ornamentais. 6. Jardins. I. de Senna-Valle, Luci, orient. II. Dias Duarte, Luiz Fernando, orient. III. Práticas botânicas e experiências estéticas: as múltiplas faces de Auguste François Marie Glaziou no Brasil do século XIX

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MUSEU NACIONAL

MARIANA REIS DE BRITO

**PRÁTICAS BOTÂNICAS E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS: AS
MÚLTIPLAS FACES DE AUGUSTE FRANÇOIS MARIE GLAZIOU
NO BRASIL DO SÉCULO XIX**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica) Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Biológicas (Botânica).

Aprovada por:

Prof^ª. Dr^ª. Luci de Senna Valle (Presidente da Banca)

Prof^ª. Dr^ª. Alda Lúcia Heizer

Prof^ª. Dr^ª. Rejan Rodrigues Guedes-Bruni

Prof^ª. Dr^ª. Ivone Manzali de Sá

Prof^ª. Dr^ª. Débora Medeiros

Suplentes:

Prof^ª. Dr^ª. Bárbara de Sá Haiad

Prof. Dr. Jorge Fontella Pereira

Rio de Janeiro

Abril de 2015

Agradecimentos

À minha família, que está sempre ao meu lado, me dando apoio nos momentos mais difíceis com muito amor, carinho e compreensão.

À minha mãe! Minha heroína, minha melhor amiga! Obrigada por me ajudar nas traduções das cartas de Glaziou, por cuidar de mim durante todo esse processo, comprando todas as coisinhas que eu gosto de comer e cozinhando, todos os dias, deliciosas refeições enquanto eu estava no computador. Obrigada por toda a atenção e preocupação! Não apenas agradeço por tudo o que você fez e faz por mim, como dedico a minha tese a você!

Ao meu pai! Paia! Obrigada, pelas longas e inspiradoras conversas, pelo estímulo intelectual, pelas correções do português, por me acalmar nos momentos de angústia, por me acudir sempre em que gritei socorro, por ser meu amigo e parceiro. Tenho muito orgulho, admiração e respeito por você!

Fernando Santos, meu padrasto querido! Obrigada pelos sábios conselhos, por me mostrar a importância em ser paciente e serena, sem nunca perder a perseverança. Correr atrás dos nossos sonhos. Você é um grande homem!

À minha avó querida, sempre atenciosa, me perguntando em como poderia me ajudar. Obrigada pelas tardes de traduções das cartas de Glaziou. Pela companhia nos finais de semana, pelos papos descontraídos, pelo amor e carinho. Obrigada por ter estado sempre ao meu lado durante meus estudos, desde que eu era pequenininha!

À Luci de Senna-Valle, minha orientadora por mais de uma década, desde a iniciação científica. Durante essa trajetória, ela me ensinou com brilhantismo o melhor do nosso ofício. Considero-me honrada de ser sua aprendiz. Muito obrigada a minha mãe botânica!

Ao meu orientador Luiz Fernando Dias Duarte pelo acolhimento, carinho, conselhos valiosos, incentivo, e, por expandir meus horizontes, me apresentando diferentes autores que me fizeram ter novas interpretações sobre natureza, ciência e sociedade. Esse trabalho foi um grande desafio para mim. Seu apoio e estímulo foram fundamentais! Muito obrigada!

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica), Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo apoio e atenção, e, ao Museu Nacional, meu lar acadêmico. Aos professores, colegas, bolsistas e funcionários, que sempre me forneceram auxílio e estímulo. Sem falar nos maravilhosos cursos que tive a oportunidade de frequentar ao longo do mestrado e do doutorado.

À CAPES que financiou por quatro anos o projeto que resultou neste trabalho e ao CNPQ pela bolsa concedida durante o período de quatro meses de pesquisa no exterior. A seriedade e pontualidade dessas instituições propiciaram-me os meios materiais necessários para que essa tese se concretizasse.

Aos pesquisadores Pierre-Henri Gouyon e Marc Pignal, do Muséum National d'Histoire Naturelle e à pesquisadora Claudia Damasceno, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, pela co-orientação durante o meu período em Paris, França.

Ao longo de toda a minha etapa de consulta dos manuscritos, contei com a gentileza dos funcionários das diversas instituições que visitei: Arquivo da Divisão de Monumentos e Chafarizes – Prefeitura do Rio de Janeiro; Arquivos do Museu Imperial de Petrópolis; Arquivo Nacional; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ (SEMEAR), Herbário do Jardim Botânico de Bordeaux e Arquivo do Royal Botanic Gardens, Kew.

Levo em meu coração o carinho e atenção diferenciada do pessoal do Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris (MNHN) sempre hospitaleiro, cuidadoso, paciente e sorridente. Abusei da atenção e paciência da mais do que especial Claudia Gonçalves, que me ajudou a me ambientar no Jardins des Plantes e na cultura parisiense; da prontidão, apoio e carinho de Marc Pignal; das dicas valiosas de Denis Lamy; e da permissão de Florence Tessier para fotografar importantes documentos. Não me esqueço, principalmente, do afeto e amizade de Myriam, Huber, Françoise e de toda a família do Jardin des Plantes. Vous me manquez !

Ao professor Jean Pierre Bériac, pelas horas dedicadas a compartilhar comigo todo o seu conhecimento sobre a história dos jardins. Pelas longas conversas, visitas aos magníficos jardins de Paris, Bordeaux, Rio de Janeiro e de Petrópolis, ideias, informações, acolhimento, apoio, generosidade, amizade, e, especialmente, por acreditar e valorizar a minha pesquisa. Merci beaucoup à mon père français !

À grande pesquisadora e amiga Ivone Manzali de Sá por acreditar nesse projeto desde o início. Por todos os conselhos, contribuições, críticas, ensinamentos, apoio e dedicação. Pelas sugestões valiosas de leitura. Grandes textos, grandes autores! Obrigada por fazer parte da minha trajetória acadêmica desde a minha entrada no laboratório de etnobotânica! Faz tempo, einh?! Você é uma grande inspiração para mim!

À pesquisadora Eimear, que me recebeu afetuosamente em Kew Gardens, com ótimas ideias, frutíferas discussões e muitos ensinamentos. Obrigada por todo o carinho e incentivo!

À Profa. Dra. Bárbara de Sá Haiad, pela minuciosa revisão da tese. Obrigada pelos comentários, sugestões e colaboração. Agradeço ainda, assim como aos professores Heloisa Alves de Lima Carvalho, Monique Britto de Goes e Jorge Fontella Pereira, pelas críticas generosas e elucidativas que recebi durante o exame de qualificação.

À Profa. Alda Heizer que desde cedo, ainda no CEAT, me ensinou a ter uma paixão por História. Foi uma experiência maravilhosa ter tido, novamente, aula com você! Seu curso de História da Botânica no Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro me inspirou e me apresentou fundamentos teóricos essenciais para as minhas discussões. A vida nos reaproximou, acredito que não foi por acaso!

Aos amigos de laboratório e da vida, Débora Medeiros e Luiz José Soares Pinto, que sempre estiveram ao meu lado, me ajudando no que fosse preciso. Muito obrigada pelo carinho, apoio, estímulo, força, e, por fazerem parte da minha vida! Luiz, entramos e estamos juntos nessa nova jornada que transita tão intensamente pelas Ciências Sociais. Obrigada pela companhia nos arquivos do Rio de Janeiro, Petrópolis e França e por todo o seu auxílio!

À querida samambaióloga Claudine Massi Mynssen. Clau clau! Muito obrigada pelo apoio e carinho em meus períodos de crises e angústias. Pelos momentos inesquecíveis em Paris, nossos almoços divertidos na cantina do Jardin des Plantes, cafezinhos especiais nos finais de tarde e pelas longas conversas dominicais no Marais. Sem seus conselhos eu não teria chegado até aqui!

Aos queridos “Bots”: Carol (Matozin, minha comadre!), Elaine (Alzira, Alzira-bombeirão, Gyslaine, etc), Ricardo (alto-falante), Vitor (Armani) e Narjara (phyna), por horas a fio de conversas gostosas no “Whatsapp”, entre angústias e alegrias, desabafos e muito divertimento. Vocês são 10!

Aos queridos e grandes amigos Vitor, Jake e Rejan pelas boas conversas e risadas, orgias gastronômicas, afeto e por toda ajuda, apoio e compreensão de vocês durante toda a realização dessa pesquisa. É um grande prazer trabalhar com vocês! Seguiremos juntos diante dos novos desafios!

Christo! Meu melhor amigo, irmão de alma, mentor, meu anjo da guarda! Uma saudade que não cabe no peito! Você ter feito parte da minha vida foi o maior presente que poderia ter recebido! Serei eternamente grata! Obrigada por todos os momentos felizes que passamos juntos, por toda a sua ajuda, companheirismo e por todos os ensinamentos que guardo com todo amor. Te amo para sempre!

À pesquisadora Isabelle Guillauc por sua gentileza, carinho e por compartilhar sua sabedoria comigo. Foram muitos os seus ensinamentos!

Aos professores e amigos Lana Sylvestre e João Paulo Condack pelas correções nomenclaturais das samambaias.

À família Boyer, que acompanhou de perto a minha trajetória e que me acolheu com tanto amor e carinho. Sempre positivos, alegres, entusiasmados e dispostos a me ajudar. Vocês jamais poderiam faltar nessa lista!

Rémy Boyer, sua figurinha meu amor! Obrigada por me fazer sentir tão perto de você, ainda que esteja tão longe. Um oceano de distância, mas que parece um simples córrego. Estamos crescendo juntos, ganhando novas experiências e nos conhecendo mais, a cada dia. Tem sido maravilhosa a caminhada ao seu lado! Acredito no futuro dessa parceria!

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma contribuíram para que esse trabalho se concretizasse. Muito obrigada!!!

Resumo

O século XIX trouxe consigo uma série de renovações nas diferentes áreas científicas e, também, nas representações estéticas. Um desejo crescente de estar próximo à natureza, de examiná-la, desvendá-la, sistematizá-la e retratá-la contribuía para a existência de um novo diálogo entre natureza e civilização. A valorização dos recursos vegetais influenciava o desenvolvimento da Botânica e o surgimento de uma nova gramática na arte de elaboração de jardins. As primeiras *paisagens artificiais* fabricadas no Brasil oitocentista foram criações do paisagista francês Auguste François Marie Glaziou, que se notabilizou não apenas por deixar marcas profundas na paisagem urbana da capital do Segundo Império, mas também como estudioso do mundo natural. A presente tese teve como objetivo a realização de um estudo detido sobre o legado de Glaziou, seus manuscritos, jardins e publicações que revelam suas impressões sobre a vegetação tropical, disponibilizando informações de importância botânica, histórica, cultural e artística. Foi analisada uma multiplicidade de documentos de época que permitiram reconstituir as múltiplas faces desse personagem que teve um papel fundamental na pesquisa sobre a flora brasileira e no campo do paisagismo. No primeiro capítulo, buscamos retratar suas contribuições científicas. Para tal, nos debruçamos no acervo de correspondência entre Glaziou e o renomado botânico Von Martius, já que essas narrativas reúnem preciosas informações, tanto no aspecto afetivo como no cognitivo. Verificamos que Glaziou era um herborizador, cujo trabalho era fortemente apreciado pelos respeitáveis botânicos de seu tempo. Através da distribuição de suas exsicatas, ele fazia fluir e circular entre o Brasil e a Europa um caudaloso rio de informações científicas. Também foi evidenciado o envolvimento de Glaziou nas diversas questões relacionadas à confecção e publicação da monumental *Flora Brasiliensis*. Remontar as relações entre esses dois personagens foi de grande relevância para entender a influência que Von Martius teve na movimentada atuação de Glaziou na esfera intelectual da época. No segundo capítulo, inventariamos as plantas úteis permutadas entre Brasil e Inglaterra na segunda metade do século XIX, tomando como base as informações contidas nas cartas de Glaziou para os botânicos do Royal Botanic Gardens, Kew. Nos 60 manuscritos analisados foram encontradas citações de usos para 63 espécies, que se encontram distribuídas em 32 famílias. As plantas foram agrupadas em cinco categorias de uso segundo as utilizações indicadas por Glaziou. O maior número de táxons na categoria ornamental revela a importância que as plantas ornamentais representavam tanto para Glaziou quanto para Kew. No terceiro e último capítulo, catalogamos os vegetais que estavam presentes em dois dos principais projetos paisagísticos de Glaziou no Rio de Janeiro, o Passeio Público e o Campo de Santana e, aquelas que se encontravam no antigo horto da Quinta da Boa Vista, disponíveis para o abastecimento dos jardins públicos da capital imperial. Foram inventariadas 1529 espécies, destas, 1080 estavam, de fato, nos jardins de Glaziou, sendo 616 nativas e 464 exóticas, mostrando que o paisagista privilegiou a incorporação de plantas nativas em seus projetos. Essa atitude de Glaziou constituía numa ferramenta para a construção de uma memória social federativa e de um sentimento de identidade brasileira, que se envaidecia de sua nação a partir da sua natureza, exuberante, repleta de qualidades e potencialidades. Glaziou, por meio de seus “trabalhos práticos” e suas “experiências estéticas”, globalizava a flora brasileira, propiciando aos visitantes uma íntima fusão com os recursos naturais e a vivência do exotismo, tão requisitada pelo homem ocidental oitocentista. Desse modo, “ciência” e “arte” foram aqui trabalhadas não como polaridades, mas como dimensões complementares da experiência social.

Abstract

In the 19th century, the way people considered science changed profoundly, also touching aesthetic representations. A new dialogue between nature and civilization was recognized by the growing interest of society in examining, unveiling, systematizing, and delineating natural resources, as well as by the desire of being next to nature itself. The appreciation of plant resources induced the development of Botany as a science and the art of gardening. In the 1800s, the first Brazilian “artificial landscapes” were carried out by the French landscape designer August François Marie Glaziou. He was a great landscape designer and also as a researcher of nature sciences. This thesis aimed to study the legacy of Glaziou, manuscripts, gardens, and publications that represent his understanding of tropical vegetation, contributing to provide botanic, historical, cultural and artistic information. We analyzed several historical documents in order to reconstruct the multiple faces of this relevant researcher on the Brazilian flora and landscape art. In the first chapter, we focused on his scientific contributions. The correspondence material between Glaziou and the great botanist Von Martius was selected for this analysis because their narratives are full of precious emotional and cognitive information. We checked out that the method of herborization used by Glaziou was very appreciated by the most respectable botanists at that time. He promoted a great distribution of exsiccates among different herbaria and botanists, which hugely contributed to the exchange of scientific information. Surprisingly, we noticed that Glaziou was much more involved in the elaboration and publication of the *Flora Brasiliensis* than he was supposed to be. The study of the relation between Von Martius and Glaziou could reveal the great influence the first researcher had on the later. In the second chapter, we made an inventory of the useful plants exchanged between Brazil and England in the later half of the nineteenth century, based on correspondence information between Glaziou and the botanists of The Royal Botanic Gardens, Kew. We analyzed 60 manuscripts and we found citations for 63 useful species, distributed in 32 families. The plants were grouped into five categories of use according to the citations of Glaziou. The greater number of species in the category of ornamental plants demonstrated the relevance of these plants to both countries. In the third and last chapter, we catalogued the plants used by Glaziou in two of his main landscape projects in Rio de Janeiro State, the *Passeio Público* and the *Campo de Santana*, and the cultivated plants in the garden of *Quinta da Boa Vista*. The latest were used as supplies to the public gardens of the Brazilian Empire principal city. We listed 1529 species, and of them, 1080 species were really used in the Glaziou gardens, composing 616 native and 464 exotic species. These numbers suggested that Glaziou appreciated the incorporation of native vegetation in his projects. His attitude contributed to the construction of a social memory in federal level and of the Brazilian identity, which was proud of its natural resources full of beauty and richness. Glaziou globalized the Brazilian flora through his practical and aesthetic experiences, providing the visitors an intimate fusion of the nature and the exotic, so required by the western society in the 19th century. Therefore, “science” and “art” were treated here not as polarities, but as complementary parts of social experience.

Lista de figuras

Figura 1 – Retrato de A. F. M. Glaziou tirado na Rua Royale, em Paris	28
Figura 2 – Retrato de Carl Friedrich Philipp Von Martius.....	33
Figura 3 – Primeira página da carta redigida por Von Martius para Glaziou, em 24 de novembro de 1866	36
Figura 4 – Primeira página da carta redigida por Glaziou para Von Martius, em 22 de outubro de 1867	36
Figura 5 – 59ª Prancha Fisionômica da Flora Brasiliensis	53
Figura 6 – Primeira página da carta redigida por Glaziou para Hooker, em 23 de janeiro de 1872	82
Figura 7 – Primeira página da carta redigida por Glaziou para Thiselton-Dyer, em 12 de julho de 1899	82
Figura 8 – Gráfico de distribuição das espécies em cada categoria segundo as indicações de usos de Glaziou.....	100
Figura 9 – O Parc des Buttes Chaumont, situado na região nordeste de Paris. Desenho de Alphand, datado de 1867	119
Figura 10 – O belvedere (Parc des Buttes Chaumont)	119
Figura 11 – Projeto (não executado) para o jardim público de Bordeaux (desenho de Barillet-Deschamps, em 1855)	119
Figura 12 – Vista do jardim público de Bordeaux	119
Figura 13 – Planta do Passeio Público do Rio de Janeiro (desenho atribuído a Glaziou, datado de 1879).....	121
Figura 14 – Passeio Público do Rio de Janeiro, após a reforma de Glaziou	121
Figura 15 – Projeto de Glaziou (1871) para o Campo da Aclamação, atual Campo de Santana.....	122
Figura 16 – Campo de Santana, cerca de 1880	122
Figura 17 – Projeto de Glaziou para os jardins da Quinta da Boa Vista.....	123
Figura 18 – Quinta da Boa Vista: o palácio imperial, à esquerda, as elevações e depressões do terreno, o lago e a gruta, à direita	123
Figura 19 – Recibo de compras de plantas fornecido pelo horticultor Emilio Wittig.....	139

Figura 20 – Recibo fornecido pelo estabelecimento hortícola Figueiredo & Velloso	139
Figura 21 – Recibo das plantas adquiridas do viveiro Lourenço Hoyer & Cia.....	139
Figura 22 – Anúncios de estabelecimentos hortícolas no Almanaque Laemmert de 1876	140
Figura 23 – Anúncio do estabelecimento hortícola de Frederico de Albuquerque no Almanaque Laemmert de 1877.....	141
Figura 24 – Anúncio do estabelecimento hortícola de Frederico de Albuquerque no Almanaque Laemmert de 1878.....	141
Figura 25 – Nomes dados aos diferentes cultivares de <i>Rosa</i>	142
Figura 26 – Nomes dados aos diferentes cultivares de <i>Caladium</i>	142

Lista de tabelas

Tabela 1 – Categorias de usos das espécies indicadas nas correspondências de Glaziou e suas correspondentes descrições baseadas nas citações do mesmo	83
Tabela 2 – Espécies inventariadas nos manuscritos de Glaziou.....	92

Sumário

Introdução Geral	15
<i>A Etnobotânica Histórica e a relevância dos documentos históricos como fonte substancial de informação</i>	15
<i>Viajantes europeus no Brasil oitocentista</i>	17
Capítulo I: Ações e paixões em virtude da <i>Scientia Amabilis</i>	21
Introdução	21
<i>Apresentando Auguste François Marie Glaziou</i>	22
<i>O renomado botânico Carl Friedrich Philipp Von Martius</i>	29
Material e Métodos	35
Resultados e Discussão	36
<i>Etiquetando a flora do Brasil: práticas botânicas e sua importância na construção do conhecimento</i>	36
<i>Glaziou e seu papel na constituição da Flora Brasiliensis</i>	44
<i>A relação entre Glaziou e Von Martius</i>	58
<i>Glaziou e seu reconhecimento como botânico na esfera científica nacional</i>	62
Considerações finais	66
Capítulo II: Intercâmbio de plantas úteis entre Brasil e Inglaterra na segunda metade do século XIX: Glaziou e os naturalistas do Royal Botanic Gardens, Kew	68
Introdução	68
<i>Período colonial e os processos de reorganização da paisagem brasileira</i>	69
<i>O colecionismo: gabinetes de curiosidades, herbários e jardins botânicos</i>	71
<i>Jardins públicos do Rio de Janeiro e Glaziou: um importante ator no processo de intercâmbio de plantas ornamentais</i>	77
Material e Métodos	81
Resultados e Discussão	84
<i>As informações presentes nas correspondências de Glaziou para os naturalistas do Royal Botanic Gardens, Kew</i>	84

<i>Sobre as espécies intercambiadas</i>	90
<i>Sobre as categorias de usos</i>	99
Considerações finais	109
Capítulo III: Fabricando paisagens: a introdução de elementos naturais no cenário urbano carioca do século XIX	111
Introdução	111
<i>Do jardim das luzes ao parque romântico</i>	113
<i>Glaziou: o construtor de paisagens</i>	117
Material e Métodos	125
Resultados e Discussão	126
<i>Sob a sombra dos estimados vegetais indígenas e não indígenas</i>	126
<i>O viveiro da Quinta da Boa Vista</i>	133
<i>Uma consciência ambiental inexistente</i>	146
Considerações finais	148
Considerações finais	150
Referências Bibliográficas	153

Anexo 1: Espécies ornamentais introduzidas ou disponíveis para serem incorporadas por Glaziou em seus projetos paisagísticos.

Anexo 2: Brito, M. R.; Nic Lughadha. E.; Duarte, L. F. D. & Senna-Valle, L. 2015. Exchange of useful plants between Brazil and England in the second half of the nineteenth century: Glaziou and the botanists of the Royal Botanic Gardens, Kew. *Kew bulletin*, 70:4.

Introdução Geral

A Etnobotânica Histórica e a relevância dos documentos históricos como fonte substancial de informação

A etnobotânica, proposta em 1895 por Harsberger, se desenvolveu ao longo dos anos, com várias demandas, enfoques e potencialidades e tem se revelado uma ferramenta valiosa para a compreensão das relações entre os seres humanos e o mundo vegetal. Através das análises sobre o conhecimento e uso das plantas por populações que habitaram ou habitam as regiões brasileiras, esta ciência passou a ser parte integrante das discussões referentes ao manejo, melhoramentos genéticos, bioprospecção de novos fármacos e conservação das espécies úteis (Senna-Valle & de Sá, 2009).

A pesquisa etnobotânica possui caráter interdisciplinar, já que está situada na interface entre as ciências naturais e as ciências humanas. Dependendo dos objetivos específicos da investigação, outras disciplinas, incluindo a antropologia, história, ecologia, fitogeografia, linguística, fitoquímica e farmacologia vêm agregar seus saberes e metodologias para ajudar a tratar das questões sobre a inter-relação homem e o meio ambiente (Martin, 1995).

Uma das ideias mais intrigantes que sempre esteve pulsante em todas as sociedades é a ideia de *natureza*. Cada qual possui suas formas de interpretação, delimitação e controle do mundo natural (Herrera *et al.*, 1998). Os estudos relacionados ao conhecimento e à utilização das espécies vegetais por diferentes culturas humanas do passado constituem numa valiosa fonte de dados, porém, vêm necessitando a aproximação da disciplina “história” como instrumento fundamental para auxiliar a entender os processos sincrônicos e anacrônicos que envolvem esta relação (Heinrich *et al.*, 2006). Neste contexto, o etnobotânico deve estar atento ao potencial da documentação histórica, que abriga um rico acervo de inusitadas informações (Noelli, 1998).

Entende-se como um documento histórico qualquer prova material que revele informações sobre as ações humanas no passado. No caso de uma análise de fontes textuais, não se leva em conta apenas o seu conteúdo, mas também, em como foi escrito, por que foi escrito, na sua trajetória, no seu destinatário e nos critérios que definiram a relevância de sua conservação. Todos esses elementos são fundamentais para a busca da compreensão de como as sociedades construía as representações de seu mundo, seus significados, percepções e experiências.

Levando em conta que um trabalho de investigação requer a separação e seleção de documentos que sejam capazes de oferecer respostas a perguntas específicas; numa perspectiva de construção de uma narrativa sobre as interações entre o homem e as plantas ao longo da história, toma-se como ponto de partida a análise e interpretação de evidências escritas, iconográficas, fotográficas, objetos e expressões artísticas que vislumbrem a flora, a natureza ou motivos vegetativos (Lara, 2008).

Por tratar-se de uma abordagem descritiva, a análise de fontes documentais primárias que versam sobre o uso de recursos vegetais numa distinta escala de tempo permite que sejam discutidos aspectos singulares sobre as propriedades e aplicações de recursos vegetais, além de revelar as plantas que tiveram um papel preponderante num tipo de uso específico¹ e, de possibilitar a compreensão de como uma determinada sociedade se defrontava com essa questão (Medeiros, 2010).

Através do estudo das inter-relações passadas estabelecidas entre as pessoas e as plantas, em sua dimensão botânica, antropológica, ecológica e histórica, é possível, muitas vezes, traçar o histórico de uma espécie vegetal, desde os registros que indicam a origem de sua utilização até sua presença na cosmologia do homem moderno (de Sá & Elisabetsky, 2012). Comparando as informações deixadas por cronistas, literatos, médicos ou naturalistas com obras atuais pode-se redescobrir um táxon cujo emprego havia se tornado obsoleto.

Desde nossa colonização, diversos grupos humanos, como europeus, africanos e asiáticos vieram para o Brasil. A partir deste período observou-se um intenso processo de domesticação e intercâmbio de material vegetal. O contato entre as diferentes culturas estrangeiras e as indígenas brasileiras proporcionou a ampliação e trocas de saberes, o desenvolvimento de uma infinidade de espécies vegetais em diferentes tipos de sistemas de manejo e/ou cultivo em

¹ Os trabalhos etnobotânicos citam diversas categorias de uso dos recursos vegetais, segundo a visão de mundo dos membros da comunidade estudada. No entanto, estas categorizações passam pelo prisma de observação do pesquisador que, em geral, se encontra no papel de interpretar ou adequar estas informações segundo a sua própria organização mental e visão de mundo (de Sá, 2007). Deste modo, os dados das plantas observados e informados em várias categorias êmicas são reorganizados pelos etnobotânicos em outras categorias de uso, com algumas adaptações, para adequar ao contexto da comunidade estudada, porém, sempre buscando minimizar as distorções advindas deste processo. Geralmente, as categorias de usos levantadas nos estudos etnobotânicos são: alimentícia, combustível, construção, medicinal, ornamental, ritualística e tecnológica (Prance *et al.*, 1987; Phillips & Gentry, 1993; Albuquerque & Andrade, 2002; Rios, 2002; de Sá, 2007; Boscolo & Senna-Valle, 2008).

regiões edafo-climáticas das mais variadas e, o estudo de novos ambientes (Herrera *et al.*, 1998).

Atualmente, os estudos relacionados à etnobotânica histórica, como por exemplo, o resgate de registros etnográficos realizados por naturalistas europeus que vieram para o Brasil a partir do século XIX, tem se mostrado uma ferramenta importante para desvendar a utilização dos vegetais por culturas brasileiras dos oitocentos, já que muitas dessas narrativas abordam temáticas dos usos medicinais, alimentícios, ornamentais, dentre outros; registrando e perpetuando o conhecimento sobre a biodiversidade local. Pesquisas dessa natureza têm apresentado um papel de destaque para a elucidação das relações entre os diferentes grupos humanos, aqui presentes, naquele período, e o seu meio (Medeiros, 2010). Desta forma, as informações históricas podem servir como ponto de partida para estudos etnobotânicos, já que recuperam dados compilados no passado que estariam fadados ao esquecimento, caso fosse desconsiderada a pesquisa histórica.

Viajantes europeus no Brasil oitocentista

A natureza brasileira já despertava interesse em estrangeiros desde antes da abertura dos portos em 1808, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil. Em 1800, Humboldt e Bonpland estavam em expedição na região do rio Orinoco, na parte sul da Venezuela, e seus planos eram ultrapassar a fronteira para o Brasil com o intuito de percorrer a parte brasileira do rio Negro, o rio Amazonas e chegar até a costa do Atlântico. Mas desistiram da ideia ao saberem que não seriam bem recebidos pelas autoridades luso-brasileiras² devido às desavenças entre Portugal e Espanha na política napoleônica de alianças (Lisboa, 1999).

Com a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, finalmente os estrangeiros têm a permissão de entrar no país. Neste período observa-se a vinda de muitos importantes naturalistas europeus interessados em investigar a colônia portuguesa, contribuindo para um novo “descobrimento” do Brasil (Senna-Valle & de Sá, 2007; Lisboa, 1997).

² Em 2 de Junho de 1800 o governo português enviou um ofício aos seus súditos no Brasil, mandando proibir a entrada de qualquer estrangeiro não autorizado pelo rei, e verificar se Humboldt ou algum outro viajante estrangeiro estaria viajando pelos territórios da colônia, pois seria prejudicial aos interesses políticos da coroa de Portugal. A ordem oficial é que se deveria deter os viajantes com seus instrumentos, anotações e suas observações astronômicas por serem consideradas uma ameaça à segurança e à soberania dos Estados (Lisboa, 1999).

Dentre as ações realizadas pelos viajantes europeus em busca da compreensão de tudo o que dizia respeito ao mundo natural da nova terra, destacam-se as pesquisas relacionadas à flora brasileira em toda sua extensão, desde a coleta e a classificação de novas espécies, até a procura de plantas com potencial econômico e de informações sobre o cultivo de plantas nativas e de exóticas introduzidas. Os dados a respeito da fauna, dos minerais, dos fenômenos climáticos, geográficos e astronômicos e, também da sociedade humana, de seus costumes, civilização, história e economia eram igualmente relevantes na aspiração em se alcançar o conhecimento universal (Lisboa, 2009).

Graças aos processos de investigação científica dos naturalistas do século XIX, produziu-se um grande número de obras textuais e iconográficas, incluindo a produção de material cartográfico, constituindo um vasto legado que se traduz hoje na memória dos nossos aspectos naturais. Os estudos que se propõem a recuperar e interpretar esses dados de relevância histórica, taxonômica, ecológica e social ganham especial importância na sociedade contemporânea por proporem reflexões diante de um labirinto de informações interconectadas acerca do vínculo que se estabelece entre as pessoas e os recursos biológicos (Medeiros, 2010).

Na esteira das viagens filosóficas dos naturalistas europeus oitocentistas, Auguste François Marie Glaziou aportou em solos brasileiros, em 1858. Nesse contexto, Glaziou também teve o fascínio despertado pela natureza brasileira, entusiasmado, sobretudo, pelas descrições de Saint-Hilaire sobre suas expedições realizadas nessa terra. “Auguste de Saint-Hilaire, principalmente, sempre foi o meu guia. Seus livros de viagens me seguiram em toda parte e, setenta anos após ele, eu encontrei o interior deste belo país, ainda exatamente como ele viu” (Glaziou, 1905 p.1).

Os profundos conhecimentos de Glaziou em horticultura e botânica o levaram ao paisagismo, sendo convidado para fazer diversos jardins públicos e particulares na cidade do Rio de Janeiro e arredores. O paisagista francês foi responsável pela produção de novos cenários urbanos, impregnados de elementos naturais, que expressavam um quadro de modernidade³ apresentável ao mundo civilizado e promoviam uma imagem positiva da capital imperial (Cunha, 2007).

Os jardins de Glaziou são considerados, hoje, um rico testemunho da relação entre cultura e natureza. A leitura e narração desses jardins históricos não é apenas espacial, mas também

³ Entende-se modernidade aqui como um primeiro movimento expressivo viabilizando uma nova ordem presidida pelos valores de progresso e da civilização. A intensão era o rompimento do atraso colonial para aproximar o Brasil de um “mundo europeu civilizado”.

temporal, sendo uma boa referência para se entender como se estabelecia a interação do homem urbano com o meio natural (Carta dos jardins históricos brasileiros, 2010).

Na densa cobertura de vegetação natural que cobria o país no século XIX, muitas das espécies coletadas por Glaziou foram selecionadas e utilizadas pelo paisagista com fins de ornamentação para seus projetos paisagísticos. Com isto, deixou, além de uma maravilhosa obra sobre a flora brasileira, preciosas informações sobre o uso ornamental de nossas plantas. Grande parte desse conhecimento se perdeu nos séculos seguintes, com o desaparecimento de alguns de seus projetos e de espécimes que estavam presentes nos seus jardins. Este processo resultou no que os pesquisadores classificam como “erosão cultural” (Christo *et al.*, 2006). A recuperação desses dados é imprescindível, já que permitirá, por meio da análise dos mesmos, descrever aspectos da flora hoje inacessíveis aos pesquisadores modernos, exceto pelo levantamento de fontes históricas.

A presente tese teve como objetivo a realização de um estudo detido sobre o legado de A. F. M. Glaziou, mais especificamente seus manuscritos, jardins e publicações que revelam as impressões deste “naturalista” sobre a vegetação tropical brasileira do século XIX, disponibilizando as informações de importância botânica, histórica, cultural e artística.

Quanto à estrutura da tese, além desta breve introdução, o texto encontra-se estruturado em três capítulos e um último tópico com as considerações finais.

No **primeiro capítulo**, intitulado **Ações e paixões em virtude da *Scientia Amabilis***, procurou-se refazer a trajetória científica desse protagonista do paisagismo brasileiro da segunda metade dos oitocentos. Através das narrativas presentes no acervo de correspondências intercambiadas com o grande botânico Carl Friedrich Philipp Von Martius que se encontra depositado no Muséum national d’Histoire naturelle (MNHN) e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) buscou-se realizar uma imersão no imaginário desse personagem, na sua vida em um país estrangeiro, de mesma cultura ocidental, porém com grandes e profundas diferenças, além de descrever suas interpretações de êxtase, sua intensa relação com a exótica vegetação tropical e, especialmente, suas atuações e contribuições científicas.

Durante o século XIX, o trânsito de plantas para fins diversos tornou-se, cada vez mais, uma prática comum e estendeu-se para todas as partes do globo. Com a finalidade de investigar sobre esse tema, o segundo capítulo desta tese se intitula **Intercâmbio de plantas úteis entre**

Brasil e Inglaterra na segunda metade do século XIX: Glaziou e os naturalistas do Royal Botanic Gardens, Kew e, aborda a constante prática de permuta de plantas úteis entre Glaziou e membros da importante instituição científica inglesa Royal Botanic Gardens, Kew.

O paisagista francês mantinha contatos regulares com os botânicos e naturalistas de Kew, onde trocavam plantas, sementes e informações com seus correspondentes ingleses. Procuramos dar conta desse assunto, buscando analisar as correspondências enviadas por Glaziou para esses personagens da esfera científica, enfatizando principalmente, o elenco de espécies úteis que, entre 1873 e 1899, eram intercambiadas e introduzidas por ele nos jardins públicos do Rio de Janeiro.

O **terceiro capítulo**, nomeado **Fabricando paisagens: a introdução de elementos naturais no cenário urbano carioca do século XIX**, foi dedicado a temática dos jardins de Glaziou inseridos na capital do Império. O imaginário dos jardins nos permite contextualizar os valores culturais de uma época, já que reúne aspectos sociais, ambientais, simbólicos e afetivos. Nesse terceiro capítulo foram analisados alguns dos principais projetos paisagísticos de Glaziou realizados na cidade do Rio de Janeiro: o Passeio Público, o Campo de Santana e os jardins da Quinta da Boa Vista, trazendo questões como, por exemplo, quais foram as plantas escolhidas ou incorporadas a estes “empreendimentos”. Procuramos inventariar as espécies vegetais sob a ótica do uso ornamental conferido por Glaziou.

Esta tese se traduz em um estudo interdisciplinar, implicando um esforço particularmente centrado em duas áreas do conhecimento, a botânica e a história. Entretanto, é inevitável a promoção de um diálogo com o campo das artes, especialmente dentro da concepção do paisagismo, onde o homem apropria-se da natureza através da técnica e da ciência e a incorpora dentro de um contexto urbano, como um elemento conquistado, ordenado.

CAPÍTULO I - Ações e paixões em virtude da *Scientia Amabilis*

A intenção de aqui traçar o perfil do francês A. F. M. Glaziou surge da necessidade de destacar não apenas sua atuação como paisagista mas, sobretudo, apresentar o caráter multifacetado deste personagem que teve papel fundamental no progresso do estudo da flora brasileira.

Introdução

Os diversos estudos realizados sobre Glaziou dão uma maior ênfase ao perfil paisagista de sua trajetória, principalmente sua atuação como projetista particular do Imperador D. Pedro II, o que lhe rendeu a conveniência de criar extraordinários jardins públicos e particulares em diferentes locais do Brasil, especialmente na capital do Império. Esse é o caso das publicações de Noronha Santos (1944), Terra (2000), Piragibe (2008), Amaduro (2009), Hetzel & Negreiros (2011), dentre outras.

No entanto, Glaziou se destacou não apenas por deixar marcas profundas na paisagem urbana do Rio de Janeiro, mas também como estudioso e conhecedor do mundo natural. Ao longo de sua trajetória, a faceta de paisagista e seus interesses pela compreensão da natureza, mais particularmente pelos recursos vegetais, são indissociáveis. Na realidade, não se trata de duas atividades distintas ou consecutivas, mas sim, de dois perfis de uma mesma história de vida que não podem ser, em hipótese alguma, seccionados: o de pesquisador dos recursos naturais e o de paisagista. Deste modo, existem lacunas que despertam o interesse e reflexão sobre esse personagem em novas direções. É esse homem que aqui nos interessa.

Para alimentar sua curiosidade científica, Glaziou mergulhava em diferentes fitofisionomias brasileiras com o principal intuito de coletar exemplares da rica flora tropical. Ao contrário de muitos outros viajantes estrangeiros do século XIX, Glaziou não foi propriamente autor de um diário ou longos relatos de viagem⁴, sendo poucos seus escritos. Contudo, apesar de ter

⁴ A grande maioria dos relatos de viagem dos viajantes naturalistas do século XIX que percorreram as vastas regiões ricas em diversidade natural, tal como o Brasil, descrevia o que viam, ouviam e sentiam. Numa narrativa poética descreviam o aspecto físico dos lugares e suas especificidades naturais (Kury, 2008). Esse material literário tem sido fonte de informação para inúmeros estudos da História Cultural, das Ciências, das Artes e disciplinas afins.

preferido a ação à escrita, deixou um considerável acervo de correspondência com os grandes botânicos e naturalistas de seu tempo, como o renomado Carl Friedrich Philipp Von Martius.

A intensa troca de cartas entre Glaziou e Von Martius sugere que este veículo fosse o preferencial como meio de comunicação, como forma de expressão afetiva e como modo eficaz de partilha de conhecimento. Nesse sentido, as narrativas presentes nas correspondências permutadas entre esses dois personagens, reúnem preciosas informações, tanto no aspecto afetivo como no cognitivo. No presente capítulo, esse material é fonte para um estudo aprofundado que permite retratar a real importância de Glaziou na história da botânica e serve como ponto de partida para um conhecimento mais profundo sobre sua vida, sua obra e suas reflexões diante da flora tropical.

Recompor a biografia de Glaziou através dos relatos manifestados nas cartas trocadas com Von Martius também se mostra interessante na medida em que ambos fazem parte de um quadro mais amplo, onde aparecem como dois atores inseridos na grande rede de inúmeros outros estudiosos da flora e da natureza do Novo Mundo que, no desempenho de suas atividades, também possuíam laços epistolares, redigindo cartas que atribuíam formato, explicação, fundamentação, emoção e inspiração ao que viam, sentiam e ao que encontravam. Nessa perspectiva, reconhecer Glaziou e Von Martius como membros de uma totalidade, nos permite compreender as circunstâncias para a constituição, manutenção e transformação da Botânica na segunda metade do século XIX. Deste modo, a análise desses documentos manuscritos pode ser um caminho de aproximação ao entendimento de uma lógica e percepção corporativa, viabilizando o conhecimento e concretizando uma prática de devoção e comunhão que singularizava os pesquisadores da história natural deste tempo.

Apresentando Auguste François Marie Glaziou

François Marie Glaziou, cognominado Auguste⁵, nasceu no dia 30 de agosto de 1828 na França, mais precisamente em Lannion, Côtes-du-Nord, na Bretanha (Fig.1). Por ocasião de sua infância e juventude, diversas regiões do país passavam por consideráveis transformações paisagísticas e sociais inspiradas pela herança do movimento Iluminista e pelo desenvolvimento urbano e tecnológico (Hetzl, 2011).

⁵ Em 30 de agosto de 1858, Glaziou se apresenta pela primeira vez com o prenome Auguste ao assinar seu pedido de passaporte. Alguns acreditam que a atribuição do nome Auguste é uma homenagem ao seu grande inspirador Auguste de Saint-Hilaire (Bériac, 2009).

Proveniente de uma família humilde, Glaziou iniciou sua aprendizagem em jardinagem e horticultura com o pai. Bureau (1908), seu primeiro biógrafo, conta que na idade de 16 anos, após uma magistral punição paterna, François Marie deixou sua cidade natal dando início aquilo que outrora invariavelmente arrematava a educação dos jovens trabalhadores: o seu *tour de France*. Trabalhou em Nantes, Angers, Bordeaux, etc. Chegou a frequentar cursos ministrados por botânicos e naturalistas renomados, como o de Brongniart e o de Decaisne, no *Jardin des Plantes*, em Paris e, o de Durieu de Maisonneuve, no Jardim Botânico de Bordeaux, com quem aprendeu a arte de aclimatar espécies vegetais em novas latitudes (Mérián, 2009). O obstinado bretão aproveitou todas as oportunidades que lhe eram proporcionadas para aprimorar-se em seu ofício de horticultor ao longo de sua peregrinação pela França.

A assiduidade nas aulas oferecidas pelas sociedades botânicas da França, a disciplina nos estudos, o interesse pela leitura de publicações científicas de grandes botânicos e viajantes, associados ao conhecimento empírico adquirido através da convivência com jardineiros de diversas regiões de seu país natal lhe levaram ao início de uma admirável carreira de naturalista autodidata (Hetzl, 2011).

Incentivado pelos livros de viagem, notícias de jornais e revistas ilustradas, além de amplos estudos sobre a natureza do território brasileiro⁶, aos 30 anos de idade, já casado e pai de família, desembarcou no Brasil para tentar a sorte, movido por seu gosto muito vivo pela botânica, pelo espírito de aventura e, sobretudo, seguindo o exemplo de Auguste de Saint-Hilaire, seu principal inspirador (Mérián, 2009). Em seu passaporte declara-se tanoeiro e agricultor⁷ (Bériac, 2009). Glaziou seria apenas mais um hábil técnico estrangeiro a aportar no Rio de Janeiro, entre centenas de outros jovens trabalhadores imigrantes, se não trouxesse em

⁶ São inúmeras as publicações sobre o território brasileiro desde a vinda da família Real, em 1808. Dentre elas, podemos exemplificar: *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil (Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil)* de Debret, publicada em Paris, entre 1834 e 1839. A obra é composta de 153 pranchas acompanhadas de textos que elucidam cada retrato, documentando aspectos da natureza, do homem e da sociedade brasileira no início do século XIX. Também a célebre revista mensal francesa *Revue des deux mondes*, criada em 1829, publicava regularmente artigos sobre a América do Sul e, em 1851, sob a pena de Emile Adet podia-se ler o artigo intitulado: *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850 (O Império do Brasil e a sociedade brasileira em 1850)*.

⁷ Com o intuito de traçar o perfil profissional de Glaziou, diversas publicações sobre o personagem lhe atribuem os títulos de engenheiro civil e botânico. É interessante observar como se constrói uma mitologia a fim de tornar este homem mais admirável. Cria-se um passado agraciado com diplomas de universidades que nunca frequentou, talvez porque suas principais atividades profissionais de horticultor, jardineiro e tanoeiro não estejam em voga no mundo contemporâneo.

sua bagagem profissional um grande diferencial: seus excelentes conhecimentos em horticultura, manejo de parques e jardins, e em botânica, adquiridos nos cursos gratuitos que frequentou nas principais sociedades científicas de seu país de origem e, junto aos horticultores e jardineiros com os quais teve contato durante suas peregrinações (Hetzl, 2011).

Sem qualquer título, diploma de prestígio ou contrato oficial e, com recursos quase insignificantes, o início de sua vida no novo território foi bastante difícil. Mas, a garra, força, objetividade e energia, características dos bretões, o fizeram enfrentar e derrotar os obstáculos e dificuldades da estranha e ao mesmo tempo fascinante nação tropical (Hetzl, 2011). O seu aprendizado da língua portuguesa e do latim devem-se aos ensinamentos de um padre superior de um convento do Rio de Janeiro, o qual Glaziou teve o privilégio de conhecer (Bureau, 1908).

O acaso o levou ao encontro com o deputado e grande proprietário de terras Francisco José Fialho e, a partir deste momento, seu destino começa a ser traçado, se tornando o homem responsável por grandes modificações na paisagem urbana do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX (Cardozo & Azevedo, 2009).

Fialho acabara de ser encarregado pelo imperador Dom Pedro II de idealizar uma série de melhorias urbanas para a capital brasileira, em que os parques e jardins assumiriam grande proporção. Dentre esses avanços estava a reforma do Passeio Público. Glaziou, por apresentar amplos conhecimentos em horticultura e experiências na França⁸, foi escalado, em 1860, para esta nova empreitada, o que lhe rendeu ótimos frutos profissionais, estabelecendo uma boa relação com o imperador e criando uma grande amizade com Félix-Émilie Taunay, conselheiro de Dom Pedro II (Mérián, 2009).

Com a conclusão da obra do Passeio Público⁹, em 1862, Glaziou assumiu a direção do jardim e, ali mesmo, num pequeno chalé suíço escondido entre os arvoredos, de fundos para o Largo da Lapa, fixou sua residência, a qual seria sua moradia até 1889.

⁸ A repercussão internacional da reforma de Paris, que galgou o posto de uma das capitais verdes mais belas da Europa oitocentista, selou a estima dos profissionais franceses perante as elites do Brasil na segunda metade do século XIX (Dourado, 2011).

⁹ A renovação do Passeio Público foi a primeira atuação relevante de Glaziou em solo nacional e lhe rendeu grande visibilidade. A proposta não apenas equacionava a situação de desleixo que se alastrava sobre o mais antigo jardim público do Brasil, mas também, substituía o traçado clássico do Mestre Valentin (1745-1813) por uma composição calcada no vocabulário do jardim paisagístico moderno, que se tornaria pioneiro em espaços públicos brasileiros (Dourado, 2011).

A remodelação do Passeio Público e, principalmente, a conquista da confiança do imperador, marcam o início de sua trajetória como paisagista no Brasil. Em 1869, o então paisagista bretão, passou a ocupar, simultaneamente, o posto de Diretor Geral de Matas e Jardins da Casa Imperial (Cardozo & Azevedo, 2009). Glaziou acumulou também o cargo de Inspetor dos Jardins Municipais, além de integrar a Associação Brasileira de Aclimação (Noronha Santos, 1944). O simples imigrante, agricultor, tanoeiro que chegou ao Rio de Janeiro em 1858 unia agora os trabalhos como projetista e os cargos públicos de direção e administração de espaços verdes da capital imperial.

Em 1873, o ministro João Alfredo Corrêa de Oliveira lhe confiou executar o imenso jardim do Campo da Aclamação¹⁰, considerado o principal projeto de Glaziou, obra notável que exigiu oito anos de trabalho contínuo (Bureau, 1908). Eis o que a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro dizia a respeito do novo jardim público em 07 de setembro de 1880, dia de sua inauguração:

Os trabalhos para o novo jardim, contratados com o Sr. Glaziou, tiveram começo no ano de 1873. Toda a obra deve importar em mais de mil contos, porquanto até março do corrente ano tinha-se despendido a soma de 972:341\$761. A muralha de cantaria em volta do jardim tem 1,564 metros. Contam-se aos milhares as plantas e os arbustos. [...] As obras de arte estão construídas com muito gosto.

Além dos jardins e parque públicos, realizou obras particulares, sendo autor de diversos trabalhos paisagísticos para a família imperial e clientela privada. O mais importante desses foi a criação do extenso parque da Quinta de Boa Vista¹¹, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1869 e 1878, desde a elaboração do projeto até o final de sua execução (Dourado, 2011). Desenhou jardins residenciais para as respeitáveis famílias do Barão de Nova Friburgo, do Barão de Mauá e do Comendador Luiz Tavares Guerra. Atribui-se a ele a autoria de muitos outros jardins, mas a falta de documentação leva a inúmeras discussões (Amaduro, 2009).

¹⁰ Atual Campo de Santana, localizado na Praça da República, no centro do município do Rio de Janeiro. Até o final do século XVII, o local onde fica o jardim era uma área pantanosa, conhecida inicialmente como Campo da Cidade e posteriormente como Campo de São Domingos. Em 1735, passou a se chamar Campo de Santana devido a construção da capela de Sant'Ana. A partir de 1816, após alguns melhoramentos, o espaço passou a ser palco de momentos marcantes da história do país, como a Aclamação do imperador Pedro I do Brasil, em 1822. Devido a este acontecimento, o local tornou-se conhecido como Campo da Aclamação. Após a Proclamação da República, em 1889, o jardim passou a se chamar Praça da República. Apenas em 1965, a denominação atual, Campo de Santana, tornou-se definitiva.

¹¹ Após a transferência da corte para o Brasil, em 1808, a propriedade foi colocada à disposição de D. João VI. A família real e, posteriormente, família imperial residiu no local até 1889, com o fim do Império do Brasil.

Concomitantemente sua atuação como paisagista, Glaziou demonstrava grande interesse pela natureza brasileira, pela pesquisa científica e pelas plantas originárias do Brasil, o que lhe trouxe ainda mais prestígio com o imperador¹², monarca reconhecido por sua imensa curiosidade científica, e com outros intelectuais nacionais e do exterior.

Desejoso de estudar os vários aspectos da exótica e pouco conhecida vegetação tropical, Glaziou se aventurava, em seus dias de folga, a realizar pequenas excursões nas províncias dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, recolhendo espécimes dessas localidades com os principais objetivos de adquirir um bom conhecimento sobre a flora do país e eleger elementos botânicos para serem introduzidos em seus projetos paisagísticos.

[...] eu desfrutava espontaneamente de meu livre-arbítrio para procurar plantas vivas apropriadas para ornamentar os parques públicos da cidade do Rio de Janeiro e do Parque Imperial de São Cristóvão. Ao mesmo tempo, concentrava minha atenção nos recursos apropriados para formar um herbário com a finalidade de adquirir um bom conhecimento da flora do país. (Glaziou, 1905 p.2).

Deste modo, todo o tempo que lhe restava livre, Glaziou se dedicava à coleta e herborização de plantas, não tardando para que seu herbário de plantas brasileiras se tornasse superior em importância quando comparado aos que haviam sido formados, anteriormente, por Auguste de Saint-Hillaire, Von Martius, Ridel, Gardner, Pohl, Sellow, Weddell, Miers, etc. (Bureau, 1908).

Os dois últimos anos de sua vida no Brasil foram consagrados por uma grande e frutuosa expedição botânica no Planalto Central brasileiro. Glaziou foi integrante da segunda etapa da Comissão de Estudo da Nova Capital do Reino Unido, conhecida como Missão Cruls. Chefiada pelo diretor do Observatório Nacional e professor da Escola Superior de Guerra, Luiz Cruls, a Comissão partiu do Rio de Janeiro em 1894, em direção ao Planalto Central, com o objetivo de explorar o interior brasileiro e delimitar o lugar mais propício para a nova capital (Vergara, 2006). Foram percorridos mais de cinco mil quilômetros a pé ou em lombo de burro pela pouco explorada província de Goiás, região de topografia uniforme e vegetação bastante particular (Bureau, 1908).

¹² O botânico belga, Alfred Cogniaux, que, em 1906, publicou uma nota biográfica sobre Glaziou no *Bulletin de la Société royale de botanique de Belgique*, conta que durante uma longa entrevista que Dom Pedro II lhe concedeu, em 1889, o próprio imperador reconheceu a grande estima que possuía por Glaziou, tanto por seu talento apresentado nos trabalhos de embelezamento da cidade do Rio de Janeiro, como por seus eminentes serviços prestados à botânica brasileira.

Através de suas ardorosas expedições pelas terras brasileiras chegou a coletar 22.770 espécimes, cujas exsicatas foram distribuídas entre os melhores e mais importantes herbários da Europa (Glaziou, 1905). Deve-se a ele a descoberta de diversos novos táxons para a ciência, cujos exemplares constituem-se em tipos nomenclaturais, em diversas famílias. A determinação de grande parte das espécies foi realizada por botânicos renomados daquela época, como Engler, Taubert, Eichler, Mez, Fée, Warming, Urban, dentre outros. Seu empenho na busca do inédito, do raro, do original foi reconhecido na forma de cerca de 400 espécies, subespécies e variedades nomeadas em sua homenagem, bem como os gêneros *Glaziovina* Bureau, da família Bignoniaceae, e *Glaziovianthus* G.M. Barroso, da família Asteraceae.

No curso de minhas explorações [...] eu pude coletar mais de doze mil espécies de plantas [...]. Todos estes vegetais, entre os quais existem centenas de espécies novas e muitos novos gêneros [...] foram livremente distribuídos entre os principais herbários da Europa e da América do Sul: Paris, São Petersburgo, Kew, Berlim, Copenhagen, Gênova, Bruxelas, Estocolmo, Montpellier, Rio de Janeiro, etc. (Glaziou, 1905 p.5).

Contudo, para ter a habilidade de reconhecer espécies novas para a ciência, distinguir seus *habitats*¹³ e suas necessidades fundamentais para aclimação e propagação, era preciso que Glaziou tivesse uma boa vivência de campo e se debruçasse sobre todas as importantes publicações de cunho científico que tivesse acesso, a fim de tornar-se um grande entendedor de botânica sistemática, matéria que nunca foi, nem jamais será, pouco complexa. Com a finalidade de alcançar sua meta, também seria imprescindível se aproximar de matérias correlatas, tais como a geologia, geografia, hidrologia e pedologia. E foi, então, no Museu Nacional do Rio de Janeiro¹⁴, que Glaziou encontrou o apoio que carecia para suas pesquisas, leituras e trocas de informações. Através de suas novas, porém, sólidas amizades com

¹³ *Habitat* é um conceito usado em ecologia que inclui o espaço físico e os fatores abióticos que condicionam um ecossistema e, por essa via, determinam a distribuição das populações de determinada comunidade. Esse conceito é, normalmente, usado em referência a uma ou mais espécies, no sentido de estabelecer os locais e as condições ambientais onde o estabelecimento de populações desses organismos é viável.

¹⁴ O Museu Nacional (então Imperial) foi criado em junho de 1818, e recebeu os materiais de História Natural, os armários, instrumentos e coleções mineralógicas, e, inclusive, os remanescentes do acervo da Casa de História Natural, apelidada pelo povo de “Casa dos Pássaros”. Consolidou-se como instituição central para a história natural do país. Em 1876, foi restaurado e modernizado tendo iniciado também, na mesma época, a publicação dos *Archivos do Museu Nacional*, periódico que se tornaria referência internacional para assuntos relacionados à zoologia, botânica e antropologia do Brasil (Kury, 1998).

pesquisadores renomados, como Ladislau Netto¹⁵, obteve o consentimento de frequentar livremente o herbário dessa instituição e iniciou, ali, uma colaboração científica que se manteve rica e frutífera até o fim de sua vida (Hetzl, 2011).

As investigações botânicas de Glaziou resultaram em importantes contribuições aos trabalhos de Fée (1869) *Cryptogames vasculaires du Brésil (Criptógamos Vasculares do Brasil)* e de Von Martens (1871) *Algae brasiliensis circa Rio de Janeiro (Algas Brasileiras dos arredores do Rio de Janeiro)*. Legou-nos ainda, uma *Notícia sobre Botânica Aplicada* (1896), e teve papel fundamental na constituição da *Flora Brasiliensis* de Von Martius (1840-1906), obras que serão discutidas adiante.

Glaziou permaneceu no Brasil prosseguindo com suas pesquisas até 1897 quando, pelo decreto nº 402, de 07 de maio, aposentou-se do cargo de Diretor Geral de Matas e Jardins da Casa Imperial (Amaduro, 2009) e voltou a viver na França, na cidade de Bouscat, nas proximidades de Bordeaux, dedicando-se integralmente, até o fim de seus dias, à pesquisa botânica e à classificação seu herbário particular.

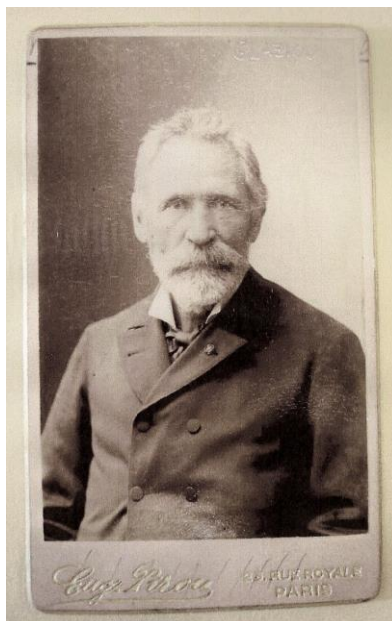


Figura 1 – Retrato de A. F. M. Glaziou tirado na Rua Royale, em Paris / Fonte: Arquivo Nacional

¹⁵ Ladislau Netto foi diretor da seção de botânica do Museu Nacional em 22 de março de 1865 e, em 1876, foi nomeado pelo Imperador do Brasil, diretor geral do Museu. Dom Pedro II pretendia fazer daquele museu um grande centro de exposição e aprendizado científicos.

No ano de 1905, a Sociedade Botânica da França publica as 112 primeiras páginas, referentes ao primeiro fascículo da sua *Lista das plantas do Brasil central recolhidas em 1861-95 por A.-F.-M. Glaziou, diretor aposentado dos Jardins Públicos e das Florestas do Rio de Janeiro, etc.* O segundo e último fascículo, de 88 páginas, foi publicado em 1906, pouco depois de sua morte. Glaziou introduz esse admirável catálogo caracterizando os diferentes estados por ele visitados, apresentando detalhes sobre os itinerários seguidos em suas explorações e, agradecendo aos sábios botânicos que colaboraram na determinação de suas coletas, aos homens de ciência que o influenciaram em suas pesquisas sobre as plantas brasileiras e aos seus chefes, os ministros do Governo Imperial (mais tarde Governo da República) que lhe deram liberdade absoluta para a realização deste trabalho. Ao final de seu prefácio, presta uma bela homenagem às riquezas naturais de sua devota pátria e revela seu intenso entusiasmo pela prática científica, colocando-se, ele próprio, numa perspectiva científica e numa linhagem.

Não duvido que este Catálogo seja de alguma utilidade para os botânicos. Alegrar-me-ia muito, igualmente, saber que ele incentivará as pesquisas daqueles que também desejam caminhar nos passos dos ilustres Martius, Saint-Hilaire, Gardner, Pohl, etc., entregando-se de corpo e alma ao estudo tão sedutor dessa flora do Brasil, tão rica, que é inesgotável. Possam eles, como eu, após o verão e o outono de suas vidas dedicadas às pesquisas científicas, reviver os encantos de suas descobertas, revendo, em sua velhice, as plantas secas, outrora coletadas no seio da vegetação feérica das gigantescas florestas e dos campos encantadores! (Glaziou, 1905 p.7).

O renomado botânico Carl Friedrich Philipp Von Martius

Ao nos debruçarmos sobre a reconstituição da história nacional brasileira do século XIX, inevitavelmente, o viajante, naturalista, médico, botânico e antropólogo bávaro, Carl Friedrich Philipp Von Martius, possui um papel extremamente significativo.

Von Martius nasceu no dia 17 de abril de 1794, em Erlangen, uma vila da Alemanha situada ao norte da Baviera, e faleceu em 13 de dezembro de 1868, em Munique, Alemanha, dedicando os últimos quarenta e oito anos de sua vida, quase que exclusivamente, a análise e publicação dos dados obtidos em sua excursão ao Brasil (Fig.2).

Filho primogênito do farmacêutico da corte e professor da Universidade de Erlangen, Von Martius conheceu desde cedo a arte da botica e a farmacologia, despertando o gosto pelas plantas. Ainda em sua cidade natal cursou a faculdade de medicina na Universidade Fredericus Alexander. Mas, o encontro com o zoólogo Johann Baptist Von Spix e o jesuíta e naturalista

Franz P. Von Schrank o motivou a decidir-se pela botânica e, em seguida, após defender sua tese de doutorado, em 1814, ingressa no curso de aperfeiçoamento oferecido pela Real Academia de Ciências de Munique, assumindo o cargo de assistente de Von Schrank. Nessa experiência, Von Martius ampliou seus conhecimentos botânicos, realizou uma classificação sistemática das plantas do Jardim Botânico de Munique e se aproximou do rei Maximiliano José I, que se interessava pelos estudos da flora (Lisboa, 1997).

O rei Maximiliano José I da Baviera já tinha um projeto de realizar uma viagem científica ao interior da América do Sul. Com o casamento da arquiduquesa Leopoldina com o príncipe herdeiro Pedro I, o monarca bávaro utilizou-se de suas estreitas relações com a Áustria¹⁶ para realizar seu desejo, uma vez que o Museu de História Natural de Viena também havia delineado uma viagem de estudo pela terra desconhecida (Lisboa, 1997).

Deste modo, quando a arquiduquesa Leopoldina veio para o Brasil, em 1817, o governo austríaco enviou uma comissão científica da qual participavam os naturalistas Johann Emanuel Pohl, Rochus Schüch, Johann Natterer, Giuseppe Raddi e Johann Christian Mikan, os pintores Thomas Ender, Johann Buchberger, G.K. Frick e Franz Joseph Frübeck, o caçador e preparador Ferdinand Dominik Sochor e o jardineiro Heinrich Wilhelm Schott¹⁷ (Cabral, 1953). Maximiliano José I aproveitou a ocasião para enviar seus súditos, o zoólogo J. B. Von Spix e o botânico C.F.P. Von Martius, com o propósito de investigar e representar a jovem nação nos trópicos (Emmerich, 1994).

Herdeiros da cultura iluminista, a comitiva austríaca de cientistas tinha a missão de percorrer as regiões desconhecidas ou pouco conhecidas do Brasil recolhendo informações de cunho botânico, zoológico, mineralógico, etnológico, dentre outras, a fim de produzir conhecimento científico seguro, um minucioso inventário, para alcançar o sonho enciclopedista (Guimarães, 2000). Porém, diferentemente das viagens exploratórias anteriores, os viajantes do século XIX tratam seus objetos como partes constitutivas de um todo, organicamente articulado, onde as diversas partes dependem umas das outras (Kury, 2008).

¹⁶ O imperador da Áustria, Francisco I, era pai de Leopoldina e genro de Maximiliano José I.

¹⁷ As viagens científicas do século XIX buscavam registrar de forma convincente, fiel e confiável os fenômenos naturais e culturais dos países visitados. Tornou-se comum a realização de expedições em que eram reunidos diversos especialistas e, os resultados publicados compreendiam muitos volumes, dedicados aos diferentes campos da história natural, incluindo, a antropologia. O desenho e a pintura ocupavam um papel essencial, já que se encarregavam de dar maior precisão, beleza e vivacidade às imagens. E, as práticas de embalar corretamente os produtos coletados, empalhar animais, confeccionar herbários, recolher sementes, preparar mudas, dissecar animais e plantas eram fundamentais para a conservação dos materiais testemunhos que seriam e, até hoje são, estudados pelos pesquisadores das ciências naturais (Kury, 2008).

Almejando o conhecimento universal, os naturalistas deveriam esquadrihar cuidadosamente as regiões visitadas de forma a constituir um amplo cenário que abrigasse desde as características físico-geográficas dessas áreas até as particularidades sociais e políticas dos povos que as habitavam (Guimarães, 2000).

Porém, o atraso da esquadra da arquiduquesa Leopoldina, que trazia os demais naturalistas ao Rio de Janeiro, fez com que Von Spix e Von Martius tomassem a decisão de se desvincular do grupo e iniciar sua expedição independentemente. Após quase quatro anos de viagem coletando materiais pelos territórios do Rio de Janeiro, São Paulo, atravessando os sertões de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão e indo até o alto Amazonas, os dois viajantes retornam à Europa, em 1820, recebidos pelo monarca bávaro Maximiliano José I que os eleva à nobreza¹⁸, concedendo-lhes a Cruz de Cavaleiro da Ordem do Mérito Civil. Tornam-se membros de muitas academias e sociedades científicas ocupando cargos dos mais altos níveis hierárquicos (Lisboa, 2009).

De volta à Munique, entregam-se ao estudo das várias coleções e anotações oriundas dessa viagem e, em 1823, lançam o primeiro volume de *Reise in Brasilien (Viagem pelo Brasil)*¹⁹, obra que relata com riqueza de detalhes a expedição dos naturalistas ao continente sul-americano. A morte prematura de Von Spix²⁰ não intimidou Von Martius em dar continuidade a esse abrangente produto de três volumes que, mesmo sendo responsável por dois terços do texto, assumiu a dupla autoria na totalidade da narrativa. O terceiro e último volume, publicado em 1831, foi dedicado ao Amazonas, parte final da expedição, onde se encontra uma preciosa e meticulosa descrição sobre a jornada pelos rios Solimões e Negro (Spix & Martius, 1823-1831).

Von Martius coletou nas matas brasileiras um total de 6.500 espécies de plantas, formando um herbário de 20.000 exemplares prensados. Enviou duplicatas para os herbários de Berlim, Viena, São Petersburgo, Londres, Leiden, Leipzig e Genebra. Despachou também uma centena de vegetais vivos para serem incorporados ao Jardim Botânico de Munique. Sua coleção zoológica, inferior numericamente, porém não menos importante, constava de 85

¹⁸ Por isso o “Von” que antecede seus nomes e de seus descendentes.

¹⁹ A primeira tradução integral da obra para o português aguardou um século para vir à luz, patrocinada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no âmbito das comemorações do seu centenário de fundação em 1938.

²⁰ Von Spix faleceu em 13 de maio de 1826, em Munique, possivelmente, de uma doença tropical como a boubá ou doença de Chagas. Nesta época, Von Spix se concentrava na preparação do segundo volume de *Reise in Brasilien*.

espécies de mamíferos, 350 de pássaros, 130 de anfíbios, 116 de peixes, 2.700 de insetos, 50 de aracnídeos e 50 de crustáceos. Juntamente com a coleção dos reinos vegetal e animal, encontrava-se um rico material mineralógico e paleontológico, além de diversas informações fitogeográficas e um volumoso acervo etnográfico e filológico colhido em tribos autóctones (Lisboa, 1997). Esse fabuloso conjunto de informações e conhecimentos obtido forneceu motivos para reflexões até os últimos momentos de sua vida, colocando-se por inteiro a serviço do Brasil.

Concomitantemente a redação e publicação da obra *Reise in Brasilien*, Von Martius dedicava-se também aos estudos dos dados botânicos e etnográficos coletados em sua peregrinação científica pelas terras brasileiras, iniciando uma vasta produção intelectual, cujos volumes vão saindo gradualmente. Em 1832, publica *Von dem Rechtzustande unter den Ureinwohnern Brasiliens (O Estado do Direito entre os autóctones do Brasil)*; em 1838, *Die Vergangenheit und Zukunft der Amerikanischen Menschheit (O passado e o futuro do homem americano)*; seis anos mais tarde sai *Das Naturell, die Krankheiten, das Arzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens (Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros)*; em 1858, faz uma relação descritiva das plantas brasileiras pelos seus nomes tupis, denominada *Über die Pflanzen-Namen in der Tupi-Sprache (Os nomes das plantas na língua Tupi)*; em 1867, um ano antes de sua morte, republica *O passado e o futuro do homem americano* de 1838 e *O Estado do Direito entre os autóctones do Brasil* na *Beiträge zur Ethnografie Americas, zumal Brasiliens (Contribuições à etnografia e linguística da América, especialmente o Brasil)*, obra de dois volumes, onde no primeiro acrescenta uma sinopse etnográfica dos índios brasileiros e um mapa com as possíveis migrações dos tupis e com a distribuição dos grupos linguísticos e, no segundo, realiza um glossário dos diversos idiomas indígenas que se falavam no Brasil.

Porém, foi no campo da botânica que Von Martius produziu as mais expressivas e extensas obras científicas. Devido a grande quantidade de espécies a descrever, alguns desses clássicos da literatura da botânica sistemática levaram décadas para completar a edição. Seu primeiro grande resultado botânico foi *Nova Genera et Species Plantarum*²¹, de três volumes, consumado entre 1823 e 1831. Outra importante publicação, também em três volumes, foi a

²¹ Nessa obra, Von Martius reuniu todas as espécies coletadas em sua viagem para o Brasil que eram inéditas no conhecimento sobre a flora, apresentando um total de 400 espécies e 70 gêneros, ilustradas por mais de 300 magníficas litografias.

*História Naturalis Palmarum*²², lançada entre 1823 e 1853. Esse trabalho, escrito em latim e ilustrado com 245 pranchas de beleza extraordinária, traz, além da descrição morfológica das espécies e gêneros de Arecaceae, os usos medicinais e alimentares, sublinhando o papel que este grupo de plantas desempenhava sobre os povos locais. Von Martius foi capaz de traduzir nessa obra toda sua paixão pelas palmeiras do Brasil, a qual fez com que fosse reconhecido pela comunidade científica como o “pai das palmeiras”. Mas, foi a *Flora Brasiliensis* seu monumental e mais importante empreendimento. Von Martius pretendia descrever e sistematizar todos os vegetais brasileiros conhecidos até o momento. Para isso, contou com a colaboração da maior parte dos renomados taxonomistas e sistematas de sua época, tais como, De Candolle, Bentham, Tulasne, Nees, Hooker, Grisebach, entre outros. Além do tratamento taxonômico das espécies e do estudo descritivo da distribuição geográfica das famílias, também deveriam ser consideradas as utilizações medicinais, comerciais e econômicas das plantas tratadas. Esse projeto, que representava um custo extremamente elevado, levou 66 anos para ser concluído e, após a morte de Von Martius foi continuado por August Wilhelm Eichler e finalizado por Ignatz Urban, em 1906.



Figura 2 – Retrato de Carl Friedrich Philipp Von Martius / Fonte: Wikipédia

A relevante e esplêndida produção e atividade científica de Von Martius o projetaram no exercício de sua área de atuação, atingindo alto grau de reconhecimento e respeito por toda

²² Von Martius presenteou Goethe com o primeiro fascículo desta obra no qual se encontrava o retrato do autor e o seguinte dizer: “In palmis semper parens Juventus; in palmis resurgo!” (Nas palmeiras existe uma juventude fecunda; no meio delas ressuscito!).

comunidade acadêmica. Destacou-se como membro das dez mais importantes academias científicas da Europa, membro correspondente de vinte e duas academias e sociedades, além de sócio honorário de cinquenta e duas outras. Seu vínculo institucional com o Brasil firmou-se com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, do qual se tornou sócio emérito. A publicação da versão em língua portuguesa do tratado *Como se deve escrever a História do Brasil* na *Revista do IHGB*, em 1845, fez com que Von Martius se tornasse conhecido no meio da elite acadêmica brasileira. Em 1847, esse mesmo texto foi agraciado pelo instituto com o prêmio de melhor trabalho sobre a “história antiga” e “moderna” do Brasil, considerando as questões política, civil, eclesiástica e literária. O laureado tratado de Von Martius trazia um conjunto de princípios e diretrizes norteadoras de como se pensar uma história nacional no Brasil e teve forte recepção entre os historiadores brasileiros do século XIX (Lisboa, 1997; Guimarães, 2000).

Ainda que jamais tivesse retornado ao Brasil ou realizado outra viagem científica, manteve forte conexão com a distante terra graças aos frequentes contatos epistolares. Von Martius se relacionava e mantinha laços de amizade com uma série de personalidades, como os brasileiros Francisco Freire Allemão, botânico, professor da Faculdade de Medicina do Rio e membro do IHGB; Guilherme Schüch de Capanema, naturalista, engenheiro, físico e, também membro do IHGB; Francisco Adolfo de Varnhagen, historiador e diplomata e, até mesmo, com o imperador dom Pedro II, que demonstrava alta estima e reconhecimento pelos estudos do naturalista sobre o Brasil e pela preocupação que dispensava aos assuntos do longínquo Império (Lisboa, 1997). No amplo ciclo de amigos epistolares de Von Martius, incluía-se Auguste François Marie Glaziou, cujo acervo de correspondência intercambiado entre ambos revela uma larga profusão de temas: assuntos econômicos, políticos, sociais, históricos, etnográficos e, evidentemente, por tratar-se de dois europeus e estudiosos da natureza brasileira, uma das questões centrais presentes em seus relatos era a manifestação do enorme encantamento por esta magnificente natureza, capaz de provocar emoções e desafiá-los na tentativa de compreendê-la, classificá-la e interpretá-la.

Este capítulo objetiva analisar a trajetória de vida de Auguste François Marie Glaziou tendo como argumento central a premissa de que ela se caracteriza pela associação de seu perfil de paisagista e de um homem com profundos interesses e influências na pesquisa científica dos

recursos naturais, mais particularmente, o reino vegetal. Para tal, o foco de análise será o acervo de correspondência entre Von Martius e Glaziou durante a sua “fase brasileira”, na qual dedicou 39 anos de trabalho à nossa flora e aos nossos jardins públicos e privados.

Diante da amplitude temática presente na epistolografia de nossos autores, norteamos a investigação buscando especificar as seguintes questões:

- Enfatizar as práticas botânicas de Glaziou, evidenciando sua metodologia de trabalho e demonstrando as questões fundamentais que auxiliam a compreender sua maneira de inferir o mundo vegetal.
- Distinguir, através da abordagem político-científica brasileira da segunda metade do século XIX, o relevante papel desempenhado por Glaziou no ambicioso projeto que viria a ser a maior obra já realizada sobre a flora de um país, a *Flora Brasiliensis*.
- Explorar as peculiaridades da estreita ligação entre Glaziou e Von Martius contemplando alguns aspectos das suas histórias de vida, suas atuações e relações profissionais e, sobretudo, suas participações no processo de construção de certa ideia sobre os recursos vegetais do Brasil no contexto histórico em questão.
- Caracterizar, à luz dos relatos presentes nas correspondências, Glaziou como “historiador da natureza” e, entender, como se deu sua afirmação como membro do cenário científico nacional e internacional.

Material e Métodos

A metodologia apoia-se em ampla pesquisa documental e bibliográfica. Foi analisado um total de 37 cartas trocadas entre Glaziou e Von Martius (Figs. 3 e 4). Destas, 25 encontram-se depositadas no Muséum national d’Histoire Naturelle, Paris (MNHN), e 12 no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). A correspondência examinada compreende um período de quatro anos, sendo a mais antiga datada de 1866 e, a mais recente, escrita por Glaziou em 08 de janeiro de 1869, pouco menos de um mês após a morte de Von Martius. Todos os manuscritos que se encontravam na língua francesa foram traduzidos para o português.

Para melhor refazer a trajetória científica de Glaziou foram analisadas ainda, a documentação primária avulsa depositada na Seção de Memória e Arquivo do Museu

Nacional/UFRJ (SEMEAR) e fontes secundárias, como diversas biografias já publicadas através dos anos sobre o paisagista e botânico francês.

A atualização dos nomes científicos das espécies extraídas dos documentos foi feita através das bases de dados W3 trópicos (Missouri Botanical Garden VAST – VAScular trópicos), IPNI (The International Plants Names Index) e The Plant List. O sistema de classificação adotado segue o “Angiosperm Phylogeny Group” (A.P.G. III, 2009). Para as samambaias, utilizou-se o sistema de classificação de Smith *et al.* (2006), complementado por Rothfels *et al.* (2012).

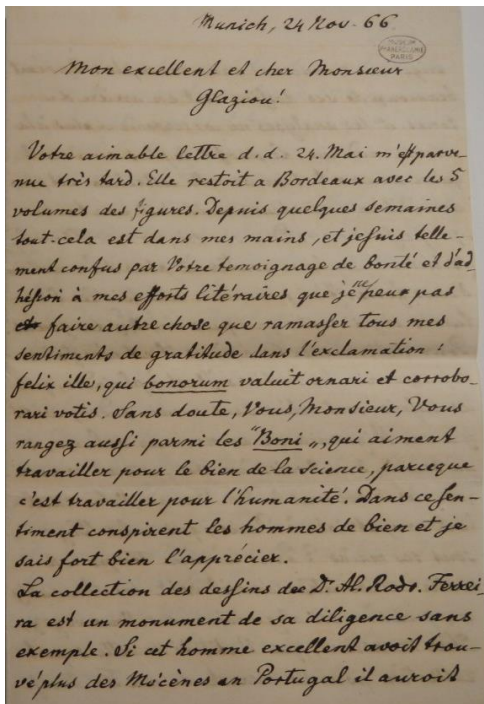


Figura 3 – Primeira página da carta redigida por Von Martius para Glaziou, em 24 de novembro de 1866 / Fonte: Muséum national d’Histoire Naturelle, Paris (MNHN)

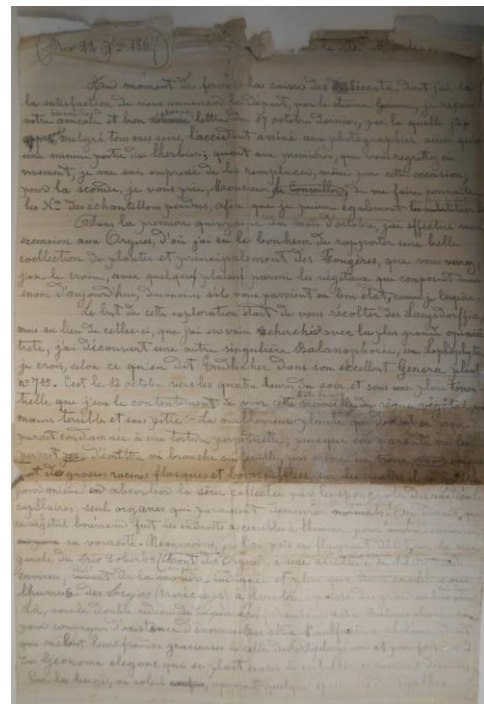


Figura 4 – Primeira página da carta redigida por Glaziou para Von Martius, em 22 de outubro de 1867 / Fonte: Muséum national d’Histoire Naturelle, Paris (MNHN)

Resultados e Discussão

Etiquetando a flora do Brasil: práticas botânicas e sua importância na construção do conhecimento

Vossa Senhora, cuja alma é devota à botânica, não faz também sacrifícios, e mesmo dos grandes, pelo interesse da mais amável das ciências? (Trecho da carta enviada por Glaziou para Von Martius, em 21 de março de 1868).

Durante o século XIX, com o desenvolvimento da exploração do mundo, o conhecimento botânico experimentou um crescimento sem precedentes. Cada continente foi palco de importantes pesquisas que deram origem a inventários e publicações de numerosas floras que descreviam inédita e extraordinária diversidade. A fim de explorar sistematicamente o mundo, homens se aventuravam por terrenos desconhecidos à procura de admiráveis amostras vegetais a serem apresentadas no meio acadêmico na Europa (Vadon, 2013). Animado pelo desejo de aprendizado e de servir à ciência, Glaziou fazia parte do elenco de coletores que adentravam o interior de florestas virgens, rodeadas de perigos, com o objetivo de fornecer aos naturalistas europeus o repertório, a documentação da natureza brasileira.

Os depoimentos de Glaziou sugerem que apesar dos diversos obstáculos encontrados nos trópicos como as dificuldades do solo, o clima úmido e de calor intenso, as tempestades contínuas e insetos venenosos, ele era um homem possuidor de grande energia e ardor extraordinário em suas atividades de campo. “Todas essas amostras, eu as coletei com minhas próprias mãos, não sem subir em rochas escarpadas ou procurar em profundas ravinas, arriscando com tenacidade as vicissitudes do coletor ambicioso”²³;

As chuvas torrenciais fizeram aumentar consideravelmente o rio Soberbo e, como eu tinha que atravessá-lo novamente, saltando de uma rocha para outra, me perdi, caindo repetidas vezes. Todos os fragmentos foram coletados bem penosamente, mas, eficazmente apoiado por vossas lembranças, eu me aproximei, enfim, da margem direita do torrencial. Na mão esquerda, meu inseparável cilindro contendo ainda os fragmentos que tenho a felicidade de vos endereçar.²⁴

O impetuoso trabalho de campo de Glaziou, explorando as densas matas dos trópicos em busca de novas e apreciáveis espécies vegetais, fez com que ele ampliasse significativamente sua sabedoria botânica e desenvolvesse a aptidão de reconhecer os distintos *habitats* de ocorrência das plantas coletadas.

Essas jornadas penosas, que tem quase sempre por cenário o mato virgem, ornado desses milhares de vegetais, que são para nós nada mais do que diamantes, contribuem fortemente para o aumento de nosso modesto herbário, assim como, para o exato conhecimento da vegetação local.²⁵

²³ Carta de Glaziou para Von Martius escrita no Rio de Janeiro, em 22 de maio de 1867.

²⁴ Manuscrito de Glaziou enviado do Rio de Janeiro, em 22 de outubro de 1867.

²⁵ Carta enviada por Glaziou, do Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1868.

Esse aprendizado era um grande facilitador quando algum botânico o encomendava determinada planta, como evidenciado em sua carta enviada para Von Martius, em 23 de julho de 1867: “Na intensão de coletar frutos de *Hippocratea*, os quais vós me demandastes, eu retornei à Copacabana em 27 de junho último [...]”. Seduzido pela exuberante vegetação tropical desse belo país, Glaziou se arriscava, até mesmo, na busca de testemunhos representantes de áreas afins, como a micologia²⁶: “O senhor Krempelhuber²⁷ nunca será esquecido em minhas novas excursões; eu farei mesmo algumas em sua intenção sobre a margem do mar, a fim de reunir-lhe os líquens corticais das restingas”.²⁸

Contudo, nem sempre Glaziou era capaz de distinguir espécies na natureza. Determinado em ampliar gradualmente a dimensão de seus saberes, não tardava em manifestar suas dúvidas ao grande mestre Von Martius e demandar informações sobre alguma planta e seu ambiente natural.

Eu peguei boas notas dos vegetais mencionados em vossa última carta, mas, devo reconhecer que não tenho ideia alguma dos gêneros *Frostia* e *Seibalium*, ou melhor, somente do primeiro, pela curta descrição que dá o Genera Plantarum do Endlicher, p. 76, n^o725. Haveria alguma possibilidade de obter um croqui destas duas plantas e algumas informações sobre os lugares onde elas ocorrem? Quanto a *Langsdorffia hypogea* e a *Lophophytum mirabile* (flor da terra), que conheço bem, elas serão coletadas em abundância na primeira vez que eu as encontrar em meu alcance, assim como as palmeiras e, em geral, todos os vegetais em flor que tiver a sorte de encontrar nas minhas excursões.²⁹

As Balanophoraceae são o meu desespero; eu cavo todos os brejos e lugares úmidos que encontro nas matas desta vizinhança, mas desgraçadamente até agora nada encontrei que me desse satisfação. Com o auxílio das indicações e dos esboços que tenho pedido a Vossa Excelência, espero, em breve, ser mais feliz.³⁰

Um bom coletor e herborizador, para ser reconhecido como tal, deveria preparar materiais adequados para serem transportados e colecionados de forma eficiente. A correta recolha e

²⁶ Originalmente exercida por botânicos, a micologia detém um *status* independente da botânica na primeira metade do século XIX (Magnin-Gonze, 2004). Entretanto, muitas instituições, ainda hoje, abrigam pesquisadores de ambas as ciências em um mesmo departamento.

²⁷ August von Krempelhuber (1813-1882) nasceu em Munique e fazia parte da nobreza. Estudou na Universidade de Munique e, através de seu trabalho na área florestal, desenvolveu um grande interesse pelos líquens, publicando inúmeros artigos na área de micologia. Sua coleção de cerca de 20.000 espécimes agora é mantido na *Botanische Staatssammlung München*.

²⁸ Carta de Glaziou redigida, em 22 de junho de 1868, do Rio de Janeiro.

²⁹ Carta de Glaziou, em 28 de maio de 1866, do Rio de Janeiro.

³⁰ Carta escrita por Glaziou no Rio de Janeiro, em 23 de julho de 1867.

acondicionamento dos objetos significaria a garantia de que o trabalho seria compreendido e aproveitado pelos renomados descritores da Europa. A habilidade de Glaziou no exercício de disponibilizar peças de qualidade, fundamentais para a produção de conhecimento, foi certamente aprimorada em consequência dos excelentes conselhos de Von Martius, como pode ser verificado nessa carta enviada de Munique em 24 de novembro de 1866: “[...] para a definição das plantas secas, devo vos dizer, que sem flores e frutos é muito difícil de determinar as amostras, mesmo da flora dos arredores do Rio, onde, a cada ano, fazemos descobertas”.

Kury (2008) em seu trabalho sobre os aspectos e finalidades das viagens científicas do século XIX coloca em pauta que, a partir da época das Luzes, a construção de conhecimento científico passa a ser vista como uma atividade coletiva, contando com a participação de diversos especialistas, cada um com sua diferente formação e engajamento profissional. Nessa perspectiva, a busca de testemunhos e os procedimentos de coleta e armazenamento constituíam práticas científicas essenciais, às quais Glaziou se entregou de corpo e alma: “Segundo o desejo que vós me exprimistes na vossa bem apreciada carta do último 28 de maio, [...] me coloquei ao trabalho com todas as entranhas de um monomaniaco [...]”.³¹

Muito em breve, me proponho a vos fazer uma nova expedição, que compreenderá da coleta de outras palmeiras, em melhor estado de dessecação. Para este propósito e, a fim de menos mutilar os fragmentos destinados ao ilustre pai das palmeiras, eu mandarei fazer, rapidamente, um grande papel buvard (65 por 45 cm).³²

Esforçado, Glaziou logo se aperfeiçoou em seu ofício se transformando num herborizador cujo trabalho era fortemente apreciado pelo respeitável Von Martius.

Eu tive a felicidade de receber a caixa com a continuação de vossas coleções [...] me chegou três dias após a minha vinda das termas de Willbad em Württemberg, onde fiquei de 08 de junho à 14 de julho. Por esta razão, ainda não tive o lazer de me colocar a examinar esta soberba coleção [...] apenas o primeiro pacote (Gramineae, Líquens, Samambaias e Cyperaceae) examinei com grande contentamento, porque os exemplares foram escolhidos com o verdadeiro conhecimento do botânico, e secos com diligência.³³

Ainda que enaltecido por estudiosos renomados de seu tempo por suas primorosas coletas e envios de amostras vegetais em excelente estado de conservação, taxonomistas

³¹ Carta de Glaziou remetida do Rio de Janeiro e datada de 24 de novembro de 1866.

³² Carta enviada por Glaziou do Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1867.

³³ Carta de Von Martius enviada de Munique no dia 22 de julho de 1867.

contemporâneos se queixam da falta de confiabilidade dos dados contidos nas etiquetas das exsicatas de Glaziou, indicando que o coletor francês pecava quando se tratava dos registros de informações exatas referentes aos seus materiais. Baugratz & Souza (2011) e Wurdack (1970) que estudaram Melastomataceae e Rainer (2001) que estudou *Annona* L. (Anonaceae), constataram equívocos referentes às localidades, às datas e aos números de coletas das plantas pertencentes à coleção de Glaziou. Os autores sublinham que esses materiais erroneamente rotulados dificultam a compreensão dos espécimes em diferentes aspectos como, por exemplo, o entendimento da distribuição fitogeográfica de um táxon específico.

Apesar de não ter sido encontrado nas correspondências qualquer relato alusivo a tal fato, Édouard Bureau (1908) conta que para abastecer os sistematas europeus com o maior número possível de representantes vegetais das florestas do Brasil, Glaziou subvencionava coletores para explorar as localidades aonde não tinha acesso. Caso Glaziou tenha verdadeiramente adotado essa metodologia de trabalho, é provável que este tenha sido um fator de peso responsável pelas informações confusas contidas nas etiquetas de suas exsicatas, corroborando as impressões dos botânicos dos séculos XX e XXI.

Entretanto, Leandri (1963), em sua biografia sobre Glaziou, chama atenção para o cuidado do bretão em nomear, numerar e ordenar as plantas de sua lista de espécies do Brasil, publicada em 1905. Por outro lado, o botânico belga Cogniaux, evoca uma questão interessante sobre esse catálogo.

Encontramos a enumeração sistemática das espécies que ele coletou, com suas sinônimas, os números referentes de suas exsicatas e a indicação precisa da localidade onde cada uma dessas foi coletada, indicação preciosa, pois geralmente, as plantas que ele distribuiu não estavam acompanhadas de qualquer outra informação, senão seu número de coleta (Cogniaux, 1906 p.367).

Nesse depoimento fica evidente que Glaziou dispunha das informações necessárias para a formação de uma admirável coleção científica, porém, nem sempre, as inúmeras duplicatas que eram enviadas aos taxonomistas de seu tempo seguiam acompanhadas de etiquetas contendo os dados necessários para sua total compreensão. É interessante notar que o próprio Glaziou deixa claro, na introdução de seu catálogo, que sua publicação será relevante para limar as lacunas provenientes de suas etiquetas incompletas e, aproveita a ocasião para justificar a razão de sua imperfeição.

Para terminar este longo trabalho de coletas e determinações, pareceu útil elaborar uma lista geral. Este catálogo será muito vantajoso, não só porque reunirá metodicamente todos os documentos sistemáticos que o resultaram, mas conterà as determinações tardias que não foram apresentadas nem na grande obra de Martius, nem nas várias publicações dos numerosos especialistas que foram meus sábios colaboradores. A abundante distribuição das minhas exsicatas tornou impossível a redação de etiquetas completas, encontraremos aqui indicações úteis sobre a distribuição precisa, os nomes vernaculares, as datas de floração e de frutificação das plantas coletadas (Glaziou, 1905 p.6).

Entretanto, as correspondências analisadas mostram que muitas vezes Glaziou foi extremamente diligente em seu ofício de coletor, enviando exsicatas acompanhadas de etiquetas que dispunham de todas as informações sobre os espécimes coletados. Esse cuidado de Glaziou pode ser constatado nos seus respectivos relatos de 22 de maio de 1867 e de 22 de novembro de 1867: “Os números de 363 a 1002 foram coletados nos arredores do Rio de Janeiro durante os últimos meses de novembro, dezembro e janeiro. O resto, n^{os} 1003 a 1208, provém das mesmas imediações e são de fevereiro, março e abril do ano presente”.

As duplicatas da coleção de plantas secas que tive a felicidade de vos oferecer estão anotadas conforme vós me fizestes indicar em vossa amável carta do último 22 de julho [...]: cada espécie acompanhada da data e do lugar onde a coletei, as condições do meio ambiente nas quais a planta encontrava-se, assim como seu porte e suas dimensões.

Um ponto curioso de ser abordado é o fato de que alguns naturalistas viajantes do século XIX mostraram dificuldades em empregar algumas das habituais metodologias de coleta ao se deparar com a enorme diversidade florística do Novo Mundo. Um exemplo notável é o caso do botânico inglês William J. Burchell (1781-1863), que excursionou pela África do Sul, Lisboa, Ilha da Madeira, Tenerife e Brasil, elaborando catálogos com listagens das plantas encontradas em cada uma dessas regiões (Mckay, 1937). Burchell seguia pelas diversas localidades acima listadas aplicando seu método de recolha de plantas. Realizava as devidas anotações sobre as datas e os locais exatos onde os espécimes eram encontrados, seus números de coleta e de duplicatas produzidas, assim como as observações referentes aos nomes populares, características do porte, estados de floração ou frutificação, coloração, odor e usos. Ao chegar em território brasileiro, devido à exorbitante multiplicidade vegetal encontrada, o cientista inglês não conseguiu quantificar o número de coletas realizadas por dia, o que fez com que ele, muitas vezes, se perdesse em sua própria lógica, gerando um inconveniente para

a continuidade e aplicabilidade de seu método sistemático (Smith & Smith, 1966-67). Considerando que Glaziou coletou nada menos que 22.770 espécimes vegetais em solo brasileiro, mais do que o dobro das 10.108 coletadas por Burchell (Smith & Smith, 1966-67), é possível que Glaziou tenha vivenciado a mesma experiência do botânico inglês, o que explicaria a falta de informações ou os dados imprecisos presentes nas etiquetas das exsicatas de Glaziou examinadas por taxonomistas do século XIX e atuais.

Não obstante a constatação da ausência de informações sobre as duplicatas enviadas por Glaziou, Cogniaux ressalta a importância das coletas do bretão para o avanço dos estudos botânicos e, assim como Von Martius, elogia a excelente qualidade de suas herborizações. Segundo o botânico belga, todas as vezes que as circunstâncias o permitiam, pelo menos 10 exemplares de cada número eram coletados e sua coleção era distribuída gratuitamente beneficiando diversos pesquisadores. Ele mesmo recebeu nada menos que 1.200 números de Melastomataceae, cuja maior parte era inédita, quase 500 espécies de orquídeas, parte dela conservada em álcool e sem contar as muitas Cucurbitaceae (Cogniaux, 1906).

Não era pelo prazer de formar consideráveis coleções que Glaziou reunia somas importantes de plantas brasileiras, mas sim, unicamente pelo interesse da ciência e para tornar conhecido tanto quanto possível seu país de adoção (Bureau, 1908). Esse mesmo anseio era compartilhado por Von Martius, como revelado em sua carta enviada de Munique, em 24 de novembro de 1866: “Sem dúvida, vós, senhor, vos encontráis entre os “Boni”, que amam trabalhar pelo bem da ciência, porque é trabalhar para a humanidade. Neste sentimento, conspiram os homens de bem, e eu sei fortemente apreciá-los”. Talvez, esse fosse um dos motivos pelo qual Von Martius jamais tivesse hesitado em contribuir para que Glaziou desenvolvesse cada vez mais seus conhecimentos em botânica e em promover suas práticas científicas no meio acadêmico internacional.

Nota-se que Glaziou buscava pormenorizar o panorama das localidades aonde coletava, narrando minuciosamente a quantidade prodigiosa de espécies vegetais e revelando suas impressões da encantadora natureza do Brasil. Através de uma descrição pitoresca e sublime, Glaziou, em sua carta de 22 de outubro de 1867, não apenas citou as plantas avistadas e alguns de seus detalhes morfológicos, mas buscou também transmitir o sentido que as une, baseando-se em suas funções no conjunto global do ambiente.

O objetivo desta exploração era de vos coletar as *Langsdorffia*, mas, [...] eu descobri outra Balanophoraceae singular, um *Lophophytum* [...]. Foi no dia 12 de outubro, por volta das quatro horas da tarde, sobre uma chuva torrencial, que tive o contentamento de ver essa besta feroz do reino vegetal! A maravilhosa planta que se tornou sua presa deve ter sido condenada a uma tortura perpétua, desde que seu parasita não a permite emitir nem ramo, nem folha, nem mesmo um tronco, mas unicamente grossas raízes ofegantes, sobre as quais ela se enxerta para absorver a seiva coletada pelos espongíolos das raízes capilares [...]. Diríamos que este vegetal escapa dos locais acessíveis ao homem para satisfazer impunemente sua voracidade. Não obstante, eu a coletei em flagrante delito na margem esquerda do Rio Soberbo (aos pés dos Órgãos), a uma altitude média de 1200 pés, [...] escondida sobre o húmus dos brejos (pântanos), abaixo de espessas sombras das grandes árvores seculares. Lá, sob as duplas cortinas de Taquaraçú (bambús), nossa Balanophoraceae tinha como companheiros de existência, enormes *Marattia kaulfussii*³⁴ [...] que misturavam suas frondes graciosas àquelas dos *Diplazium* e àquelas do *Geonoma elegans*, que se deleitam a embelezar esta deliciosa desordem. Na margem, ao sol, aparentemente, alguns espécimes de *Cyathea imrayana*³⁵ e *Alsophila hirta*³⁶, cujos estipes são cortados pelo transparente *Hymenophyllum raddianum*³⁷ e outras espécies do mesmo gênero. Por terra, aqui e alí, as *Begonia longipes*³⁸, *B. luxurians*, *B. argyrostigma*³⁹, com a remarcável *Bertolonia nymphaeifolia* de Raddi e, ainda, soberbos exemplares de *Artanthe*⁴⁰, e principalmente, o *spectabilis*⁴¹, acompanhado da única Chloranthaceae brasileira conhecida até esses dias, a *Hedyosmum bonplandianum*.

Contaminado, talvez, pela lógica que guiava os relatos, em forma de diários, dos viajantes do século XIX, a narrativa acima assume, nesse contexto, caráter emblemático, como expressão do discurso de positivação da natureza dos trópicos e com a concepção do movimento romântico no Brasil oitocentista (Candido, 2004). Glaziou aguça, sob o disfarce da objetividade da nomenclatura lineana, o desejo de aventurar-se na floresta virgem, espessa, densa, impenetrável, que pode ser contemplada, estimulando o desejo do observador para ver

³⁴ Nome revisitado: *Eupodium kaulfussii* (J.Sm.) J.Sm. Murdock (Marattiaceae)

³⁵ Nome revisitado: *Alsophila imrayana* (Hook.) D.S. Conant (Cyatheaceae). Porém, de acordo com a Lista de Espécies da Flora do Brasil (2014), o nome citado por Glaziou não se aplica a uma espécie de ocorrência no Brasil. Provavelmente, ele se equivocou na identificação desse táxon. Entretanto, foram catalogadas no Parque Nacional da Serra dos Órgãos três espécies do gênero *Alsophila* e seis espécies do gênero *Cyathea* (Sylvestre & Mynssen, 2014). Como, infelizmente, não foi indicado um número de coleta no relato, não é possível inferir a correta determinação da espécie, mas, pode-se sugerir que se trata de um desses nove táxons inventariados na região.

³⁶ Nome revisitado: *Cyathea hirsuta* C.Presl (Cyatheaceae).

³⁷ Nome revisitado: *Hymenophyllum fragile* (Hedw.) C.V. Morton (Hymenophyllaceae)

³⁸ Nome revisitado: *Begonia reniformis* Dryand. (Begoniaceae)

³⁹ Nome revisitado: *Begonia maculata* Raddi (Begoniaceae)

⁴⁰ Nome revisitado: *Piper* L. (Piperaceae)

⁴¹ Nome revisitado: *Piper cernuum* Vell. (Piperaceae)

o que está além desse caótico cenário misterioso e instigando a fantasia da possibilidade de se encontrar um mundo encantado.

Glaziou e seu papel na constituição da Flora Brasiliensis

O estudo da correspondência entre Glaziou e Von Martius nos possibilitou entender a gênese da grandiosa *Flora Brasiliensis*, verdadeira representação da mais alta potência do furor pela ordenação do mundo natural. Idealizada e coordenada por Carl Friedrich Philipp Von Martius, esta audaciosa obra inclui todas as famílias, gêneros e espécies de plantas brasileiras conhecidas até a época de sua publicação, constituindo o maior projeto florístico realizado no seu tempo. Produzida entre 1840 e 1906, consiste, na sua forma final, em 15 volumes, subdivididos em 40 partes, originalmente publicados na forma de 140 fascículos individuais. Nela são tratados 2.253 gêneros e 22.767 espécies, dos quais 160 gêneros e 5.689 espécies eram novos para a ciência (Ferrão & Soares, 1996).

Para a produção de uma primorosa abordagem taxonômica de uma família botânica, descrevendo gêneros e espécies até então jamais descritos para a ciência, era imprescindível a realização do levantamento florístico desta e, para isso, dever-se-ia visitar maior o número possível de regiões no país e coletar uma amostragem bastante representativa de espécimes. O ardor de Glaziou nas suas práticas de coletas e herborizações vegetais, já mencionado anteriormente, teve um papel fundamental para a composição da *Flora Brasiliensis*. Nos relatos de Von Martius se percebe o estímulo do renomado botânico bávaro para que Glaziou participasse de modo efetivo e expressivo no suprimento de materiais botânicos de diversas famílias que iriam compor seu colossal projeto.

[...] eu me ocuparei das palmeiras para a *Flora Brasiliensis*, e vos peço, por instante, me fornecer os materiais disponíveis tão logo for possível. A pequena *Geonoma* que vós me enviastes merece esforços para descobrir sua frutificação.⁴²

Já fazem três semanas que vossa preciosa coleção de plantas chegou a mim e, somente hoje, pude vos indicar e vos estimar meus agradecimentos. Crede que meus sentimentos de reconhecimento não sairão nunca de minha alma. Quanto desejei vos expressar isso! [...] peço que façais toda diligência possível para mandar-me as Balanophoraceae do Rio (*Langsdorffia*, *Helosis*, *Lophophytum*, *Scybalium*) em exemplares frutíferos, principalmente em cachaça, pois não se conhece estes frutos e, Dr. Eichler, que trabalha sobre esta família e sobre as Loranthaceae, igualmente

⁴² Carta enviada por Von Martius, de Munique, em 24 de novembro de 1866.

parasitas (cujos sujeitos não são todos botanicamente definidos), seria muito auxiliado por tais comunicações.⁴³

E, ainda, na correspondência enviada de Munique, no dia 17 de outubro de 1867, o ilustre botânico bávaro comunica à Glaziou o recebimento da sua última remessa de plantas e diz que logo após terminar de ordená-las em famílias, as enviará para os especialistas de Nyctaginaceae, Gramineae (atual Poaceae), Sapindaceae, Loganiaceae, Bignoniaceae e Bromeliaceae, colaboradores da *Flora Brasiliensis*.

Glaziou se ligou com todo o seu coração à admirável obra de Von Martius, herborizava exaustivamente, fazendo fluir e circular entre o Brasil e a Europa um caudaloso rio de informações científicas. Entretanto, fazia questão de sublinhar que a única recompensa que desejava por todo seu esforço na coleta e herborização de plantas brasileiras era nada mais do que auxiliar a pesquisa botânica e adquirir o reconhecimento de todas as pessoas que aspiram pelo reino dos vegetais.

Pensando em Vossa Excelência e no prazer que vos causará estar diante destas plantas, [...] me sinto muito bem pago por minhas dores. [...] ser útil à botânica e obter algumas migalhas de atenção dos indulgentes personagens que a cultivam, é toda minha ambição na terra.⁴⁴

[...] vos peço que creiais que eu não tenho qualquer pretensão científica, nem literária, a dar, em meu nome, publicidade a qualquer nova espécie que tive a sorte de coletar após as vossas coletas, Senhor, e, após aquelas de todos os príncipes e dos vossos colegas que seguiram sobre esta terra prometida para botânicos! Eu me contento com o prazer que os bons servos encontram em coletar plantas, em prepará-las, em admirá-las, para oferecer, em seguida, aos mestres da ciência, os quais têm o direito de nomeá-las e descrevê-las. Então, Senhor, este é o meu salário que me preenche quando me é concedida vossa lealdade!⁴⁵

O entusiasmo de Glaziou pela ciência fez com que empregasse grande parte de seu tempo ao estudo e a ordenação de todos os seus materiais acumulados, de forma a elaborar um extraordinário herbário particular. Como expresso em seu manuscrito de 22 de junho de 1868, Glaziou julgava importante que os taxonomistas indicassem os números das suas coletas que foram examinadas para descrever as espécies da *Flora Brasiliensis*. Para ele, este ato

⁴³ Carta escrita por Von Martius em Munique no dia 18 de abril de 1867.

⁴⁴ Manuscrito escrito por Glaziou, no Rio de Janeiro, em 22 de maio de 1867.

⁴⁵ Carta de Glaziou escrita, do Rio de Janeiro, em 22 de outubro de 1867.

representaria uma forma de divulgação de suas atividades e contribuições científicas, além de significar uma bela expressão de reconhecimento dos grandes botânicos do século XIX.

A maior das honras que vós poderíeis fazer para minha coleção, e que eu apreciaria com toda a paixão de um monomaníaco, seria a de solicitar aos vossos ilustres colaboradores, citar, cada um em sua monografia, os números de meu herbário, objeto de todos os meus cuidados. Eu ficaria feliz de conhecer a opinião de Vossa Excelência sobre este ponto, quando o tempo e vossos trabalhos permitirem.

Em 28 de agosto de 1868, cerca de um mês após o pedido de Glaziou, Von Martius lhe escreve de sua casa de campo, em Schlehdorf, na Alta Baviera, dizendo que os colaboradores citarão com diligência os números de seu herbário e que ele cuidará pessoalmente para que os mesmos não negligenciem esta questão. Porém, em 08 de janeiro de 1869, sem ter ainda tomado conhecimento da morte de Von Martius, Glaziou lhe escreve extensivamente, manifestando com franqueza seu profundo desapontamento.

Logo que recebi a monografia de Loranthaceae, me pus a folheá-la, acreditando encontrar os números da minha coleção, reproduzidos logo a seguir dos espécimes, os quais tive o prazer de oferecer a Vossa Excelência. Com um vazio, não preciso vos explicar o quanto foi grande a minha decepção; contudo, vi com certa satisfação, que a maior parte das espigas que coletei com os meus suores, ganharam honrosa atenção do Sr. Eichler. [...] eu tenho a mais doce esperança de encontrar, mais tarde, uma vez que Vossa Excelência esteja disposta a me prometer, a garantia de que as monografias reproduzam, no grande livro, os números das amostras que tive a felicidade de vos oferecer.

Efetivamente, foi o botânico alemão Eichler o responsável pelo tratamento taxonômico da família Loranthaceae publicada no fascículo 44 da *Flora Brasiliensis*, em 15 de julho de 1868. Averiguando os materiais citados pelo taxonomista germânico como examinados para as descrições das espécies de Loranthaceae, corroborou-se o fato dos números de coleta das exsicatas de Glaziou não terem sido mencionados. Entretanto, Cogniaux, em sua monografia sobre as Malastomataceae apresentada em 01 de março de 1883, no fascículo 89, citou com zelo todos os números de Glaziou analisados para descrever as espécies.

Diante do ávido colecionismo e da ansiedade de descobrir novas espécies, a natureza dos trópicos era objeto de obstinada pesquisa científica, analisado sistematicamente pelo crivo da história natural (Lisboa, 1997). Para dar conta da magnitude da tarefa de catalogar e descrever todo o acervo colecionado no Brasil foi necessária participação de 65 taxonomistas, entre estes figuravam muitos dos mais ilustres botânicos alemães e europeus da época. Nenhum outro

projeto havia reunido tantos cientistas com a finalidade de elaborar um estudo de flora de uma região (Emmerich, 1994).

Entretanto, como exposto nas cartas de Von Martius, a busca pelos colaboradores era uma tarefa árdua. Exemplos de protestos do naturalista sobre esta questão podem ser observados em sua correspondência escrita no dia 22 de julho de 1867, de Munique: “Os jovens botânicos estão mais interessados no microscópio e na fisiologia física e química. Para conseguir um jovem homem como colaborador em botânica descritiva é preciso lhe pagar muito bem e o formar!” e, também, na de 04 de setembro de 1867, redigida em Schlehdorf: “Não é fácil achar os colaboradores! Poucos inspiram a confiança de trabalhar na direção necessária e na maneira desejada. O maior número dos botânicos inclina-se agora sobre estudos microscópicos, anatomia e fisiologia”.

É interessante constatar que Von Martius, em 1867, se mostrou sensibilizado com crescente desejo dos jovens botânicos nos estudos que se concernem ao metabolismo dos vegetais. De fato, na segunda metade do século XIX, as pesquisas relacionadas à estrutura das plantas ampliaram para domínios jamais alcançados graças ao desenvolvimento de novos procedimentos químicos e aos progressos técnicos em microscopia. A partir desse momento a fisiologia dos vegetais se expandiu de maneira considerável e, em alguns anos, o estudo do funcionamento vegetal tornou-se um ramo independente e fundamental da botânica, com suas próprias leis e métodos, equivalente à sistemática e a morfologia⁴⁶ (Magnin-Gonze, 2004).

Outro entrave para o recrutamento dos descritores das famílias que constariam na *Flora* se referia à obtenção e garantia dos honorários destinados aos especialistas, como relatado por Von Martius, em 28 de maio de 1866.

Atualmente, eu preciso de uma segurança para garantir que os botânicos descritores se comprometam com as famílias mais interessantes e também as mais vastas, como as Rubiaceae, Euphorbiaceae e Compositae⁴⁷, proporcionando-lhes altos honorários (por folha). Quem quer se entregar a um trabalho de 3-4 anos, se não se prevê uma recompensa lucrativa?

⁴⁶ Com o empirismo baconiano e o racionalismo de Descartes, inicia-se um processo de crise do antigo projeto unitário do conhecimento. Começaram a surgir críticas à forma pela qual o homem se apropriava do conhecimento e, como consequência desse novo pensamento, o mundo passa a ser dividido em facetas e níveis de organização. Nasce aí, a disciplinarização do saber, que alcançou enormes proporções no século XIX (Fleck, 1989). Tanto a Fisiologia Vegetal como as demais ramificações da botânica, com seus procedimentos metodológicos apurados e modernos instrumentos específicos, são oriundas desse movimento, dessa nova maneira de se fazer ciência (Magnin-Gonze, 2004).

⁴⁷ Atual Asteraceae.

Uma questão curiosa que não se pode deixar de ressaltar é o fato de que apesar das constantes reclamações sobre as dificuldades em se conseguir colaboradores para o tratamento das famílias que constariam na *Flora Brasiliensis*, Von Martius, em nenhum momento, considerou a possibilidade de contratar especialistas brasileiros. Esse fato pode ser constatado em muitos de seus relatos, como esse de 22 de julho de 1867.

[...] para ganhar as disposições favoráveis dos colaboradores, eu levo muito tempo e, [...] para reconhecer o terreno entre vossos compatriotas, o Sr. Eichler vai à Paris, ver também a exposição, e esperar por aqueles colaboradores que possuam o trabalho sobre as mãos.⁴⁸

Também em sua carta de 13 de julho de 1868, quando diz que pretende ir a Alemanha buscar colaboradores para as famílias Compositae (=Asteraceae), Melastomataceae, e Rubiaceae. E, igualmente, no manuscrito de Glaziou para Von Martius, escrito pouco após a morte do botânico bávaro, em 08 de janeiro de 1869, onde Glaziou pronuncia seu desejo de que a viagem proposta por Von Martius às cidades alemãs Berlin e Leipzig à procura de colaboradores para a *Flora* tenha sido bastante agradável e satisfatória.

Dos 65 taxonomistas participantes da *Flora Brasiliensis*, 38 eram alemães, cinco austríacos, cinco ingleses, cinco suíços, quatro franceses, dois belgas, dois dinamarqueses, dois tchecoslovacos, um holandês e um húngaro (Mello Leitão, 1937). A falta de reconhecimento e o descaso dos naturalistas estrangeiros pelos trabalhos científicos desenvolvidos pelos brasileiros, assim como, os privilégios concedidos pelo governo aos pesquisadores europeus já faziam parte das reivindicações dos membros da comunidade científica nacional, tais como o botânico Francisco Freire Alemão Cysneiros e o naturalista Guilherme Schüch, primeiro e único barão de Capanema, que propunham uma nova ordem em relação ao apoio governamental aos estudiosos do país (Sá, 2001).

Conduzir as ações práticas para o desenvolvimento de uma obra tão monumental como a flora do Brasil requeria determinação e perspicácia. Era preciso astúcia para angariar os exorbitantes recursos indispensáveis para sua publicação. Em 1840, foi publicado o primeiro fascículo, *in folio*, graças aos patrocínios de Fernando I, imperador da Áustria, e de Ludwig I, rei da Baviera. Porém, em 1848, com a abdicação de Ludwig, a verba necessária para dar continuidade ao maior projeto florístico de todos os tempos tornou-se escassa (Lisboa, 1997).

⁴⁸ Carta escrita por Von Martius em Munique em 22 de julho de 1867.

Von Martius recorreu então, auxílio ao Brasil, uma vez que esse produto representaria uma fonte preciosa de conhecimento aos interesses do Império. Porém, esse seria mais um grande desafio para o botânico bávaro que encontrou, em Glaziou, um grande aliado. O depoimento abaixo retrata a angústia de Von Martius em obter incentivos que garantissem o prosseguimento e conclusão de sua idealização.

[...] decidirão os brasileiros, que amam a sua pátria e a ciência, ajudar, cada um à sua maneira, a fim de que a obra possa ser concluída mesmo após a minha morte. Senhor! Minha vida só foi trabalho, mas eu trabalhei porque acredito no destino dado, pela ordem superior, para cada esforço. Se, no começo da obra, eu tivesse encontrado tanta boa vontade como no presente, tudo teria caminhado mais rápido e, quem sabe, eu poderia ter-me visto no fim desse empreendimento. [...] Eu vos digo tudo isso, Senhor, para vos explicar a dificuldade de caminhar mais rápido sem a assistência dos brasileiros. Na Europa, já é grande coisa não perder os assinantes, cansados de uma publicação de tão longo fôlego.⁴⁹

Os constantes diálogos efetuados entre os dois personagens confirmam que a influência de Glaziou na elaboração da *Flora Brasiliensis* não se restringia apenas ao abastecimento de coletas de plantas das diferentes regiões do Brasil. Paralelamente a essa atividade, Glaziou esteve fortemente envolvido nas questões políticas e financeiras desse ambicioso projeto. Na carta escrita por Glaziou, em 24 de novembro de 1866, é possível observar o comprometimento e eficiência do bretão a fim de atingir os bens condizentes.

A questão relativa à *Flora Brasiliensis*, foi posta em discussão, no último mês de julho, pelo valoroso deputado F. J. Fialho e, após seus dizeres, a maioria de seus colegas estava simpaticamente predisposta a esta importante questão. Estando, então, me correspondendo, pessoalmente, com muitos deles, a fim de me assegurar sobre os resultados, todos estes me confirmaram a aceitação da câmara quadrienal, mas, o caso deve também passar pelo Senado. Infelizmente, o encerramento precipitado da Assembleia Legislativa postergou, para o mês de junho do ano próximo, a decisão indubitavelmente favorável deste grande negócio. Todas as promessas, que me foram feitas por muitos ministros e senadores influentes, me deixaram a feliz convicção que vos convido a dividir comigo. A subvenção que pedi foi de dez contos de réis anuais (cerca de 25.000 francos). Os pagamentos devem começar a partir de 1867 e continuar até 1876, época fixada para a conclusão do empreendimento. Munidos destes recursos, esperamos que Deus ouça as nossas preces e vos dê tempo para recompensar, bem além do que haveis ponderado, a coroação de uma obra levada com muita constância para o seu cumprimento.

⁴⁹ Carta redigida em Munique no dia 28 de maio de 1866

Em 23 de junho de 1867, Glaziou volta a escrever a Von Martius, comunicando-lhe que as Câmaras acabam de abrir e que ele estará de prontidão para garantir a subvenção. No mês seguinte, Von Martius reafirma sua preocupação.

Se o voto de vossas câmaras facilitarem a continuação e a conclusão da Obra, eu poderei buscar os colaboradores, mas, se o caso não prosseguir, tentarei concluir tão logo possível os volumes começados e, após, [...] me retirarei do trabalho, que é muito duro para a vida de um homem.⁵⁰

Em 23 de julho de 1867, Glaziou procura apaziguar a inquietude de Von Martius com a seguinte participação: “Após o gracioso dizer de S. M. o Imperador, o grande advogado de nossa causa, a subvenção está assegurada!”. E, dois meses depois anuncia o sucesso definitivo.

Nossa causa está ganha e não poderia ser diferente [...]. As duas câmaras autorizaram o governo a tratar com Vossa Senhoria sobre a conclusão da *Flora Brasiliensis*, e lhe concederam provisoriamente a soma de dez contos de réis (25.800 f.) para a sua continuação. As influências que fizeram triunfar esta nobre causa foram primeiramente S. M. o Imperador, pelo Senado, e meu velho amigo Sr. F. J. Fialho, na câmara de deputados; tanto um como outro devem permanecer em vossa lembrança.

Modesto, Glaziou subestima sua bela colaboração e prossegue.

Quanto a mim, por me ter pendurado na corda do sino que soou em todos os tons, não é preciso pensar; eu já estou mais que preenchido por vossas generosas intenções, as quais serei, durante todos os meus dias, vosso bem feliz devedor; morrerei sob a carga, é necessário dizer, mas preso ao vosso churrião, como a humilde rêmora aos flancos do gigante que atravessa o tempo e o espaço.⁵¹

Entretanto, como se pode verificar nas correspondências, o empenho e a perseverança do bretão se mostraram fundamentais para que os créditos necessários à continuação dessa imensa e onerosa obra fossem regularmente concedidos até a sua conclusão, em 1906, inclusive após a queda do Império e a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

Na nota biográfica sobre Glaziou, escrita em 1906, por Cogniaux, foi ressaltada a considerável influência de Glaziou nos assuntos relacionados à ciência no Brasil do século XIX quando, em muitas circunstâncias críticas, ele argumentou com tenacidade a favor da

⁵⁰ Carta enviada por Von Martius, em 22 de julho de 1867, de Munique.

⁵¹ Carta enviada por Glaziou do Rio de Janeiro, em 23 de setembro de 1867.

continuação da *Flora Brasiliensis* intervindo, até mesmo, junto ao imperador d. Pedro II nas questões associadas às dificuldades financeiras para a realização do grande projeto.

Apesar do financiamento do governo brasileiro, a obra de Von Martius visava, principalmente, o público europeu, muito interessado em locais exóticos, repletos de singularidades naturais, sociais, étnicas e políticas. Pensando nesse leitor, além de descrever as riquezas da flora brasileira e apresentar uma classificação sistemática em ordens, gêneros e espécies, Von Martius também tinha o propósito de descortinar, através das ilustrações, as paisagens, um panorama completo das belezas naturais do Brasil, incluindo os tipos humanos e seus costumes, associados aos diversos ambientes retratados. Assim, o primeiro volume da *Flora Brasiliensis* compreende 59 *Tabulae Physiognomicae*, compostas por pranchas litografadas, que representam os aspectos das diversas fitofisionomias observadas, constituindo um primeiro ensaio sobre a fitogeografia do Brasil.

As 59 pranchas fisionômicas litografadas a partir dos originais de diversos artistas como Thomas Ender, Benjamin Mary, Johan Jacob Steinmann e do fotógrafo George Leuzinger tiveram intervenções posteriores, como a introdução de detalhes morfológicos das espécies vegetais autóctones dos ambientes ilustrados, de modo que fosse possível realizar suas identificações botânicas. A intenção era transmitir o conhecimento das plantas brasileiras em meio ao teatro da própria flora e, percorrendo com os olhos da alma, alcançar a visão das diversas regiões geográficas do Brasil, cada uma delas com suas peculiares árvores, arbustos, ervas e trepadeiras que conferem as diferentes cores festivas que variam imensamente nos diferentes domínios cenográficos, até então pouco explorados. Desta forma, essas representações imagéticas constituíram uma introdução rica, abrangente e ilustrativa da flora brasileira, tratada de modo sistemático nos 39 volumes seguintes e, foram responsáveis por revelar a grande percepção e sensibilidade de Von Martius quanto às particularidades de um “novo mundo” detentor de um verdadeiro tesouro botânico.

Na base inferior esquerda da quinquagésima nona prancha fisionômica do catálogo encontra-se o nome do fotógrafo George Leuzinger. É interessante o fato de Von Martius, em sua última litogravura, ter utilizado como original uma fotografia, um meio de captação de imagens bastante recente à época.

Durante a última metade do século XIX, o progresso encontrava, a partir de uma crença esmagadora na ciência, respaldos para justificar os planos e mapeamentos do futuro, já que o

crescente desenvolvimento científico projetava a certeza de que o homem teria o poder de tudo controlar. Nesse período, surgia a necessidade de uma nova técnica de representação visual condizentes às demandas da época. E, foi a fotografia, com seu realismo inato, sua precisão e capacidade de imitação exata, que tomou a dianteira, servindo como proteção contra as interpretações subjetivas dos desenhos e pinturas, já que não exigiria do observador nenhuma decodificação. Assim, a fotografia se tornou um agente crucial na história das configurações espaciais. No Brasil, essa moderna técnica de reprodução aparece muito ligada à natureza, atuando como elemento fundamental do projeto de visionar o espaço de uma forma nova, numa configuração de reconhecimento e apropriação de territórios, ajudando a definir um inédito sentimento nacional (Brizuela, 2012).

No breve relato presente na carta enviada por Von Martius para Glaziou, em 13 de julho de 1868, é possível constatar que os naturalistas viajantes que percorreram as terras brasileiras no século XIX se valeram da fotografia para caracterizar as diferentes regiões geográficas do Brasil e, que foi Glaziou quem enviou a foto que serviu de modelo para a última prancha fisionômica da *Flora Brasiliensis* intitulada *Floresta que sombreia as encostas das montanhas da Serra dos Órgãos, na província do Rio de Janeiro* (Fig. 5): “Entre as fotografias que V. S. me enviou, tem uma da Serra dos Órgãos, que hei de reproduzir na *Flora*. Mas, faltam-me as denominações dos singulares cumes daquela montanha e a altura (se for conhecida)”.

E, na carta remetida em 22 de agosto de 1868, Glaziou testemunha a autoria de Leuzinger desta importante fotografia capaz de reproduzir essa preciosa cópia da natureza tropical e contribuir para a criação de uma imaginação geográfica do Brasil.

Sobre essas fotografias, que devemos a benevolência de um homem, que é tanto admirador da bela natureza como bom servo dos conhecimentos úteis, o senhor G. Leuzinger, que de boa vontade quis prestar-se aos meus caprichos e partilhar a fadiga de minhas viagens, eu seria infinitamente obrigado a V. Ex^{cia} se fosse possível colocar, em uma das grandes páginas de seu livro, uma palavra de gratidão acerca disto.



Figura 5 – 59^a Prancha Fisionômica da Flora Brasiliensis / Fonte: <http://florabrasiliensis.cria.org.br/>

Por oferecer uma imitação potencialmente perfeita da realidade, essa máquina de visão passa a ser usada também pelos cientistas de diferentes países e regiões como uma ferramenta frutuosa, já que permite a troca de informações autênticas e necessárias para reconhecer e demonstrar características morfológicas das espécies estudadas. Evidências da utilização dessa nova tecnologia de captura de registros visuais como recurso para uma possível identificação botânica foram encontradas nas correspondências analisadas, como pode ser observado neste relato de Glaziou escrito em 23 de junho de 1867: “Pela correspondência do próximo 24 de julho, eu me proponho a vos fazer alcançar a fotografia do nosso *Geonoma* n^o1.180, a fim de que possais descrevê-la com perfeito conhecimento de causa, se realmente ela é nova?”.

Antes do surgimento da fotografia, a principal ferramenta imagética de transmissão do saber botânico era o desenho. O início da utilização das gravuras de forma sistematizada para a realização de descrições científicas, pelos naturalistas viajantes do século XIX, costuma ser associada às expedições de Alexandre von Humboldt, num período onde a crítica iluminista das viagens fantásticas e dos registros poucos precisos já vinha sendo incorporada pelos novos viajantes (Kury, 2008). Diante da impossibilidade de se conservar todos os elementos significativos de certas espécies vegetais em herbário, a ilustração botânica busca, ainda hoje, apresentar da forma mais fiel possível, os caracteres julgados essenciais daquilo que se

observa. Deste modo, uma gravura capaz de oferecer uma imagem exata da planta, torna-se um complemento indispensável, podendo servir de suporte taxonômico, acrescentando um novo grau de certeza para compor a descrição de uma espécie⁵².

Em virtude da notória importância da iconografia, Von Martius demonstra, em sua carta de 24 de novembro de 1866, sua intenção de descrever e ilustrar um número bastante significativo de espécies, propiciando uma representação visual da riqueza de táxons e da diversidade morfológica da flora tropical.

Esses cadernos dão as descrições de 7.568 espécies, pertencentes a 794 gêneros. As pranchas (968) e as paisagens (55) formam a ilustração iconográfica. [...] Para descrever e ilustrar as 9.616 espécies que faltam, segundo uma avaliação feita, serão necessárias 800 folhas e 11-12.000 pranchas. Que trabalho imenso! Eu disse ao governo brasileiro que em dez anos a obra poderia ser concluída, desde que seja facilitado o andamento da empresa.

Entretanto, apenas um total de 3.811 pranchas, de impressionante qualidade, ilustram os 6.246 táxons descritos na *Flora Brasiliensis* (Martius *et al.*, 1840-1906), uma quantidade bastante inferior às 9.616 espécies esperadas por Von Martius. O custo das gravuras sempre foi um obstáculo para a publicação de livros ilustrados. Muitos botânicos, tais como Robert Morison (1620-1683), Jonh Ray (1627-1705), Pier Antonio Micheli (1679-1737) e Carl von Linné (1707-1778) jamais puderam publicar as pranchas previstas para suas obras em função da falta de financiamento, ainda que seus cadernos de notas estivessem repletos de belos desenhos (Lamy, 2008). É provável que tenha sido o valor atribuído a cada imagem o motivo da considerável redução de ilustrações expostas na *Flora*.

Seguindo os registros apresentados nas narrativas epistolares, tudo leva a crer que Glaziou também realizou o trabalho de ilustrador para a grande *Flora* do Brasil, como pode ser observado nesse relato de 13 de julho de 1868, onde Von Martius relata: “Espero que estejais bem, e sempre em esforços para a ilustração da *Flora Brasiliensis*”. Ou nesse outro, exposto na carta escrita pelo bávaro, em Schlehdorf, no dia 28 de agosto de 1868.

O nosso amigo comum, Sr. Henr. Laemmert, está neste momento comigo em Schlehdorf, aquele lugar ameno nas montanhas aonde descanso dos meus trabalhos. Crede que muitas vezes falamos em vossos louvores! O vosso amor pela ciência, o entusiasmo com o qual prossegue o caminho de ilustrador da Flora do Brasil, a

⁵² Lamy (2008), a partir de exemplos não exaustivos, evoca o desenho como um instrumento permanente na atividade do botânico. Relata também um pouco sobre a história da ilustração na botânica e, traz um denso estudo sobre as dificuldades ligadas à sua publicação e a importância do desenho como prova de observação.

generosa devoção que oferece aos vossos amigos, encontram em nós dois a justa gratidão.

De acordo com as evidências exibidas acima, tudo leva a crer que Glaziou executou a tarefa de desenhista, porém, examinando a obra, não foram encontradas provas que confirmem esse fato. É possível que Glaziou tenha sim desempenhado tal função, mas, suas pranchas não tenham sido publicadas ou, que sua autoria tenha sido omitida, já que muitas gravuras não possuem o nome do autor identificado.

Como exposto nos depoimentos abaixo, Von Martius declarava um grande reconhecimento pela maestria, habilidade e sabedoria prática de Glaziou que se traduziam em eficiência e determinação, atributos que eram movidos pela satisfação de se ver fazendo parte de um ideal tão importante e extraordinário: “Não sei, de verdade, como posso mostrar minha gratidão a um homem, que com tanta simpatia literária se assunta dos meus trabalhos! Deus [...] sabe medir minha gratidão.”⁵³; “[...] tudo o que vós fizestes pelos interesses da *Flora Brasiliensis* me obrigam, realmente, a vos pedir, com a franqueza de um alemão, [...] que digais como posso vos ser útil, e como diminuir a obrigação que eu tenho para convosco”.⁵⁴

Ontem, recebi vossa carta do dia 23 de junho e não tenho como vos expressar o quanto estou sensível às expressões de vossa simpatia por mim, comprovado pelos fatos, que provam que vós sois um homem de ação! Manifesta-se aqui o gênio de um velho bretão: benevolente, franco e ativo sobre o mar e sobre a terra! Eu aprecio essas virtudes, que se ocupam todas ao meu proveito [...].⁵⁵

De fato, a *Flora Brasiliensis* consistia num abissal projeto de levantamento e catalogação completos da flora brasileira, o qual Glaziou sabia dimensionar a relevância. Publicada há mais de um século essa obra prima constitui, até os dias atuais, uma referência fundamental para qualquer pesquisador do ramo da botânica, ponto de partida para os estudiosos que buscam revelar a diversidade florística pertencente a esse extenso território (Ferrão & Soares, 1996).

Convencido do talento de Glaziou e imensamente desejoso de retribuir toda a diligência do francês nos assuntos referentes à *Flora Brasiliensis*, Von Martius não mediu esforços para incentivar a carreira do bretão como botânico profissional.

⁵³ Correspondência redigida por Von Martius, em Munique, no dia 17 de outubro de 1867.

⁵⁴ Carta escrita por Von Martius em Munique, em 15 de janeiro de 1868.

⁵⁵ Carta submetida por Von Martius, de Munique, em 22 de julho de 1867.

Em 15 de janeiro de 1868, o renomado botânico o propõe apreciá-lo com um título de doutor em filosofia mediante a apresentação de um livro, um escrito, ou uma dissertação impressa ou destinada à impressão, uma vez que as universidades alemãs e a Academia Imperial dos Naturalistas Alemãs somente acordavam em conferir o grau de doutor após o cumprimento dessa exigência. Empolgado para que Glaziou obtivesse tal honra, Von Martius o sugere alguns temas a serem desenvolvidos.

Um olhar sobre a vegetação dos arredores do Rio de Janeiro. Vós podereis falar sobre a qualidade do solo, da elevação das montanhas, das áreas de restinga, da mudança de vegetação em certa altura (até o alto da Gávea e do Corcovado); sobre os terrenos de areia, de pradarias secas e pantanosas; sobre as florestas de capoeira e mato virgem; sobre a distribuição das árvores de grande porte nas florestas (estatísticas numéricas); sobre a distribuição dos criptógamos, das samambaias e samambaias arbóreas; sobre a vegetação dos jardins; sobre as plantas cultivadas e exóticas; sobre a idade e o tempo de floração; sobre o clima, o vento, etc. Vós podereis dar também uma lista de nomes vernaculares, uma lista de árvores úteis, de algumas plantas medicinais, etc.⁵⁶

E, ainda, nessa mesma carta, Von Martius prossegue encorajando o bretão:

Tudo isso, com vossa vivacidade e com a elegância francesa, forma um belo trabalho. É necessário escrever em francês. Se vós me confiardes uma cópia de vosso manuscrito, eu farei algumas pontuações, algumas notas, etc. e, enfim, vós sereis o primeiro habitante do país a falar mais amplamente sobre a vegetação de uma só região.

Nós poderíamos imprimir vosso discurso em Alemão, e eu o apresentaria ao presidente da Academia [...]; desejo que, se esse plano vos for conveniente, vos ocupeis disso em breve.

Apesar de Glaziou ter afirmado, em sua carta de 21 de março de 1868: “o mais belo título que posso ter reconhecimento, é aquele de meu trabalho manual, ele me é suficiente para me fazer estimado por todas as pessoas boas que eu conheço”, a indicação e obtenção de um título de doutoramento representava uma oportunidade única de firmar sua reputação no restrito círculo científico de sua época. E, um mês após a humilde declaração referida acima, Von Martius divulga a afortunada notícia.

É com sumo gosto que anuncio a V. S. que a Imper. Acad. Leop. Carolina Naturae Curiosorum tem nomeado V. S. doutor em filosofia. O maior diploma [...] foi por mim mandado pela casa de Lâmmert em Stuttgart; alguns outros exemplares hão de chegar a vossa mão pelo Sr. Moniz de Aragão, Cons. Ger. em Hamburgo; outros, pela Embaixada de Viena, pois mandei pelo meu amigo, o Dir. do Jardim Botânico em

⁵⁶ Manuscrito escrito por Von Martius de Munique, em 15 de janeiro de 1868.

Viena, Dr. Fenzl. Este se uniu a mim para apresentar V. S. à Acad. Leopoldina, como digno do Doutorado pelos serviços eminentes que tem prestado, e continua a prestar à botânica, nos seus estudos sobre a vegetação do Brasil. Estimo sumamente que a Europa [...] documente ao Brasil como se aprecia o que V. S. faz, com uma energia rara, desenvolvendo conhecimentos que dão frutos dobrados a um país onde a *amabilis scientia* ainda não está tão enraizada [...]. Desejo que V. S. goste bem desta honra a V. S. conferida! [...] V. S. poderia, uma vez, mandar à Acad. algumas notícias interessantes sobre a vegetação do Rio, ou sobre certos vegetais interessantes; isso haveria de ser aceito com gosto.⁵⁷

Ao que tudo indica, Von Martius conseguiu o título de doutorado em filosofia para Glaziou mesmo sem a proposição de qualquer documento escrito submetido à publicação. Lisonjeado pela atenção, dedicação e ato de retribuição do grande botânico bávaro às consequências positivas resultantes de todo seu empenho na batalha para publicação da grande obra, Glaziou transmite seus sentimentos.

[...] não é com pouca inquietação que eu recebo de vossa amável munificência o diploma de doutor em filosofia, devido unicamente a uma delicadeza, a qual somente vós sois capazes. Temo que esta honra, pouco merecida, não diminua o mais precioso título que vós me concedestes em vossa lembrança. Se eu procurei apoiar, segundo meus fracos meios, a marcha da *Flora Brasiliensis*, crede, eu o tenho feito por puro amor aos conhecimentos úteis e sem segunda intensão alguma. Por outro lado, vossas lições, tão benévolas e tão instrutivas, com as quais eu conto com confiança, me terão mais do que indenizado por minhas herborizações que, por sua essência própria, já contribuem para o grande encanto de meus dias.⁵⁸

Decidido em arquitetar novos parâmetros sobre o modo de divulgar suas percepções a respeito da natureza brasileira, Glaziou segue as recomendações de Von Martius e começa a configurar, ainda que timidamente, seu primeiro texto científico a ser apresentado a uma entidade de renome. Inseguro de sua futura narrativa, em 22 de junho de 1868, pede auxílio a seu venerável mestre.

[...] eu me proponho a prosseguir no caminho que Vossa Excelência teve a benevolência de traçar-me. [...] buscarei, ainda que inábil no manejo da pena, [...] satisfazer a Imperial Academia Leopoldina Cesárea por meio de alguma notícia sobre a vegetação dos entornos do Rio de Janeiro. Submeterei, primeiramente, à vossa obsequiosa censura; depois, Vossa Excelência fará dela o uso que lhe aprouver.

⁵⁷ Carta enviada por Von Martius, de Munique, em 22 de abril de 1868.

⁵⁸ Carta de Glaziou datada de 22 de junho de 1868, do Rio de Janeiro.

Infelizmente, não foi possível encontrar a publicação referida, talvez, Glaziou jamais a tenha concluído ou enviado à Academia. Porém, o que merece ser destacado foi o evidente incentivo de Von Martius, que se tornou um grande mentor de Glaziou em seus estudos botânicos, contribuindo para a entrada do coletor francês no cenário intelectual europeu.

O ensino ilustrado da história natural caminhou ao passo com criação das academias científicas em vários países europeus. As academias ou sociedades podiam ser entendidas como “congregações do saber”, que promoviam a pesquisa científica, estimulando a criação, discussão e divulgação de conhecimentos. Faziam parte delas um conjunto de cientistas, homens notáveis, prontos a auxiliarem os governos em questões de ciência e técnica, assim como na economia, meteorologia, solos, climas, faunas e floras. Para se afirmar uma teoria científica era necessária sua comunicação aos membros dessas entidades, que a criticavam livremente. Várias academias científicas foram criadas com tais objetivos, ainda no século XVII e, nos oitocentos, estava consolidada a importância desses centros caracterizados pela transmissão autorizada de saberes (Marques, 2005). Pertencer a um desses núcleos de conhecimento simbolizava a conquista de grande prestígio e, Von Martius, já em 22 de julho de 1867, demonstrava sua grande gratidão e reconhecimento pelos trabalhos de Glaziou decretando-o membro da importante Sociedade Botânica de Ratisbonne: “Em minha posição na Ratisbonne, eu me faço o dever de vos propor membro, e vós recebereis o diploma por intermédio de nosso amigo Laemmert”.

O auxílio e amparo proporcionados pelo respeitável botânico tiveram um papel decisivo para a inserção de Glaziou no meio intelectual. Bureau (1908), conta que além de doutor em filosofia, era membro de numerosas sociedades científicas e, Cogniaux (1906) lembra que a Sociedade Real de Botânica da Bélgica o elegeu membro associado da entidade, em 1906, devido aos grandes serviços rendidos à botânica em geral e, em particular, ao Jardim Botânico de Bruxelas.

A relação entre Glaziou e Von Martius

Através da leitura e apreciação da extensa correspondência entre Glaziou e Von Martius foi possível delinear, com maior clareza, a transformação de Glaziou de amador a cientista e, a contribuição crucial de Von Martius na trajetória para consolidação da sua posição de destaque entre os estudiosos da flora brasileira.

Em manuscrito datado em 18 de fevereiro de 1868 fica claro que Von Martius instigava Glaziou nos estudos científicos, aguçando seu desejo de fazer novas descobertas no domínio da botânica.

Outro ponto, consiste em examinar a destinação dos orifícios formados nos pecíolos das samambaias arbóreas. Qual é a natureza das células que lá se encontram? Será que podemos semeá-las? Serão eles órgãos produtores, como os tubérculos⁵⁹ das Lycopodiaceae (*Selaginella?*).

Como um bom e entusiasmado aprendiz, Glaziou assume o desafio de tentar descrever e compreender a miríade de novidades que surgia com o desenvolvimento dos diferentes ramos das ciências naturais. Sobre isso, o francês comenta em 22 de junho de 1868:

Até agora não tenho percebido sinal algum de germinação produzida nos corpúsculos ou na pubescência aparente que se acha sobre a base dorsal das hastes dos fetos arborescentes de que Vossa Excelência me fala. Esta ideia, com efeito, cheia de interesse, merece toda a atenção dos fisiologistas. Acerca deste assunto, tenho feito algumas tentativas de atenta observação, suficientes para deixar-me distinguir que, entre estes órgãos, existem espécies de esporângios munidos de um anel bem caracterizado.

Os relatos acima sugerem que os orifícios encontrados nos pecíolos dos fetos arborescentes referidos por Von Martius sejam os pneumatóforos presentes na família das Cyatheaceae. Como relatado por Glaziou, essas estruturas não estão associadas à reprodução, mas sim à respiração, pois são formadas por numerosos estômatos que propiciam as trocas gasosas com o ambiente (Ogura, 1972). É interessante notar também que Glaziou observou algo peculiar nos órgãos que produzem esporos das samambaias arborescentes. Efetivamente, os esporângios das Cyatheaceae apresentam um anel oblíquo não interrompido pelo pedicelo, designando um caráter diagnóstico para este grupo (Prado & Freitas, 2005).

O incentivo e motivação de Von Martius levando Glaziou a se dedicar cada vez mais aos conhecimentos sobre o reino vegetal, estabelecendo parcerias com respeitadas botânicos da época e se lançando no campo da história natural perpassam por todos os manuscritos analisados: “Se V. S. decidir compor as listas das espécies que crescem nos arredores do Rio, ordenadas segundo famílias, tratarei com V. S. sobre a maneira em que isso se efetuará”.⁶⁰

⁵⁹ De fato, algumas Lycopodiaceae e Selaginellaceae possuem tubérculo, frequentemente escamoso, globular a alongado, em geral formado nos rizomas ou estolões (Lellinger, 2002). Porém, ao contrário do que pensava Von Martius, essa estrutura não possui função reprodutiva e sim de armazenamento.

⁶⁰ Carta escrita por Von Martius, em 22 de abril de 1868.

No fim desta longa carta, eu o desafio a engajar-se, meu caro senhor, a fazer as listas sobre as localidades das plantas encontradas no Rio e reunir-se ao Sr. Netto para a composição de uma Flora local. Desta maneira difundiremos conhecimentos e o gosto de herborizar, de fazer coleções, de assinalar as plantas úteis, de fixar a nomenclatura provincial. Desta forma, essas listas poderiam ser publicadas nos folhetins de uma gazeta.⁶¹

Nos dois trechos transcritos acima, observa-se a necessidade de catalogar as riquezas vegetais do Estado do Rio de Janeiro, esquadrihar todos os pormenores do território, dando continuidade ao processo de conquista, dominação e conhecimento dessa imensa “terra incógnita”, marcada pela desmedida diversidade natural, verdadeiro paraíso para os naturalistas. Percebe-se também o emprego de determinados procedimentos utilizados pelos estudiosos da natureza em suas práticas científicas como, coletar, herborizar, colecionar, descrever e classificar. Mas, além dos pontos discutidos acima, o que chamou atenção no segundo relato, assim como em outros já expostos anteriormente, foi que Von Martius deixava transparecer o utilitarismo, característica do pensamento científico moderno. Como o próprio botânico bávaro dizia: “Não pode haver glória nas coisas inúteis!”.⁶²

No século XIX, o conhecimento da natureza confundia-se à faina da exploração econômica dos recursos naturais. Assim, um levantamento sobre a utilidade das espécies vegetais que crescem na província do Rio de Janeiro ofereceria ao governo meios de estimular a agricultura, a indústria, o comércio e apresentaria os remédios que ajudariam a superar os entraves para que o “Reino do Brasil” conseguisse ser inserido, cada vez mais depressa, no rol das nações “civilizadas”. Tornava-se necessário um imensurável esforço de registrar e inventariar o país, com a intensão de produzir informações pragmáticas valiosas, para explorá-lo economicamente (Domingues, 2009).

Protagonista na atividade de permuta nacional e internacional de vegetais, Glaziou iniciou e organizou uma enorme coleção de espécies vivas no quintal de sua residência localizada no Passeio Público do Rio de Janeiro. E, Von Martius fazia questão de demonstrar seu verdadeiro encantamento pela enorme diversidade de táxons reunidos por Glaziou, como expresso em sua carta de 22 de julho de 1867: “Eu estou impressionado com a riqueza de vossa coleção de palmeiras! Parece-me que vós recebestes muitas espécies da Bélgica e outras da Bavária?”.

⁶¹ Carta enviada por Von Martius, de Munique, para Glaziou, em 22 de julho de 1867.

⁶² Citação presente na correspondência enviada por Von Martius, de Munique, em 24 de novembro de 1866.

Conceituado por seus trabalhos paisagísticos e prestigiado pela comunidade científica, o bretão conseguia mudas e sementes de plantas raras e exóticas apreciadas entre os botânicos e paisagistas de todo o mundo (Hetzl, 2011). Percebe-se que o mestre bávaro estava totalmente envolvido com essa iniciativa de Glaziou, auxiliando-o nas articulações sociais para que incorporasse, cada vez mais, novos exemplares da flora mundial em sua coleção e, até mesmo, o estimulando em obter, com essa prática, algum de retorno financeiro.

Meu amigo, Sr. Ferdin. Müller, professor e diretor do Jardim Botânico de Melbourne, Victoria, Austrália Felix, cultivava muitas palmeiras e samambaias arbóreas. Valeria muito a pena se vós vos colocásseis em correspondência com ele, desejando que ele vos envie sementes e pequenas plantas, para o embelezamento de vosso jardim público, que já ganhou muitas (como eu vejo pelas fotografias que vós tivestes a bondade de me enviar). Diga a ele que sou eu que vos dirigiu a colocar-se em correspondência com este excelente homem.⁶³

“As Arecaceae e Orchidaceae do Rio de Janeiro podem se desenvolver também sobre vossa direção, voltando-se para o comércio de plantas”⁶⁴.

Longe de ser apenas um colaborador científico, Glaziou foi alguém extremamente próximo e estimado por Von Martius. Os sentimentos de amizade, admiração e gratidão perpassam repetidamente em suas cartas.

Vós me perguntastes se recebi todas as vossas cartas? Eu tenho defronte de mim aquelas dos dias 23 de novembro de 1866, 23 de janeiro de 1867, 22 de maio de 1867 e 23 de junho de 1867. Todas essas cartas respiram uma amizade que eu sei fortemente bem apreciar o valor, e por aquela eu serei ligado a vós até o fim da minha vida.⁶⁵

Acabo de receber o novo documento da sua amizade por mim e da sua infatigável obstinação em promover a ciência. Escrevo a V. S. da campanha, sem ter visto aquela remessa, e não posso então dizer mais outra coisa que: mil agradecimentos por tanta bondade! V. S. tem franqueado até a Munich o seu donativo, mas isso me parece mais generosidade que eu pudesse merecer e aceitar, e peço, então, a V. S., que insinue ao Sr. Flouret indicar-me para ser restituído do frete.⁶⁶

⁶³ Correspondência enviada por Von Martius de Munique, em 24 de novembro de 1866.

⁶⁴ Carta enviada por Von Martius, de Munique, em 24 de novembro de 1866.

⁶⁵ Carta escrita por Von Martius de Munique, em 22 de julho de 1867.

⁶⁶ Carta escrita por Von Martius, em Schlehdorf, na Alta Baviera, no dia 04 de setembro de 1867.

Leandri (1963), também declara que os dois estrangeiros europeus eram ligados por uma sólida amizade. Essa união poder ser resultante do amor que ambos compartilhavam tanto pelo Brasil quanto pela botânica.

Como exposto na narrativa acima, Glaziou possuía grande devoção à ciência. Trabalhava voluntariamente na área da botânica e, sempre que houvesse necessidade, custeava com recursos próprios algo que pudesse representar alguma virtude para a *Scientia Amabilis*, como testemunha a correspondência de Von Martius enviada de Munique, em 15 de janeiro de 1868.

Vosso amigo, Sr. Flouret, me avisou de uma terceira expedição de plantas enviada gratuitamente à Munich. Embora eu tenha sublinhado que, após os esforços generosos os quais vós tínheis trabalhado nos interesses da *Flora Brasiliensis*, é meu dever não vos deixar fazer despesas.

Glaziou, segundo a carta de 28 de maio de 1866, se auto intitulava um simples “botanófilo”, ou seja, um botânico amador que possuía um profundo amor pelo reino das plantas e, para ele, Von Martius era o mais sábio e mais reverenciado mestre da ciência botânica e, se sentia extremamente honrado de ser aluno, amigo de confiança e, principalmente, ser respeitado por seu venerado tutor. Nesse mesmo manuscrito, o francês declara sua admiração pelo renomado botânico bávaro: “Sob o céu azul do Brasil, perdido no horizonte, na verdura das florestas sem fim, ninguém como vós, senhor, soube amar as plantas: somente vós as apreciastes e descrevestes de uma maneira tão acessível, tanto aos simples curiosos, quanto aos eruditos.”.

Von Martius, por outro lado, acreditava no potencial de Glaziou como botânico profissional e, sempre que a oportunidade surgia, estava pronto para lançar o humilde bretão no meio científico do século XIX. Uma das estratégias utilizadas pelo bávaro para atingir seu objetivo era homenagear Glaziou ao nomear espécies novas de vegetais: “Haverá, sem dúvida, [...], eu espero que logo possa vos notar [...] um gênero novo *Glaziova*⁶⁷ (é desta forma que devemos introduzir vosso nome dentro da ciência [...])”.⁶⁸

Glaziou e seu reconhecimento como botânico na esfera científica nacional

Na segunda metade do século XIX, os movimentos liderados por importantes intelectuais brasileiros tiveram forte relevância para que se configurasse uma era marcada pelo incentivo

⁶⁷ O gênero *Glaziova* Bureau, da família Bignoniaceae, é sinônimo de *Amphilophium* Kunth (Lista de Espécies da Flora do Brasil, 2014).

⁶⁸ Carta redigida por Von Martius, em Munique, no dia 22 de julho de 1867.

do governo à reformulação das instituições científicas e à criação de várias iniciativas renovadoras em diversas áreas do conhecimento, estimulando a formação de um cenário favorável para a solidificação da comunidade ilustrada brasileira e propiciando mudanças significativas na esfera científica do país. Também nesse período, o campo da cultura intelectual nacional valorizava a formação acadêmica no exterior e a convivência com cientistas estrangeiros de renome, que constituíam credenciais para que muitos homens instruídos brasileiros obtivessem prestígio entre seus semelhantes⁶⁹ (Sá, 2001). Novas relações de intercâmbio se formavam com estudiosos estrangeiros recém-chegados ao Brasil, onde muitos deles foram incorporados às instituições de pesquisa, tais como o Museu Nacional, assumindo cargos de colaboradores (naturalistas viajantes) e chefiando comissões encarregadas de levantamentos científicos, como a Comissão Geológica do Império⁷⁰ (Lopes, 1997). Foram, certamente, a estreita relação de Glaziou com os grandes botânicos europeus da época aliada ao tão almejado reconhecimento dos mesmos, as razões determinantes para que o autodidata francês afirmasse sua expressão no meio científico nacional e assumisse o posto de Membro Correspondente do Museu Nacional.

Nos documentos consultados na Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional/UFRJ, verificou-se um ofício escrito pelo diretor Ladislau Netto, em 21 de junho de 1880, elogiando os serviços prestados por Glaziou à Instituição, especialmente, ao herbário. É interessante notar nessa narrativa a declaração do Sr. Netto a respeito da confiança e admiração que nutria em relação ao naturalista Glaziou, como ele mesmo se refere ao bretão.

Havendo o Snr. Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, Membro Correspondente deste Museu, tomado a si o encargo de classificar uma grande parte de nosso herbário, da qual tinha mais particularmente conhecimento pelas suas próprias investigações

⁶⁹ Essas atitudes parecem um tanto contraditórias às novas aspirações de consolidação da ciência produzida no Brasil. Porém, tais condutas paradoxais podem ser reflexos da herança do Brasil colônia, que sobre administração da metrópole lusitana, era totalmente desprovida de instrumentos de transmissão e difusão da cultura superior. Não havia universidades, nem tipografias e nem periódicos. As bibliotecas eram poucas e limitadas aos conventos. A instrução se limitava à formação de clérigos e ao nível fundamental. Essa situação extremamente insatisfatória levava muitos homens de saber brasileiros (aqueles que tinham condições) a concluírem seus estudos na Europa (Candido, 2004).

⁷⁰ O geólogo Canadense Charles Frederick Hartt foi, durante os anos de 1875 e 1877, o coordenador da Comissão Geológica do Império do Brasil. Constituída pelo Imperador D. Pedro II, tinha como enfoque preliminar o estudo da Geologia, da Paleontologia e das minas brasileiras (Sanjad, 2004). Existia um regime de compromisso para as comissões confinadas a estrangeiros, onde todas as coleções e dados oriundos dessas viagens deveriam ser incorporados às instituições brasileiras. Entretanto, diversos naturalistas burlavam tal comprometimento e enviavam periodicamente material científico e resultados de suas pesquisas para suas instituições de origem (Mello Leitão, 1937).

científicas, e sendo reconhecido o trabalho daquele naturalista como um dos maiores serviços prestados a este Museu pelos mais zelosos servidores desta repartição, acrescendo que o fez sem retribuição alguma nem desejo de obtê-la, como em todos os demais auxílios que tem prestado ao Museu Nacional, cumpro o imperioso dever de levar ao conhecimento de V. Exc.^a a menção de tais serviços, para que fique ao menos consignada a gratidão da direção deste Museu àquele infatigável conhecedor e cultor da flora brasileira.

Reconhecido pela comunidade científica do Brasil por sua grande competência, Glaziou, na condição de Membro Correspondente do Museu Nacional, obtinha pequenos auxílios do Estado e da própria Instituição, que lhe forneciam transportes gratuitos tanto por mar quanto por linhas férreas em suas viagens de exploração da vegetação do Estado do Rio de Janeiro. Foram encontrados no SEMEAR alguns documentos oficiais redigidos por Ladislau Netto que ressaltam o requerimento do diretor, junto à Corte, para concessão de financiamento de passagens para excursões científicas, as quais Glaziou fazia parte, como pode ser observado nesse trecho do ofício de 06 de junho de 1881, transcrito a seguir.

Sendo de grande utilidade para o serviço e riqueza das coleções deste Museu que [...] rogo a V. Ex.^a se digne mandar dar passagem, por conta da verba do Museu Nacional, desta Corte para o porto de Cabo Frio, no vapor “Leopoldo”, [...] para os Srs. Dr. A. F. M. Glaziou, Guilherme Schüch e Carlos Schreiner⁷¹, e bem assim transporte de proa à dois serventes [...].

No início da República ressurgiu a ideia de mudar a capital do país para o Planalto Central (Vergara, 2006). Ideia já defendida, no século anterior, pelo Visconde de Porto Seguro, que acreditava que o deslocamento da capital para o centro do país produziria uma maior integração ao domínio territorial pelo Estado (Varnhagen, 1877). Assim, em 1892, foi organizada uma comissão chefiada por Luiz Cruls, diretor do Observatório Nacional, para demarcar a superfície a ser ocupada pela nova capital. Para constituir a Comissão Exploradora do Planalto Central, Cruls escolheu 22 homens, entre servidores do Observatório Astronômico e engenheiros-militares, em geral, seus ex-alunos na Escola Superior de Guerra e especialistas nas áreas de medicina, geologia e botânica. Para melhor aproveitar os membros da comissão de estudo, o chefe optou por dividi-la em cinco equipes destinadas a seguir cinco itinerários distintos, que convergiram todos para uma zona demarcada pela Comissão Exploradora do Planalto Central. O botânico A. F. M. Glaziou, assim intitulado por Cruls, fazia parte da quinta

⁷¹ Guilherme Schüch e Carlos Schreiner ocupavam o cargo de viajantes naturalistas do Museu Nacional.

equipe, que seguiu pelas regiões de Uberaba e Morrinhos até Pirenópolis (Cruls, 1896). A indicação de Glaziou como botânico da comissão afirmava e reforçava seu reconhecimento nacional como pesquisador profissional na área de botânica.

Em 1896 foi publicado o relatório dessa expedição, cujo texto abarcava várias questões que estavam afligindo determinados setores da sociedade brasileira da época, como a salubridade do clima brasileiro para o imigrante europeu, a definição das fronteiras e a integração do território (Vergara, 2006). O documento compõe-se pelos relatórios dos chefes de cada uma das cinco equipes e pelas análises dos especialistas, como a *Notícia sobre Botânica Aplicada*, de Glaziou, o botânico da comissão (Cruls, 1896).

O interessante sobre essa publicação de Glaziou é o fato de ter sido encontrado no Muséum national d'Histoire Naturelle, em Paris, uma carta enviada à Cruls, datada de 1894, onde Glaziou apresentava o rascunho de seu relatório, revelando suas impressões a respeito da natureza daquela região pouco explorada.

Tanto o manuscrito quanto o relatório, que teve publicação bilíngue, em português e francês, exibiam a descrição de um território paradisíaco para os estudiosos da natureza e para os imigrantes estrangeiros, com um clima temperado e salubre, solo de grande fertilidade, excelente relevo, disponibilidade de água e grande riqueza vegetal. Características que continham uma série possibilidades de exploração das riquezas naturais.

Os pontos divulgados por Glaziou refletem a influência que se estabelecia entre as ciências naturais e o pensamento social brasileiro, onde, somente a ciência, com seu discurso de “verdade” e fonte inequívoca para as demais reflexões sociais, seria capaz de oferecer os elementos para as possíveis interpretações do Brasil (Vergara, 2006). Nesse sentido, na condição de cientista, Glaziou indicava que o clima temperado e a rica e diversa natureza do Planalto Central eram propícios para “levantar-se a nova capital da florescente República Brasileira” (Pimentel, 1907, p. 332). Segundo o que acreditava-se na época, era a partir do clima e da raça que se escrevia de antemão a história de cada país (Vergara, 2006). Assim, a descrição e comunicação de um ambiente semelhante à Europa e diverso em recursos naturais, expostos pelo botânico francês, estimularia o fluxo imigratório europeu, contribuindo para uma nova miscigenação que colocaria o país no rumo certo em direção à civilização.

Considerações Finais

A análise das correspondências intercambiadas entre Glaziou e Von Martius nos permitiu perceber as proezas de Glaziou, seus estados de espírito, seus interesses científicos, paisagísticos e culturais, suas afinidades políticas e pessoais, suas múltiplas faces. Nesse sentido, o estudo de informações correlacionadas teve extrema importância para contextualizar um importante, porém, esquecido personagem da ciência no Brasil oitocentista, cujo papel desempenhado mostrou-se incontestável para os avanços da botânica.

Mesmo não se tratando de “literatura histórica de viagem” no sentido mais tradicional da acepção, a apreciação do acervo dessas cartas foi uma fonte bastante válida, contribuindo para a melhor percepção de um jovem país sul-americano e de seus recursos vegetais, tal como era visto por membros da comunidade científica da segunda metade dos oitocentos. Essa documentação também se mostrou importante, na medida em que nos ofereceu informações sobre as formas de se fazer ciência no Brasil Império.

Como tantos outros profissionais atuantes no campo das ciências naturais, Glaziou não cursou qualquer escola de ensino superior. Entretanto, este fato não significou, em hipótese alguma, um esmorecimento de sua escolha pela tão cobiçada carreira. Obstinado, alçou voo como botânico autodidata, horticultor e paisagista, conquistando progressivamente reconhecimento no âmbito nacional e internacional.

Foi possível perceber que, para Glaziou, Von Martius carregava consigo o legado do pensamento científico, o qual refinava e atualizava através de sua existência e, com o qual alimentava outros botânicos e historiadores da natureza atuando como guia, tutor, orientador quando expressava sua devoção e prosseguia com sua missão de entender, nomear, descrever e classificar a flora brasileira junto aos demais pesquisadores de seu tempo.

Remontar as relações entre Glaziou e Von Martius, por meio de seus contatos epistolares, foi de grande relevância para entender a influencia que o grande mestre bávaro teve na movimentada atuação de Glaziou como botânico, horticultor e paisagista. Porém, a inserção e o prestígio no cenário intelectual do século XIX exigiam do naturalista grande esforço pessoal e zelo para com a ciência, atributos que, como foi verificado nos manuscritos, não faltavam na personalidade do bretão.

Os intensos e frequentes diálogos entre Glaziou e Von Martius abraçavam um amplo campo de interesses e funcionavam como uma mola propulsora que instigava fortemente as

atividades científicas do francês, facilitadas por sua curiosidade nata. As constantes viagens de coletas, as práticas de observação, espírito aventureiro, entusiasmo, obstinação e inúmeras experiências adquiridas em seus percursos pelo extenso território brasileiro tiveram um valor essencial e particular durante toda sua carreira. Pouco a pouco, Glaziou seguia divulgando seus conhecimentos, construindo sua trajetória de estudioso do mundo natural, participando da exclusiva e seleta rede dos grandes pensadores e traduzindo a natureza brasileira em arte e ciência. Ações e paixões capazes de nutrir a sua alma e manifestarem-se em pura felicidade.

CAPÍTULO II - Intercâmbio de plantas úteis entre Brasil e Inglaterra na segunda metade do Século XIX: Glaziou e os naturalistas do Royal Botanic Gardens, Kew.

O presente capítulo consiste em uma reflexão sobre os processos de permutas de plantas úteis entre o Brasil e a Inglaterra na segunda metade do século XIX, já que a discussão sobre este tema vai dialogar com as demais questões abordadas nesta tese, como as concepções de paisagem, o contexto científico e econômico de uma época e a *fabricação de jardins*.

Introdução

O século XIX foi marcado por admiráveis progressos na descoberta e propagação de novas espécies vegetais. Estes avanços estavam diretamente relacionados à enorme multiplicação de expedições botânicas, ao apoio das Academias, à criação das sociedades científicas e, ao aparecimento de viveiros, exposições hortícolas e estabelecimentos comerciais. O interesse social pelas flores e plantas ornamentais acompanhava estas transformações, apresentando um crescimento exponencial do número de colecionadores e grande público interessado em adquirir as novidades do mundo vegetal. Nesta época, o espírito estava ligado ao gosto pelas plantas e ao conhecimento botânico, ultrapassando os limites da comunidade científica e alcançando os demais segmentos da sociedade, tornando um requisito fundamental da “boa educação”. A paixão e o fascínio pelas espécies exóticas e de prestígio atingiu as mais diversas regiões do globo, formando uma rede internacional de trocas e comércio de plantas (Dourado, 2011).

A relação de Auguste François Marie Glaziou, Diretor Geral de Matas e Jardins da Casa Imperial, no Rio de Janeiro e paisagista e botânico do Imperador, com os ilustrados de Kew Gardens possibilitou a manutenção de um constante fluxo de sementes e mudas de plantas nativas brasileiras que eram enviadas para Kew e de exóticas que vinham para o Brasil e passariam a estar representadas nos jardins públicos do Rio de Janeiro. Mas que espécies eram essas? Quais eram as principais indicações de usos desses vegetais? Qual era a origem, de fato, dessas plantas que estavam atravessando oceanos e circulando por diferentes regiões do globo? Seguindo os relatos presentes nas correspondências enviadas por Glaziou para importantes personalidades inglesas da comunidade científica, buscamos pistas que

assinalassem a atuação de Glaziou nas frequentes práticas de permuta, introdução, multiplicação e interesse na obtenção de recursos vegetais que possuíssem potencial utilitário, além de identificar possíveis implicações científicas e culturais oriundas deste processo.

Antes de explorar e comentar as correspondências do paisagista francês cabe refletir um pouco sobre como se iniciaram os procedimentos de transferências dos recursos vegetais entre o Novo e Velho mundo.

Período colonial e os processos de reorganização da paisagem brasileira

A colonização portuguesa no Brasil foi acompanhada por diversos processos sociais e econômicos, criando novos modos de produção agrícola, como a *plantation*⁷². O regime de *plantation* atingiu seu apogeu, sua forma mais plena, nas Américas. Tanto na América do Norte, mais caracteristicamente com a cultura do algodão no sul dos Estados Unidos, como no Caribe, Colômbia e México, com uma série de outras culturas, na Venezuela, com o cacau, e no Brasil, com a cana-de-açúcar e o café (Courteney, 1980). Esta nova prática econômica acarretou numa drástica reorganização da paisagem brasileira.

Os processos de comercialização das trocas mercantis entre o mundo tropical e o mundo temperado vão se reforçar através do intercâmbio de espécies de interesse econômico. A introdução de espécies com apelo comercial associada à rentabilidade das mesmas, como o caso do açúcar, no Brasil, fortalecia os laços coloniais (Dean, 1991). Estas espécies tornam-se substâncias motoras do capitalismo, da articulação do comércio internacional.

Existia uma evidente indisponibilidade dos portugueses colonizadores em comer as comidas dos índios e a falta de interesse pelo conhecimento indígena. O preconceito dos invasores europeus sobre o alimento dos índios foi um dos motivos da enorme transferência de plantas exóticas para o Brasil, que acabou trazendo uma série de consequências. Gerou-se toda uma luta política envolvendo estratégias de contrabando e espionagem para a obtenção das

⁷² *Plantation* é um tipo de sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante a utilização de latifúndios e mão-de-obra escrava. No Brasil colônia a principal perspectiva do negócio estava no cultivo de um gênero que possuísse grande valor comercial na Europa e que se aclimatasse com facilidade na costa brasileira, como foi o caso, por exemplo, da cana-de-açúcar. Com a grande propriedade monocultural, se instalou, no Brasil, o trabalho escravo (Prado Júnior, 1987). Neste ponto de vista, fica claro que o emprego do termo "*plantation*" possui muitas dimensões. Trata-se de um sistema de produção agrícola, mas, também, de uma instituição social. Para saber mais sobre o sistema de *plantation* e suas implicações ver: Bekford, 1972.

mudas de espécies cobiçadas, como, por exemplo, a canela e o cravo controlados pelos holandeses em suas colônias do Extremo-Oriente⁷³ (Dean, 1991).

George Foster (1960) traz o conceito de “*conquista de culturas*”, onde os elementos culturais foram selecionados pelos colonizadores de acordo com sua utilidade na manutenção e ampliação do controle sobre a sociedade colonial. Alfred Crosby (1986) desenvolveu a ideia de “*imperialismo ecológico*” que viria a ser uma premissa da globalização moderna a partir da aclimação de espécies vegetais. Segundo Crosby, o sucesso dos europeus em suas colônias foi a excelente adaptação das plantas introduzidas neste novo ambiente.

O processo de expansão transatlântica importou em mudança de complexidade cultural do ponto de vista dos colonizadores. Os modos de lidar com os regimes de ocupação no espaço colonizado deram-se de diferentes formas. Por um lado estava a diferenciação cultural e os padrões dos diferentes poderes coloniais e por outro lado a enorme diferença entre os espaços que seriam atingidos pelos domínios europeus. Diferenças de estilo cultural e de escala das sociedades atingidas. Cada uma dessas regiões apresentava desafios e características específicas para esta confluência, para esse “*imperialismo ecológico*”, essa “*conquista de culturas*”.

Como exemplos de canais intercontinentais de trocas de espécies podem ser destacados: o tabaco americano que foi de Portugal para a França e de lá para os países asiáticos. Sementes de especiarias asiáticas chegam ao Brasil, entretanto, a plantação delas só será realizada mais tarde, em meados do século XVII⁷⁴. Do Brasil para Goa foram transferidos o mamão, a mandioca, a pitanga e o caju. Para a África foram a mandioca, o cará e a batata-doce. E da África para o Brasil vieram o dendezeiro e o inhame e, provenientes da Índia, chegaram a manga e a fruta-pão. (Dean, 1991).

⁷³ Para saber mais sobre a Companhia Holandesa das Índias Orientais (1602), que tinha como meta conquistar o monopólio do comércio oriental; e, sobre a fundação da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (1621), na qual seu maior objetivo era retomar o comércio do açúcar produzido na Região Nordeste do Brasil, proibido por Felipe II de Espanha desde a época em que os neerlandeses lutavam pela sua emancipação do domínio espanhol ver Boxer, 1961.

⁷⁴ A lógica de ação do império ultramarino Português baseou-se no sigilo e na proteção do monopólio da importante rota comercial do Oriente. No século XVI foi até ordenado destruir, no Brasil, várias espécies exóticas oriundas da Ásia. A plantação de sementes asiáticas que chegavam ao Brasil foi proibida com a finalidade de garantir o monopólio dos mercadores interessados nas feitorias asiáticas. Essa política perdurou até meados do século XVII, retardando a introdução de um grande número de espécies vegetais provenientes do Oriente na América portuguesa (Kury, 2004).

Um importante ponto a ser levantado é o fato de que as constantes práticas de transferência de plantas economicamente interessantes, a domesticação de espécies silvestres nativas e a aclimação de espécies exóticas introduzidas estavam agindo diretamente sobre os ecossistemas naturais, transformando-os consideravelmente. Estas medidas eram tão intensas no processo de invasão europeia da costa do Brasil que as consequências chegaram a atingir uma dimensão pantropical. A circulação de plantas foi tão grande que até hoje as origens de muitas plantas são passíveis de discussão, como por exemplo, o coco da Bahia (*Cocos nucifera* L.).

O desenvolvimento dos novos recursos agrícolas nas colônias também se deparou com questões técnicas importantes, como por exemplo, a problemática do parasitismo e da predação nos regimes de *plantation* e nas espécies exóticas introduzidas. A saúva representou uma enorme dificuldade para a aclimação de espécies no Brasil, entre outros inimigos nativos que encontraram no novo ambiente (Dean, 1991). Houve também a problemática que o país enfrentou no primeiro século de colonização, onde o que quer que plantassem era rapidamente devorado por enormes quantidades de papagaios (Teixeira, 1998). Posteriormente, passaram a surgir nuvens de gafanhotos, provocadas pelo estabelecimento de uma nova monocultura, que “caiu no gosto” deste predador.

Entretanto, uma considerável parte do consumo da colônia lusitana era obtida por extrativismo, que prevaleceu desde o período da ocupação, causando um terrível impacto sobre a vegetação nativa. O cacau e o algodão eram inicialmente extraídos da natureza e não cultivados. O famoso pau-brasil, que dá o nome a nossa pátria, era extremamente coletado e nunca chegou a ser plantado. Mas o que mais sobreviveu neste processo ainda até o séc. XVIII foram as famosas “drogas do sertão”, consideradas especiarias na Europa, alcançando excelentes preços nesse período, eram exclusivamente coletadas. Exemplos dessas drogas do sertão são: a castanha-do-pará, a salsaparrilha, o pau-cravo, o guaraná e o urucum (Arruda, 1980). Segundo Dean (1991 p. 218) “Os esforços dos portugueses para racionalizar a colonização do meio ambiente não foram impressionantes”. Faltou certamente a necessidade de um diálogo maior com as naturezas locais.

O colecionismo: gabinetes de curiosidades, herbários e jardins botânicos

Não seria possível abordar o tema sobre o intercâmbio de plantas sem se remeter ao colecionismo, prática que proliferou na Europa com as revoluções culturais do renascimento.

Inicialmente os colecionadores eram príncipes, nobres, clérigos, além de farmacêuticos e médicos, que, motivados a compreender o mundo que os cercava, lançaram-se, durante anos, à busca de elementos materiais que pudessem dar alguma pista para desvendar o complexo mistério da criação divina (Barbuy, 2008). O acúmulo desses belos e preciosos objetos também representava uma importante reserva de valor, sendo considerados extremamente valiosos. Com a circulação transoceânica “os horizontes antigos eram ampliados para além de tudo aquilo que se julgava possível” (Blom, 2003 p. 35), o que fez então com que a Europa “vivesse seu primeiro surto de atividade colecionadora” (Blom, 2003 p. 37). Deste modo, as coleções, conhecidas como gabinetes de curiosidades⁷⁵, multiplicaram-se durante o século XVII como um fenômeno social de amplo alcance (Schaer, 1993), propiciando uma atmosfera ideal para as discussões, reflexões e indagações de uma determinada época acerca das coisas do mundo (Barbuy, 2008).

Os gabinetes de curiosidades, precursores dos museus modernos do século XIX, eram salas repletas de objetos dos mais variados, provenientes de todas as regiões, especialmente das longínquas *terras d'além mar*. Eram conchas, estrelas do mar, peixes, crustáceos, leão marinho, répteis, minerais, além, de claro, materiais botânicos, com a intenção de criar um microcosmo, um resumo do mundo *naturalia* (Kenseth, 1991).

Entretanto, o século XVII era ainda muito influenciado por um ideário medieval. A busca pela compreensão do mundo natural via observação direta, ainda estava presa à formulação de teorias científicas externas a esta observação, calcadas nas crenças e visões de mundo já estabelecidas, tais como, mensagem divina e milagres (Barbuy, 2008). Todavia, a paixão de conhecer, comparar e compreender desdobrava-se em angústia frente ao inexplicável, ao mágico, ao irracional do qual rompe também o gosto pelo bizarro e pelo fantástico (Giraudy & Bouilhet, 1990).

O colecionismo está arraigado na cultura e trajetória do homem Ocidental, assumindo um complexo sistema de funções e finalidades, com implicações cognitivas e culturais, que adquire, em diferentes momentos, novos sentidos e significados. Com o movimento do Iluminismo no século XVIII, que buscava a superação dos resíduos de tirania e superstição que creditava ao legado da Idade Média, a defesa do conhecimento racional era tida como

⁷⁵ Os gabinetes de curiosidades são aqui brevemente apresentados. Para saber mais sobre este assunto, sobre os diferentes tipos de gabinetes: *Naturalia* e *Artificialia* e conceito de *mirabilia*, consultar Kenseth, 1991 e Lugli, 1998.

meio para ultrapassar os preconceitos e ideologias tradicionais. Deste modo, a observação, a experiência e o raciocínio lógico (Bacon, 1986) eram regras, e deveriam ser seguidas livres de crenças, ilusões ou concepções. A partir desta nova atitude de pensamento vêm à tona amplas modificações nos modos de coletar e organizar os espécimes naturais, nas quais se privilegiava uma ordem, uma classificação metódica e sistemática, na qual a grande finalidade seria a observação, procurando expressar um propósito científico, analítico, para finalmente produzir novo conhecimento.

O século XVIII foi também marcado pela emergência de novos e poderosos instrumentos de intercâmbio de espécies vegetais: os jardins botânicos, que facilitaram a aclimação das plantas, e os herbários, que permitiram, através das trocas de exsicatas, o estudo comparativo de espécimes secos provenientes de cada canto do mundo (Dean, 1991). Os primeiros jardins botânicos eram dedicados a plantas úteis à medicina e à economia, voltados às correntes utilitaristas do pensamento iluminista, que defendiam o lado prático dos estudos da natureza como meios para alcançar o progresso, o melhoramento do estado e da sociedade (Kury, 2004). Deste modo, o valor dos recursos naturais repousava, particularmente, na sua importância econômica e política e, a compreensão da natureza deveria ser decifrada através do conhecimento científico e da experimentação consciente e criteriosa, que levariam ao seu adequado aproveitamento (Pádua, 2002).

O Novo Mundo representava um grande depósito⁷⁶ de *maravilhas*, de elementos até então desconhecidos e inesperados que precisavam urgentemente ser incorporados ao arsenal de conhecimentos europeu, que se encontrava em plena fase de expansão. As colônias aqui presentes eram, para os colecionadores, locais de depósitos naturais de objetos de estudos, como museus ou um jardim botânico distante que possibilitava a coleta de espécies para análise na Europa (Camenietzki, 2003). A intenção era levar para a Europa as *maravilhas* dos trópicos e do Oriente, reuni-las, nomeá-las, ordená-las e dispô-las dentro dos principais jardins botânicos europeus, na tentativa de organizar uma enciclopédia viva completa da criação, testemunhando o extraordinário engenho do Criador⁷⁷. Deste modo, seria possível gerar

⁷⁶ Não se pretende fazer uma análise crítica sobre a representação do Brasil colonial como mero depósito de “maravilhas”. Camenietzki (2003) traz uma densa discussão sobre este tema.

⁷⁷ Kury (2001) discute a ideia de “utilitarismo devoto” como uma tendência filosófica e científica seguida por diversos intelectuais ingleses e franceses, onde o Criador disponibilizou diversos recursos naturais considerados trunfos para o progresso. Através do estudo e entendimento desses elementos da natureza, poder-se-ia utilizá-los de forma inteligente e cuidadosa, solucionando os problemas da humanidade.

conhecimento e, principalmente, evidenciar a utilidade médica e comercial dessas espécies ainda desconhecidas.

Nas últimas décadas do “Século das Luzes”, houve um aumento na dinâmica de exploração da natureza por parte dos impérios, com a realização de inúmeras viagens de circunavegação e o crescimento da importância dos jardins botânicos de Kew e de Paris, verdadeiros centros de sustentação das políticas iluministas de exploração da natureza colonial (Kury, 2004). Neste período, inúmeros experimentos foram realizados com os recursos vegetais. A dinâmica era feita da seguinte maneira: após serem coletadas as sementes e mudas, estas eram enviadas para os importantes jardins botânicos da metrópole, onde era realizada a aclimação das plantas asiáticas, africanas e americanas. Em seguida, as espécies eram transplantadas nas colônias com o propósito de diversificar a agricultura colonial. Esta prática era recorrente entre os principais Estados europeus, particularmente França e Inglaterra, que desenvolveram verdadeiros centros de classificação, aclimação e reprodução de plantas nas grandes instituições metropolitanas e nos diversos territórios coloniais (Raminelli, 1998).

Os ilustrados luso-brasileiros também se vincularam ao viés cientificista e pragmático, aproximando-se do funcionamento dos sistemas coloniais francês e inglês. Em 1768, o governo português convidou o naturalista Domenico Vandelli, representante do iluminismo italiano, para apoiar a reforma de Portugal⁷⁸. Sua influência teórica foi profundamente renovadora, participou da reforma da Universidade de Coimbra e de importantes iniciativas, como a criação dos jardins botânicos de Coimbra e Lisboa e da Academia Real das Ciências de Lisboa (Pádua, 2002). Defensor da doutrina econômica fisiocrata, que defendia o progresso a partir da produção primária, Vandelli planejou as expedições portuguesas de finais do século XVIII em territórios ultramar, para a exploração dos recursos naturais nos diferentes pontos do império colonial português. A proposta era colocar em prática o projeto de uma história natural das colônias, através de inventários, classificações e novas informações a respeito dos elementos da natureza com o intuito de propor formas para o seu melhor aproveitamento (Figueirôa *et al.*, 2004). Dentre essas expedições, destaca-se a famosa *Viagem Filosófica*⁷⁹

⁷⁸ O cientificismo progressista encontrava-se presente desde as atuações de Pombal. Ao entrar em prática as reformas pombalinas, iniciadas em 1750, a noção de civilização começou a ganhar forma epistemológica. O iluminismo de Pombal elegeu o saber científico em oposição ao dogma e operou um conceito de natureza calcado no utilitarismo (Domingues, 2009).

⁷⁹ Para saber mais sobre a *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira ver os trabalhos de Simon (1983) e Soares & Ferrão (2008).

do naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, que percorreu o interior da Amazônia até ao Mato Grosso, entre 1783 e 1792.

Vandelli e seus discípulos luso-brasileiros escreveram diversos manuais para orientar o olhar dos naturalistas em campo⁸⁰. O principal objetivo era ensinar detalhadamente como os exemplares animais, vegetais e minerais deveriam ser descritos, recolhidos e remetidos para chegarem a Lisboa tão conservados quanto possível. As expedições envolviam uma multiplicidade de interesses, exigindo dos naturalistas as tarefas de descrever o ambiente (clima, topografia, cartografia, etc.), de coletar e catalogar espécimes da flora, fauna e minerais e preparar esses materiais para serem embarcados para Lisboa, além de fazer observações de caráter etnológico sobre as populações autóctones. Tais procedimentos deveriam obedecer às metodologias descritas nos manuais da Academia de Ciências de Lisboa (Raminelli, 1998).

No Brasil, os governadores e capitães-gerais de diferentes capitanias, contaminados pelo espírito pragmático e progressista, exerceram um papel fundamental na nova política de incentivo ao conhecimento e exploração transcontinental. Como exemplo, lembram-se as demandas do próprio governador do Grão-Pará, João Pereira Caldas para a concretização da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira (Kury, 2004).

De volta a Portugal, após a realização de sua expedição, Alexandre Rodrigues Ferreira defendeu diante da rainha de Portugal, D. Maria I, a importância da criação de jardins botânicos no Brasil com objetivos agrícolas, científicos e econômicos, começando por Belém do Pará, onde já existiam atuações incipientes. O atual governador da capitania, D. Francisco Maurício de Souza Coutinho, já trabalhava, há algum tempo, na implantação de um espaço botânico com o intuito de permutas de plantas e aclimação de especiarias no Brasil. Ele mesmo já favorecia a entrada, a manutenção e o cultivo de espécies vegetais exóticas vindas da Guiana Francesa. Em 04 de novembro de 1796, D. Maria I, por meio de carta régia, ordenou a inauguração do jardim botânico de Belém do Pará, que foi denominado Horto Público de São José. Este viria a ser o primeiro jardim botânico do Brasil e serviria de modelo para a criação de outros jardins botânicos no Brasil entre o final do século XVIII e o início do século XIX (Miranda, 2009). A grande intenção seria a arte de reproduzir plantas de terras

⁸⁰ Vandelli, D. 1781. *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes à História da Natureza para formar um Museu Nacional*. Lisboa: Academia de Sciencia de Lisboa. Régia Oficina Tipográfica.

distantes com o objetivo de diversificação das lavouras coloniais como uma condição de destaque para o fortalecimento da economia imperial.

Com a chegada da família real ao Brasil, foi traçado um plano de fundação de uma rede de jardins botânicos em terras brasileiras, devido ao bem sucedido Horto Público de São José, em Belém do Pará. Dentre as primeiras iniciativas de D. João VI, destaca-se a criação do Real Horto, atualmente Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cujas finalidades eram a aclimação, o cultivo de plantas exóticas e raras além de árvores de interesse comercial e industrial. No início do século XIX, já haviam sido inaugurados, além do Real Horto do Rio de Janeiro, o de Vila Rica, antiga denominação de Ouro Preto, Minas Gerais, e o Horto d'El Rey, em Olinda (Miranda, 2009), todos com a mesma proposta de cultivo e aclimação de plantas exóticas de interesse econômico. O sucesso agrônomo e agrícola das introduções transcontinentais de plantas no Brasil foi resultado do empenho consciente, através do emprego de metodologias, experimentações, avaliações e comparações de resultados.

A possibilidade de gerar informações a respeito das novas plantas para acompanhar as transferências com técnicas culturais testadas aumentou consideravelmente, como também aumentou a capacidade de disseminar estas informações entre os fazendeiros potenciais. A investigação estava ancorada numa base científica, com maior potencialidade de acumulação e sistematização das informações, aplicando-se densamente em sistemas de cognição dos recursos vegetais, voltados para utilidade e aumento de produtividade. Neste momento, as iniciativas científicas caminhavam junto com medidas oficiais de estímulo a produtores (Dean, 1991). Desta forma, os jardins e hortos botânicos brasileiros estavam totalmente relacionados ao desenvolvimento da botânica e da agricultura.

Com o estabelecimento dos novos jardins botânicos na colônia e o apoio à investigação científica oferecido pelas Academias, o desenvolvimento botânico ganhou alguma coordenação. Os diretores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro animaram-se a conseguir novas espécies vegetais nativas com potencial valor econômico, e contrataram coletores itinerantes para realizarem esta tarefa, e, adeptos as condutas de Vandelli, publicaram, para a orientação dos coletores, conselhos sobre os métodos adequados de embrulhar e despachar remessas e instruções sobre os relatórios que deviam emitir (Dean, 1991).

Em contraste com a antiga política lusitana de sigilo e exclusão, neste momento, as ações eram de incentivo à aclimação de espécies, trocas de informações sobre possíveis

explorações econômicas e patrocínio de viagens cujo objetivo principal era mapear as riquezas naturais do Brasil. Vários naturalistas estrangeiros foram incumbidos de realizar expedições científicas para explorar os recursos naturais brasileiros. Dentre os estudiosos viajantes que aportaram em terras brasileiras neste período podem ser destacados: Friedrich W. Sieber, que estudou botânica e geologia na região do Amazonas; Friedrich Sellow, que percorreu vastas regiões do Brasil ao longo de 17 anos; Wilhelm C. G. Feldner, que pesquisou as regiões do Rio Grande do Sul por 11 anos; Auguste P. Saint-Hilaire que de 1816 à 1822, esteve estudando botânica nas regiões de Goiás e do Sudeste do país; Carl F. P. Von Martius e Johann Von Spix, que aportaram em terras brasileiras em 1817 e viajaram pelo Sudeste, Nordeste e Norte; além de Charles Darwin, Gregory I. Langsdorff; George Gardener; Johannes E. B. Warming, dentre outros (Lisboa, 1999).

Associados a missões diplomáticas inglesas, austríacas, e, até mesmo francesas,⁸¹ as viagens desses cientistas resultaram em concretizações bastante impressionantes. O vasto conhecimento apresentado por estes naturalistas, que contempla estudos da flora brasileira, possui valor inestimável: centenas de novas plantas foram descobertas e inúmeros novos gêneros foram descritos baseados nos materiais coletados por eles (Brandão *et al.*, 2008). A maioria destes cientistas da natureza também foi responsável pela identificação e divulgação de dados referentes à utilidade dos diversos *objetos* da natureza (Gesteira, 1998).

Informações relevantes sobre os usos tradicionais de plantas brasileiras foram compiladas pelos naturalistas europeus que viveram ou exploraram o Brasil: Saint-Hilaire publicou em 1824 *Plantes Usuelles des Brésiliens e Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguai*, Von Martius em 1843 escreveu *Sistema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis* e em 1844 a obra *Das Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens (Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros)*, considerada um marco para o estudo da etnografia e da medicina dos índios. Sem falar nas extraordinárias anotações contidas nos diários de campo destes viajantes e nos magníficos relatos presentes nas correspondências trocadas entre eles.

Jardins públicos do Rio de Janeiro e Glaziou: um importante ator no processo de intercâmbio de plantas ornamentais

⁸¹ Após o término das guerras napoleônicas que se estenderam até 1815.

O primeiro jardim público construído no Brasil foi o Passeio Público, no Rio de Janeiro. O parque foi encomendado por D. Luís de Vasconcelos, que incumbiu o Mestre Valentim de projetar um jardim voltado para servir à população da cidade, estimulando-a para o sentido da beleza, da satisfação e do prazer. Sua obra foi iniciada em 1779 e sua inauguração foi em 1783. Para atender às preocupações de ordem higiênica, que começaram a ser introduzidas neste período, o artista e urbanista optou por aterrar a Lagoa Grande com o desmonte do outeiro das Mangueiras. Este seria o primeiro jardim estruturado às proximidades do contexto urbano (Valente *et al.*, 1979). Tal espaço inspirava-se nos jardins racionalistas franceses, e existiu até a década de 1860, quando foi transformado pela reforma implementada por Glaziou, que concebeu para o Passeio um traçado ao gosto dos jardins românticos ingleses.

A chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, estimulou uma nova sensibilidade à natureza e uma nova mentalidade na arte do paisagismo. A necessidade de uma corte organizada de acordo com os padrões europeus e a vinda da Missão Artística Francesa⁸² transformaram a concepção da arte de execução dos jardins (Terra, 2000). Vários costumes europeus foram introduzidos na cidade do Rio de Janeiro (Trindade, 1997), que passou pelas mais rápidas e urgentes transformações urbanas e, em 1822, tornou-se a capital de uma nova nação (Macedo & Sakata, 2002).

Em meados do século XIX firma-se um novo conceito urbano no Brasil Império, baseado nos critérios de higienização, funcionalidade e embelezamento. A falta de higiene dos locais públicos e das habitações passou a ser uma grande inquietação de profissionais como engenheiros e médicos. Segundo Lemos (1999) as condições insalubres em que se apresentavam as habitações eram de verdadeira promiscuidade.

Seguindo as ideologias científicas da época, uma cidade saudável estava vinculada a imagem de ambientes ventilados, com ar puro, insolação, higiene e ordem urbana (Oliveira, 2012). De acordo com esses novos preceitos, inicia-se uma série de reformas urbanísticas e sanitárias através da construção de praças e jardins públicos com a finalidade de serem áreas destinadas às atividades de recreação, contemplação da natureza e convivência social. A integração dos elementos da flora na composição da cidade também ajudou a solucionar o problema do adensamento urbano. Deste modo, as áreas ajardinadas passam a constituir um

⁸² A Missão Artística Francesa foi um grupo de artistas franceses que aportou no Rio de Janeiro em 26 de março de 1816 e revolucionou o panorama das Belas-Artes no país introduzindo o sistema de ensino superior acadêmico. Para saber mais sobre esse assunto consultar: Pedrosa, 1998; Shwarcz, 2008 e Luz, 2004.

elemento importante nos espaços livres e observa-se, neste período, uma grande apreciação pelas áreas verdes. A população começa a criar o hábito da jardinagem, valorizando e utilizando a vegetação para o embelezamento da cidade e as classes média e alta alimentam o desejo de vida mais simples e em maior harmonia com a natureza (Robba & Macedo, 2002).

O movimento de valorização e multiplicação dos espaços verdes nos grandes centros urbanos teve origem nas principais capitais europeias como uma medida de reação às implicações negativas oriundas da Revolução Industrial. A partir de 1853 Paris tornou-se uma cidade modelo na arte de inserir ambientes verdes públicos no interior de uma atmosfera altamente urbanizada influenciando não apenas demais regiões da Europa, mas também atravessando oceanos e alcançando localidades ainda bastante distantes dos conjuntos de mudanças tecnológicas e de suas consequências. Como resultado desse fenômeno, os paisagistas e horticultores franceses ganharam visibilidade e importância internacional sendo, cada vez mais, contratados pelas elites e dirigentes da América do Sul para atuarem na reestruturação de inúmeras cidades, uma vez que eram considerados mestres na arte de melhoramento urbano. Esses profissionais foram responsáveis pela criação de diversos parques, praças, jardins públicos e privados, iniciativas de arborização civil, além de intensificar o intercâmbio de vegetação ornamental entre a Europa e o “Novo Continente” (Dourado, 2011).

É justamente neste contexto que entra em cena o protagonista desta tese de doutorado, o paisagista francês Auguste François Marie Glaziou, que teve um papel fundamental no fenômeno de “reeuperização” da paisagem brasileira, especialmente a carioca, onde, transformou espaços urbanos sob a influência predominantemente inglesa e francesa (Terra, 2000).

Glaziou esteve ligado à maior parte dos importantes projetos paisagísticos acontecidos na Corte durante o Segundo Império. De tão grande projeção em sua carreira quanto a reforma do Passeio Público, foi a criação dos jardins da Quinta da Boa Vista e do Campo de Santana (Terra, 2000).

Como característica do seu método de trabalho, Glaziou preocupava-se em representar a flora brasileira em seus projetos paisagísticos, algumas vezes agrupando-as de acordo com a zona climática a que pertenciam, de forma a constituir um verdadeiro mostruário da botânica nacional (Noronha Santos, 1944). E por isso, iniciou uma incessante busca por novas espécies

ornamentais para aplicá-las em seus jardins. Viajou pelas restingas do estado do Rio de Janeiro, desde Cabo Frio até Parati. Explorou a Serra do Mar, a Serra dos Órgãos na altura do alto Macaé e de Nova Friburgo e o Pico do Itatiaia, em 1871 (Glaziou, 1905). Além de percorrer os estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e, explorar o Planalto Central do Brasil como integrante da comissão conhecida como Missão Cruls⁸³, já citada no capítulo I desta tese.

O “improvement” no conhecimento sobre a flora brasileira contribuiu para trazer mais riqueza a seus projetos, tendo introduzido novas espécies brasileiras aos jardins públicos e privados executados por ele. Desta forma, os brasileiros passaram a conhecer, apreciar e até mesmo a poder desfrutar destas plantas nativas.

Glaziou participava também da atividade de aclimação de vegetais vindos de outros continentes, e tornou-se sócio efetivo da Associação Brasileira de Aclimação, fundada sob a proteção do Imperador D. Pedro II. A Associação tinha como principal intuito contribuir para o progresso prático da zoologia e da botânica. Dentre suas atuações, estabelecia coletores de plantas e animais em diversas províncias brasileiras, além de correspondentes nos países estrangeiros (Estatuto da Associação de Aclimação, 1872).

Não era de se estranhar que, neste período, houvesse um importante progresso da ciência hortícola, dos trabalhos de ajardinamento nas grandes capitais e, uma acelerada expansão do comércio de plantas ornamentais, tornando-se um setor de grande impacto na economia mundial (Dourado, 2011). Rapidamente as flores e árvores tropicais ganharam espaço neste novo mercado internacional, como as orquídeas, bromélias, alpínias, antúrios, helicônias, bananeiras, samambaias e as majestosas palmeiras que, com suas essências, formas e cores incomuns, tinham um lugar privilegiado nos parques europeus (Moncan, 2009). Cada vez mais, se intensificava a rede de intercâmbio de plantas, cuja principal finalidade era o deleite para os olhos.

Numa época em que as exposições de vegetação proliferaram pela Europa e demais regiões do globo, chegando a se destacar nas grandes feiras universais, era possível admirar-se com a diversidade e exotismo das espécies, fruto de um trabalho árduo de cientistas e horticultores

⁸³ Em 1896 foi publicado o relatório dessa expedição, que circulou pelos principais espaços da opinião pública do Brasil. Os relatos presentes nesse documento, nos quais constam as análises dos especialistas participantes da comissão, dentre eles o botânico Glaziou, possuíam uma série de elementos que empolgavam os leitores urbanos, como as possibilidades de exploração das riquezas naturais presentes naquela região (Vergara, 2006).

que tinham como meta principal a busca por novidades do mundo vegetal, fossem espécies recém-aclimatadas ou híbridos artificiais (Dourado, 2011).

Glaziou, além de membro da comissão organizadora da Exposição Universal de Paris de 1889, como representante da província do Rio de Janeiro e um dos idealizadores do que seria apresentado aos visitantes, foi também paisagista e botânico no grupo de Horticultura da classe das flores e plantas ornamentais, devido ao seu bom gosto e excelente conhecimento da ciência hortícola. O Pavilhão do Brasil possuía uma estufa com palmeiras, orquídeas, bananeiras e vitórias-régias. Com um total de 96 espécies brasileiras selecionadas, Glaziou compôs um cenário que, para a maioria dos visitantes, era algo totalmente exótico (Heizer, 2009).

O presente capítulo teve como objetivo principal inventariar as plantas úteis intercambiadas entre Brasil e Inglaterra na segunda metade do século XIX, tomando como base as informações contidas nas correspondências de Glaziou para os botânicos e naturalistas do Royal Botanic Gardens, Kew (K).

Partindo-se do pressuposto de que, a leitura dessas cartas nos permite obter importantes informações sobre a percepção do mundo vegetal pelos atores aqui tratados e, de nos possibilitar delinear um panorama do contexto científico, cultural e econômico da época, buscou-se especificamente:

- Resgatar, analisar e descrever os elementos julgados relevantes sobre os procedimentos de transferências de plantas úteis na segunda metade do século XIX;
- Sistematizar as plantas indicadas por Glaziou à luz das categorias de usos e;
- Verificar a origem das plantas que foram enviadas por Glaziou do Rio de Janeiro para Kew e das espécies exóticas que foram introduzidas no nosso país.

Material e Métodos

Foram analisados, no total, 60 manuscritos de Glaziou que se encontram no Royal Botanic Gardens, Kew: Archives: Director's Correspondence. Doze destes foram remetidos ao Sr. Joseph Dalton Hooker, nomeado diretor do Royal Botanic Gardens, Kew em 1865; 41 enviados ao Sr. William Thiselton-Dyer, que após a aposentadoria de Hooker, em 1885, recebeu o cargo de diretor; cinco ao Sr. Daniel Morris, diretor assistente de Kew; um ao Sr.

George Nicholson, curador da coleção dos jardins de 1886 a 1901; e um ao Sr. John Gilbert Baker, curador do herbário da instituição no período entre 1890 e 1899 (Figs. 6 e 7). Infelizmente, a correspondência passiva, que compreende as cartas enviadas pelos botânicos de Kew para Glaziou ao longo desse período não foi localizada.

Todos os manuscritos foram traduzidos da língua francesa para o português. As cartas vão de 1872 a 1899, permitindo, desta forma, captar o modo de percepção da flora brasileira no meio científico e cultural por mais de duas décadas.

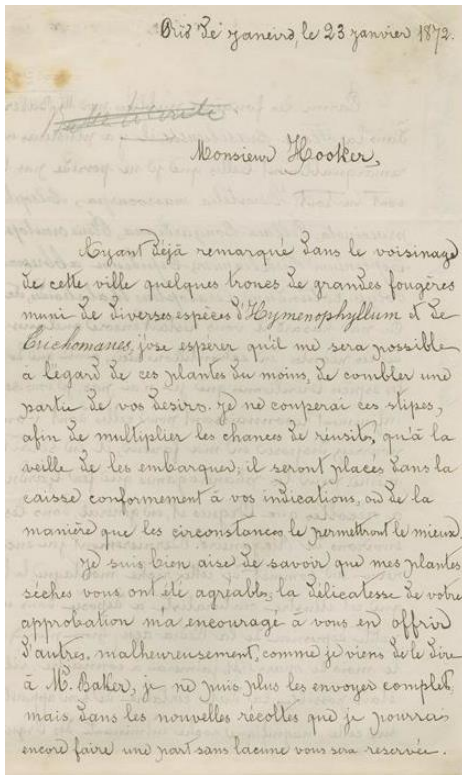


Figura 6 – Primeira página da carta redigida por Glaziou para Hooker, em 23 de janeiro de 1872 / Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew: Archives: Director's Correspondence

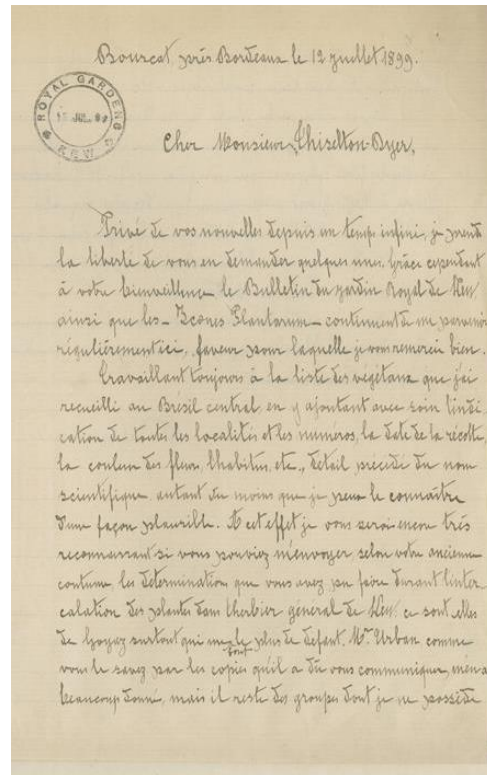


Figura 7 – Primeira página da carta redigida por Glaziou para Thiselton-Dyer, em 12 de julho de 1899 / Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew: Archives: Director's Correspondence

Cada correspondência foi examinada linha por linha, a procura de referência de nomes científicos de espécies vegetais requisitadas e/ou permutadas que possuíssem indicação de uso. A nomenclatura das espécies listadas nas cartas se encontra, atualmente, ultrapassada. Portanto, foi necessário fazer a atualização nomenclatural dos táxons resgatados, que foi realizada através das bases de dados W3 trópicos (Missouri Botanical Garden VAST – VAScular trópicos), IPNI (The International Plants Names Index) e The Plant List. O sistema

de classificação adotado segue o “*Angiosperm Phylogeny Group*” (A.P.G. III, 2009). Para as samambaias, utilizou-se o sistema de classificação de Smith *et al.* (2006), complementado por Rothfels *et al.* (2012).

Algumas vezes, determinadas espécies citadas nos manuscritos de Glaziou que foram enviadas para Kew possuíam a indicação de seu número de coleta. Nestes casos, para a correta identificação dessas plantas, buscou-se as exsicatas dos respectivos números de coleta nos herbários do Museu Nacional do Rio de Janeiro (R), Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB), Kew Gardens (K), Musée national d’Histoire naturelle de Paris (P) e Bruxelas (BR). A consulta desses materiais foi, em muitas ocasiões, facilitada pelos bancos de dados virtuais dos herbários, tais como o de Kew Gardens e Bruxelas.

As indicações de usos citadas por Glaziou para as espécies referidas nas correspondências foram agrupadas em cinco categorias: alimentícia, forrageira, industrial, medicinal e ornamental de acordo com as próprias alusões de Glaziou (Tab. 1).

Tabela 1 – Categorias de uso das espécies indicadas nas correspondências de Glaziou e suas correspondentes descrições baseadas nas citações do mesmo.

Categorias de uso	Abreviação	Descrição da categoria
Alimentícia	Ali	Indicada por Glaziou como: “ <i>bebida</i> ”, “ <i>planta que produz bebida</i> ”, “ <i>planta que possui gosto agradável</i> ”, “ <i>planta que possui um fruto carnoso e comestível</i> ”
Forrageira	Forr	Planta utilizada: “ <i>para a nutrição dos animais</i> ”, “ <i>como poderosa forrageira</i> ”
Industrial	Ind	Citadas como planta: “ <i>que possui goma interessante</i> ”, “ <i>produz cera em abundância</i> ”, “ <i>produtora de látex interessante</i> ”, “ <i>útil para indústria</i> ”, “ <i>produtora de uma fibra extraordinária</i> ”
Medicinal	Med	Citadas como planta: “ <i>que possui propriedades terapêuticas</i> ”, “ <i>medicinal</i> ”, “ <i>fortificante</i> ”; “ <i>aditivo</i> ”
Ornamental	Orn	Planta que: “ <i>serve para o embelezamento</i> ”, “ <i>possui lindas flores</i> ”, “ <i>é uma das mais belas</i> ”, “ <i>é utilizada nos jardins públicos</i> ”, “ <i>é bela</i> ”; “ <i>é cultivada nos jardins</i> ”, “ <i>é rara e bela para ser cultivada nos jardins</i> ”, “ <i>possui enorme beleza</i> ”, “ <i>são interessantes para os jardins públicos</i> ”, “ <i>estão presentes nos jardins públicos</i> ”, “ <i>trará mais beleza aos jardins públicos</i> ”

Neste trabalho buscou-se classificar a origem das plantas intercambiadas, para tal, foram consultados Martius *et al* (1840-1906); Corrêa (1926-1978); Wiersema & León (1999) e Forzza *et al.* (2012).

As informações de cada espécie foram organizadas em uma planilha que contém os seguintes dados: família; nome científico revisitado; nome vernacular; nome científico citado nas cartas; usos; número de citações em cada uso; ano da carta em que a espécie foi citada; origem e; procedência e destino das espécies.

Resultados e Discussão

As informações presentes nas correspondências de Glaziou para os naturalistas do Royal Botanic Gardens, Kew

Os relatos contidos nas cartas de Glaziou para os botânicos e naturalistas do Royal Botanic Gardens, Kew, nos permitiram compreender como ocorria a dinâmica da circulação de plantas naquele período de um extremo ao outro do planeta. Cada uma das espécies das quais eles trocavam mudas, sementes e informações podem ser vistas como evidências que consolidavam as práticas de permuta de plantas entre o Brasil e a Inglaterra e, a relação entre os agentes envolvidos.

O prazer no envio, no recebimento e na busca de plantas solicitadas é claramente manifestado nos diversos adjetivos e advérbios utilizados por Glaziou.

Nada mais agradável para mim seria do que uma correspondência (...) assim como trocas de plantas vivas ou mesmo secas. A maior parte dos fetos mencionados na lista que V. S^a teve a bondade de enviar-me, cresce nos arredores do Rio de Janeiro, e principalmente, as espécies herbáceas. Desde minha primeira excursão após ter recebido a honrosa carta de V. S^a, eu comecei a reunir indistintamente os representantes dessa elegante família de vegetais, que serão dirigidos à V. S^a oportunamente⁸⁴;

“Vós sempre recebeis minhas plantas tão amavelmente que eu fico feliz toda a vez que venho oferecer-vos”⁸⁵; “Há algum tempo, vós tínheis manifestado o desejo de ter samambaias arbóreas vivas, agora vós tereis muitas espécies em suas estufas. Estou ansioso para me colocar em busca desses vegetais (...) o suficiente para fazer uma boa caixa que vos enviarei

⁸⁴ Carta ao Sr. Joseph Dalton Hooker, de 08 de fevereiro de 1869.

⁸⁵ Correspondência enviada em 08 de outubro de 1879 ao Sr. William Thiselton-Dyer.

(...)”⁸⁶; “Ao receber a vossa boa carta de 1^o de abril, eu rapidamente fui à Ubá para coletar os rizomas de *Equisetum giganteum* que espero que cheguem à vós em perfeito estado”⁸⁷; “A caixa de plantas vivas que vós me anunciastes na carta de 19 de agosto acabaram de chegar em excelente estado, eu vos agradeço muito, principalmente pelos Mangostões”⁸⁸. Este sentimento é ainda mais evidente quando ele se depara com um exemplar que ainda não possuía.

Vos agradeço muito, especialmente pela *Blighia sapida*, que desejei por tanto tempo. Desde vossas palavras atrevo-me a esperar alguns espécimes de *Garcinia mangostana*, espécie preciosa que nos faz sentir completamente crianças e que provavelmente terá sucesso em nossos jardins do Rio de Janeiro.⁸⁹

Nota-se que a solicitação de Glaziou por exemplares de *Garcinia mangostana* L., em 1880, foi correspondido, já que na carta de 1882, ele agradece ao Sr. William Thiselton-Dyer pelo envio dos Mangostões (nome vernacular da espécie) que lhes foram enviados em 19 de agosto.

O antigo projeto de criação de uma enciclopédia do mundo vegetal, que já vinha sendo ensaiado desde os botânicos renascentistas, buscava encerrar uma abundância de plantas tropicais num jardim. Graças aos avanços da tecnologia inglesa do século XIX, promovendo a união de placas de vidro e estruturas de ferro e acrescentando o aquecimento artificial, através de canos de água quente, foi possível a reprodução de florestas inteiras de vegetação exótica dentro dessa enorme parafernália de vidro, chamada estufa⁹⁰. Não foram poupados esforços para imitar “*a grandiosa harmonia das forças cósmicas*” (Spix & Martius, 1976 v. 3 p. 17)⁹¹ presente nos trópicos por detrás dos vidros. O extraordinário espaço interno abrigava não apenas um simples arranjo de plantas tropicais, mas sim uma paisagem completa: uma selva com água corrente, rochedos e grutas artificiais com estalagmites e estalactites, pássaros e peixes que explodiam suas cores na densa verdura de autênticas e espetaculares coleções de

⁸⁶ Manuscrito enviado ao Sr. William Thiselton-Dyer em 03 de janeiro de 1881.

⁸⁷ Carta ao Sr. William Thiselton-Dyer, de 17 de maio de 1882.

⁸⁸ Carta ao Sr. William Thiselton-Dyer, de 30 de setembro de 1882.

⁸⁹ Correspondência enviada ao Sr. William Thiselton-Dyer em 30 de setembro de 1880.

⁹⁰ Kohlmaier & Sartory (1986) apresentam um profundo estudo sobre as implicações da tecnologia do ferro e vidro na construção de utopias verdejantes.

⁹¹ A dimensão romântica se reflete na obra de Spix & Martius (1976) “*Viagem pelo Brasil: 1817-1820*”, que seguindo os passos de Goethe e Humboldt, buscavam unir ciência e poesia. Para esses historiadores da natureza é imprescindível estabelecer uma relação afetiva com o mundo natural, que se traduzia na experiência do sentimento da natureza, para finalmente, compreendê-la em sua totalidade. Spix & Martius projetam essa relação afetiva para a experiência nos trópicos, que é, ao mesmo tempo, objeto científico, mas também um local desconhecido, estranho, mágico, capaz de proporcionar sensações e sentidos (Lisboa, 2009).

palmeiras, aráceas, samambaias, trepadeiras e outras esplendorosas plantas das terras longínquas (Schama, 1996). A intenção era recriar o “*grande e indivisível quadro da natureza*” (Spix & Martius, 1976 v. 3 p. 14), um lugar privilegiado, onde o visitante teria o prazer de se entregar aos êxtases que invadiriam seus sentidos, levando-o a contemplação imediata da imensidão do belo sistema, uma vez que, para “botanizar” é preciso sentir-se em harmonia com a natureza (Rousseau, 1776-1778).

Construída em 1848 pelo arquiteto Decimus Burton e pelo ferreiro Richard Turner, a Palm House, uma das estruturas mais antigas e emblemáticas dos Kew Gardens, é um excelente exemplo da verdadeira e inquestionável equação entre a invenção tecnológica da arquitetura de vidro e ferro e o engrandecimento geográfico, possibilitando a extensão dos trópicos em pleno solo europeu.

Os Jardins de Kew⁹², instituídos como Jardins Botânicos Nacionais, em 1840, foram desenvolvidos cuidadosamente, concebendo paisagens e jardins formais com coleções de plantas exóticas e animais, cuja estética e diversidade de espécies eram ícones de bom gosto e interesse científico. O resultado final foi um grande complexo de jardins, arboretos, estufas, museus e laboratórios, cujas dimensões romântica e pragmática se entrelaçavam harmoniosamente. Ao mesmo tempo em que a população regalava-se nos bosques de palmeiras e árvores de especiarias provenientes dos trópicos, os cientistas buscavam compreender a natureza em seus aspectos mais gerais e fundamentais. A instituição foi, desde sua origem, dirigida por naturalistas renomados e, tinha como principais objetivos as investigações científicas e tecnológicas, sistemáticas e de jardinagem, tornando-se um centro de referência mundial na investigação botânica (Paterson, 2008).

Glaziou não economizava elogios aos célebres, extensos e prestigiosos Reais Jardins Botânicos de Kew. No dia 8 de janeiro de 1882, Glaziou envia para o Sr. Hooker um exemplar de *Cyathea gardneri* (Hook.) R.M. Tryon e comenta que nenhum outro jardim botânico da Europa seria mais digno de receber uma espécie tão rara quanto o de Kew.⁹³ Em carta datada de 14 de dezembro de 1889 ao Sr. William Thiselton-Dyer, Glaziou diz: “Em tudo o que vi na Europa, ainda vejo Kew Gardens como um modelo de estabelecimento do Estado único no

⁹² Os Kew Gardens, como em geral são conhecidos, estão situados num vasto parque localizado entre Kew e Richmond upon Thames, na periferia sudoeste de Londres.

⁹³ Carta enviada do Rio de Janeiro para o diretor Joseph Dalton Hooker.

mundo, tudo em sua boa ordem e suas suntuosas riquezas científicas e hortícolas, prova em favor do alto saber e da constância absoluta de vossa administração”.

Glaziou costumava enviar plantas vivas, sementes e materiais secos para enriquecer as estufas dos famosos jardins do Royal Botanic Gardens, Kew e grandioso herbário da instituição inglesa e, como “recompensa”, esperava receber além das sementes, das espécies exóticas vivas e secas e das informações sobre plantas, aguardava, principalmente, as tão estimadas listas de determinações das espécies coletadas por ele para a sistematização de seu herbário particular: “Em troca, eu ficaria muito feliz em receber de vossa parte as preciosas determinações que me facilitam bastante a organização do meu pequeno herbário”⁹⁴; “Eu conto, como sempre, com vossa bondade de me enviar, em tempo oportuno, a lista de determinações que vós costumais fazer para nossas caras flores; é a única recompensa que ousou almejar”.⁹⁵

Nota-se que, para Glaziou, a identificação das espécies vegetais representava um evidente obstáculo. Tal fato foi observado em diversos trechos de seus manuscritos, como na carta enviada para o Sr. Joseph Dalton Hooker em 1873, onde Glaziou expressa sua dificuldade na determinação das Myrtaceae e pede auxílio à Hooker para nomeá-las. Outros exemplos encontram-se na correspondência de 8 de janeiro de 1882, onde Glaziou diz ao Sr. Dyer: “Permita-me contar (...) com a determinação dessas plantas, como o habitual; é o maior e mais apreciado de todos os serviços que vós poderíeis me prestar”; e na carta endereçada à própria instituição do Royal Botanic Gardens, em 1905, dois anos antes de sua morte, onde Glaziou manifesta claramente sua angústia na espera pelas identificações botânicas.

Durante mais de um quarto de século eu tive o prazer de receber do Jardim Real Botânico de Kew, seguido de meus envios anuais de plantas do Brasil, as numerosas determinações (...) que me foram infinitamente agradáveis; deste modo, encontro-me muito aflito pelo grande atraso (...) do mesmo serviço (...) para os vegetais coletados no país quase deserto de Goiás, que eu fiquei muito feliz de enviá-los ao Sr. Thiselton Dyer em 17 de abril de 1896.

Além dos inúmeros agradecimentos após o recebimento de cada uma das listas de determinações das plantas secas que ele havia enviado para Kew.

⁹⁴ Correspondência de 21 de junho de 1888 para o Sr. Morris.

⁹⁵ Correspondência enviada ao Sr. William Thiselton-Dyer em 4 de abril de 1885.

Através da leitura dessas cartas é possível constatar que a botânica significava para Glaziou uma verdadeira paixão. Sua incessante busca por novas espécies abasteceu os cientistas da Europa e suas coletas representaram uma contribuição fundamental para a elaboração da *Flora Brasiliensis*, como verificado no primeiro capítulo desta tese. Os inúmeros exemplos observados nas cartas como: os constantes pedidos de livros de nomenclatura botânica, relatórios anuais de Kew, revistas e artigos científicos; os cuidados na sistematização do seu herbário particular⁹⁶; seus envolvimento políticos para obtenção de meios para dar continuidade da *Flora brasiliensis* e seu desejo por publicar uma Flora da região do Rio de Janeiro reafirmam o interesse do paisagista francês pela pesquisa.

É possível identificar nas correspondências uma relação bastante amigável, até mesmo íntima entre Glaziou e os botânicos e naturalistas de Kew, que lhes permitiam a proposição de encomendas especiais de plantas, muitas vezes difíceis de serem conseguidas, além de diversos pedidos particulares, como a solicitação de Glaziou ao Sr. William Thiselton-Dyer de ciceroneá-lo em sua visita à Londres em outubro de 1889, já que ele não falava inglês e, até mesmo, constantes desabafos e inquietações a respeito das situações políticas da época.

A afinidade entre esses personagens viabilizou a importação de um considerável elenco de plantas exóticas que, ao longo dessas décadas, passaram a figurar nos jardins públicos do Brasil. Em cartas datadas de 14 de dezembro de 1889 e 14 de setembro de 1891, remetidas ao Sr. William Thiselton-Dyer, Glaziou comenta respectivamente: “Caro Sr. Dyer, vós tendes sido tão encantador, tão amável comigo, que ousou contar positivamente com vossa bondade e vossos incomparáveis tesouros de plantas para nos ajudar a fazer de nossas praças e parques ainda mais interessantes a seus visitantes”; “Peço-vos todo o possível para enviar-me plantas bem interessantes e curiosas para os nossos jardins públicos”.

Existia um grande descaso das companhias de navios a vapor pelas caixas que transportavam os vegetais de um continente para o outro. Foi verificado uma constante preocupação expressada nas cartas de Glaziou a respeito do estado de conservação em que as plantas chegavam após as longas viagens marítimas e das condições e cuidados a bordo dos navios: “A caixa de plantas vivas que vós tivestes a bondade de me anunciar na carta de dois

⁹⁶ O herbário particular de Glaziou estava organizado por famílias segundo o *Genera Plantarum* de Bentham & Hooker (1862-1883).

de julho, eu as recebi em bom estado, apenas algumas pequenas plantas chegaram mortas, e, infelizmente, duas daquelas que estavam destinadas ao Dr. Capanema”⁹⁷;

Além deste aborrecimento, outro ainda mais grave: embarcando as plantas a bordo do mesmo navio, a indiferença dos funcionários da companhia para esses tipos de pacotes, e, o péssimo estado das cordas, que romperam, fez molhar com água do mar a caixa de plantas vivas, a qual, devido a este acidente vós ireis receber poucas coisas úteis, talvez nada (...).⁹⁸

Inclusive, no manuscrito de 03 de janeiro de 1881, Glaziou solicita ao Sr. William Thiselton-Dyer para que ele contate as companhias de vapor que fazem as rotas para o Rio de Janeiro, na tentativa de incentivá-los a cuidar bem das plantas a bordo.

A caixa que Glaziou se refere nos relatos acima é a famosa caixa Ward, uma espécie de precedente das estufas, mas portátil, em miniatura. Ela era transportada no convés dos navios e tinha o objetivo de melhor acondicionar as mudas, reduzindo os danos decorrentes das longas jornadas pelos mares. O aumento da prática intercontinental de permutas de plantas vivas foi responsável pelo desenvolvimento e melhoria de meios de transportes que evitassem as perdas durante as viagens, desta forma, a caixa Ward era um instrumento de extrema importância para uma cadeia de interessados, desde coletores, cientistas, viveiristas, colecionadores e amadores. O equipamento foi criado pelo inventor Nathaniel Bagshaw Ward (1771-1868) e consistia em um recipiente envidraçado, dispo de painéis móveis que eram abertos para ventilação e regas (Dourado, 2011).

A melhor forma de acondicionamento das plantas para a conservação e posterior identificação das mesmas era outra questão com que Glaziou se preocupava. Na carta de 07 de outubro de 1880 enviada ao Sr. William Thiselton-Dyer, Glaziou lhe indaga se ele prefere receber as amostras das flores de palmeiras conservadas em álcool, e se assim preferir, Glaziou não hesitará em recomeçar sua coleção. Este tema reaparece diversas vezes em outras correspondências: “(...) Diga-me ainda se é necessário que as folhas (de palmeiras) sejam secas na sombra ou no sol antes de acondicioná-las”⁹⁹; “Na ocasião, peço-vos participar ao Sr. J. D. Hooker que ele pode contar com todas as flores das palmeiras que se encontram no álcool (...)”¹⁰⁰.

⁹⁷ Carta escrita em 30 de setembro de 1880 para o diretor William Thiselton-Dyer.

⁹⁸ Carta remetida a Daniel Morris datada de 25 de junho de 1888.

⁹⁹ Carta para o Sr. William Thiselton-Dyer datada de 24 de abril de 1880.

¹⁰⁰ Carta enviada ao Sr. William Thiselton-Dyer em 12 de março de 1881.

Kew Gardens não era, porém, a única instituição com a qual Glaziou praticava o intercâmbio de plantas úteis. Na carta datada de 08 de agosto de 1889 enviada de Bouscat, próximo à Bordeaux, para o diretor Thiselton-Dyer, Glaziou relatava: “(...) imediatamente, eu indicarei nas etiquetas o nome da província aonde as plantas foram coletadas; é isso o que eu fazia nos últimos tempos nos espécimes existentes no Museu de Paris.”, ainda na mesma correspondência, Glaziou prossegue: “Não é preciso dizer que assim que eu retorne ao Brasil, no princípio do próximo ano, ou mais tarde, vos enviarei as *Vellozia* vivas, idênticas àquelas de Paris, assim como as grandes Bromeliaceae (...)”.

As correspondências revelam ainda nuances familiares ao cientista contemporâneo como, por exemplo, a carta de 03 de dezembro de 1885 enviada ao Sr. William Thiselton-Dyer, onde Glaziou pede à Thiselton-Dyer para ele mostrar ao Sr. Baker a espécie de *Chuquiraga* que ele coletou em sua última expedição ao sul de Minas Gerais e que pensa ser uma espécie nova para a ciência. Se de fato for, Glaziou lhe sugere dar a ela o nome *Chuquiraga Sipolisiana* em homenagem ao seu amigo o Sr. L'abbé Sipolis, antigo diretor do colégio de Caraça e naturalista amador, que facilitou bastante suas pesquisas nessa região do estado. Entretanto, a planta que Glaziou pensou ser uma espécie nova, tratava-se, na realidade, da Asteraceae *Dasyphyllum trichophyllum* (Baker) Cabrera.

Outras particularidades conhecidas dos pesquisadores do século XXI podem ser observadas nos manuscritos, como a carência de verba destinada aos projetos científicos. Na carta enviada ao Sr. Thiselton-Dyer em 23 de março de 1878, Glaziou demonstra tanto a sua inquietação como a de grandes botânicos e naturalistas europeus da época, como J. D. Hooker, G. Benth e D. Oliver sobre a insuficiência financeira para dar continuidade à grande obra botânica “*Flora Brasiliensis*” de Von Martius e Eichler. Esta questão é igualmente evidente na correspondência enviada de Bouscat, Bordeaux, França, também ao diretor Thiselton-Dyer, em 14 de março de 1897, onde Glaziou comenta que está aproveitando seu tempo ilimitado na Europa para organizar seu herbário particular, enquanto a Comissão de estudos sobre o Planalto de Goiás está suspensa devido à falta de recursos.

Sobre as espécies intercambiadas

Nas 60 cartas analisadas foram encontradas 121 citações de usos para 63 espécies vegetais. Estas se encontram distribuídas em 32 famílias botânicas, sendo que as mais representativas

em número de espécie foram Arecaceae (7 espécies), Araceae (5 espécies) e Cyatheaceae (5 espécies). As demais famílias foram representadas por quatro, três, duas ou uma espécie cada (Tab. 2).

A popularidade das arecáceas brasileiras pode ser observada na correspondência de 07 de outubro de 1880 enviada ao Dr. J. D. Hooker, onde Glaziou diz: “Como muitas das palmeiras que crescem nos arredores do Rio de Janeiro já são cultivadas na Europa e, sobretudo, na Inglaterra, eu não sei se é conveniente continuar enviando indiscriminadamente sementes de todas as espécies (...)”. O interesse na obtenção de diversas espécies de palmeiras brasileiras podia ser observado desde o período de William Jackson Hooker, pai de J. D. Hooker, uma vez que essas plantas representavam exemplares remarcáveis na coleção da primeira e mais importante estufa de Kew Gardens, a “Palm House” (Hooker, 1851).

Considerando a origem das espécies, Glaziou indicou plantas nativas e exóticas como úteis. Do total, foram citadas 54 espécies nativas e apenas nove exóticas. O maior número de espécies nativas mencionadas por Glaziou reflete a intimidade do paisagista francês com a vegetação de seu novo país. Esta relação pode ser explicada por diversos fatores complementares, como as ocupações de Glaziou como Diretor Geral de Matas e Jardins da Casa Imperial e paisagista que o obrigavam a realizar atividades que envolviam o meio ambiente, mas, principalmente, por seu grande interesse pela pesquisa e pela flora brasileira, facilitado pela exuberante e fascinante natureza do Brasil do séc. XIX. “(...) eu me distanciei frequentemente para explorar as florestas virgens e as localidades elevadas (...) são [*sic*] nesses lugares afastados, penosamente acessíveis, que a ciência possui muitas plantas novas que eu tive a sorte de coletá-las” (Glaziou, 1905 p.1-2).

Tabela 2 – Espécies inventariadas nos manuscritos de Glaziou. Família/Nome científico revisitado. Nome vernacular. Nome científico citado nas cartas. Usos (número de citações). Ano da carta em que a espécie foi citada. Origem. Procedência e Destino. As categorias de uso foram abreviadas como: Alimentícia (Al), Forrageira (Forr), Industrial (Ind), Medicinal (Med) e Ornamental (Orn).

Família / Nome científico revisitado	Nome vernacular	Nome científico citado nas cartas	Usos (número de citações)	Ano da carta em que a espécie foi citada	Origem	Procedência → Destino
Aquifoliaceae						
<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Mate; Congonha		Al (1); Med (1)	1894	Brasil	RJ → Kew
Araceae						
<i>Anthurium affine</i> Schott			Orn (1)	1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Anthurium sinuatum</i> Benth. ex Schott		<i>Anthurium regnellianum</i> Engl.	Orn (2)	1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Anthurium</i> sp.			Orn (1)	1879	Brasil	RJ → Kew
<i>Asterostigma luschnathianum</i> Schott			Orn (1)	1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Philodendron</i> sp.			Orn (1)	1879	Brasil	RJ → Kew
Arecaceae						
<i>Archontophoenix cunninghamiana</i> (H.Wendl.) H.Wendl. & Drude		<i>Jessenia amazonum</i> Drude; <i>Seaforthia elegans</i> Hook.	Orn (3)	1886,1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Attalea speciosa</i> Mart.		<i>Orbignya lydiae</i> Drude	Orn (2)	1886,1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Attalea</i> sp.		<i>Orbignya</i> sp.	Orn (1)	1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E.Moore	Carnahuba	<i>Copernicia cerifera</i> (Arruda) Mart.	Ind (5); Orn (4)	1872;1873;187 4;1875; 1882;1892	Brasil	RJ → Kew

Tabela 2. Continuação.

Família / Nome científico revisitado	Nome vernacular	Nome científico citado nas cartas	Usos (número de citações)	Ano da carta em que a espécie foi citada	Origem	Procedência → Destino
<i>Desmoncus</i> sp.			Orn (1)	1880	Brasil	RJ → Kew
<i>Lytocaryum weddellianum</i> (H.Wendl.) Toledo		<i>Glaziova insignis</i> Drude; <i>Cocos weddelliana</i> H.Wendl.	Orn (2)	1886, 1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Trithrinax brasiliensis</i> Mart.		<i>Trithrinax acanthocoma</i> Drude	Orn (1)	1886	Brasil	RJ → Kew
Asparagaceae						
<i>Agave</i> sp.			Orn (1)	1891	Ásia; México	Kew → RJ
Asteraceae						
<i>Lychnophora</i> sp.			Orn (1)	1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Pterocaulon virgatum</i> (L.) DC.	Barbasco		Med (1)	1875	Brasil	RJ → Kew
Athyriaceae						
<i>Diplazium riedelianum</i> (Bong. ex Kuhn) Kuhn ex C. Chr.		<i>Asplenium riedelianum</i> Bong. ex Kuhn	Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
Bignoniaceae						
<i>Bignonia</i> sp.			Orn (1)	1886	Brasil	RJ → Kew
Blechnaceae						
<i>Blechnum</i> sp.		<i>Lomaria</i> sp.	Orn (1)	1894	Brasil	RJ → Kew
Caryocaraceae						
<i>Caryocar brasiliense</i> A.St.-Hil.	Pequi		Al (1)	1885	Brasil	RJ → Kew
Caryophyllaceae						

Tabela 2. Continuação.

Família / Nome científico revisitado	Nome vernacular	Nome científico citado nas cartas	Usos (número de citações)	Ano da carta em que a espécie foi citada	Origem	Procedência → Destino
<i>Silene armeria</i> L.			Orn (1)	1875	Brasil	RJ → Kew
Clusiaceae						
<i>Garcinia X mangostana</i> L.	Mangostão		Al (3); Orn (2)	1880; 1882	Malásia	Kew → RJ
Cyatheaceae						
<i>Cyathea delgadii</i> Sternb.	Fetos- arbóreos	<i>Cyathea schanschin</i> Mart.	Orn (1)	1885	Brasil	RJ → Kew
<i>Cyathea gardneri</i> Hook.			Orn (2)	1881,1882	Brasil	RJ → Kew
<i>Cyathea macrocarpa</i> (C. Presl) Domin		<i>Hemitelia macrocarpa</i> C. Presl	Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
<i>Cyathea phalerata</i> Mart.	Fetos- arbóreos	<i>Alsophila paleolata</i> Mart.	Orn (1)	1885	Brasil	RJ → Kew
<i>Cyathea praecincta</i> (Kunze) Domin		<i>Alsophila praecincta</i> Kunze	Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
Cycadaceae						
<i>Cycas</i> sp.	Cycas		Orn (1)	1883	China, Malásia	Europa → RJ
Dryopteridaceae						
<i>Cyclodium heterodon</i> var. <i>abbreviatum</i> (C. Presl) A.R. Sm.		<i>Aspidium abbreviatum</i> Poir.	Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
cf. <i>Stigmatopteris prionites</i> (Kunze) C. Chr.		<i>Polypodium rotundum</i> Bonap.	Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
Equisetaceae						
<i>Equisetum giganteum</i> L.			Orn (1)	1882	Brasil	RJ → Kew

Tabela 2. Continuação.

Família / Nome científico revisitado	Nome vernacular	Nome científico citado nas cartas	Usos (número de citações)	Ano da carta em que a espécie foi citada	Origem	Procedência → Destino
Ericaceae						
<i>Agarista coriifolia</i> (Thunb.) Hook. ex Nied.		<i>Agarista neriifolia</i> G.Don	Orn (2)	1886, 1887	Brasil	RJ → Kew
Euphorbiaceae						
<i>Euphorbia sipolisii</i> N.E.Br.			Ind (1); Orn (1)	1892	Brasil	RJ → Kew
<i>Manihot carthaginensis</i> subsp. <i>glaziovii</i> (Müll.Arg.) Allem	Maniçoba	<i>Manihot glaziovii</i> Müll.Arg.	Al (1)	1878	Brasil	RJ → Kew
Fabaceae						
<i>Acacia melanoxylon</i> R.Br.			Orn (1); Ind (1)	1897	Austrália	Kew → RJ
<i>Camptosema isopetalum</i> (Lam.) Taub.		<i>Camptosema erythrinoides</i> Benth.	Orn (1)	1888	Brasil	RJ → Kew
<i>Camptosema spectabile</i> (Tul.) Burkart		<i>Camptosema grandiflorum</i> Benth.	Orn (2)	1888	Brasil	RJ → Kew
Hymenophyllaceae						
<i>Hymenophyllum</i> sp.			Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
<i>Trichomanes</i> sp.			Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
Humiriaceae						
<i>Humiria</i> sp.			Orn (1)	1991	Brasil	RJ → Kew
Marattiaceae						
<i>Marattia cicutifolia</i> Kaulf.		<i>Gymnotheca</i> sp.	Orn (1)	1894	Brasil	RJ → Kew
Moraceae						
<i>Artocarpus</i> sp.			Orn (1)	1905	Brasil	RJ → Kew

Tabela 2. Continuação.

Família / Nome científico revisitado	Nome vernacular	Nome científico citado nas cartas	Usos (número de citações)	Ano da carta em que a espécie foi citada	Origem	Procedência → Destino
<i>Brosimum utile</i> (Kunth) Oken		<i>Galactodendrum utile</i> Kunth	Ind (3); Orn (2)	1891	Brasil	Kew → RJ
<i>Brosimum</i> sp. Nymphaeaceae		<i>Galactodendron</i> sp.	Orn (1)	1891	Brasil	Kew → RJ
<i>Victoria cruziana</i> A.D. Orb.	Gorfão	<i>Victoria argentina</i> Burmeister	Orn (6)	1890;1891; 1892;1893	Brasil	RJ → Kew
Orchidaceae						
<i>Sarcoglottis</i> sp.			Orn (1)	1991	Brasil	RJ → Kew
Passifloraceae						
<i>Passiflora amethystina</i> J.C.Mikan		<i>Passiflora violacea</i> Vell.	Orn (1)	1888	Brasil	RJ → Kew
Poaceae						
<i>Andropogon</i> sp.			Forr (1)	1892	Brasil	RJ → Kew
<i>Brachiaria</i> sp.	Capim- d'Angola		Forr (2)	1880	Brasil	RJ → Kew
<i>Echinochloa polystachya</i> (Kunth) Hitchc.)	Capim- d'Angola	<i>Panicum spectabile</i> Ness	Forr (1)	1881	Brasil	RJ → Kew
Pteridaceae						
<i>Ceratopteris thalictroides</i> (L.) Brongn.			Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
<i>Doryopteris ornithopus</i> (Mett.) J. Sm.		<i>Pteris ornithopus</i> Mett.	Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
<i>Pellea flavescens</i> Fée		<i>Pellaea bongardiana</i> Baker	Orn (1)	1872	Brasil	RJ → Kew
<i>Pteris</i> sp.			Orn (1)	1887	Brasil	RJ → Kew

Tabela 2. Continuação.

Família / Nome científico revisitado	Nome vernacular	Nome científico citado nas cartas	Usos (número de citações)	Ano da carta em que a espécie foi citada	Origem	Procedência → Destino
Rubiaceae						
<i>Cinchona pubescens</i> Vahl	Quina	<i>Cinchona succirubra</i> Pav. ex Klotzsch	Med (1)	1880	América Central e Norte e Oeste da América do Sul	Kew → RJ
<i>Coffea liberica</i> Hiern			Al (1)	1878	África	Kew → RJ
Sapindaceae						
<i>Blighia sapida</i> K.D.Koenig <i>Paullinia cupana</i> Kunth	Guaraná	<i>Paullinia sorbilis</i> Mart.	Al (2); Orn (2) Al (11); Med (5); Orn (1)	1880 1878; 1880; 1882; 1892	1879; 1881; 1883;	África Brasil Kew → RJ RJ → Kew
Sapotaceae						
<i>Palaquium gutta</i> (Hook.) Burck		<i>Dichopsis gutta</i> (Hook.) Benth.	Ind (1); Orn (2)	1891	Malásia	Kew → RJ
<i>Palaquium</i> sp.	Gutta- Percha	<i>Dichopsis</i> sp.	Ind (3); Orn (2)	1891	Malásia	Kew → RJ
<i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk.		<i>Lucuma glycyphloea</i> (Casar.) Mart. & Eichler ex Miq.	Orn (1)	1878	Brasil	RJ → Kew
Solanaceae						

Tabela 2. Continuação.

Família / Nome científico revisitado	Nome vernacular	Nome científico citado nas cartas	Usos (número de citações)	Ano da carta em que a espécie foi citada	Origem	Procedência → Destino
<i>Solanum</i> sp.	Fruta-de- lobo		Al (1)	1896	Brasil	RJ → Kew
Velloziaceae <i>Vellozia</i> sp.			Orn (1)	1889	Brasil	RJ → Kew

As correspondências de Glaziou revelam a dificuldade de inferir a origem de algumas espécies, o que pode ser o reflexo da intensa circulação de plantas iniciada no processo de invasão europeia na costa do Brasil (Dean, 1991). Um exemplo se refere à espécie *Silene armeria*, onde Glaziou comenta a Hooker em sua carta de 07 de abril de 1875: “Meu número 6821 (*Silene armeria*) é uma planta introduzida, mas que se encontra hoje com muitas outras, muito comum em locais baldios, vivendo bem como uma planta indígena”. Forzza *et al.* (2012) no *Catálogo de plantas e fungos do Brasil* designam *Silene armeria* como naturalizada, com distribuição nas regiões Sul e Sudeste da Mata Atlântica. O enfoque de Glaziou, documentando as espécies estabelecidas em uma determinada área e distinguindo as nativas das exóticas está coerente com a metodologia recomendada atualmente, embora esta ainda não seja adotada por alguns taxonomistas e ecólogos (Moro *et al.*, 2012; Pyšek *et al.*, 2004). Portanto, pode-se argumentar que, a esse respeito, Glaziou estaria à frente de seu tempo.

Outra questão observada nas correspondências é a reimportação de espécies nativas, como o caso de *Brosimum utile*, que, mesmo tratando-se de uma planta originária do Brasil, Glaziou pede, em 26 de maio de 1891, que o Sr. Nicholson envie de Kew Gardens exemplares dessa espécie que apresenta uma ampla distribuição nas regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste do país (Forzza *et al.*, 2012). Não ficou exatamente claro se Glaziou simplesmente não teve acesso ao material coletado nas localidades brasileiras ou se ele não tinha conhecimento da sua distribuição natural. Práticas semelhantes de reimportação de vegetais indígenas já eram realizadas no período da colonização brasileira, como o caso do Índigo (*Indigofera* spp.). Em 1689, o governador da Bahia exigiu que fossem importadas sementes de *Indigofera* da Índia, já que, aparentemente, ele ignorava as espécies de *Indigofera* nativas da costa do Brasil e bastante utilizadas pelos povos indígenas como fonte de corante (Dean, 1991).

Constatou-se a ausência de preocupações relacionadas às consequências ambientais da introdução de vegetação exótica e extração de espécies nativas, mostrando que esses assuntos não faziam parte das inquietações de Glaziou. Porém, Pádua (2002) mostra que determinados naturalistas brasileiros, tais como, José Bonifácio de Andrade e Silva e Alexandre Rodrigues Ferreira, já apontavam inquietações referentes à conservação do meio ambiente desde o século XVIII.

Sobre as categorias de uso

As cansativas tentativas de classificação tem o defeito de serem certamente imperfeitas e incompletas, mas elas podem ao menos mostrar a extensão da gama de utilidades vegetais (Barrau,1991, p.1288).

As plantas foram agrupadas em cinco categorias de uso segundo as utilizações indicadas por Glaziou. A categoria ornamental apresentou o maior número de táxons (53 espécies), seguida da categoria alimentícia (8 espécies), industrial (6 espécies), medicinal (4 espécies) e forrageira (3 espécies) (Fig.8).

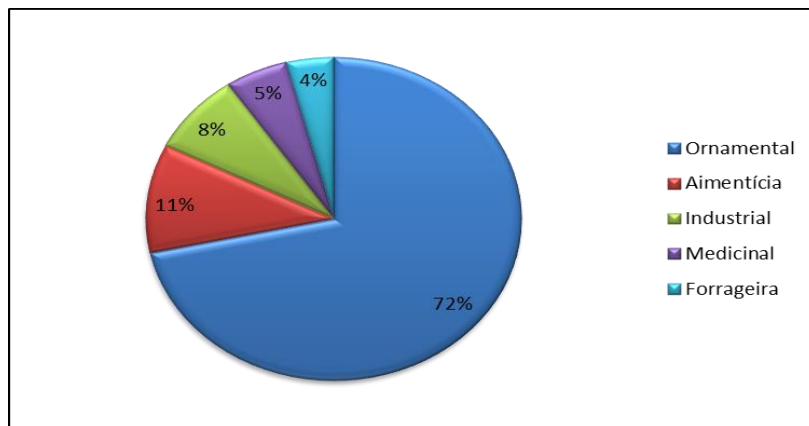


Figura 8 – Gráfico de distribuição das espécies em cada categoria segundo as indicações de usos de Glaziou

Forrageira – As espécies de Poaceae inventariadas nas correspondências são citadas por Glaziou como úteis na alimentação dos animais (Tab. 2). “As sementes da Gramínea que eu tive o prazer de vos enviar recentemente, pertencem, sem dúvida alguma, ao “Capim d’Angola”, cultivado aqui numa escala imensa para a nutrição dos animais”¹⁰¹; “Muitas das amostras desta série possuem sementes frescas que germinarão sem dúvida (...). Entre estas, uma gramínea vigorosa, um *Andropogon* (...) que é para o país uma preciosa forrageira (...)”¹⁰².

Nesse estudo foi identificado um caso de homonímia para as espécies forrageiras, ou seja, um mesmo nome popular para designar plantas de espécies diferentes. Glaziou se refere às espécies *Echinochloa polystachya* e *Brachiaria* sp. utilizando o mesmo nome vernacular “Capim d’angola” (Tab.2).

A análise de documentos históricos relativos à alimentação dos animais mostrou existir, no século XIX, uma grande interação entre as populações locais e agroecossistemas

¹⁰¹ Carta enviada ao Sr. William Thiselton-Dyer em 16 de junho de 1881.

¹⁰² Carta remetida ao Sr. William Thiselton-Dyer em 05 de setembro de 1892.

circundantes (Alcorn 1995). Entretanto, nossos dados sugerem que o interesse de Glaziou por essas plantas era limitado, visto ter reconhecido apenas três espécies nessa categoria de uso. Porém, na ausência das cartas endereçadas à Glaziou pela equipe Kew, não se pode descartar a possibilidade de que falta de ênfase sobre esse aspecto em sua correspondência reflita, simplesmente, o que ele entendia sobre as prioridades de Kew naquela época.

Medicinal – No início do século XIX, os saberes sobre usos e propriedades terapêuticas de plantas medicinais brasileiras foram estudados e divulgados no mundo científico, nos centros de botânica e de história natural da Europa. Neste período, a medicina foi influenciada pela busca de propriedades e potencialidades terapêuticas da flora do Brasil, participando das descobertas oriundas das expedições científicas e utilizando largamente as plantas medicinais. Esse movimento contribuiu para o estabelecimento e fortalecimento de uma rede de informações sobre as potencialidades e possíveis usos das drogas naturais, além da circulação e trocas dessas espécies. As observações de natureza médica são abundantes nos relatos dos viajantes estrangeiros, que trazem descrições sobre epidemias, praticantes de cura, medicina indígena e popular, vegetais utilizados no tratamento de doenças, entre outros aspectos relevantes para a história do uso de plantas medicinais (Santos, 2008).

Contudo, neste estudo foram relacionadas apenas quatro espécies com indicação medicinal: o Mate ou Congonha (*Ilex paraguariensis*); Barbasco (*Pterocaulon virgatum*); Quina (*Cinchona pubescens*) e Guaraná (*Paullinia cupana*). Este resultado sugere que, ao contrário de tantos outros viajantes europeus, as espécies que possuíam propriedades terapêuticas não despertavam grande interesse para Glaziou. Entretanto, não se pode ignorar o fato de que as limitações mencionadas acima, no que diz respeito ao fato ter sido analisada somente a correspondência ativa de Glaziou, podem ser relevantes aqui.

O Guaraná foi a espécie mais citada nesta categoria, aparecendo em 11 cartas e sendo mencionada cinco vezes por Glaziou como uma planta aditiva e fortificante. A sugestão de uso de Glaziou foi confirmada na atualidade por estudos farmacológicos, que atribuíram os efeitos estimulantes da *Paullinia cupana* a seu importante conteúdo de cafeína, bem como outros constituintes, tais como taninos e saponinas, que exercem atividades psicoativas melhorando a performance cognitiva e reduzindo a fadiga mental (Kennedy *et al.*, 2008).

Brandão *et al.* (2008) realizaram um levantamento das plantas medicinais brasileiras descritas nos diários de 16 naturalistas europeus que viajaram pelas províncias de Minas Gerais no século XIX. Dentre elas constava *Ilex paraguariensis*, que também apareceu

com os nomes vernaculares de Mate ou Congonha e apresentou a mesma indicação de uso estimulante e aditivo mencionada por Glaziou para esta planta.

A Quina (*Cinchona pubescens*) foi a única espécie medicinal indicada por Glaziou que não é nativa do Brasil. Na carta enviada ao diretor William Thiselton-Dyer em 23 de dezembro de 1880, Glaziou solicita o envio de sementes de *Cinchona pubescens* porém, não especifica o efeito terapêutico desta.

Já no século XVII a *Cinchona pubescens* tornou-se uma planta extremamente cobiçada na Europa devido a suas ações curativas no tratamento de febres e da malária. Os padres jesuítas foram os responsáveis pela disseminação de suas virtudes no “Velho Continente” e, em 1677 a Quina entra oficialmente na farmacopeia inglesa. Não tardou para que se desenvolvesse um lucrativo comércio em torno desta espécie. Em 1820 foi isolado da sua casca o alcaloide “quinino” de ação muito mais eficaz do que o seu extrato, passando a ser extraído industrialmente e comercializado (Lorenzi & Matos, 2002). O interesse de Glaziou por trazer ao país exemplares dessa espécie pode ser o reflexo tanto do potencial comercial da *Cinchona pubescens* quanto da necessidade de disponibilizar suas propriedades terapêuticas em resposta à alta incidência de malária em todo o território nacional (Costa, 1885).

A indicação terapêutica proposta por Glaziou para *Pterocaulon virgatum*, popularmente conhecida como Barbasco, foi vaga. O paisagista apenas diz se tratar de uma espécie de Asteraceae utilizada no tratamento de doenças. Na medicina tradicional esta espécie é utilizada como digestiva, analgésica e antitérmica, propriedades estas relacionadas à presença de óleos essenciais e lactonas sesquiterpênicas (Heemann *et al.*, 2004). Em 23 de abril de 1875, Glaziou envia esta espécie para Hooker a fim de obter a correta identificação deste vegetal.

Industrial – As correspondências evidenciaram o interesse de Glaziou por seis espécies da categoria industrial: *Acacia melanoxylon*; Carnahuba (*Copernicia prunifera*); *Euphorbia sipolisii*; *Brosimum utile*; *Palaquium gutta* e Gutta-Percha (*Palaquium* sp.) (Tab. 2).

A espécie mais citada por ele nesta categoria de uso foi a palmeira Carnahuba (*Copernicia prunifera*), com cinco citações (Tab. 2). Nativa das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, esta Arecaceae era extremamente solicitada pelos botânicos e naturalistas de Kew Gardens, aparecendo em inúmeras cartas, que vão desde o ano de 1872 até 1892. Em 22 de fevereiro de 1873 Glaziou relata ao Sr. Hooker: “Vós me falastes das sementes de *Copernicia cerifera*, que eu aguardo em breve e, que serão reexpedidas à Kew

assim que chegarem.” e, sete meses após, ele persiste: “As sementes de *Copernicia cerifera* não devem demorar a chegar para mim; eu as reenviarei imediatamente”. A Carnahuba era muito requerida devido os inúmeros fornecimentos de matérias-primas que essa palmeira é capaz de prover, sendo uma planta com grande aplicabilidade. Na correspondência de 23 de abril de 1875 para Hooker, Glaziou diz: “Aqui está uma segunda remessa de sementes frescas de Carnahuba; elas serão suficientes, eu creio, às necessidades atuais de vossas colônias”.

Ainda hoje esta planta costuma ser muito utilizada, tanto em comunidades tradicionais como nas indústrias. Sua madeira pode ser aproveitada inteira como postes, moirões, construções rústicas e lenha; fragmentada ou serrada é empregada para caibros, barrotes, ripas, confecção de artefatos torneados como bengalas, utensílios de uso doméstico, caixas, etc.. As folhas, principalmente as jovens, fornecem a famosa “cera de carnaúba”, que pode ser usada para muitos fins: graxas de sapato, vernizes, lubrificantes, sabonetes, fósforos, isolantes, etc. e, suas folhas secas podem ser utilizadas para a confecção de chapéus, bolsas, cestos, colchões, etc. (Lorenzi, 2008).

A Revolução Industrial que se expandia pelo mundo no século XIX, foi responsável pelo aumento da demanda de vegetais que fornecessem matérias-primas. Como resultado, botânicos realizavam viagens pela “selvagem” América do Sul e dependiam dos habitantes locais para obter instruções quanto ao uso de plantas desconhecidas que seriam, mais tarde, testadas nos laboratórios de Londres, Paris e Berlim. Uma vez comprovados seus potenciais industriais, as espécies seriam cultivadas nas colônias das grandes metrópoles imperiais, que se tornariam imensos campos de investimentos (Dean, 1989). Nenhuma novidade havia nesse tipo de procedimento.

O Brasil era um país ainda jovem desde o seu descobrimento. Dotado de ricos e desconhecidos recursos naturais, era um novo mundo bastante promissor para inúmeras explorações científicas, tanto do ponto de vista econômico quanto para estudos taxonômicos. A esse respeito, comentou Glaziou: “Eu venho de escrever para diferentes pessoas ao norte do Brasil, solicitando-as de nos procurar a goma que vós me falastes, anexando aos pequenos ramos das árvores (...) que a produz. Esta questão é verdadeiramente interessante (...)”.¹⁰³

No século XIX, a corrida em busca de espécies brasileiras que pudessem servir de matéria-prima aumentou consideravelmente, acompanhando o crescente capitalismo

¹⁰³ Carta enviada ao Sr. Morris em 26 de março de 1888.

industrial (Dean, 1989). Nota-se que a procura por plantas com emprego industrial era uma tarefa corriqueira para Glaziou, como pode ser observado em trechos de seus manuscritos.

Há dois meses, numa excursão que fazia nos arredores de Ypiranga, perto do rio Parahyba, província do Rio de Janeiro, eu creio ter feito a descoberta de uma planta útil para a indústria. É uma Asclepiadaceae de vigor extraordinário e produtora de uma fibra admirável (...) ¹⁰⁴;

“A matéria gordurosa que vós encontrareis (...) é a cera produzida em abundância nos caules de *Euphorbia sipolisii*, da mesma maneira que a Carnahuba, no norte do Brasil”. ¹⁰⁵

De todas as descobertas botânicas do Novo Mundo do século XIX, nenhuma foi tão grandiosa quanto a domesticação das árvores produtoras de borracha. Os primeiros exploradores observaram que os índios da Amazônia obtinham a borracha a partir do látex encontrado em inúmeras espécies tropicais e, com esse material fabricavam bolas, calçados utilizados para atravessar os igarapés, dentre outros objetos. Entretanto, a borracha era um produto instável e, durante alguns séculos, permaneceu como uma mera curiosidade. Mais tarde, por volta de meados dos oitocentos, com o advento da vulcanização, descobriu-se que as propriedades elásticas da borracha podiam se tornar mais duradoras através de um tratamento com enxofre e calor. Tal inovação foi responsável pela multiplicação de suas aplicações e, logo, a borracha se tornou o material preferido para a confecção de gaxetas para máquinas a vapor, além de acompanhar o ferro e o aço onde quer que fossem instaladas máquinas industriais, bombas de minas e ferrovias. Também era fundamental nas correias e tubos de máquinas, bem como nos para-choques entre os vagões das composições ferroviárias (Dean, 1989).

A enorme dependência por essa substância resultou numa incessante procura e exploração de árvores silvestres tropicais produtoras de borracha. Glaziou mostrava-se inserido nessa empreitada, como se constata na carta de 1894 para Sr. Cruls ¹⁰⁶, onde ele descreve sua opinião a respeito da flora do Planalto Central do Brasil.

Com bastante surpresa observei a existência de numerosas Sapotáceas susceptíveis de fornecerem a Guta-Percha, substância muito procurada, hoje rara no estado de pureza. Por toda a parte nas matas marginais dos rios encontram-se espécies congêneres tais como *Lucuma*, (...) *Mimusops*, etc., das que produzem as melhores Guta de Sumatra... Com essas Sapotáceas associam-se outros muitos vegetais cuja utilidade tão pouco não é para desprezar, como sejam as plantas de goma, fibrosas, etc.

¹⁰⁴ Carta enviada ao doutor Hooker em 05 de maio de 1874.

¹⁰⁵ Correspondência de 05 de setembro de 1892 para o Sr. Thiselton-Dyer.

¹⁰⁶ Carta de propriedade dos arquivos da biblioteca do Muséum National d’Histoire Naturelle de Paris.

Na correspondência de 14 de março de 1897 enviada por Glaziou para o Sr. William Thiselton-Dyer pode-se observar também, o interesse de Glaziou em conseguir espécies exóticas que possuíssem goma, interessantes para a indústria, para plantar nos parques e florestas do Rio de Janeiro.

Fortemente desejoso de ter, nas florestas e jardins públicos do Rio de Janeiro, a *Acacia melanoxylon* R. Br. e outras mimosóideas com goma, eu vos peço que tenhas a bondade de me enviar sementes por correspondência, se vós as tendes em mão, caso contrário, eu ficaria muito grato se vós me as obtivéreis da Austrália em tempo oportuno.

Alimentícia - Oito espécies citadas nas correspondências foram agrupadas na categoria alimentícia segundo as indicações de Glaziou: Mate ou Congonha (*Ilex paraguariensis*); Pequi (*Caryocar brasiliense*); Mangostão (*Garcinia X mangostana*); Maniçoba (*Manihot carthaginensis* subsp. *Glaziovii*); *Coffea liberica*; *Blighia sapida*; Guaraná (*Paullinia cupana*) e Fruta-de-lobo (*Solanum* sp.). Destas, três são exóticas e solicitadas por Glaziou ao diretor William Thiselton-Dyer: *Garcinia X mangostana*; *Coffea liberica* e *Blighia sávida* (Tab. 2).

A espécie mais citada nesta categoria foi o Guaraná (*Paullinia cupana*), com 11 citações. Em diversas cartas Glaziou comenta seus esforços para conseguir mais sementes de Guaraná para enviar para Kew, o que demonstra a grande demanda da instituição inglesa para obtenção dessa espécie: “(...) eu achei que as sementes de Guaraná estavam alteradas, mas eu gostaria de vos dar certeza de minha boa vontade a respeito desta preciosa planta, e eu pedirei outras, sempre à vossa intenção, aos meus correspondentes do Amazonas”¹⁰⁷; “Eu não esqueci das sementes de Guaraná (*Paullinia sorbilis*), tendo escrito à diferentes pessoas do Pará, eu espero recebê-las logo e as enviar imediatamente”¹⁰⁸; “Após uma das últimas cartas do Presidente do Amazonas, eu espero em breve as novas sementes de Guaraná, que eu enviarei, assim que recebê-las, para Kew Gardens”¹⁰⁹.

O uso do Guaraná como bebida saborosa foi logo passada dos indígenas para os colonizadores europeus que prontamente passaram a utilizá-lo, principalmente por se tratar de uma bebida que dava muita energia (Taylor, 1998). Conforme discutido anteriormente, esta espécie também foi identificada como medicinal, assim como o Mate.

Ornamental – As principais publicações que exploraram as utilizações dos vegetais no século XIX se restringem às investigações de abordagens terapêuticas, focalizando apenas

¹⁰⁷ Carta para o Sr. William Thiselton-Dyer de 24 de abril de 1880.

¹⁰⁸ Correspondência de 08 de outubro de 1879 para o Sr. William Thiselton-Dyer.

¹⁰⁹ Carta enviada para o Sr. William Thiselton-Dyer em 23 de dezembro de 1880.

o resgate do uso de plantas medicinais em diferentes ambientes e culturas do passado (Senna-Valle & de Sá, 2009). Existe uma carência de trabalhos que se referem a outros tipos de usos dos vegetais, como as plantas que eram empregadas para adornar residências, quintais, parques, jardins ou praças, pertencentes à categoria ornamental.

No decorrer do tempo, a demanda por determinadas espécies de plantas utilizadas na ornamentação de jardins é substituída pela de outras, como consequência das contingências da época e das modificações que se dão através dos anos, resultantes das novas descobertas e dos modismos (Lorenzi & Souza, 2001).

No presente estudo, a categoria ornamental foi a que apresentou o maior número de táxons indicados, com um total de 53 espécies, sendo 46 nativas e apenas sete exóticas (tab. 2). Isso corrobora a grande importância que as plantas ornamentais brasileiras representavam tanto para Glaziou quanto para Kew na segunda metade do século XIX (Kohlmaier & Sartory, 1986).

Esta categoria de uso compreendeu um total de 27 famílias botânicas, sendo Araceae a mais representativa em número de espécies (7 espécies), seguida de Araceae (5 espécies) e Cyatheaceae (5 espécies). As demais famílias foram representadas por quatro, três, duas ou uma espécie cada (Tab. 2).

Dourado (2011), em seu livro *A belle époque dos jardins*, recupera dados importantes sobre o elenco de plantas ornamentais que eram estimadas nos oitocentos para decorar os parques e jardins da Europa e, conseqüentemente, da capital imperial do Brasil e arredores, uma vez que, a escolha das espécies se pautava nas preferências que informavam o gosto francês e europeu da época. As marantas e os crótons eram muito admirados pela beleza e diversidade dos padrões formais e das combinações cromáticas de suas folhas, resultantes de uma gama de tons de verdes, cinzas, roxos e vermelhos. Já as dalias, os floxes, as gloxínias e azáleas pela produção de belíssimas flores. As palmeiras, Iúcas e cicadáceas eram admiradas por suas formas alegóricas e as plantas carnívoras e aquáticas por seus comportamentos fisiológicos peculiares.

Num período em que se aguçava o deslumbre pelas herbáceas e arbustivas de folhagens coloridas e pelas arbóreas com formas exuberantes, não era de se estranhar que Glaziou privilegiasse o envio de plantas que apresentavam tais características, assim como as Araceae, Araceae e Cyatheaceae.

Glaziou tinha um enorme apreço pelas espécies ornamentais brasileiras, buscando nas matas espécies nativas que ainda não eram reconhecidas por seu potencial ornamental na Europa. O paisagista francês arriscava-se em apresentar à sociedade e à comunidade

científica de Kew as descobertas do Novo Continente que, segundo sua sensibilidade, seriam desejadas para ornamentação, além de valorizar aquelas ainda pouco apreciadas:

(...) eu tenho o prazer de endereçar-vos algumas sementes de vegetais que creio ainda não existirem vivas na Europa, *Sarcoglottis* e *Humiria*, principalmente. Eu acabo de receber cartas da província do Mato Grosso as quais me prometem sementes de *Victoria argentina* (...). Assim que as receber eu vos enviarei a maior parte¹¹⁰;

“Na próxima primavera eu poderei vos endereçar (...), sobretudo os gêneros *Philodendron* e *Anthurium*, os quais existem umas centenas de espécies, entre aquelas, me parece que encontrarás muitas novas ou ainda raras na Europa”¹¹¹; “Pretendo, em breve, visitar o Pico de Itabira do Campo, onde, talvez, eu encontrarei sementes de *Agarista nerifolia* que me apressarei em coletar em vossa intenção e mesmo outras belas Ericaceae, se eu as encontrar”¹¹²;

(...) eu tenho o prazer de vos enviar duas caixas, uma de plantas vivas e outra de plantas secas. A primeira contém as Araceae (...) *Anthurium affine*, e a (...) *Anthurium regnellianum*; vós encontrareis também os pés de *Camptosema grandiflorum*, dos quais eu já vos falei. Eu terminei de preencher a caixa com algumas Bromeliaceae e dois fortes pés de *Cocos weddelliana*. As sementes grandes que estão com essas plantas pertencem à *Orbignya lydiae* Dr., que é uma de nossas mais belas palmeiras (...) algumas informações sobre as palmeiras seguintes: A *Jessenia amazonum* é cultivada nos jardins públicos do Rio de Janeiro; ela tem o porte da *Areca rubra*, mas é um pouco mais corpulenta e de uma vegetação mais vigorosa; seus frutos, os quais eu vos enviarei em breve, são um pouco maiores (...) as *Orbignya* são palmeiras grandes e belas (...) não há produção espontânea de nenhuma espécie de *Orbignya* nos arredores do Rio de Janeiro; as duas que eu cultivo me foram vindas do Amazonas (...).¹¹³

A espécie mais citada na categoria ornamental foi a aquática *Victoria cruziana*, com 6 citações (Tab. 2). Em carta de 14 de janeiro de 1893, Glaziou diz ter despachado para Thiselton-Dyer exemplares dessa bela planta.

Eu tenho o prazer de vos enviar os rizomas do “Gorfão” dos lagos do Mato Grosso (*Victoria argentina*), que eu mencionei durante minhas visitas à Kew. Se esta planta sobreviver nos aquários, ela será, certamente, uma das plantas mais remarcáveis de vossa rica coleção.

¹¹⁰ Correspondência datada de 26 de maio de 1891 remetida ao diretor William Thiselton-Dyer.

¹¹¹ Carta enviada ao diretor William Thiselton-Dyer em 08 de outubro de 1879.

¹¹² Manuscrito de Glaziou para o diretor William Thiselton-Dyer em 09 de maio de 1887.

¹¹³ Carta enviada ao Sr. Morris em 21 de junho de 1888.

A previsão de Glaziou parece ter se realizado, visto que o cultivo desta espécie foi bem sucedido no Royal Botanic Gardens, Kew e inúmeros exemplares desta planta passaram a representar uma importante atração para visitantes e pesquisadores (Leppard, 1978).

Não se pode deixar de notar o grande número de samambaias nativas do Brasil indicadas e enviadas por Glaziou para ornamentação dos jardins de Kew. Ao total foram citadas 17 espécies deste grupo de vegetais, pertencentes a oito famílias botânicas: Athyriaceae, Blechnaceae, Cyatheaceae, Dryopteridaceae, Equisetaceae, Hymenophyllaceae, Marattiaceae e Pteridaceae (Tab. 2). Na carta de 23 de janeiro de 1872 enviada à Hooker, Glaziou comenta.

Tendo já notado nas vizinhanças dessa cidade algumas (...) grandes samambaias de diversas espécies de *Hymenophyllum* e *Trichomanes*, espero que eu seja capaz (...) de atender uma parte de vossos desejos. Eu não cortarei seus caules; a fim de multiplicar as chances de sucesso, somente o farei na véspera de embarcá-las; elas serão colocadas na caixa conforme vossas indicações (...).

E, na correspondência para o Sr. William Thiselton-Dyer em 16 de junho de 1881, ele continua: “Na carga enviada estão duas caixas grandes com fetos arborescentes para a ornamentação de vossas soberbas estufas de Kew (...) que hoje devem estar ainda mais belas e mais ricas em plantas de todos os países”.

Observou-se que, muitas vezes, Glaziou não se refere a um táxon específico com potencialidade para ornamentação, mas sim a famílias inteiras. Tais como os grupos das Arecaceae, Bromeliaceae, Cactaceae, Cyatheaceae, Ericaceae, Euphorbiaceae, Melastomataceae, Moraceae e Orquidaceae. Um grande número de espécies pertencentes a essas famílias são, até hoje, extremamente utilizados como elementos decorativos da paisagem urbana (Lorenzi & Souza, 2001).

Ao mesmo tempo em que tinha afeição especial pela flora do Brasil, o paisagista gostava de reproduzir mudas diversas em seus trabalhos paisagísticos, não se restringindo às brasileiras. Há uma mistura perceptível entre plantas nativas e exóticas trazidas para o Rio de Janeiro via Kew. Muitas dessas espécies eram provenientes de outras regiões tropicais, que podiam se adaptar mais facilmente ao clima carioca. Este fato é testemunhado quando em 1891, Glaziou aceita a oferta de William Thiselton-Dyer por exemplares de *Agave*, que fariam dos jardins públicos do Rio de Janeiro ainda mais belos. Assim como em 1897, em que solicita sementes da leguminosa australiana *Acacia*

melanoxylon, também para serem cultivadas nos jardins da capital¹¹⁴ e, ainda, na carta enviada para o Sr. Thiselton-Dyer, em 10 de março de 1883, onde Glaziou conta: “Eu reuni, de fato, no novo grande parque da Aclamação, muitas das palmeiras e das Cycadaceae, (...) que me foram trazidas anteriormente da Europa”.

A intenção era mostrar para o público as descobertas do mundo, as novas espécies, trazidas dos quatro continentes, para serem apreciadas nos jardins, parques e praças das cidades. E a população se deslumbrava com essas maravilhas vindas do mundo inteiro e se interessava pelo elegante prazer da botânica (Moncan, 2009).

Considerações Finais

As correspondências de Glaziou para os homens de ciência do Royal Botanic Gardens, Kew possibilitaram a interpretação do processo de movimentação de espécies vegetais numa perspectiva intercontinental durante as últimas décadas de Oitocentos.

Glaziou e os naturalistas do Royal Botanic Gardens, Kew eram estudiosos da natureza e, portanto, colecionadores. Glaziou tinha plena consciência de sua contribuição para o conhecimento da flora brasileira, e orgulhava-se disso. O que se percebe nas suas cartas é uma manifestação mútua de grande respeito e apreço entre Glaziou, os ilustrados do Royal Botanic Gardens, Kew e demais botânicos renomados do século XIX, que recebiam e enviavam, regularmente, remessas de caixas de plantas brasileiras e exóticas, vivas e secas, as quais enriqueciam os jardins e herbários da Europa e do Brasil.

O estudo das correspondências enviadas a essas personalidades acadêmicas nos permitiu traçar um quadro de solicitações muito amplas, que vão desde o pedido de fornecimento de uma espécie vegetal rara à coleção botânica de Glaziou até a solicitação de listas de identificações de plantas para a organização do seu herbário particular, de bibliografias e periódicos julgados importantes na época, o que corrobora o interesse de Glaziou pela pesquisa botânica.

A procura por plantas selvagens que pudessem servir como alimento, remédio, matéria-prima e, principalmente, utilizadas como ornamento era uma atividade frequente na rotina de Glaziou. Ainda que fosse, muitas vezes, um empreendimento voltado às burocracias

¹¹⁴ Nesse período o Rio de Janeiro já era a capital da República dos Estados Unidos do Brasil. A Proclamação da República Brasileira ocorreu em 15 de novembro de 1889, no Campo da Aclamação, na cidade do Rio de Janeiro, até então capital do Império do Brasil. Liderados pelo marechal Deodoro da Fonseca, um grupo de militares do exército brasileiro destituiu o imperador e assumiu o poder no país, derrubando a monarquia constitucional parlamentarista do Império do Brasil e, por conseguinte, pondo fim à soberania do imperador dom Pedro II.

científicas e estatais a serviço do crescente capitalismo industrial, as iniciativas de Glaziou atrelavam-se diretamente as tendências românticas do século XIX, como a busca pelo raro, pelo desconhecido, pelo precioso, extraordinário.

A permuta de recursos vegetais, juntamente com suas informações e técnicas respectivas foi e, continua sendo, certamente, uma das formas mais importantes de transmissão cultural. E, mesmo que de forma despercebida ou inconsciente, o intercâmbio de plantas representava também fatos históricos, vinculados às mudanças sócio-políticas, científicas e culturais que sucederam à introdução de novos cultivares.

Portanto, a análise dessas cartas possibilitou identificar paralelos entre a circulação de plantas no âmbito Brasil e Inglaterra e o contexto de uma época, tanto do ponto de vista histórico cultural como científico. Além de contribuir com o entendimento das atitudes de certa secção da sociedade (comunidade científica) em relação à natureza. O que se percebe nas correspondências é uma seleção particular de elementos da flora com a finalidade de promover a experiência estética e o caráter utilitário, que, por sua vez, se encontram atrelados às práticas científicas. Elas estão situadas num período em que o imaginário do império brasileiro vislumbra a natureza local como uma posição de destaque que ganha projeção inédita tanto na esfera nacional como internacional.

CAPÍTULO III - Fabricando paisagens: a introdução de elementos naturais no cenário urbano carioca do século XIX

Este capítulo busca a compreensão de um quadro mais amplo sobre as concepções de paisagem¹¹⁵, natureza e botânica das sociedades ocidentais através do imaginário dos jardins, as quais se podem fazer presentes em variados contextos históricos, entre eles, o Brasil do século XIX, que constitui o foco desta tese de doutorado. Considera-se aqui um horizonte especialmente eurocêntrico no qual as cosmologias e representações da cultura brasileira estariam em grande medida enraizadas.

Introdução

Thacker (1979 p. 09) inicia seu texto “The History of Gardens” com a seguinte afirmativa “*Não existem dúvidas sobre isto. Os primeiros jardins não foram construídos, mas sim descobertos*”. A ideia proposta por Thacker nos faz refletir que a percepção da *paisagem natural* instrui o olhar humano para a criação de seus jardins, ao mesmo tempo em que o olhar humano só passou a conceber a ideia de *paisagem natural* a partir de sua experiência da construção de jardins.

Os jardins podem ser interpretados como construções humanas erguidas a partir de “tijolos” do mundo natural. A arte de criação de jardins não é apenas um simples objeto de ornamentação, mas constitui uma prática impregnada de significações (Segawa, 1996). Estudar as diferentes representações desta *paisagem artificial* ao longo do tempo e no espaço pode nos dar pistas que ajudem a compreender a complexidade da relação das sociedades com o seu meio, assim como a transformação de um imaginário que irá conduzir a valorização de novos sentidos, e, quiçá, uma nova geometria cognitiva da natureza.

No Brasil não existe uma longa tradição na elaboração de grandes jardins; somente no século XVIII surge a preocupação de se idealizar um jardim público em plena cidade colonial (Terra, 2000). A criação do primeiro jardim público do Brasil, o Passeio Público do

¹¹⁵ O termo paisagem referido neste capítulo abarca duas representações distintas. Na primeira delas os elementos naturais se encontram existentes em determinado contexto espacial, não há intervenção humana. Neste sentido, o termo será tratado como *paisagem natural*. Já na segunda concepção há interferência do homem, onde os elementos naturais são controlados e manejados com a intensão imprimir novas relações físico-espaciais. Aqui se consideram as nomenclaturas *paisagem construída, artificial, cultural, urbana*, entre outras.

Rio de Janeiro, encomendado pelo Vice-Rei Luís de Vasconcelos, em 1779, aparece como justificada a partir da necessidade de se combater os ambientes pútridos que, de acordo com as teorias dos miasmas, eram locais propícios para o desenvolvimento de doenças. Entretanto, a inserção de um jardim público em plena cidade colonial buscava também a criação de um “cenário” europeu, imprimindo noções de “prosperidade” e “modernidade” e manifestando o surgimento de uma nova ideologia que impunha seus valores através da apropriação e manipulação da sua paisagem (Macedo, 2012).

Em meados dos oitocentos, intensifica-se o processo de mudanças urbanas no Brasil Império, através de um forte sentimento de superação das mazelas da herança colonial e desejo de alcançar o mesmo estágio de desenvolvimento das mais afortunadas nações europeias. Assim, buscando inspiração na próspera capital francesa, que irradiava seu modelo de ambiente urbano integrado a espaços verdes, observou-se a implementação de um conjunto metropolitano de jardins, praças e parques¹¹⁶ e programas de arborização em diversas cidades brasileiras (Dourado, 2011). Nessa ocasião, os serviços de paisagistas franceses eram constantemente solicitados para auxiliar o aprimoramento dessa arte, segundo as tipologias características e estratégias adotadas em Paris (Terra, 2000). Desse modo, ao chegar ao Brasil, o francês, jardineiro e horticultor Auguste François Marie Glaziou, movido pelo anseio de conhecer de perto a vegetação desse país tropical, encontraria as condições ideais para lançar-se e notabilizar-se nas carreiras de paisagista, horticultor e, quem sabe até, como pesquisador botânico.

Em 1860, dois anos após desembarcar na capital imperial, Glaziou abraçou a oportunidade de associar-se ao deputado Francisco Fialho na reforma do Passeio Público do Rio de Janeiro. Esse seria o início da trajetória de um protagonista da atividade paisagística francesa no Brasil da segunda metade do século XIX. Glaziou foi autor de grandes e importantes realizações, entre as quais se destacam, além da reforma do Passeio Público, a idealização dos jardins da Casa Imperial na Quinta da Boa Vista e o parque do Campo da Aclamação, atual Campo de Santana, seu maior e mais ambicioso projeto (Cardozo & Azevedo, 2009). As obras acima apontadas serão objeto de reflexão do presente capítulo na tentativa de compreendê-las enquanto *paisagens construídas*, resultado da arte humana, presentes num dado tempo e espaço, carregado de ideologias, valores e simbolismos.

¹¹⁶ No presente estudo, os termos jardins, parques e praças possuem o mesmo significado, atrelado à ideia de *paisagem cultural*, na qual a percepção de meio ambiente compreende sua óptica mais atual: um sistema dinâmico, de relações e interferências mútuas, abrangendo aspectos naturais, sociais, culturais, econômicos, éticos e políticos. Em 2009, o IPHAN conceituou a expressão *paisagem cultural brasileira* como a “porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas, ou atribuíram valores”.

Um elemento natural particularmente importante para a composição dessas *paisagens artificiais* é a vegetação, com sua variedade de cor, forma, porte, textura, perfume, sabor, beleza e origem. A escolha das plantas a serem introduzidas num jardim não era feita de modo aleatório, consistia de uma seleção consciente que influenciou na construção daquele espaço e que imprimia o olhar, o entendimento e a ação do homem sobre a natureza (Cunningham, 1997). Desta forma, se as espécies vegetais presentes num jardim contribuem para revelar as densas representações ali contidas, conhecer o elenco de espécies que Glaziou incorporou em seus projetos e compreender por que o paisagista francês elegeu determinados táxons em detrimento de outros, certamente, serão fatores fundamentais na tentativa de desvendar o valor cultural que os jardins de Glaziou representavam não apenas para a nossa cidade, mas também, para o nosso país, em meados do século XIX.

A fim de melhor refletirmos sobre a sintaxe desses espaços verdes, os quais possuíam suas bases de composição inspiradas nas soluções plásticas europeias do período em questão, tendo como principal influência a França, torna-se necessário entender a evolução de uma estética de representação da natureza que surgiu na Inglaterra, no século XVIII, que reverberava novos hábitos culturais, conduzindo a uma nova relação *Homem x Natureza*. Ganha destaque o papel dos jardins românticos, ou *landscape gardens*.

Do jardim das luzes ao parque romântico

No século XVIII, um novo movimento cultural começou a figurar e ganhar expressividade nas esferas intelectuais britânicas, francesas e, sobretudo, alemãs. As primeiras manifestações do romantismo vão surgir como uma reação aos ideais iluministas, que viam na razão, na ordem e nas concepções mecanicistas o caminho ideal para reorganização da sociedade rumo ao progresso.

Esse novo sentimento revolucionário que vai se firmar na cultura ocidental entre o final do século XVIII e o decorrer do século XIX abrange uma complexidade de dimensões constitutivas¹¹⁷ mostrando-se sensível, inclusive, no campo das artes. Um estado de espírito capaz de exaltar a emoção, o sentimento, a subjetividade constituía a força motora da criatividade e da autenticidade, refletindo num momento de grande evolução artística.

A temática da natureza envolvia e atraía cada vez mais o pensamento dos artistas românticos, com a redescoberta dos contos medievais, lendas germânicas e mitologias

¹¹⁷ Duarte (2005) apresenta um quadro geral das derivações ideológicas do pensamento romântico através de um profundo e cuidadoso esclarecimento dos horizontes de “diferença”, “totalidade”, “singularidade”, “fluxo”, “pulsão”, “experiência” e “compreensão”, que formavam os pilares estruturantes dessa nova orientação cosmológica.

grega e nórdica. A revalorização da filosofia estética do gótico e a dicotomia entre sombra e luz imprimiam o temperamento que oscilava entre a depressão e o entusiasmo, entre a melancolia e a euforia. A preferência pelo sobrenatural, espiritual, irracional se fazia presente e, as convenções que sublinhavam a ênfase na diferença, no exótico, no misterioso eram fontes permanentes de inspiração.

A arte de execução de jardins não permaneceu insensível aos princípios norteadores da nova cosmologia romântica. A composição geométrica, as proporções rigorosas, a simetria, assim como, a exuberância e os excessos de afetação das *parterres de broderies*, dos espelhos d'água, das esculturas e fontes de mármore e, de uma infinidade de outros elementos típicos dos jardins racionalistas do barroco francês cederam lugar à preeminência do gramado recortado pelos caminhos sinuosos, que escondiam recantos pitorescos e privilegiavam diferentes pontos de vista que destacavam suas qualidades mais sombrias, inspirando a contemplação do cenário produzido (Terra, 2013). Essa nova modalidade de jardim, que aparece primeiramente na Inglaterra, durante o século XVIII, rejeita as convenções de ordem e de luz e reverencia a paixão, a emoção, o desafio, o desejo em uma apreensão da natureza do ponto de vista do sublime (Saint Girons, 2001).

Desse modo, a valorização das noções de irregularidade, desordem e caos, encontradas nos horizontes de terror, mistério, introspecção, vão refletir diretamente nos elementos introduzidos nesse novo contexto do *landscape gardening*. Uma espécie de neblina envolvia o cenário, efeito proporcionado pelos bosques sombrios de coníferas, carvalhos e pelos lagos margeados por belíssimos exemplares de salgueiros chorões. A luz, penetrando parcialmente entre as copas das árvores, atingia formas diversas e inesperadas, proporcionando inúmeras sensações óticas que aumentavam a sugestão emotiva. A introdução de espécies vegetais caducifólias remetia a mudança, renovação, morte, renascimento, dando maior expressividade ao drama e ao etéreo.

Uma representação particularmente interessante da tensão entre o jardim romântico e o jardim iluminista pode ser delineada através da categoria conflitante trazida por Schama (1996) em suas diferentes maneiras de vislumbrar o imaginário da arcádia¹¹⁸. O historiador inglês, em sua obra magistral que busca identificar a mitologia da natureza no Ocidente em suas várias manifestações, evoca um confronto crucial entre dois tipos de arcádias, em que

¹¹⁸ O “arcadismo” é uma escola literária que teve como berço a Europa do século XVIII. O nome “arcadismo” refere-se diretamente à Arcádia, região campestre do Peloponeso, na Grécia antiga, idealizada como mais próxima à natureza, aonde viviam pastores, seres considerados mais rústicos, mais indiferenciados do que se configurava como um “mundo natural”. Esse local era tido como ideal para a inspiração poética.

a primeira seria tumultuada, ameaçadora e sombria e a segunda tranquila, benigna e luminosa. Nas *Éclogas* de Virgílio a “arcádia idílica” é a retratada. Um lugar em que tudo o que é selvagem foi banido do primoroso estado pastoral, assumindo apenas qualidades de pureza e rusticidade, como um *locus amoenus*, no qual estariam contemplados todos os elementos condicionados a um senso de ordem, submetidos a uma concepção de paisagem perfeitamente controlada, segura e agradável. Podemos traçar um paralelo de tais noções à ideia de *hortus conclusus*, ou natureza contida, como um jardim fechado, cercado por muros altos, de modo a estar protegido do *desertum*, ou seja, da natureza circundante, hostil e primitiva.

O jardim iluminista, ou barroco, seria um típico exemplo de “arcádia benigna”, domesticado, harmonioso, rigidamente ordenado e murado, assinalando com precisão a fronteira entre o abrigo do jardim e a ameaçadora “arcádia maligna”. Já no jardim romântico, os muros caem, as cercas são retiradas, um novo elemento é incorporado, o *ha-ha*¹¹⁹, possibilitando descortinar uma paisagem caracterizada pela rusticidade e desordem. Era como se o desaparecimento do obstáculo visual favorecesse um diálogo entre as duas arcádias, provocando uma profunda sensação de liberdade daquela conformidade claustrofóbica e sugerindo emoções através do encontro do belo com o sublime (Shama, 1996).

Neste contexto, sublinha-se o papel das novas tecnologias, advindas da Revolução Industrial, que sinalizavam uma grande força criativa. Os progressos científicos da época contribuíam para contemplação das aspirações românticas na arte de criação desses espaços “naturais” fabricados. Novos materiais possibilitavam erguer colinas inteiras e construir grutas e lagos fantásticos. A iluminação a gás produzia efeitos encantadores. A utilização desses recursos originais expressava maior dramaticidade e, cada vez mais, se alcançava, com perfeição, a imitação de uma paisagem “pura”, autóctone, como uma arcádia primitiva, rústica, ainda que fosse altamente artificial. “Quanto mais esses lugares caprichavam no efeito “selvagem”, contudo, mais irritavam os puristas devotos de Rousseau, segundo os quais nada poderia aprimorar a sublimidade da natureza” (Schama, 1996 p. 540)¹²⁰.

¹¹⁹ O *ha-ha* era um fosso, revestido de tijolo, que conferia ao observado uma sensação de continuidade. Não existia uma barreira visual entre os limites do jardim formal e da natureza primitiva, mas, ao mesmo tempo, esse componente impedia a entrada de animais selvagens e ameaçadores (Schama, 1996; Thacker, 1979).

¹²⁰ Rousseau, em seu livro *Les Rêveries du promeneur solitaire* (1776-1778), apresenta suas reflexões sobre a natureza, o homem e seu espírito. De acordo com o autor, o caminho para encontrar felicidade, em sua forma mais plena, se caracteriza pela proximidade, pela contemplação, pela fusão da alma com a natureza.

A vasta exploração dos trópicos e a descoberta de milhares de espécies que o mundo da ciência nunca tinha visto antes determinava o surgimento de um novo paradigma estético na arte de criação de jardins, em que se privilegiava a introdução de uma diversidade tão significativa de plantas quanto fosse possível, principalmente aquelas provenientes do Novo Mundo, de modo a instituir um Éden particular, um espaço de contemplação da natureza e, ao mesmo tempo, útil ao conhecimento do homem acerca do mundo vegetal. Nesta perspectiva, destacam-se as grandes estufas do século XIX, que sugeriam uma esplêndida reprodução das densas florestas tropicais, cuidadosamente arquitetada, através de um processo inteiramente industrializado. Porém, inicialmente, as Arcádias *in vitro*, eram privadas e exclusivas das elites aristocráticas, em função do seu alto custo.

Desde o século XVIII, a Inglaterra incentivava a vivência em espaços verdes, em que as atividades de recreação, descanso, jardinagem, e contemplação da natureza seriam um estímulo à autoestima e afirmação da dignidade (Thomas, 1989). Esses princípios se tornaram cada vez mais importantes à medida que o mundo se industrializava. A representatividade de uma nova classe trabalhadora e o amplo desenvolvimento urbano determinaram o delineamento de um conceito moderno de cidade, com a implantação de extensas áreas verdes no cerne das grandes metrópoles. Os dirigentes ingleses logo entenderam que uma arcádia para o povo seria acolhedora, capaz de proporcionar a força necessária para transformar em padrões de moralidade familiar uma rude população operária¹²¹. O cancelamento do imposto sobre o vidro, em 1845, permitiu que estufas magníficas fossem construídas em meio aos parques românticos públicos. Nessas novas dimensões urbanas, a paisagem podia ser percorrida, observada, experimentada. Era possível degustar da experiência bucólica, atrelada a uma sensação de curiosidade pelos elementos da natureza (Terra, 2013).

É preciso salientar que o modelo inglês de ordenamento dos jardins, ou seja, a nova cosmologia de construção da paisagem que privilegiava aspectos contrários à razão iluminista foi, aos poucos, se disseminando e inspirando demais regiões da Europa e do mundo (Dourado 2011). As arcádias tipicamente inglesas, tanto urbanas como aquelas acessíveis somente aos ricos e aristocratas, vão estimular uma maior intimidade em relação ao meio ambiente, promovendo um novo diálogo entre natureza e civilização (Duarte, 2005). Esta mudança de sensibilidade social associada às ideias de pureza e de uma

¹²¹ Regent's park, com sua área de 170 hectares, é um importante exemplo de uma arcádia para o povo em plena metrópole londrina. Aberto para o público em 1831, o parque tinha o intuito de proporcionar um local de lazer junto à natureza, tornando as condições de vida do operariado mais amenas.

apropriação romântica da natureza teve uma forte influência no desenvolvimento da Botânica, considerando que tais convicções seriam uma via de valorização dos elementos vegetais.

Assim, ao longo do século XIX, ao mesmo tempo em que ocorrem as transformações na gramática estética que regia a arte de criação das *paisagens artificiais*, a relação com o mundo vegetal vai se tornando cada vez mais complexa, como parte do “improvement” científico que se amplia no Ocidente. O desenvolvimento de uma jardinagem cada vez mais elaborada e respeitada acompanhava um saber botânico cada vez mais sistemático, e esses aprimoramentos se refletiam diretamente no imaginário dos jardins, como podia ser observado, por exemplo, nas novas introduções de espécies e variedades botânicas que compunham os maciços vegetais, conferindo-lhes sentido, lógica e harmonia (Cunningham, 1997).

Glaziou: o construtor de paisagens

Se existe um período simbólico que represente a alvorada e a consolidação de uma cultura de jardins no Brasil, essa época foi a segunda metade do século XIX. E, se existe um ator central na arte de construção de paisagens ajardinadas, transformando os cânones urbanísticos da capital do Império, esse homem foi o francês Auguste François Marie Glaziou. Entretanto, para compreendermos a explosão de áreas verdes que integravam o traçado urbano e modificavam os hábitos da população das cidades de nosso país, em meados dos oitocentos, não podemos ignorar o que estava acontecendo do outro lado do oceano, mais particularmente em Paris.

Entre 1853 e 1870, Paris sofreu uma ambiciosa transformação determinada pelo imperador Napoleão III (1808 – 1873) e dirigida pelo barão Haussman (1809 – 1891), o então prefeito da capital francesa. Jamais uma cidade, em apenas 17 anos, recebeu um número tão expressivo de parques, jardins e praças, quanto a Paris do Segundo Império. Foram plantadas mais de 600.000 árvores e construídos nada menos do que 1.835 hectares de áreas verdes para os parisienses, que se apossavam com entusiasmo para desfrutar esses novos locais de deleite (Moncan, 2009).

A atitude prioritária de Napoleão III de expansão do verde na capital de seu império pode ser explicada por diversos fatores. Em 1852, a situação da cidade era deplorável, as condições de higiene preocupantes, surtos de cólera haviam devastado bairros mais modestos, as ruas eram estreitas, os raios solares não conseguiam penetrar, as árvores eram raras e, a água escassa, Paris estava asfíxiada (Moncan, 2009). Tornava-se urgente o

desenvolvimento de um plano de melhoramentos urbanos que daria suporte ao crescimento urbano e financeiro da cidade. Nada seria mais inteligente do que a proliferação de recintos ajardinados, uma vez que esses espaços eram recomendados por sanitaristas para a recuperação da água do solo, insolação e circulação do ar, evitando a formação de sítios pútridos, favoráveis ao surgimento de moléstias (Lawrence, 2008). O imperador também acreditava na teoria inglesa de que a implantação de jardins, praças e parques seria capaz de civilizar a classe operária e inibir possíveis convulsões revolucionárias (Dourado, 2011).

Outra motivação importante aos trabalhos paisagísticos era o embelezamento da cidade. Esse objetivo, ao mesmo tempo em que colocou Paris no rol das capitais mais belas da Europa, contribuiu para atender às demandas de uma florescente burguesia industrial, que almejava mais cenários verdes, ao ar livre, onde pudesse exercer comportamentos típicos da aristocracia, como exhibir-se, pavonear-se (Dourado, 2011).

Napoleão III, durante seu exílio na Inglaterra, compreendeu a estética dos jardins paisagísticos ingleses, ou *landscape gardens*. E foi, justamente, essa sintaxe plástica que serviu de inspiração para a construção dos novos parques de Paris¹²² (Terra, 2013). Entretanto, ao contrário do tradicional modelo inglês do século XVIII, caracterizado por extensas dimensões rurais, a inserção das áreas verdes parisienses, em meados dos oitocentos, necessitava se adaptar aos reduzidos espaços do contexto urbano. Os caminhos sinuosos tornaram-se cada vez mais complexos, e, aliados a jogos de perspectiva, davam a sensação de tratar-se de terrenos imensos. A adoção de desníveis no solo, criando diferentes relevos, também transmitia essa ideia. Além disso, houve uma retomada da valorização de elementos ornamentais, como grutas, rochedos, ruínas, lagos, cascatas, pontes, estátuas, vasos, adornos imitando pedras e troncos de árvores e, inúmeros canteiros de flores coloridas e interessantes agrupamentos de plantas originárias de localidades longínquas (Dourado, 2011). Era o início de uma nova estetização, que marcava suas espacialidades, ultrapassando tudo o que havia sido feito em termos de paisagismo. Paris ecoava sua gramática artística de criação e elaboração de jardins para as demais regiões da França, da Europa e do mundo (Figs. 9 e 10).

¹²² Para a realização dessa ambiciosa tarefa, Haussmann se muniu de uma equipe de peso: Eugène Belgrand, encarregado pelo fornecimento e saneamento de água; Adolphe Alphand, responsável pela direção geral de desenvolvimento de todos os jardins, praças e avenidas; Barillet-Deschamps, o horticultor incumbido da plantação dos gramados, árvores, maciços de vegetação e canteiros de flores e; Gabriel Davioud, arquiteto confiado à elaboração dos quiosques, chalés, restaurantes, grutas, bancos, gradis e dos diversos refúgios presentes nos parques (Moncan, 2009).

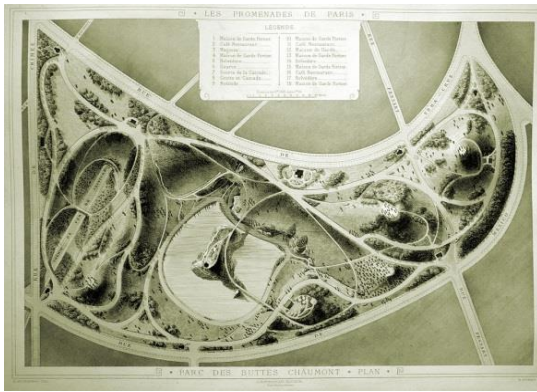


Figura 9 – O Parc des Buttes Chaumont, situado na região nordeste de Paris. Desenho de Alphand, datado de 1867 / Fonte: Wikipedia



Figura 10 – O belvedere (Parc des Buttes Chaumont) / Fonte: Wikipedia

No Brasil, o imperador Dom Pedro II acompanhava com bastante interesse e entusiasmo as grandes transformações que aconteciam em Paris (Mériam, 2009) e, graças aos importantes trabalhos paisagísticos de Glaziou, conseguiu importar para seu império a cultura dos jardins parisienses, que estava atrelada ao prazer dos habitantes da cidade em estar em contato com o verde.

Por volta de 1853, Glaziou chega a Bordeaux, capital e maior cidade do departamento da Gironda, no sudoeste da França, aonde vai se instalar até 1858, quando decide partir para o Brasil. Nessa época, Bordeaux atravessava uma complexidade de problemas urbanos, que foi resolvida através de uma drástica reestruturação. O programa de renovação municipal, no que se concerne aos parques, adotava, claramente, o novo modelo de jardim paisagístico que emergia de Paris (Figs. 11 e 12). É interessante notar que Glaziou testemunhou um extraordinário sistema de obras, de qualidade inquestionável, acompanhando toda a evolução da concepção desses projetos até a sua conclusão (Bériac, 2012). Essa experiência será fundamental, alguns anos mais tarde, para a idealização de seus próprios trabalhos.

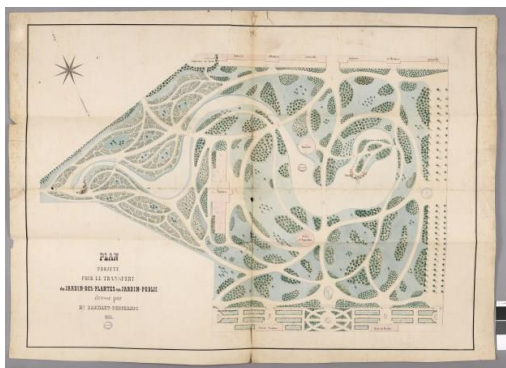


Figura 11 – Projeto (não executado) para o jardim público de Bordeaux



Figura 12 – Vista do jardim público de Bordeaux / Fonte: Bériac, 2012

(desenho de Barillet-Deschamps, em 1855) / Fonte: Bériac, 2012

Glaziou inicia sua carreira paisagística nos trópicos em 1860, com o projeto de remodelação do Passeio Público do Rio de Janeiro. Em seu desenho é possível observar a gramática compositiva dos espaços públicos parisienses, conforme informava a lógica moderna (Fig. 13). O paisagista francês rompeu com os traçados retilíneos de Mestre Valentim (1745-1813)¹²³, expressão do jardim iluminista do século XVIII, e introduziu percursos sinuosos, que escondiam recantos pitorescos e privilegiavam diferentes pontos de vista, entre lagos, grutas, pontes, caramanchões, quiosques e mirantes que inspiravam a contemplação do cenário produzido (Segawa, 1996) (Fig. 14).

Em 1862, ano da inauguração do recém-reformado Jardim Público do Rio de Janeiro, o Almanaque Laemmert¹²⁴ publicou uma matéria fazendo menção a numerosos detalhes que imprimiam com clareza as intervenções realizadas por Glaziou, responsáveis pelo abandono do clássico desenho do Mestre Valentim para consagrar a adoção de princípios do jardim paisagista moderno:

O estabelecimento [...] denominado Jardim Botânico do Passeio Público da Corte, recebeu no decurso do ano próximo passado melhoramentos tais, que quase equivalem a sua completa reforma.

Com efeito, esse único jardim público da cidade do Rio de Janeiro tinha chegado a um estado vergonhoso!

O Passeio Público é uma miniatura do jardim paisagista, mas miniatura de mão de mestre.

Largas aleias areadas, de contornos docemente curvos, o cortam em diversas direções, oferecendo a cada passo novo aspecto. Um montículo proporcionado à extensão do terreno é coroado por um pavilhão rústico, de sob o qual se tem o gozo da vista da barra e de grande parte do jardim; sua base é um rochedo áspero do qual se precipita uma nascente que se estende por cerca de 100 braças, formando um ribeiro que serpenteia por sob a copa das árvores, com pequenas clareiras, até perder-

¹²³ Diversos estudos que se referem à história do Passeio Público corroboram que o jardim foi criado por ordem do vice-rei do Brasil, D. Luís de Vasconcelos. Valentim da Fonseca e Silva, mais conhecido como Mestre Valentim, era um dos mais importantes artistas do Brasil colônia. Reconhecido por suas atuações de escultor, arquiteto e urbanista, foi o escolhido para projetar e executar o primeiro recinto ajardinado da colônia que teria o papel de servir aos habitantes da cidade. A execução do parque, que seguia os moldes retilíneos das representações iluministas, decorreu entre os anos de 1779 e 1783 (Segawa, 1996).

¹²⁴ O Almanaque Laemmert (pelo título original, *Almanak Laemmert*) como é conhecido, denominado Almanak administrativo, mercantil, e industrial do Rio de Janeiro, é considerado o primeiro almanaque publicado no Brasil. Editado no Rio de Janeiro, entre 1844 e 1889, pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert. Originários da cidade alemã de Rosenberg, no Grão-Ducado de Baden, os irmãos Laemmert fundaram a Livraria Universal e a Tipografia Laemmert, pioneira no mercado tipográfico brasileiro. Com textos sobre a corte brasileira, os ministérios e a legislação imperial, para além de dados censitários e até propagandas, o Almanaque Laemmert tornou-se fonte fundamental para a compreensão do cotidiano brasileiro do século XIX (Hallewell, 1985). Atualmente, o acervo do Almanaque, que conta com 46 edições e cerca de 60 mil imagens, foi disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional, por meio de seu endereço online.

se num laguinho gracioso, dentro do qual existem uma ilhota e dois escolhos. [...] O ribeiro é atravessado em dois sítios por pontes rústicas, uma de madeira no estado natural, e outra de ferro fundido, imitando-a; obra do mais acabado trabalho e primoroso gosto. Cinco belíssimas estátuas da mais fina fundição, e um riquíssimo vaso de Médici, com flores igualmente fundidas, ornam sítios diversos [...].

Em muitos outros sítios de melhores perspectivas, ou adequados ao repouso e meditação, acham-se bancos de pedra lavrada.

Consignando aqui alguns dos mais notáveis trabalhos dos Srs. Fialho e Glaziou [...] sua execução, honra à inteligência, ao gosto e à atividade dos empresários de uma obra que parece não terem calculado seus interesses pecuniários, mas os do país, de que um é natural e o outro deseja ser hóspede útil (Laemmert & Laemmert, 1862 p. 313-314).

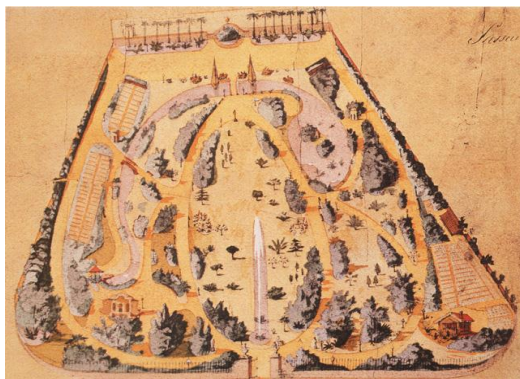


Figura 13 – Planta do Passeio Público do Rio de Janeiro (desenho atribuído a Glaziou, datado de 1879) / Fonte: Fundação Biblioteca Nacional



Figura 14 – Passeio Público do Rio de Janeiro, após a reforma de Glaziou / Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

O Campo de Santana, situado em pleno coração da capital imperial, foi, certamente, o trabalho mais relevante e ambicioso de Glaziou. Palco da solenidade de aclamação de D. Pedro I como imperador do Brasil, em 1822, a área ficou conhecida, durante muito tempo, como Campo da Aclamação. Em 03 de junho de 1871, foi aprovado, em sessão da Ilustríssima Câmara Municipal da Corte, o projeto do paraíso imaginado por Glaziou (Noronha Santos, 1944), local para onde as famílias deveriam se dirigir para fazer piqueniques e apreciar o verde e, onde aconteceriam também importantes festas da elite do Rio de Janeiro, testemunhando, ao longo do tempo, as inúmeras mudanças da cidade, refletidas em conversas e hábitos de seus frequentadores.

A proposta apresentada por Glaziou contava com uma sofisticada composição de decoração e ajardinamento em uma área de mais de 13 hectares. Absorvendo por completo o conceito do jardim paisagístico moderno, o projeto incluía todos os componentes obrigatórios para ser definido como tal: maciços de vegetação, caminhos sinuosos, pequenos relevos no terreno, rochedos, ilhas, grutas e cascatas artificiais, pontes imitando

elementos naturais e, até mesmo, peças de ferro fundido, encomendadas diretamente da França, na Fundação Val D'Osne (Hetzl & Negreiros, 2011) (Figs. 15 e 16).

A execução da obra monumental e artística do Campo de Santana teve início em 1873 e sua conclusão em 1880. A demora da realização desse grande melhoramento de ordem material, do qual se poderia se orgulhar a metrópole brasileira, foi atribuída à falta de recursos dos cofres imperiais (Noronha Santos, 1944).

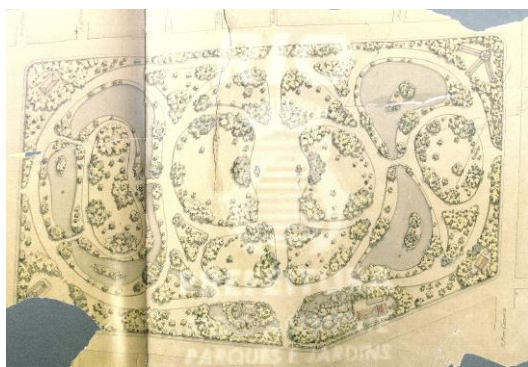


Figura 15 – Projeto de Glaziou (1871) para o Campo da Aclamação, atual Campo de Santana / Fonte: Fundação Parques e Jardins



Figura 16 – Campo de Santana, cerca de 1880 / Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Outro expressivo trabalho do paisagista francês foi o dos jardins da Quinta da Boa Vista, propriedade onde residia a família imperial. Em 1869, Glaziou apresentou ao Imperador D. Pedro II o plano de reformulação paisagística para os jardins¹²⁵ (Hetzl & Negreiros, 2011). O desenho é composto, quase que exclusivamente, por linhas orgânicas, com exceção de um eixo perpendicular que partia do palácio pelo arranjo de quatro longos alinhamentos de árvores¹²⁶, criando uma perspectiva infinita, que acentuava a profundidade do espaço e aumentava a sensação de grandiosidade, característica típica do clássico jardim iluminista dos setecentos. Glaziou fez uso dos melhores recursos disponíveis na época para imitar com perfeição os elementos naturais. A proposta era fabricar uma natureza idealizada para o desfrute do Imperador, sua família e convidados (Trindade, 2014).

O terreno acidentado, a vegetação disposta em densos agrupamentos, formando bosques fechados, os caminhos serpenteados, onde, após cada curva, existia a possibilidade de se deparar com um lago, uma cascata, uma gruta ou uma paisagem pitoresca; eram

¹²⁵ As obras foram iniciadas em 1872 e tiveram a duração de seis anos (Bériac, 2012).

¹²⁶ Como conta Bureau (1908), em sua biografia sobre Glaziou, a implantação de uma aleia perpendicular no jardim era um ponto de discórdia entre Glaziou e o Imperador D. Pedro II. O Imperador desejava uma aleia retilínea conduzindo ao palácio, talvez em alusão às perspectivas infinitas dos jardins absolutistas do século XVIII, porém, para o paisagista francês, a inserção de uma aleia reta seria uma temeridade, que estaria em completo desacordo com o estilo do jardim. A interminável discussão entre os dois homens teve fim graças à intromissão da Imperatriz, que convenceu Glaziou a realizar a vontade de D. Pedro II.

peculiaridades oriundas dos parques românticos, capazes de provocar emoção, devaneio, divagação ao visitante. Essa era a intensão dos jardins de Glaziou.



Figura 17 – Projeto de Glaziou para os jardins da Quinta da Boa Vista / Fonte: Museu Nacional



Figura 18 – Quinta da Boa Vista: o palácio imperial, à esquerda, as elevações e depressões do terreno, o lago e a gruta, à direita / Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Segundo o historiador de jardins Jean-Pierre Bériac (2012), é perfeitamente possível estabelecer uma analogia entre as criações de Glaziou e as obras parisienses do século XIX: os contrastes de luz, a organicidade, os objetos decorativos. Glaziou era ciente do que estava acontecendo na França. Entretanto, ele não era um imitador, mas sim, um paisagista que buscava adaptar, ao contexto dos trópicos, os avanços tecnológicos e o gosto pela estetização dos parques da capital da França. Glaziou apresentou sua própria expressão, sua própria singularidade ao desenhar seus jardins e, principalmente, a sua maneira de introduzir espécies vegetais na cidade.

Como já vimos anteriormente, o uso excessivo de plantas exóticas era uma forte tendência nos jardins europeus da segunda metade do século XIX, o que conferia também uma conotação de status social. Essa inclinação pela introdução de vegetação oriunda de todas as localidades do mundo, reflexo das inúmeras viagens dos naturalistas, descobertas científicas, hortícolas e tecnológicas, se disseminou pelo globo. Quanto mais rara e mais difícil de aclimatar fosse a espécie, maior era o desejo de adquiri-la e inseri-la no jardim (Terra, 2013). Glaziou também foi contaminado pela coqueluche de incorporar diversos exemplares estrangeiros em seus espaços verdes, afinal, ele era um horticultor, colecionador e apaixonado pela botânica. Porém, nosso protagonista não abriu mão da utilização de plantas brasileiras em seus projetos, muito pelo contrário, ele valorizava o uso daquelas pouco estimadas ou completamente desconhecidas em seu próprio país, propondo uma nova percepção da natureza local. A combinação de plantas nativas e exóticas nos

jardins de Glaziou alinhava-se à lógica dos padrões e desenhos das representações paisagísticas do mundo civilizado europeu, referência que servia de molde para as expressões dos hábitos e costumes da elite brasileira da época (Duarte, 2011).

Através de suas viagens pelo Brasil, Glaziou pode observar diversas fitofisionomias de um país reconhecido por sua grande diversidade biológica, expandindo seu conhecimento sobre os recursos vegetais nativos e trazendo muitas espécies que, de acordo com a sua intuição eram aptas à ornamentação de seus jardins (Glaziou, 1905). O paisagista francês associava o interesse e a demanda pelo uso de espécies exóticas com o fato de estar em um lugar exótico, que desconhecia suas próprias plantas ou que não fazia uso delas. Essa atitude de Glaziou retratava uma manifestação de modernidade para a capital tropical, sinalizando a tão desejada aproximação com as nações civilizadas europeias.

O fato de Glaziou ter introduzido diversas espécies nativas em seus projetos paisagísticos leva-nos a uma série de questionamentos. Afinal, quais eram os táxons originários do Brasil em que Glaziou percebeu potencial ornamental e que incorporou nos seus trabalhos paisagísticos? Eles eram oriundos de todas as regiões do país ou restritos a uma determinada localidade? Glaziou privilegiava, em seus jardins, o uso de plantas nativas ou exóticas? Existia uma pretensão simbólica para uma possível priorização na utilização de vegetais autóctones ou alóctones?

Este capítulo teve como objetivo geral catalogar as espécies vegetais selecionadas por Glaziou para estarem representadas em dois de seus projetos paisagísticos realizados na cidade do Rio de Janeiro, o Passeio Público e o Campo de Santana e, também, aquelas que estavam presentes no antigo horto da Quinta da Boa Vista, disponíveis para o abastecimento dos jardins públicos da capital imperial.

Na tentativa de reconhecer o valor simbólico atribuído aos espaços verdes inseridos em plena malha urbana carioca, em meados dos oitocentos, e melhor compreender as fascinantes tramas que envolviam os seres humanos e a natureza, buscamos especificamente:

- Traçar um paralelo entre as representações paisagísticas de Glaziou e a contextualização sociocultural no Brasil da segunda metade do século XIX;
- Identificar quais foram as plantas nativas do Brasil e as não nativas introduzidas nos recantos ajardinados projetados por Glaziou e;
- Investigar os significados que deram sentido à escolha do elenco de espécies presentes em seus jardins.

Material e Métodos

Como metodologia de trabalho, primeiramente, foi realizado, em arquivos, fundações e bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro, um árduo estudo exploratório documental, tendo como material de pesquisa toda e qualquer fonte primária relacionada ao francês Auguste François Marie Glaziou e seus projetos paisagísticos realizados na capital do Império, no século XIX.

A fim de inventariar as espécies introduzidas por Glaziou nos jardins do Passeio Público e do Campo de Santana foram selecionados para análise: cinco relatórios apresentados por cinco diferentes Ministros e Secretários de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas à Assembleia Geral na primeira sessão da décima nona legislatura, referentes aos anos de 1875, 1877, 1882, 1884 e 1885¹²⁷; uma correspondência remetida por Glaziou ao Dr. Antônio da Costa Pinto e Silva, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, em 29 de outubro de 1877 e; oito recibos de compras de plantas em diferentes estabelecimentos hortícolas do Rio de Janeiro, que compreendem os anos de 1876, 1877 e 1878¹²⁸. Os documentos listados acima estão depositados no acervo do Arquivo Nacional.

Para obter a listagem das plantas que existiam no viveiro da Quinta da Boa Vista foi examinado, na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ (SEMEAR), um documento sem data, denominado: “Manuscrito do catálogo do antigo horto botânico, organizado por Glaziou”.

Um rico material iconográfico, assim como outros manuscritos, também foi consultado em diferentes arquivos e fundações, com o intuito de recuperar ideias, informações e possíveis significados culturais atribuídos aos recantos ajardinados de Glaziou na segunda metade dos oitocentos.

Os nomes científicos das espécies ornamentais inventariadas foram atualizados por meio das bases de dados W3 trópicos (Missouri Botanical Garden VAST – VAScular trópicos), IPNI (The International Plants Names Index) e The Plant List. O sistema de classificação adotado segue o “*Angiosperm Phylogeny Group*” (A.P.G. III, 2009) e, para as samambaias, foi empregado o sistema de classificação de Smith *et al.* (2006),

¹²⁷ O relatório de 1875 foi apresentado pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas José Fernandes da Costa Pereira Júnior; o de 1877, pelo Ministro e Secretário Thomaz José Coelho de Almeida; o de 1882, enviado por Manoel Alves de Araújo; o de 1884, por Affonso Augusto Moreira Penna e, o de 1885, por João Ferreira de Moura.

¹²⁸ Os recibos de compras de plantas encontrados e analisados referenciam três horticultores ou estabelecimentos hortícolas: Emilio Wittig, Lourenço Hoyer & Cia e Figueiredo & Velloso.

complementado por Rothfelts *et al.* (2012). Os nomes classificados como não resolvidos, não válidos ou ilegítimos foram excluídos do presente estudo.

Com o intuito de verificar quais espécies presentes nos espaços verdes de Glaziou são nativas do Brasil e quais ocorrem naturalmente no domínio fitogeográfico da Mata Atlântica, segundo a definição de Stehmann *et al.* (2009), foi consultada a Lista de Espécies da Flora do Brasil (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>).

A partir dos resultados obtidos foi elaborada uma planilha contendo as seguintes informações para cada táxon: família; nome científico revisitado; nome científico citado nos documentos; porte; status: nativa do Brasil ou exótica; distribuição: se ocorre no domínio fitogeográfico da Mata Atlântica ou ocorre em outros domínios fitogeográficos brasileiros, que não o da Mata Atlântica; fonte primária em que a espécie foi citada; data ou ano da fonte primária e; jardim em que se encontra.

Resultados e Discussão

Sob a sombra dos estimados vegetais indígenas e não indígenas

Entre relatórios, recibos de compras, correspondência e catálogo foi inventariado um total de 1529 espécies vegetais (Anexo 1), as quais, para Glaziou, exibiam qualidades próprias, razões particulares, que davam sentido e as tornavam dignas de estarem representadas em seus projetos paisagísticos. São justamente essas significações que procuraremos examinar aqui.

Os táxons listados estão distribuídos em 134 famílias botânicas, sendo as mais numerosas: Fabaceae (128 espécies), Arecaceae (101 espécies), Araceae (84 espécies), Malvaceae (73 espécies), Bromeliaceae (66 espécies), Myrtaceae (65 espécies), Rubiaceae (56 espécies) e Euphorbiaceae (50 espécies). As outras famílias foram representadas por um número inferior a 50 espécies, variando entre 42 registros, como no caso de Lamiaceae, e apenas um registro, como foi verificado em 13 diferentes famílias (Anexo 1).

Apesar de não representar uma diferença significativa, das 1529 plantas catalogadas nos documentos analisados, 798 são nativas do Brasil e 731 não ocorrem naturalmente em nosso território nacional. Entretanto, de todas as espécies levantadas, verificou-se que 1080 táxons encontravam-se, realmente, nos jardins de Glaziou, sendo que 616 desses são nativos e 464 exóticos, mostrando que o paisagista privilegiou a incorporação de espécies brasileiras em seus projetos (Anexo 1).

Esse resultado evoca um horizonte interessante examinado por Duarte (2005), em que a ênfase na totalidade seria uma das mais abrangentes dimensões constitutivas do movimento do romantismo. Entretanto, ao se aprofundar nesse elemento ideológico, o autor sublinha que a totalidade pode adquirir, comumente, o sentido de unidade, expressado, por exemplo, na consolidação do conceito moderno de nação, instituído ao longo do século XIX, por meio de um árduo trabalho de incorporação sistemática dos tesouros presentes em seu território e dos hábitos e costumes de sua população através da história. Nessa perspectiva, ganha destaque a busca por uma identidade nacional, esquadrihada segundo um novo espírito de descrição, valorização e compreensão de suas tradições culturais e suas paisagens naturais.

Diferente das atitudes românticas que marcaram a construção de identidade das nações europeias durante o século XIX, em que os costumes das populações rurais e as realizações materiais sucedidas por processos civilizatórios ao longo do tempo eram os principais elementos de autenticidade (Thiesse, 1999), no Brasil, a atenção e exaltação dispensada às naturezas locais representaram o caminho para a construção simbólica de uma pátria. Tanto a literatura, como a poesia e a pintura se ajustavam ao desejo de diferenciação retratando e elogiando as singularidades das riquezas das florestas brasileiras (Cândido, 2004).

O presente estudo sugere que esse caráter contemplativo diante de uma natureza nacional exuberante e diversa, repleta de potencialidades, também teve lugar de destaque nos jardins de Glaziou. O fato do paisagista francês ter optado pela introdução de um número bastante considerável espécies nativas do Brasil, originárias de todas as partes desse extenso território, em seus projetos, pode ser lido nessa ótica de formação de uma memória da recente nação brasileira. A escolha de trazer para a cidade do Rio de Janeiro¹²⁹, representantes da flora vernacular como um todo, não somente aquelas nativas do bioma da Mata Atlântica (Anexo 1), manifesta-se como um artifício para tornar essas plantas parte da imagem social e simbólica do país, constituindo, nesse sentido, uma atitude altamente federativa.

Na correspondência escrita por Glaziou e enviada ao Senhor Conselheiro Barão Homem de Mello, Ministro e Secretário de Estado e Negócios do Império, em 31 de julho de

¹²⁹ Com a independência do Brasil, efetivada em 1822, a cidade do Rio de Janeiro torna-se a sede do Império, figurando definitivamente seu papel de centro da nação e exercendo sua função fundamental de irradiação intelectual e artística (Cândido, 2004).

1880¹³⁰, é possível observar a tradição nativista ao fazer menção às plantas, o que revela um sentimento de orgulho nacional, alinhado à nova aspiração patriótica. É interessante ressaltar que foi por intermédio de um estrangeiro, através da sua arte de execução de jardins, que os brasileiros tiveram a oportunidade de conhecer e reconhecer as particularidades da sua própria vegetação.

Assim, creio ter desempenhado fielmente o encargo que me foi dado pela alta confiança do governo Imperial e, se o tenho podido satisfazer, aí estará o meu maior contentamento, certo de que um dia a população do Rio de Janeiro deverá à minha lembrança alguma causa da sombra dos grandes vegetais brasileiros, que hão de proteger os seus filhinhos.

Glaziou incorporou ao âmbito urbano, espécies indígenas que sobressaíam não apenas pelo belo colorido de suas flores ou por sua excepcional forma arquitetônica, tais como as *Mandevilla* spp., as *Ceiba* spp., os *Jacaranda* spp., as *Tabebuia* spp., as *Bauhinia* spp., as *Arecaceae* e *Cyatheaceae*, mas também, aquelas que expressavam um grande potencial para a economia do país, como, por exemplo, diversas *Euphorbiaceae*, *Moraceae* e *Sapotaceae*, que destacavam-se pela presença de látex; as *Araceae*, *Arecaceae* e *Apocynaceae*, por suas fibras; *Caesalpinia ferrea*, *Centrolobium tomentosum*, *Hymenaea courbaril* e *Cedrela fissilis*, reconhecidas por suas madeiras de excelente qualidade e resistência; inúmeras *Asteraceae*, *Fabaceae*, *Lamiaceae* e *Verbenaceae*, de extrema utilidade para a medicina; além de *Anacardium occidentale*, *Spondias mombin*, *Annona crassiflora*, *A. glabra*, *A. montana*, *Eugenia uniflora* e *Plinia cauliflora*, tradicionalmente apreciadas por seus deliciosos frutos comestíveis (Stehmann *et al.*, 2009). Assim, o francês apresentava para os habitantes do Brasil um rico tesouro nacional, domesticado, acessível, fornecendo, dessa maneira, subsídios para a concepção de uma consciência coletiva sobre a importância e a autenticidade de sua flora autóctone, diferenciada das demais, adequando-se ao espírito de expressão de uma singular nação brasileira.

A monumental *Flora Brasiliensis* de Von Martius (1840-1906) é outro precioso testemunho do processo de identificação e legitimação dos recursos vegetais como símbolo da riqueza nacional. Segundo Duarte (2005), na medida em que a natureza local se torna um atributo de orgulho e que esse sentimento patriótico se espalha e se entranha na população, ele se configura numa peça de fundamental importância para o fortalecimento das cortes reais. Assim sendo, é provável que esse tenha sido um forte motivo do constante entusiasmo do imperador dom Pedro II em apoiar com afinco a aprovação do

¹³⁰ Esse documento encontra-se depositado no Arquivo Nacional.

financiamento para a conclusão da magistral obra de Von Martius, como demonstrado no primeiro capítulo dessa tese, e do fato dele sempre ter incentivado a criação das extraordinárias *paisagens urbanas* de Glaziou, como divulgado por Cogniaux (1906) e Bureau (1908), uma vez que ambos os projetos constituíam estratégias admiráveis para a promoção de uma esfera de atração, afeto, prestígio e conexão com as plantas brasileiras, facilitando, desse modo, a instrução, dissipação e amadurecimento de uma cultura nativista pela associação entre natureza e nação.

Tanto o relatório apresentado à Assembleia Geral na primeira sessão da décima nona legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas João Ferreira de Moura, quanto, o Almanaque Laemmert (Laemmert & Laemmert, 1862 p. 314), e, também, o trabalho de Noronha Santos (1945 p.140), que expõe o parecer da Câmara, apresentado em 27 de abril de 1872, aprovando o projeto de Glaziou para o do Campo de Santana, percebe-se a aprovação, a relevância e o incentivo da harmonia entre a natureza nativa e o contexto urbano como uma intensão didática para a emergência do sentimento nacional pelo povo brasileiro, como exposto respectivamente abaixo.

Para que possais avaliar a importância desses dois estabelecimentos bastar-vos-á lançar os olhos para a relação das principais plantas [...] indígenas ali cultivadas. Dir-vos-ei que já predominam, tanto num como noutro, os vegetais indígenas, representados por grandes árvores e arbustos notáveis de nossas florestas. O administrador Glaziou, que tem dado assim prova de grandes estudos e investigações, espera continuar a abastecer ainda mais os dois jardins do Estado confiados à sua capacidade e zelo.

E seria possível a cultura de vegetais de alta estima, indígenas [...], em terreno obstruído por centenas de outros sem mérito algum, e da maior vulgaridade? Onde achariam lugar o jacarandá, o cedro¹³¹, [...] a *Roupala*, [...] e tantas plantas, que fazem a riqueza das florestas brasileiras, excitam a inveja do estrangeiro, a admiração de todos os entendedores, e que, estando ao alcance de nossos braços, não tinham um só representante naquele jardim chamado botânico?¹³²

Os proponentes porão o maior empenho em coligir pelas Províncias do Império os mais preciosos de seus vegetais indígenas, preconizados nas construções civis e marítimas, na ebanisteria, tinturaria, medicinais, fabris e têxteis, com especialidade

¹³¹ Refere-se aqui, provavelmente, às plantas pertencentes ao gênero *Cedrela*, da família Meliaceae, que possuem os nomes populares: cedro, cedro-cheiroso, cedro-rosa, cedrinho, etc. São árvores nativas do Brasil muito utilizadas e apreciadas na confecção de móveis, devido à ótima qualidade de sua madeira (Stehmann *et al.*, 2009).

¹³² Trecho de um texto do Almanaque Laemmert, de 1862, que faz uma série de elogios aos trabalhos referentes à reforma do Passeio Público do Rio de Janeiro, realizados por Glaziou, e que apresenta uma opinião profundamente positiva a respeito da introdução de diversas espécies nativas do Brasil pelo paisagista francês.

na família das palmeiras, a fim de possuir o jardim nacional a maior coleção possível de representantes da rica flora brasiliense.

Contrapondo-se as especulações acima levantadas, um número expressivo dos vegetais contemplados nos recantos verdes de Glaziou era representado por espécies exóticas (Anexo 1). Assim sendo, os jardins de Glaziou não estavam limitados às perspectivas de uma construção patriótica a partir de uma posição favorável às suas naturezas nacionais. Podemos estabelecer, portanto, uma associação entre os jardins de Glaziou e os museus de história natural do século XIX que possuíam, como analisado por Duarte (2005), não apenas a preocupação de acumular e expor para o público as riquezas de sua própria nação, mas que tinham, também, a intensão de demonstrar os valores e prestígios de sua pátria por meio da sua capacidade de revelar a universalidade do mundo, afinando-se aos anseios científicos da época. Assim, parece-nos que a relevante parcela de plantas provenientes de diferentes regiões do mundo, aclimatadas às condições tropicais e exibidas nos projetos paisagísticos de Glaziou, exprimia os avanços tecnológicos da nação brasileira, colocando-a no mesmo patamar das grandes potências europeias, já que traduzia, igualmente, à pretensão universalista da ciência oitocentista. Ao aprovar o projeto do parque da Aclamação, atual Campo de Santana, a Câmara, em seu parecer de 27 de abril de 1872, elogiou a proposta de introdução de diversas plantas estrangeiras no jardim.

Colecionarão também vegetais exóticos dos mais primorosos por sua beleza e utilidade com vistas de aclimatá-los e multiplica-los, classificando cientificamente os destes e daqueles que parecerem mais dignos de serem conhecidos e estudados (Noronha Santos, 1945 p.140-141).

Ao mencionar as reformas realizadas por Glaziou no Passeio Público de Rio de Janeiro, o Almanaque Laemmert também enaltece o fato de terem sido consideradas diversas espécies que não fossem nativas do Brasil, para estarem ali presentes, constituindo, de tal modo, um exemplo notável de um pensamento pautado na importância de uma totalidade universal, globalizada.

[...] as moitas de urzes sucederam maciços de variegadas flores, [...] as raras, custosas e esbeltíssimas araucárias (*excelsa*¹³³ e *cunninghamii*); caryotas (*urens* e *sobolifera*¹³⁴); ravenalas, cycas (*revoluta*, de mais de meio século de existência); arecas (*sechellarum*¹³⁵, *rubra*¹³⁶, *alba*¹³⁷, etc.), e milhares de outras plantas [...] das mais remotas regiões do globo, [...] farão as delícias dos conhecedores, e não menos

¹³³ Atual *Araucaria columnaris* (G.Forst.) Hook.

¹³⁴ Atual *Caryota mitis* Lour.

¹³⁵ Atual *Phoenicophorium borsigianum* (K.Koch) Stuntz

¹³⁶ Atual *Acanthophoenix rubra* (Bory) H.Wendl.

¹³⁷ Atual *Dictyosperma album* var. *aureum* Balf.f.

sua admiração pelo vigor com que atestarão a benignidade do céu brasileiro, sob o qual podem viver, florescer e frutificar os naturais de todos os climas, seja qual for sua espécie, desde que recebam ou se deem a si próprios adequado tratamento e conforto (Laemmert & Laemmert, 1862 p. 314).

Verificou-se que Arecaceae foi a segunda família mais representativa em número de espécies, o que significa que Glaziou enxergava, nesses vegetais, um grande potencial ornamental. No trabalho de Brito e colaboradores (2015), a temática sobre grande admiração das palmeiras para fins de ornamentação de parques, praças e jardins, na segunda metade do século XIX, já foi amplamente tratada. Entretanto, outra discussão a respeito dessas plantas mostra-se aqui relevante.

Exuberantes, majestosas, abundantes e diversas, as Arecaceae se sobressaíam em meio à densa selva tropical brasileira. Não foi à toa que Von Martius dedicou dez anos da sua vida a publicação da sua *História Naturalis Palmarum* (1823-1853), tornando-se o maior especialista nesse grupo de plantas e o responsável pela ampla divulgação internacional das palmeiras do Brasil. Pouco mais de vinte anos após a impressão do último fascículo do renomado naturalista bávaro, os estudos sobre essa família ainda estavam longe de ser esgotados. Em 1876, o botânico inglês Trail lançou um minucioso trabalho taxonômico sobre as Arecaceae da Amazônia e, em 1877, mais duas respeitáveis contribuições científicas baseadas nas amostras coletadas na região Norte do país.

Durante o longo processo de seleção dos elementos naturais que seriam reconhecidos como emblemas da nacionalidade brasileira, as Arecaceae ganharam um lugar de destaque. Elas não estavam em evidência somente nas florestas brasileiras e nos estudos taxonômicos, mas eram ressaltadas também na pintura e na poesia. Um exemplo significativo pode ser lido num dos mais conhecidos poemas da língua portuguesa no Brasil, *Canção do exílio*¹³⁸, em cuja composição, o autor repete, pelo menos três vezes, o verso “minha terra tem palmeiras”, enfatizando um estereótipo imagético da representação brasileira. Retornando o olhar aos recantos verdes de Glaziou, constata-se que o paisagista francês também contribuiu para a afirmação desse grupo de plantas como um elemento chave do Estado monárquico, ao trazer para o contexto urbano um número expressivo de

¹³⁸ *Canção do exílio* é o poema nacionalista e patriótico do poeta brasileiro Gonçalves Dias reconhecido como um dos mais importantes da obra do autor, tornando-se emblemático na cultura brasileira. Composto na cidade Coimbra, Portugal, é repleto de referências à sua pátria distante, tema recorrente no ideário do Romantismo. Apesar de ter sido escrito em 1843, só foi publicado no Brasil em 1846, um ano após o regresso do poeta.

exemplares dessa família, como foi verificado nesse trabalho. Não havia dúvidas, as palmeiras eram um símbolo nacional!

Entretanto, das 101 espécies de Arecaceae inventariadas, 63 eram exóticas e, apenas 38 eram essencialmente brasileiras. E, um total de 71 táxons foi selecionado pelo paisagista para estar presente em seus jardins, sendo 44 exóticos e 26 nativos (Anexo 1). É curioso notar que Glaziou tivesse escolhido um número superior de palmeiras que não fossem nativas para estarem representadas na capital do Império. A preferência de Glaziou pelo componente exótico resultou no fato de que muitas das palmeiras conhecidas pelos habitantes do Rio de Janeiro e, posteriormente, disseminadas para as demais cidades do Brasil, tomadas como ícones, marcas de expressão da nação brasileira, na realidade, não eram originalmente daqui. Com o passar dos anos, a imagem dessas plantas impregnou de tal forma no nosso imaginário coletivo que, mesmo se tratando de produtos estranhos às naturezas locais, eram, e são, até hoje, tratados como se fossem autenticamente brasileiros. E, assim, fomos definindo nossas diferenças, muitas vezes, a partir de elementos que não são tipicamente nossos, mas que, de algum modo, foram incorporados a uma consciência social e conquistaram uma simbologia própria.

A palmeira *Roystonea oleracea* é um exemplo emblemático da apropriação de uma planta exótica ao domínio da cultura popular brasileira. Originária das Antilhas, a *Roystonea oleracea* foi primeiramente aclimatada pelos franceses, na Guiana Francesa e, depois, levada para as Ilhas Maurício (d'Elboux, 2006). Aportou no Rio de Janeiro em 1809, trazida pelo oficial da marinha portuguesa Luiz d'Abreu Vieira e Silva que, ao ser capturado por franceses numa viagem pelo Oceano Índico, foi conduzido para as Ilhas Maurício. Após ser libertado, o agente da Coroa de Portugal conseguiu obter, clandestinamente, sementes de várias espécies, inclusive, da *Roystonea oleracea*. O primeiro exemplar dessa palmeira foi plantado no Real Horto, atual Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pelo príncipe regente dom João VI, no mesmo ano em que chegou ao Brasil, passando a ser conhecida como palmeira-real e, mais tarde, palmeira-imperial (Dean, 1996). Em 1829, floresceu pela primeira vez e, o Jardim Botânico decidiu multiplicá-la e distribuí-la entre os fazendeiros e membros da corte e da nobreza, que passaram a enfeitar suas casas e fazendas. Logo, essa espécie, até então exclusiva da aristocracia brasileira, se tornou um ornamento desejado por todos. Acredita-se que os escravos roubavam e contrabandeavam sementes da prestigiada palmeira, o que acabou justificando a sua dispersão por todo o território imperial (Miranda, 2009). Em 1842, diversos exemplares desse vegetal foram plantados para decorar a imensa alameda de

entrada do Jardim Botânico e, com o tempo, um imensurável número de indivíduos exibiam sua imponência e elegância em distintos parques e praças do Brasil, até mesmo, é claro, naqueles projetados por Glaziou (Anexo 1). Tamanha era a projeção desse acontecimento que a palmeira-imperial passou a ser mais conhecida até do que as tantas outras *Arecaceae* existentes na flora nativa, fazendo com que ela se transformasse num importante símbolo brasileiro, numa imagem respeitável, merecedora de estar representada no brasão nacional, mesmo que não fosse uma planta proveniente de nossas matas (Miranda, 2009).

O viveiro da Quinta da Boa Vista

Em carta redigida por Glaziou ao Barão de Nogueira da Gama, membro do Conselho de Sua Majestade, em 06 de maio de 1873¹³⁹, menos de um mês após o começo das obras do jardim do Campo de Santana, que teve início no dia 17 de fevereiro de 1873¹⁴⁰, o paisagista francês, que já tinha o posto de Diretor Geral de Matas e Jardins da Casa Imperial, desde 1869, solicita a autorização para a utilização de alguns terrenos baldios existentes na Quinta da Boa Vista para a criação de um viveiro de plantas, que deveria ser gerido, absolutamente, pelo Estado.

Encarregado pelo Governo Imperial de transformar o antigo Campo de Santa Anna num jardim paisagista e, querendo desempenhar esta tarefa com a confiança que me foi dada, venho pedir a V. Exa. o vosso valioso apoio, afim de economizar ao Estado alguns contos de réis. Existe na Quinta Imperial da Boa Vista, e principalmente na parte baixa, algumas parcelas de terrenos, acompanhados de sombra e de água, onde desejava principiar o preparo dos numerosos vegetais de que necessita a plantação do referido jardim; e, como estes terrenos se acham atualmente incultos, rogo a V. Exa. se digne permitir-me de utilizar, nestes próximos dezoito meses [...] um ou outro destes lugares em favor do público e no interesse do Governo Imperial.

E, a pedido de Auguste F. M. Glaziou, Diretor Geral de Matas e Jardins da Casa Imperial, o Conselheiro de Sua Majestade, Barão de Nogueira da Gama, escreve um ofício ao Imperador dom Pedro II, em 13 de maio de 1873, requerendo o consentimento para transformar algumas terras agrestes em um rico viveiro.

Sua Majestade o Imperador, apreciando o zelo com que V.S^a se dedica ao serviço público e procura economizar os dinheiros de Sua Casa, e os do Estado, na importante obra, de que foi incumbido, do ajardinamento do Campo da Aclamação, houve por bem autorizar-me [...] permissão para utilizar-se de alguns terrenos

¹³⁹ Correspondência pertencente ao acervo do Arquivo Nacional.

¹⁴⁰ Data informada na carta enviada por Glaziou ao Diretor da Primeira Diretoria da Secretaria do Estado dos Negócios do Império, Manoel Jesuíno Ferreira, em 09 de novembro de 1878. Esse documento encontra-se depositado no Arquivo Nacional.

incultos existentes na Quinta da Boas Vista, convertendo-os em viveiros dos numerosos vegetais que devem ser plantados no jardim do mesmo Campo [...].

Como nos informa a correspondência remetida por Glaziou ao Diretor da Primeira Diretoria da Secretaria do Estado dos Negócios do Império, Manoel Jesuíno Ferreira, no dia 09 de novembro de 1878¹⁴¹, o requerimento para a constituição do horto a ser instalado na Quinta da Boa Vista foi atendido pelo Imperador dom Pedro II.

[...] para o cultivo dos vegetais que existem nos viveiros do Estado estabelecidos, com a autorização de Sua Majestade o Imperador, nos terrenos da Imperial Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, que exigem o serviço assíduo de 5 trabalhadores e de 1 mestre jardineiro [...].

A criação do viveiro da Quinta da Boa Vista nos remete a mudança radical que ocorreu no setor hortícola em consequência da admirável profusão do verde vivida em Paris no segundo império, sob a imposição de Napoleão III. A considerável multiplicação de parques e jardins públicos urbanos necessitava de uma enorme quantidade de plantas, muitas das quais eram pouco conhecidas ou totalmente desconhecidas dos horticultores franceses da época. Além disso, os preços das espécies fornecidas pelas empresas hortícolas locais eram extremamente elevados. Tais inconvenientes fizeram com que o Barão Haussman e sua equipe sentissem a necessidade de criar uma série de estabelecimentos de cultivo, germinação, desenvolvimento e, até mesmo, aclimação de todos os tipos de vegetais necessários para abastecer às inúmeras criações paisagísticas da capital imperial. E, a partir de 1854 começaram a surgir diversas instalações agrícolas¹⁴² que, através de uma organização exemplar, forneciam aos novos jardins parisienses a sua matéria prima, o seu principal ornamento, constituindo, dessa forma, a essência do funcionamento dos projetos de Haussman (Limido, 2002).

Seguindo o exemplo parisiense, esses novos laboratórios hortícolas, juntamente com a cultura de inserção de paisagens verdes no interior dos centros urbanos, se difundiram para a maioria das cidades da França, como, por exemplo, Rennes, que inaugurou, em 1868, seu primeiro viveiro que se ocuparia da criação dos jardins públicos, ou, Grenoble, na década de 1890 (Limido, 2002).

A cidade de Bordeaux passava por um programa de revitalização, aprovado em 1853, que abrangia um setor bastante substancial relativo à introdução de vários parques e outros

¹⁴¹ Carta encontrada no acervo do Arquivo Nacional.

¹⁴² O mais famoso e importante viveiro de Paris era: *le Fleuriste de la Murette*, considerado um estabelecimento moderno, que contava com um grande número de estufas e, prezado por sua extrema ordem (Moncan, 2009).

recantos verdejantes na cidade. Tanto Alphand, quanto Barillet-Deschamps, os “homens de Haussman”, residiam em Bordeaux nessa época e participaram da elaboração do plano de transformação da capital do departamento da Gironda até o momento em que foram convidados para fazer parte da equipe do programa de passeios e jardins de Paris, o primeiro deles, em 1854 e, o segundo, em 1858. Barillet-Deschamps, assim como Glaziou, era filho de jardineiro e tornou-se um horticultor autodidata. Membro da Sociedade de Horticultura da Gironda, recebeu diversos prêmios e, seu viveiro particular, que contava com amplas estufas, era símbolo dos maiores progressos hortícolas. Em 1850, abriu seu estabelecimento ao público, figurando-se em um dos locais de passeio preferidos dos bordeleses. Por ser um homem articulado, com ampla participação nos acontecimentos regionais, nas atividades da Sociedade de Horticultura e, em especial, por partilhar dos mesmos interesses de Glaziou, tudo leva a crer, que esses dois personagens se conheciam e, inclusive, que o nosso protagonista frequentava o horto de Barillet-Deschamps (Bériac, 2012).

Considerando que Glaziou passou praticamente toda a sua infância em um viveiro, sendo a horticultura a sua primeira formação, através dos trabalhos realizados com o seu pai, que também conhecia os hortos departamentais que serviam aos jardins públicos e, que, provavelmente, tinha o costume de visitar o estabelecimento de Barillet-Deschamps, é fácil compreender todo o seu empenho para a implantação de um espaço como esse no Rio de Janeiro, capaz de fornecer a grande quantidade de plantas necessárias para a execução de seus projetos. Glaziou sabia da importância dos espaços hortícolas dirigidos pelo Estado e da real economia financeira que eles representariam aos cofres da Coroa. Essa seria a primeira iniciativa de trazer para o Brasil uma tradição de criação de viveiros administrados pelo Estado, a qual teve início na França.

A partir da análise do catálogo organizado por Glaziou, encontrado na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ (SEMEAR), que apresenta a relação de todos os vegetais que estavam presentes no antigo horto botânico da Quinta da Boa Vista, verificou-se um total de 657 táxons, o que significa que todas essas espécies estavam à disposição para o abastecimento dos jardins públicos de Glaziou. Essas plantas estão distribuídas em 96 famílias botânicas, sendo as mais representativas: Araceae (70 espécies), Arecaceae (69 espécies) e Bromeliaceae (66 espécies) (Anexo 1), e são responsáveis pela formação de um amplo conjunto extremamente atraente por seus efeitos cromáticos e padrões formais, atributos que despertavam o interesse do público oitocentista (Brito *et al.*, 2015).

Da totalidade dos táxons levantados, 414 espécies são exóticas e 242 são nativas, indicando que apesar de Glaziou privilegiar as plantas nativas em seus jardins, ele dava preferência ao cultivo de espécies exóticas no viveiro em que era encarregado (Anexo 1).

Após examinar os cinco relatórios dos Ministros e Secretários de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, enviados à Assembleia Geral na primeira sessão da décima nona legislatura, e, a correspondência remetida por Glaziou ao Dr. Antônio da Costa Pinto e Silva, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, no dia 29 de outubro de 1877, os quais traziam a relação dos vegetais que ocorriam, de fato, nos jardins do Campo de Santana e do Passeio Público, foi constatado que 208 espécies listadas nos documentos estavam presentes também no horto da Quinta da Boa Vista, sugerindo que o viveiro as tivesse fornecido para os parques de Glaziou (Anexo 1).

Entretanto, uma soma de 449 táxons registrados no catálogo do horto imperial não foi encontrada, segundo os manuscritos analisados, no Passeio Público e, tampouco, no Campo de Santana (Anexo 1). Não é fácil compreender a razão de Glaziou não ter inserido algumas dessas espécies em dois dos seus mais relevantes projetos, visto que muitos desses vegetais apresentavam todas as características que eram desejadas e apreciadas tanto em seu paisagismo, como verificado por Brito *et al.* (2015), quanto nos parques europeus do século XIX, como indicado por Dourado (2011). Para exemplificar, podemos citar a ausência das Bromeliaceae e Cactaceae, cuja grande maioria era nativa do Brasil e que encantariam os olhos dos visitantes ao exibirem suas inflorescências vistosas e formatos bastante peculiares, assim como, das Orchidaceae, também brasileiras, em sua maior parte, e que dispõem de florações de extraordinária beleza. Entretanto, é interessante ressaltar que representantes dessas famílias foram selecionados e levados por Glaziou para a Exposição Universal de Paris de 1889, como expressão da natureza nacional, singularizada por sua riqueza, beleza e potencialidades (Heizer, 2009). Não foi obtido qualquer documento histórico referente ao levantamento das plantas que estavam presentes nos jardins da Quinta da Boa Vista, também projetados por Glaziou. Pode ser que essas plantas fizessem parte da composição florística desses espaços, já que estavam disponíveis para a utilização no horto localizado no interior da mesma propriedade dos jardins. Atualmente, tanto as Bromeliaceae, como as Cactaceae e Orchidaceae possuem extrema relevância nos viveiros de todo o Brasil e são altamente valorizadas para ornamentação de recantos paisagísticos (Lorenzi, 2001). É possível observar um expressivo número de exemplares das famílias botânicas acima citadas nos trabalhos Roberto Burle Marx, artista plástico e um dos mais renomados e importantes paisagistas brasileiros do século XX. Burle Marx favorecia, do

mesmo modo que Glaziou, o emprego das plantas autóctones, como símbolo de brasilidade (Tabacow, 2004; Dourado, 2009). Porém, além dessa preocupação, existia também, um tom relativo às questões ambientais, o que não era visualizado nas obras de Glaziou, como será abordado adiante. Talvez, tenha sido Burle Marx o responsável pela atual popularização do uso ornamental dessas plantas.

Se 208 táxons inventariados nos jardins do Passeio Público e do Campo de Santana vieram do viveiro da Quinta da Boa Vista, onde foram obtidos os demais 872 presentes nesses espaços verdes? A diversidade de espécies e a quantidade de mudas necessárias para expressar a intensão dos projetos paisagísticos de Glaziou era demasiadamente volumosa. Ao mesmo tempo em que buscava obedecer à sintaxe gramatical do jardim paisagístico moderno, o francês aspirava por uma fantástica reprodução da exaltação e dos diversos encantos da natureza brasileira. A carta localizada no acervo do Arquivo Nacional, escrita por Glaziou, em 09 de novembro de 1878, ao Diretor da Primeira Diretoria da Secretaria do Estado dos Negócios do Império, Manoel Jesuíno Ferreira, revela que o número dos vegetais plantados no parque da Aclamação, hoje Campo de Santana, já ultrapassava de quarenta e seis mil. O plano proposto por Glaziou para esse ambicioso trabalho dizia que “[...] a plantação geral do jardim [...] excederá a cinquenta mil vegetais” (Noronha Santos, 1945 p. 141) e, com a conclusão do parque, em 1880, foi verificado que “nos bosques e grupos que se destacam dos gramados, havia cerca de sessenta e seis mil vegetais” (Noronha Santos, 1945 p. 162).

Noronha Santos (1945 p.149), em seu minucioso estudo sobre a história do Campo de Santana nos fornece uma informação relevante a respeito do horto da Quinta da Boa Vista.

[...] criou-se um terreno concedido pela mordomia da Casa Imperial um viveiro de plantas [...], cujo número excede a 25000, sendo em grande parte de árvores de madeira de lei e arbustos e ervas interessante principalmente por suas aplicações industriais e medicinais.

Baseado no relato acima, suspeita-se que a disponibilidade de apenas esse horto botânico para suprir toda a demanda de plantas indispensável para as composições dos trabalhos de Glaziou não seria suficiente. Era preciso encontrar um meio alternativo para solucionar essa questão. Uma pista de como Glaziou conseguiu aumentar o fornecimento de vegetais para a elaboração de seus jardins foi encontrada numa correspondência, de posse do Arquivo Nacional, enviada pelo paisagista francês ao Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império, João Alfredo Corrêa de Oliveira, no dia 08 de julho de 1873.

Achando-me pronto a principiar a preparação dos vegetais para ajudar a plantação do parque da Aclamação, venho pedir à V. Exa. o obséquio de interceder por mim ao Exm^o. Snr. Ministro da Agricultura o favor de dar as suas ordens às pessoas encarregadas da conservação das florestas da Tijuca e do Corcovado [...] afim de que me concedam mudas e sementes das árvores que tiverem disponíveis, e que em nada prejudiquem as suas culturas; a tal respeito, e depois do aviso, me entenderei diretamente com os interessados.

Constatou-se também, através dos oito recibos de compras de vegetais analisados, que 73 espécies destinadas ao Campo de Santana foram adquiridas em diferentes estabelecimentos hortícolas privados (Anexo 1). Esse resultado desperta a atenção para o novo e promissor mercado da capital imperial, o de comercialização de vegetação para jardins.

A consolidação de uma cultura de jardins no Rio de Janeiro, que se disseminou por todo o Brasil, na segunda metade do século XIX, não se refere apenas aos vários espaços verdes implantados em áreas públicas, mas também, aos novos hábitos da população que, inspirada nos modos de vida da aristocracia europeia, começou a ter prazer em mexer na terra, em praticar jardinagem e em cultivar jardins domésticos. Essa nova tendência não era exclusiva da elite brasileira, mas atingia, inclusive, a classe média, como observado pelo casal suíço Luiz & Elisabeth Agassiz (1938) que, ao percorrer o país entre 1865 e 1866, fez menção aos belos jardins das casas do bairro de Laranjeiras¹⁴³, repletos de flores europeias que exibiam suas cores em meio aos verdejantes arbustos e árvores indígenas, e, como informado, igualmente, por Machado de Assis (1906 p.1), em sua peça *Lição de Botânica*, ao citar a frase: “Há por todo esse Andaraí¹⁴⁴ muito jardim para examinar”.

O novo estilo de vida urbano, marcado pelo interesse social pelas plantas ornamentais, pela atividade de cultivo de jardins residenciais e pelo anseio por uma vida mais próxima a natureza, influenciou diretamente na ampliação da oferta de produtos voltados para a jardinagem. Em 1880, o Almanaque Laemmert, um dos principais veículos de divulgação comercial da cidade do Rio de Janeiro, anunciava um total de 23 estabelecimentos e profissionais especializados na produção e comercialização de mudas e sementes de espécies raras e cobiçadas na época, para serem introduzidas nos diversos recantos paisagísticos (Laemmert & Laemmert, 1880). Existia ainda, a circulação de publicações especializadas em horticultura, como a *Revista de Horticultura – Jornal de Agricultura e*

¹⁴³ Localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, Laranjeiras é um dos bairros residenciais, de classe média, mais antigos da cidade, com ocupação iniciada no século XVII.

¹⁴⁴ Bairro residencial da Zona Norte do Rio de Janeiro, habitado pela classe média. Começou a ser ocupado no século XVI, por padres jesuítas para o cultivo de cana-de-açúcar.

Horticultura Prática, lançada em 1876, pela Typografia Universal de E. & H. Laemmert, no Rio de Janeiro. O mensário brasileiro foi idealizado pelo horticultor Frederico de Albuquerque e contava com a colaboração de importantes botânicos e naturalistas oitocentistas, tais como Guilherme Schüch de Capanema e João Barbosa Rodrigues (Dourado, 2011).

Os fornecedores de plantas citados nos recibos examinados no presente estudo, que compreendem os anos de 1876, 1877 e 1878, foram Emilio Wittig, Figueiredo & Velloso e Lourenço Hoyer & Cia (Figs. 19, 20 e 21). Consultando os Almanques Laemmert referentes aos anos citados acima, foi encontrado somente o anúncio dos viveiristas Figueiredo & Silva, na edição de 1876 (Fig. 22) que, posteriormente, foi substituído para Figueiredo & Velloso, como pode ser observado na hachura de correção da figura 20. Emilio Wittig e Lourenço Hoyer & Cia não estão presentes entre os estabelecimentos hortícolas relacionados nos catálogos anuais dos irmãos Laemmert analisados (Laemmert & Laemmert, 1876; Laemmert & Laemmert, 1877; Laemmert & Laemmert, 1878). Entretanto, na *Revista de Horticultura* de fevereiro de 1876, Frederico de Albuquerque, divulgou a notícia de que o conhecido horticultor da capital imperial, o senhor Lourenço Hoyer, foi laureado com uma grande medalha de ouro, em 22 de janeiro do mesmo ano, na Exposição de Horticultura de Petrópolis, por sua esplêndida coleção de Araceae ornamentais.

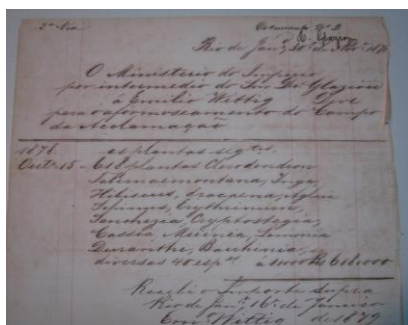


Figura 19 – Recibo de compras de plantas fornecido pelo horticultor Emilio Wittig / Fonte: Arquivo Nacional

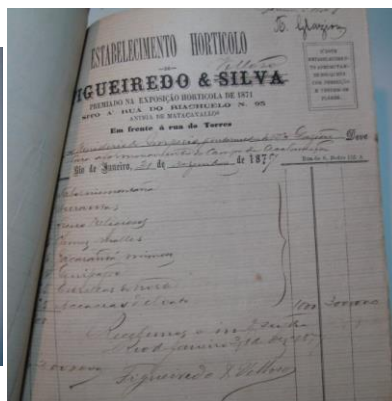


Figura 20 – Recibo fornecido pelo estabelecimento hortícola Figueiredo & Velloso / Fonte: Arquivo Nacional

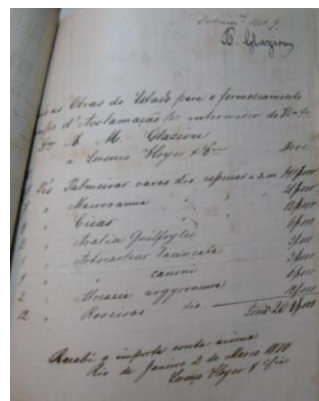


Figura 21 – Recibo das plantas adquiridas do viveiro Lourenço Hoyer & Cia / Fonte: Arquivo Nacional

João da Costa Bandeira, 6, r. do Evaristo da Veiga, 2. (Kerosene.)
 João José Vieira de Araujo, r. d'Alfandega, 47. (Kerosene.)
 Joaquim Martins de Oliveira & Irmão, r. Sete de Setembro, 18. (Lampeões.)
 Joaquim da Silva Reis, r. de S. Pedro, 130.
 José da Costa e Souza, r. Primeiro de Março, 4, r. da Saude, 32, e praça do Mercado, 88 e 89. (Kerosene.) (Vide *Notabilidades*, pag. 152.)
 Manoel José Martins Junior, r. de Gonçalves Dias, 61.
 Rego & C., r. do Rosario, 16.
 Ribeiro & Chaves, r. do Ouvidor, 116. (Vide *Notabilidades*, pag. 138.)
 Ventura Garcia, 3 de P., r. de S. Pedro, 86 e 88, e r. d'Alfandega, 78, (E deposito de kerosene.)

Estabelecimentos Hortícolas, e Jardineiros. [692]

Antonio João Christovão, r. dos Invalidos, 4.
 Cães Novo da Gloria, nos fundos do convento da Lapa.
Figueiredo & Silva, r. do Riachuelo, 95.
 Goulart & Mello, r. dos Invalidos, 51.
 J. B. Binot, em Petropolis.
 Manoel Martins de Castro & Filho, r. da Real Grandeza, 31 e 80.
 P. Magne, r. de Gonçalves Dias, 42.
 Padre Manoel Thomaz dos Santos.
 Rodrigues & Silva, r. de D. Luiza, 18.
 Silva & Dutra, r. do Visconde do Rio-Branco, 67.
 Silva & Freitas, r. da Gloria, 54.
 Praça do Duque de Caxias, por traz da Igreja.
 Rua do Conde de Bomfim. (*Portão Vermelho*.)

Figura 22 – Anúncios de estabelecimentos hortícolas no Almanaque Laemmert de 1876

Das 73 espécies adquiridas nesses três estabelecimentos hortícolas, 43 eram exóticas e 30 nativas (Anexo 1). Assim como o horto da Quinta da Boa Vista, administrado por Glaziou, ao que tudo indica, os viveiros particulares também eram representados por uma maioria de vegetais não indígenas. Dourado (2011) comenta que embora seja difícil recuperar a extensão completa do elenco vegetal cultivado por esses horticultores, é possível extrair informações interessantes dos anúncios do Almanaque Laemmert. Nas edições de 1877 e 1878, aparecem publicadas, em cartazes de página inteira, as propagandas do estabelecimento hortícola de Frederico de Albuquerque, as quais relacionavam diversas plantas ornamentais comercializadas por ele, em sua maior parte estrangeiras, tais como as roseiras, os *Chrysanthemum* spp., as *Dahlia* spp., os *Phlox* spp., também os *Rhododendron* spp., as *Yucca* spp. e as raras e célebres Cycadaceae (Figs. 23 e 24).

972

INDUSTRIA, FABRICAS,

Estabelecimentos Hortícolas, e Jardineros. 1892

ESTABELECIAMENTO DE PLANTAS NOVAS E RARAS

Premiado com a medalha de prata na 1.^a exposição de Petropolis

F. ALBUQUERQUE, — Engenho-Novo, rua 24 de Maio n. 99

Offerece 12 bonitas rosas de 12 variedades nomeadas, por.....	108000
25 " " " " " "	158000
Sementes Novas do flores para jardim, colleções de 25 especies a	28000
3800, 3800 e 3800 cada collecção.	

PELARGONIUMS, COLEUS, DAHLIAS, PHLOX

Chrysanthemums (mosenhores) do Japão — Chrysanthemums da China — Chrysanthemums pompon, 20 variedades de crotonas (Independencia) — 25 especies Dracenasas.

Grande collecção de Ixoras, Hoyas, Bouvardias, Stapelias, Evonymas, Aucubas, etc., a primeira e mais escolhida collecção de Gesneriaceas colhidas na America do Sul (para cima de 300 variedades).

Palmeiras novas, de sementes recebidas directamente da Sociedade de Acclimação de Brisbane, em Queensland, e do Jardim Botânico de Howrah, em Calcutá.

PLANTAS CARNIVORAS

Dasylium, Beaucarneas, Yuccas e Marantas variadas, Grande collecção de Canas.

toda a sorte de plantas ornamentaes pelas folhas, pelas flores, pelos fructos e pelo porte;

TREPADERAS NOVAS E PLANTAS AQUATICAS

UMA MEDALHA DE 1.^a CLASSE, DUAS MEDALHAS DE 2.^a CLASSE

DA SOCIEDADE DE ACCLIMAÇÃO DE PARIS

POR CULTURAS DIVERSAS E INTRODUÇÕES

Remette gratuitamente catálogos descriptivos:

PUBLICA A

REVISTA DE HORTICULTURA

Jornal de Agricultura e horticultura pratica

sito temporariamente no

Engenho-Novo. — Rua 24 de Maio n. 99 (5 minutos da Estação do Caminho de Ferro e na passagem dos Bonds).

— Correspondencia:

F. ALBUQUERQUE

Horticultor

418, caixa do correio. — Rio de Janeiro.

800

INDUSTRIA, FABRICAS,

Estabelecimentos Hortícolas, e Jardineros. 1892

ESTABELECIAMENTO PARA PLANTAS NOVAS E RARAS

Premiado com a grande medalha de prata na 1.^a exposição de Petropolis

F. ALBUQUERQUE, — Rua do Conde d'Eu n. 245

(Os Bonds do Estacio de S.^a PASSAÇÃO NA PORTA, — os de Catumbay ao lado)

COLLECÇÕES MUITO ESPECIAIS DE

Rosas, Camellias, Azaleas, Dahlias, Phlox, Calandinas, Sorex, Bouvardine, Evonymos, Hoyas, Stapelias, e outras Plantas gordas as mais completas colleções de Crotonas, Dracenas e Marantas, a melhor e mais escolhida collecção de Gesneriacenas existente em toda a America do Sul.

Dasylium, Foucarnes, Yuccas, Boupartes e outras plantas do grande ornamento, bem como toda a serie de plantas ornamentaes pelas folhas, pelas flores, pelos fructos, pelo porte

ARVORES FRUCTIFERAS DO PAIZ E DA EUROPA

As mais raras Cycadaceas e as celebres

Plantas insectivoras

especialidade em

PLANTAS AQUATICAS

Plantas raras e novas obtidas de sementes recebidas directamente da

Sociedade de Acclimação de Brisbane, Queensland, Australia e do Jardim Botânico de Howrah, em Calcutá.

E de outros estabelecimentos importantes em relação directa e seguida com os principaes horticultores da Inglaterra, França, Belgica, Hollanda e Estado-Unidos

UMA MEDALHA DE 1.^a CLASSE, DUAS MEDALHAS DE 2.^a CLASSE

DA SOCIEDADE DE ACCLIMAÇÃO DE PARIS

Deposito de Sementes Novas para Hortas e Jardins

Encarrega-se de qualquer fornecimento de Plantas, Flores cortadas e Bouquets.

Remette, gratis, pelo correio, catálogos descriptivos a todas as pessoas que os desejarem.

Collocado presentemente quasi no centro da Cidade, F. Albuquerque convida, não só aos seus amigos, como a todos os Srs. amadores e curiosos, a visitarem o seu estabelecimento onde será encontrado todos os dias das 8 horas da manhã às 5 da tarde.

Solicita tambem ordens dos Srs. amadores da Provincia, para o que tem adoptado um systema especial de encaixotamento, que permite que as suas plantas cheguem em perfeito estado, por mais longe que seja a viagem: escrever a

F. ALBUQUERQUE

418, caixa do correio. — Rio de Janeiro.

Figura 23 — Anúncio do estabelecimento horticola de Frederico de Albuquerque no Almanaque Laemmert de 1877

Figura 24 — Anúncio do estabelecimento horticola de Frederico de Albuquerque no Almanaque Laemmert de 1878

Examinando o catálogo dos vegetais que existiam no antigo horto botânico da Quinta da Boa Vista, confeccionado por Glaziou, constatou-se uma listagem de 124 cultivares de *Rosa* e 59 de *Caladium*, indicando que essas plantas, possivelmente, estavam na moda ou que havia, até mesmo, desencadeado uma mania desses vegetais. Observando as figuras 25 e 26 é possível perceber que muitas dessas variedades cultivadas ganhavam designações de pessoas illustres da época, com o intuito de homenageá-las, como por exemplo, a *Rosa Empereur du Brésil* e o *Caladium Prince Albert*. Infelizmente, não foi encontrado o material testemunho referente a esses nomes presentes no catálogo, o que torna difícil de precisar se os diferentes epítetos informados por Glaziou para *Rosa* e *Caladium* correspondiam a uma única espécie ou se tratavam-se de mais de uma espécie desses gêneros.

47

Rosaceae

	Auteur	Patrie
Rosa Boetke Saccardi		
" Bleisch		
C. " Caputoni Christi		
" Cardinal Patrizzi		
" Cardinal de Lencal		
" Cécile Boethad		
" Coline Dubos		
" " Brunner		
" Charlotte Corring		
" Cicéron		
" Comte d'Alphonse de Lamoignon		
" " de Beaupré		
" " de Bouchesmont		
" Comtesse de Bouchesmont		
" " de Forange		
" " de Flantrac		
" Constantine Patricia Keff		
" Charles Lefebvre		
" Docteur Ranson		
" " Reinard		
" Duc d'Orléans		
" Duchesse d'Anhalt		
" " d'Oldena		
" Duguesclin		
" Elisabeth de la Rochelle		
" " Vigorani		
<u>" Empereur du Brésil</u>		
" " de Haras		
" Elise Casson		
" Estelle de Lyon		

MUSEU NACIONAL
SECCO DE BOTANICA

Figura 25 – Nomes dados aos diferentes cultivares de *Rosa* / Fonte: SEMEAR

Ardeides

	Auteur	Patrie
Caladium N. Neeslin Schaffer		
" marianum		
" Neeslin		
" Neeslin Scharf		Brazil
" Neeslin		
" Paillat		
" Pedro de Brasil		
" Philippe Barbier		
" pictum		
<u>" Prince Albert</u>		
" Princesse Alexandre		
" Quercus		
" Reichenbach		
" Reichenbachiana		
" Reine de Portugal		
" " Victoria		
" Reine		
" Reine		
" rubrum pictum		
" Scheller		Brazil
" Schelloni		
" F. de N. (C. de N. de N.)		
" Splendens		
" Splendens		
" Triomphe de l'exposition		
" Varschaffelti		
" Ville de Weillhaus		
" Virgata		
" Wrightii		Brazil

Figura 26 – Nomes dados aos diferentes cultivares de *Caladium* / Fonte: SEMEAR

As rosas estão entre as mais antigas flores cultivadas no mundo. Na Grécia, em 1800 a.C., elas já apareciam retratadas nas diversas formas de arte, que registravam o seu plantio para fins ornamentais. O gênero *Rosa* é nativo das regiões temperadas do Hemisfério Norte e, o oeste da Ásia é considerado o seu principal centro de dispersão. Com cerca de oito espécies frequentemente utilizadas na horticultura é reconhecido por sua complexidade taxonômica, em decorrência, em parte, dos cruzamentos seletivos conduzidos pelo homem ao longo dos séculos, com o objetivo de selecionar as características mais desejadas, tais como: número, tamanho e coloração das pétalas, quantidade de acúleos, intensidade do perfume, época de floração e, até mesmo, resistência a patógenos (Barbieri & Stumpf, 2005).

Admiradas pela beleza e perfume de suas flores, as rosas sempre possuíram uma variedade de códigos, historicamente complexos, que envolviam o seu uso simbólico¹⁴⁵. No ocidente, quando elas apareciam nos jardins privados, eram vistas como um emblema

¹⁴⁵ A grande variação de significados que as rosas possuem no ocidente, ao longo da história, foge ao escopo desse trabalho. Para saber mais sobre esse tema, consultar Goody (1993).

de luxo, riqueza e poder (Goody, 1993). A imperatriz da França Josefina de Beauharnais¹⁴⁶, primeira esposa de Napoleão Bonaparte e, portanto, a mulher mais influente durante o primeiro império, possuía uma admirável coleção de rosas, que contava com todas as 2562 variedades conhecidas na época, sendo responsável pela propagação do interesse por essa planta (Barbieri & Stumpf, 2005). No século XIX, a *Rosa* tornou-se uma das favoritas dos jardineiros e horticultores que, cada vez mais, se especializavam na produção de novos híbridos e cultivares. Atualmente, são estimadas mais de 16 mil variedades, todas descendentes das rosas silvestres da Europa, Ásia e América do Norte (Bill, 2013).

Apesar de serem originárias das regiões de clima frio, as rosas se adaptaram muito bem aos climas brasileiros de temperaturas amenas, como ao sul do país ou nas localidades de altitude subtropicais e, hoje, o Brasil é um grande produtor de rosas para corte, atendendo tanto o mercado interno quanto o externo (Lorenzi, 2001; Novaro, 2005). Podemos inferir que o atual cenário da alta comercialização de rosas no país seja resultado de muitos anos de experiência em intenso cultivo, aclimação e ensaios em melhoramentos genéticos dessas belas flores, que eram realizados, inclusive, como observado nessa pesquisa, no horto da Quinta da Boa Vista e nos diversos estabelecimentos hortícolas da capital do Império na segunda metade dos oitocentos (Figs. 21, 23, 24 e 25).

Originários da América Tropical, principalmente do Brasil, apresentando extensa distribuição no território nacional e, por isso, encontrados com muita facilidade em seu estado selvagem (Lista de Espécies da Flora do Brasil, 2015), os *Caladium*, com suas notáveis folhagens de coloridos variados, formando esplêndidos desenhos, foram reconhecidos por possuírem uma ampla vocação ornamental. Cultivados no viveiro da Quinta da Boa Vista e nos hortos privados da época (Figs. 24 e 26), que os disponibilizavam ao comércio, também foram alvos dos incansáveis processos de seleções artificiais, responsáveis pela criação de novos híbridos, extremamente elegantes e decorativos.

As variedades de *Caladium* que foram levadas por Glaziou para os seus parques públicos (Anexo 1) tiveram, provavelmente, a intensão de provocar, estimular os brasileiros, de fazer com que eles se maravilhassem com essa beleza da flora nacional que sempre esteve diante de seus olhos. Se, realmente, era esse o seu objetivo, ele funcionou! Os diferentes cultivares desse gênero ganharam a total aceitação do público amador, que

¹⁴⁶ Seu reinado compreendeu o período de 26 de maio de 1804 a 10 de janeiro de 1810.

passou a conhecê-los, comprá-los e cultivá-los amplamente em seus jardins, afinando-se à ação de Glaziou a favor da vegetação brasileira. O paisagista Burle Marx, nascido no início do século XX, contava que, entre suas memórias de infância, uma muito forte era a de sua mãe cultivando com habilidade e amor os inúmeros caládios que colecionava em sua estufa (Tabacow, 2004). Ainda hoje, esse grande grupo hortícola possui um elevado valor ornamental, sendo amplamente produzido e comercializado (Lorenzi, 2001), circunstância que demonstra que essa faceta de Glaziou, na qual ele colocava todo o seu coração na valorização das plantas nacionais, foi arrebatada por um êxito extraordinário, estendendo-se durante um longo período, o qual, talvez, nem ele próprio imaginasse.

A proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889, pôs um fim ao reinado de Dom Pedro II. Com a instituição do novo governo republicano, a família imperial brasileira exilou-se na Europa e o Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, local onde o Imperador cresceu, foi educado e viveu por quase toda a sua vida, passou a sediar os trabalhos da Assembleia Nacional, responsável pela Constituição Brasileira de 1891. Em 1892, houve a transferência do Museu Nacional do Campo de Santana para a antiga residência imperial, com todo o seu acervo e seus pesquisadores (Miranda, 2009). Nessa época, o Museu estava sob a direção de Ladislau de Souza Mello e Netto, que foi considerado um exemplo em eficiência administrativa e atenção ao setor científico. Seu mandato destacou-se pela criação da revista científica trimestral *Os Arquivos do Museu Nacional*¹⁴⁷, pelas grandes modificações na estrutura física do edifício para melhor acomodar o seu acervo, seguindo os padrões europeus de conservação de coleções científicas da época, inauguração de novos laboratórios e acréscimo do salário dos funcionários. Também houve um aumento do número de expedições científicas, realizações de conferências, exposições internacionais, dentre outros importantes eventos que conferiam grande visibilidade à Instituição (Seção de Museologia do Museu Nacional/UFRJ, 2007-2008). O Museu Nacional estava em seu pleno apogeu!

Nessa época, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro também passava por uma grande reestruturação promovida pelo naturalista João Barbosa Rodrigues¹⁴⁸, marcada pelo

¹⁴⁷ Criada em 1876, *Os Arquivos do Museu Nacional*, foi a primeira revista especializada em Ciências Naturais do Brasil. A edição e circulação desse periódico permitiu que o Museu Nacional ampliasse a sua rede de comunicação e de permutas com museus estrangeiros, sintonizando-se com a comunidade científica internacional (Lopes, 2000; Lopes & Muriello, 2005).

¹⁴⁸ Em 1890, o naturalista brasileiro João Barbosa Rodrigues assumiu o cargo de diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Apresentando um plano de retomada das aspirações tradicionais, tornou-se o dirigente de maior prestígio da história da instituição até aquela época (Sá, 2001).

aumento de estudos botânicos, reorganização e criação de novas coleções de plantas vivas, inauguração do herbário, do museu e da biblioteca (Miranda, 2009).

Conforme preconizado na carta enviada pelo Ministro dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Antão Gonçalves de Faria, à primeira seção da Diretoria da Agricultura, em 06 de fevereiro de 1892, o governo republicano não disponibilizava de recursos financeiros para arcar com as despesas necessárias para a manutenção do antigo horto imperial. E, por esse motivo, tudo indica que Glaziou, o idealizador e responsável pelo viveiro, solicitou o envio deste ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Ficais autorizado a entregar à Diretoria do Jardim Botânico o viveiro da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, com uma relação numérica e nominal dos vegetais que nele existirem, visto no vigente orçamento não haver verba para custeá-lo, o que sem prejuízo de seus fins será feito pelo do Jardim Botânico.

A respeito desse episódio, duas questões fogem ao meu entendimento. A primeira delas se refere à razão pela qual Glaziou teria requerido a autorização para entregar o horto da Quinta da Boa Vista aos cuidados de Barbosa Rodrigues, o então diretor do Jardim Botânico, já que o francês não demonstrava qualquer admiração pelo mesmo. Na correspondência enviada ao Sr. William Thiselton-Dyer, diretor do Royal Botanic Gardens, Kew, no dia 14 de setembro de 1891¹⁴⁹, Glaziou se queixa da falta de rigor científico de Barbosa Rodrigues. E, igualmente, na carta de 08 de janeiro de 1892¹⁵⁰, remetida também à Thiselton-Dyer, pode ser observada a indignação de Glaziou referente à ética e às práticas científicas do naturalista.

A caixa de plantas vivas que vós tivestes a bondade de me anunciar na data de 11 de novembro do ano passado chegou aqui depois de muito tempo, mas, por um infeliz mal entendido de endereço, ela está nas mãos de Barbosa que a guarda sem qualquer escrúpulo. [...]

Creio que seja inútil a vossa espera pelos materiais de Barbosa, visto que ele apenas reuniu [...] algumas bagatelas em frascos de barbeiros [...].

O segundo ponto incompreensível, a meu ver, foi o fato do Museu Nacional não ter se ocupado do horto da Quinta da Boa Vista. Se, a importância daquele estabelecimento era evidente tanto para o fornecimento de plantas destinadas aos parques públicos do Rio de Janeiro como para os avanços nas pesquisas em horticultura, por que essa instituição, que estava instalada na mesma área do horto e que se encontrava em um período de pleno

¹⁴⁹ Documento de posse do acervo do Royal Botanic Gardens, Kew: Archives: Director's correspondence.

¹⁵⁰ Essa correspondência encontra-se depositada no Royal Botanic Gardens, Kew: Archives: Director's Correspondence.

apogeu com a excelente administração do botânico Ladislau Netto¹⁵¹, não se apropriou do respeitável laboratório hortícola? Se, Glaziou era Membro Correspondente do Museu Nacional e uma tinha uma forte relação de afinidade e respeito por Ladislau Netto, por que ele demandou a transferência do antigo viveiro imperial para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro? É verdade que o Jardim Botânico vivia um momento totalmente favorável para o recebimento do horto da Quinta, entretanto, do mesmo modo, inúmeros fatores convergiam para que ele fosse incorporado pelo Museu Nacional. Muitas perguntas continuarão sem respostas, mas, o fato é que esse acontecimento representava o fim do antigo viveiro imperial da Quinta da Boa Vista.

Uma consciência ambiental inexistente

A introdução e a domesticação de cada nova espécie ou variedade representa uma mudança, não somente na balança comercial do país, mas também no balanço dos elementos que compõem os ecossistemas e a própria sociedade (Dean, 1991 p.225).

Fundada em 1872, a Associação Brasileira de Aclimação tinha, como uma de suas principais metas, testar a adaptabilidade da flora europeia em pleno solo tropical. Esse objetivo promoveu um considerável número de transferência de mudas e sementes de plantas de interesse econômico da Europa para o Brasil. Como conta Dean (1996), a maior parte das espécies trazidas para cá tinha a finalidade de ornamentação de parques, praças e jardins. Glaziou era membro da Associação (Noronha Santos, 1944), sendo, talvez essa, a explicação da importação de tantas espécies exóticas de uso paisagístico.

Como constatado no presente capítulo, o paisagista francês introduziu centenas de plantas exóticas em suas *paisagens artificiais*. Porém, Glaziou não se preocupava com as ameaças ambientais que um simples exótico poderia causar, estivesse ele no meio rural ou urbano. Na realidade, naquela época, e, até pouco tempo atrás, as introduções de espécies levavam em conta, com exclusividade, as vantagens econômicas, sem qualquer consideração ou estudo prévio sobre as possíveis consequências e impactos decorrentes dessa atividade sobre os ecossistemas nativos (Dean, 1996).

Espécies exóticas introduzidas em um ambiente diferente daquele em que ocorrem naturalmente podem conseguir se adaptar a essa nova condição, proliferando-se a ponto de

¹⁵¹ Ladislau Netto possuía uma desavença pública e de longa data com Barbosa Rodrigues. Sobre esse assunto, ver Sá (2001).

manter uma população viável autonomamente e dispersando-se para áreas distantes do lugar em que foi plantada originalmente, estabelecendo-se e invadindo essa nova região geográfica. Muitas dessas espécies alóctones, classificadas como invasoras, são extremamente agressivas na competição com as espécies nativas, alterando a composição e estrutura da vegetação natural, ameaçando a biodiversidade local e causando danos abismáveis ao meio ambiente (Moro *et al.*, 2012; Leão *et al.*, 2011).

Entre os 1529 registros inventariados nesse estudo, verificou-se a ocorrência de plantas, de diferentes famílias e portes, que tem demonstrado alta capacidade de invadir ambientes florestais ou abertos no Brasil, tais como: *Acacia longifolia*; *Archontophoenix cunninghamiana*; *Casuarina equisetifolia*; *Cryptostegia grandiflora*; *Leucaena leucocephala*; *Opuntia ficus-indica*; *Parkinsonia aculeata*; *Ricinus communis*; *Spathodea campanulata*; *Tecoma stans*; *Terminalia catappa* e *Tradescantia zebrina* (Moro *et al.*, 2012; Leão *et al.*, 2011; Christianini, 2006) (Anexo 1). O que significa que Glaziou ao introduzir espécies exóticas ornamentais em seus jardins acabou contribuindo para a disseminação de plantas invasoras, ampliando seus impactos ambientais.

Ainda que no século XIX, Charles Darwin em seu livro *The Voyage of the Beagle*, lançado em 1839, já tivessem alertado sobre possíveis danos oriundos das introduções de espécies invasoras, foi somente em 1958, após a publicação *The ecology of invasions by animals and plants*, de Charles Elton, que as pesquisas referentes aos impactos ambientais dos animais e vegetais exóticos sobre os ecossistemas naturais atingiram grandes proporções, sinalizando uma preocupação que abrangia as esferas tanto científicas como políticas de todo o mundo. Atualmente, gravidade e dimensão dessa temática são indiscutíveis.

A partir do século XX, também aparece, no campo do paisagismo, uma conscientização sobre a preservação da natureza, que perdura até os dias de hoje. Foi através das obras de Roberto Burle Marx que um novo paradigma na arte de elaboração de jardins foi introduzido, difundido e consolidado. As atividades de paisagista e conservacionista de Burle Marx se mesclavam numa agradável maneira de composição e manifestação artística, e, a preferência pela utilização dos vegetais brasileiros era, ao mesmo tempo, fonte de inspiração para seus trabalhos e uma medida essencial para salvaguardar um valioso patrimônio genético nacional, ameaçado por uma destruição avassaladora (Tabacow, 2004). A partir da compreensão do perigoso processo de extermínio da biodiversidade nativa, o artista visualiza a concepção de seus jardins como uma antítese ao desaparecimento dos ecossistemas, uma vez que esses espaços, apesar de artificiais,

projetados pela mão do homem, podem ser considerados como refúgios verdes, que expressam suas próprias leis, dinâmicas, funções e associações entre os seres vivos, tão complexas quanto aquelas inerentes às matas virgens. Nessa perspectiva, as novas *paisagens construídas* passaram a atender aos estilos de vida atribuídos ao momento histórico presente, refletindo o surgimento de “um novo compromisso entre natureza e civilização” (Duarte, 2011 p. 507).

Considerações finais

O desejo coletivo de experimentar os sentimentos de liberdade, paz, felicidade, alternados com sensações de tristeza e melancolia simbolizavam uma fase de grande aproximação aos recursos naturais, e, através das constantes *promenades* nos jardins e parques metropolitanos, que se aprimoravam, cada vez mais, nos seus cenários sombrios, repletos de dramaticidade, buscando a reprodução de uma paisagem natural e intocada, estabelecia-se os alicerces de uma nova relação entre o homem ocidental e a natureza.

Conhecer o elenco de espécies utilizadas por Glaziou em seus jardins na capital do segundo Império foi fundamental para compreender como as intervenções paisagísticas inseridas no contexto urbano carioca, juntamente com as escolhas dos vegetais introduzidos e expostos naqueles espaços, expressavam as demandas, os interesses e as expectativas da sociedade brasileira, mais particularmente de uma elite aristocrática, que marcavam o período histórico em questão.

O fato de Glaziou priorizar a utilização de espécies nativas, oriundas de todas as regiões do Brasil, de modo a representar o território nacional como um todo, constituía uma ferramenta fundamental para a construção de uma memória social federativa e de um sentimento de afirmação de uma identidade brasileira, que se envaidecia de sua nação a partir da exuberância da sua natureza, repleta de qualidades e potencialidades.

Porém, o paisagista francês também fez uso de inúmeras plantas exóticas. A associação de plantas indígenas e não indígenas em seus projetos paisagísticos estava de acordo com as tendências da época, representando a combinação de uma atividade típica de uma capital civilizada europeia, que expressava a dimensão de totalidade presente na perspectiva científica do romantismo através da sua capacidade de domesticar e aclimatar a natureza universal, com uma atividade típica de uma capital tropical, possensora de uma rica e singular biodiversidade, digna de orgulho nacional e que precisava ser apresentada para o mundo.

Glaziou, por meio de seus “trabalhos práticos” e suas “experiências estéticas” nos espaços públicos urbanos do Rio de Janeiro, globalizava a flora brasileira, propiciando aos visitantes uma íntima fusão com a natureza e a vivência do sentimento de exotismo, tão requisitada pelo homem ocidental do século XIX. Seus jardins exibiam o espetáculo de uma nação plasticamente bela, enobrecida por seus vegetais atraentes e providos de fascinantes propriedades econômicas, fornecendo uma realidade tangível para todos. Desse modo, as *paisagens construídas* de Glaziou significavam um conjunto de particularidades emblemáticas que, certamente, contribuiriam para conduzir o Brasil ao ideal de civilização.

Ao introduzir na cidade do Rio de Janeiro espécies originárias de outros países ou, até mesmo, de diferentes regiões do Brasil, que não ocorriam naturalmente no bioma da Mata Atlântica, Glaziou colaborou com a disseminação de plantas exóticas altamente invasoras, representando graves prejuízos para a qualidade ambiental dos nossos ecossistemas. Apesar de representar uma atividade totalmente vinculada ao movimento progressista dos oitocentos, as suas possíveis consequências, como competição pelos recursos ambientais, supressão de flora e fauna nativas, alteração do regime hídrico, dentre outras perturbações, não eram alvos de discussões das redes intelectuais da época.

Entretanto, ao valorizar os recursos vegetais nativos e apresenta-los em seus jardins, o paisagista francês investia em conhecimento, estimulando a avaliação das potencialidades das espécies indígenas úteis ao homem e às suas atividades, algo que está integralmente de acordo com o pensamento conservacionista contemporâneo.

Considerações finais

A leitura e análise do corpo de fontes primárias e secundárias referentes a Auguste François Marie Glaziou, que constituíram o cerne dessa tese de doutorado, possibilitaram a recuperação de informações e a consolidação de memórias sobre o paisagista francês, sobre suas práticas botânicas e suas experiências estéticas. Desse modo, apesar das limitações encontradas ao examinar as fontes primárias, que, algumas vezes, dificultaram a compreensão dos manuscritos, como por exemplo, palavras perdidas ou não entendidas, trechos cifrados ou apagados, perguntas sem respostas, ou, vice-versa, emoções soltas e desconexas; consideramos que o estudo detalhado desses documentos nos forneceu muitos *insights*, apresentando grande utilidade no âmbito de traçar o perfil e a trajetória profissional de Glaziou, já que esses encerram particularidades interessantes sobre o viver e o pensar desse personagem que teve um papel fundamental na construção da paisagem urbana do Rio de Janeiro e nas investigações sobre flora do Brasil, na segunda metade do século XIX.

A correspondência privada de Glaziou mostrou que ele mantinha contatos regulares com os grandes botânicos e naturalistas europeus de seu tempo. Através de um ritmo contínuo de permuta de cartas eles compartilhavam ideias, sentimentos, momentos de reflexão e preocupação sobre si, sobre o outro, ou sobre alguma questão de interesse comum e, assim, seguiam construindo uma amizade e experimentando uma relação profunda e duradoura.

As informações disponíveis na correspondência evidenciaram um desequilíbrio significativo quanto ao fluxo de material vegetal, com um número muito mais elevado de espécies brasileiras, vivas e secas, sendo enviadas por Glaziou para Europa do que de plantas vindas do Velho Mundo para o Novo Mundo. No entanto, também é perceptível nas cartas o fato de que além do intercâmbio de vegetais, Glaziou também possuía um profundo interesse na troca de conhecimentos científicos. Diversas vezes Glaziou solicitava a identificação dos materiais coletados por ele aos renomados especialistas europeus, obtendo, desse modo, uma fonte confiável dos nomes das espécies que iriam compor, inclusive, seu herbário particular. Esse tipo de dado é extremamente importante e valorizado até os dias de hoje. Assim, embora existisse uma disparidade em termos de volume de plantas permutadas, quando consideramos os demais aspectos referentes às trocas de saberes científicos, torna-se claro que se tratava de uma relação de grande valor para ambas as partes.

A natureza brasileira, densa, impenetrável e desconhecida causava grande impacto, fascínio, deslumbre, perplexidade e curiosidade aos naturalistas europeus do século XIX, que relatavam, em seus diários de viagens, suas experiências e sentimentos de êxtase do encontro com o novo, com o incógnito, misterioso, inexplorado, com os ecossistemas tropicais. Os recursos vegetais ali presentes atraíam a atenção tanto por sua exuberância e exotismo quanto por seus potenciais utilitários, acompanhando o desenvolvimento de uma ciência moderna. Nossos dados revelaram que as práticas botânicas de Glaziou contribuíram consideravelmente para a sistematização e pesquisas sobre a flora do Brasil, e, tiveram também uma importância crucial no fornecimento de material botânico para a elaboração da monumental *Flora Brasiliensis*, obra que ainda hoje surpreende pelo rigor científico das descrições botânicas.

Entretanto, a partir da análise dos documentos consultados constatou-se que o desempenho de Glaziou para a concretização da publicação da *Flora* de Von Martius foi ainda mais relevante. O francês utilizou de suas influências junto ao poder imperial brasileiro para obter financiamento para a conclusão do ambicioso projeto. A elaboração dessa gigantesca obra concluída em 1906, ano da morte de Glaziou, também representava uma atitude federativa, já que contemplava não apenas as riquezas vegetais de um ou outro estado particular, mas sim, de todo o território nacional. A conduta de Glaziou trouxe profunda gratidão, apreciação, prestígio e reconhecimento da parte dos grandes botânicos da época.

Assim, a partir das questões que se descortinaram frente às pesquisas realizadas nessa tese de doutorado, foi possível realizar um balanço sobre a importância dos trabalhos científicos e artísticos de Glaziou, que expressavam o ideário e as expectativas de uma época. A reverberação de suas obras, tanto no campo das artes como no campo da ciência, permaneceram inscritos no tempo, como prova de uma experiência sem paralelo na história natural e cultural do Brasil do século XIX.

Os jardins são obras de arte que lidam com a efemeridade. Portanto, levantou-se aqui a importância do trabalho de recuperação das espécies que foram incorporadas por Glaziou em suas criações paisagísticas, assim como, conhecer as intenções e finalidades que nortearam essas escolhas. O paisagista, através dos vegetais utilizados em seus projetos, reverenciava a diversidade e a riqueza dos recursos florísticos presentes nas matas brasileiras e difundia essa realidade singular entre os brasileiros e os visitantes da capital Imperial.

Glaziou foi um representante das ciências e das artes, que se aventurava em terras brasileiras, vencendo e explorando o desconhecido, não somente em busca de novas

espécies vegetais, de novos e interessantes registros, mas também com o objetivo de dominar o universo biológico e proporcionar, por meio de suas *paisagens artificiais*, o encontro do homem urbano com a exuberante natureza tropical, com o sublime, etéreo, alinhando-se, desse modo, aos anseios românticos do século XIX e caminhando em direção ao que era considerado o ideal civilizatório.

Vale ressaltar ainda que na medida em que as questões referentes ao meio ambiente tornam-se cada vez mais pertinentes e fundamentais para a vida do homem contemporâneo, recuperar informações sobre a história da natureza brasileira, contribuindo na preservação de sua memória, constitui-se numa prática altamente relevante.

A carência de pesquisas no Brasil na área de vegetais ornamentais causa a subutilização do potencial que a nossa flora nacional oferece. Desse modo, pensando em uma linha de atuação conservacionista, o exercício de sistematização dos dados sobre as espécies empregadas por Glaziou na ornamentação de seus parques e jardins, realizado no terceiro capítulo dessa tese, aliado as propostas que visam o incentivo do cultivo e utilização de plantas nativas no paisagismo brasileiro, podem ser artifícios eficientes para a preservação desses táxons e dos ecossistemas naturais.

Referências Bibliográficas

- Adet, E. 1851. L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850. *Revue des Deux Mondes*. Novembre 1851. pp. 1083-1105.
- Agassiz, L. & Agassiz, E. C. 1937. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. São Paulo: Nacional.
- Albuquerque, F. G. de (org.). 1876. *Revista de Horticultura*, vol. 1, Rio de Janeiro, fevereiro de 1876.
- Albuquerque, U. P. & Andrade, L. H. C. 2002. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (nordeste do Brasil). *Interciência* 27: 276-285.
- Alcorn, J. B. 1995. The Scope and Aims of Ethnobotany in a Developing World. In: Schultes, R. E. & Reis, S. von (eds.). *Ethnobotany Evolution of a Discipline*. Dioscorides Press, Portland, Oregon (U.S.A.).
- Amaduro, C. D. 2009. Os jardins da Chácara do Challet: uma análise da atuação de Glaziou em Nova Friburgo. *19&20*. Rio de Janeiro: v. IV, n.2.
- APG III (Angiosperm Phylogenetic Group). 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. *Bot. J. Linnean Soc.* 161: 105-121.
- Arruda, J.J. 1980. *O Brasil no comércio colonial*. São Paulo. Ática.
- Assis, M. 1906. Lição de Botânica. In: Assis, M. 1982. *Teatro completo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Funarte, p. 350-365.
- Bacon, F. 1986. *The advancement of learning and New Atlantis*. Oxford: Clarendon.
- Barbieri, R. & Stumpf, E. R. T. 2005. Origem, evolução e história das rosas cultivadas. *R. bras. Agrociência*, Pelotas, v. 11, n.3, p. 267-271.
- Barbuy, H. 2008. Dos gabinetes de curiosidades aos museus do século XIX. Contexto de florescimento dos museus modernos no Ocidente. In: Almeida, M. & Vergara, M. R. (Orgs.). *Ciência, história e historiografia*. 1 ed. São Paulo: Via Lettera, v.1, p.245-255.
- Barrau, J. 1991. L'Homme et le Végétal: Prologue Bio-Écologique. In *Histoire des Moeurs*. J. Poirier (org.). Paris, Encyclopédie de la Pléiade, p. 1279-1306.
- Baugratz, J. F. & Souza, M. L. D'el Rei 2011. Melastomataceae na Reserva Ecológica de Macaé de Cima, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil II - *Leandra* (Miconieae). *Rodriguesia* 62(3): 629-662.

- Bekford, G. L. 1972. *Persistent Poverty: Underdevelopment in Plantation Economies of the Third World*. New York: Oxford University Press.
- Bentham, G. & Hooker, J. D. 1862–1883. *Genera plantarum ad exemplaria imprimis in herbariis kewensibus servata definita*. 3v. Londini, Reeve & co.
- Bériac, J. P. 2012. Auguste Glaziou, um paisagista entre Bordeaux et Rio de Janeiro. *Revue archéologique de Bordeaux*, tome CIII, p.231-262.
- Bériac, J. P. 2009. Auguste Glaziou e seus mestres franceses em Bordeaux. *Glaziou e os jardins sinuosos*. Catálogo da exposição realizada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Dantes Editora. 101p.
- Bill, Laws. 2013. *50 plantas que mudaram o rumo da história*. Rio de Janeiro: Sextante, 244p.
- Blom, P. 2003. *Ter e Manter. Uma história íntima de colecionadores e coleções*. Editora Record. Rio de Janeiro.
- Boscolo, O. H. & Senna-Valle, L. 2008. Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil. *Iheringia, Sér. Bot.* 63: 263-277.
- Boxer, C. R. 1961. *Os holandeses no Brasil (1624-1654)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 465p.
- Brandão, M. G. L.; Zanetti, N. N. S.; Oliveira, P.; Graef, C. F. F.; Santos, A. C. P. & Monte-Mór, R. L. M. 2008. Brazilian medicinal plants described by 19th century European naturalists and in the Official Pharmacopeia. *Journal of Ethnopharmacology* 120: 141-148.
- Brito, M. R.; Nic Lughadha, E.; Duarte, L. F. D. & Senna-Valle, L. 2015. Exchange of useful plants between Brazil and England in the second half of the nineteenth century: Glaziou and the botanists of the Royal Botanic Gardens, Kew. *Kew Bulletin*, 70:4.
- Brizuela, N. 2012. *Fotografia e Império: paisagens para um Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles.
- Bureau, É. 1908. Notice historique sur F. M. Glaziou. *Société Botanique de France*. Paris.
- Cabral, T. 1953. *Pohl e sua viagem ao Brasil*. Porto Alegre: Globo.
- Camenietzki, C. Z. 2003. Problemas de História da Ciência na Época Colonial: a colônia segundo Caio Prado Júnior. In: Andrade, A.M.R. (Org.). *Ciência em Perspectiva - estudos, ensaios e debates*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 97-106.
- Candido, A. 2004. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH. 95p.

- Cardozo, F. S. & Azevedo, M. N. S. 2009. Um francês no Brasil Imperial do século XIX: Auguste François-Marie Glaziou. In: Vidal, L. & Luca, T. R. (Orgs.) *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora Unesp. 487p.
- Carta dos jardins históricos brasileiros. 2010. <
<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=251>>
- Christianini, A. 2006. Fecundidade, dispersão e predação de sementes de *Archontophoenix cunninghamiana* H. Wendl. & Drude, uma palmeira invasora na Mata Atlântica. *Revista Brasileira de Botânica*, v.29, p.587-594.
- Christo, A. G.; Guedes-Bruni, R. R. & Fonseca-Kruel, V. S. 2006. Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: Estudo de Caso na Gleba Aldeia Velha. *Rodriguésia* 57 (3): 519-542.
- Cogniaux, A. 1906. Notice biographique sur Auguste Glaziou. *Bulletin de la Société royale de botanique de Belgique*, p. 364-369.
- Corrêa, M. P. 1926-1978. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 6v. ilustr.
- Costa, D. A. M. 1885. *A malária e suas diversas modalidades clínicas*. Lombaerts & Comp. Rio de Janeiro, 443p.
- Courteney, P.P. 1980. *Plantation agriculture*. London: Bell and Hyman. 310p.
- Crosby, A. 1986. *Ecological imperialism; the biological expansion of Europe, 900-1900*. Cambridge (Cambridgeshire). New York : Cambridge University Press.
- Cruls, L. 1896. *Comissão de Estudos da Nova Capital da União: relatório parcial apresentado ao Exmo. Sr. Antônio Olyntho dos Santos Pires*. Rio de Janeiro. 163p.
- Cunha, M. G. 2007. O extraordinário Glaziou. In: *Leituras paisagísticas: teoria e prática* 2. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ.
- Cunningham, A. 1997. The culture of gardens. In: Jardine, N. ; Secord, J. A. & Spray, E. C. (orgs.) *Cultures of Natural History*. Cambridge. University press.
- Darwin, C. 1839. *The voyage of the Baegle*. London: Colburn. 1st ed. 3 vols & appendix.
- Dean, W. 1996. *A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo, Cia das Letras. 143p.
- Dean, W. 1991. A Botânica e a Política Imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*. Fundação do Banco do Brasil: Editora da Fundação Getulio Vargas.

- Dean, W. 1989. *A luta pela borracha no Brasil: Um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel.
- Debret, J. B. 1834-39. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. 3 v. Paris: Firmin Didot Frères.
- d'Elboux, R. M. M. 2006. Uma promenade nos trópicos: os barões do café sob as palmeiras-imperiais, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. *Anais do Museu Paulista*, v. 14, n^o6.
- de Sá, I. M. & Elisabetsky, E. 2012. Medical knowledge exchanges between Brazil and Portugal: Na ethnopharmacological perspective. *Journal of Ethnopharmacology*. 142 (3): 762-768.
- de Sá, I. M. 2007. *Levantamento etnobotânico em Santo Antônio do Rio Grande, sul de Minas, Brasil*. xv, 178f.: il. Dissertação (Mestrado) – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro / Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica).
- Domingues, H. M. B. 2009. O Homem, as Ciências Naturais e o Brasil no Século XIX. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n^o 1, p. 167-178.
- Dourado, G. M. 2011. *Belle époque dos jardins*. Editora Senac. São Paulo.
- Dourado, G. M. 2009. *Modernidade verde: jardins de Burle Marx*. São Paulo: Senac, 386p.
- Duarte, L. F. D. 2011. Damascus in Dahlem: art and nature in Burle Marx tropical landscape design. *Vibrant* (Florianópolis), v.8, n.1, p.495-510.
- Duarte, L. F. D. 2005. La nature nationale: entre l'universalisme scientifique et la particularité symbolique des nations. *Civilisations*, v.52, p.21-44.
- Elton, C. S. 1958. *The ecology of invasions by animals and plants*. London, Methuen.
- Emmerich, M. 1994. Von Martius e a Botânica. In: R. Horch & H. W. Fauser (ed.), *200 anos de Carl Friedrich Philipp Von Martius*. São Paulo. Inst. Hans Staden. p. 91-99.
- Estatuto da Associação de Aclimação. 1872. Decreto N. 5136 de 13 de novembro de 1872. Associação de Aclimação, Rio de Janeiro.
- Fée, A. L. A. 1869. *Cryptogames vasculaires (fougères, lycopodiacées, hydroptéridées, equisetacées) du Brésil*. Paris (s.n).
- Ferrão, C. & Soares, J. P. M. (ed.). 1996. *A Viagem de Von Martius – Flora Brasiliensis - vol. 1*. Rio de Janeiro. Editora Index. 140 p.

- Figueirôa, S. F. M.; Silva, C. P. & Pataca, E. M. 2004. Aspectos mineralógicos das "Viagens Filosóficas" pelo território brasileiro na transição do século XVIII para o século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 11(3): 713-29.
- Fleck, L. 1989. *La gènesis y el desarrollo de un hecho científico*. Madrid: Alianza Editorial.
- Forzza, R. C. et al. (Orgs.) 2012. *Catálogo de plantas e fungos do Brasil*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio : Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2.v.: il.
- Foster, G. 1960. *Culture and conquest*. American's Spanish heritage. Chicago: Quadrangle Books.
- Gesteira, H. M. 1998. O jardim Maurício: conhecimento e colonização da América durante o domínio batavo no Brasil 1637/1645. *Anais Museu Histórico Nacional* 30: 190-206.
- Giraudy, D.; Bouilhet, H. 1990. *O Museu e a Vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro. RS; Belo Horizonte: UFMG.
- Glaziou, A. F. M. 1896. Notícia sobre botânica aplicada pelo Dr. A. Glaziou. In: Cruls. L. 1896. *Comissão de Estudos da Nova Capital da União: relatório parcial apresentado ao Exmo. Sr. Antônio Olyntho dos Santos Pires*. Rio de Janeiro. 163p.
- Glaziou, A. F. M. 1905. *Liste de Plantes Du Brésil Central Recueillies em 1861-1895*. Bull. Soc. Bot. Fr. mem. 3 52: 1-661.
- Goody, J. 1993. *The culture of flowers*. Cambridge University Press.
- Guimarães, M. L. S. 2000. História e Natureza em Von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a Nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 7, nº2, pp.389-410.
- Hallewell, L. 1985. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp.
- Harshberger, J. W. 1895. The purposes of ethnobotany. *The Botanical Gazette* 21: 146-154.
- Heinrich, M.; Kufer, J.; Leonti, M. & Pardo-de-Santayana, M. 2006. Ethnobotany and ethnopharmacology – Interdisciplinary links with the historical sciences. *Journal of Ethnopharmacology* 104: 387-406.
- Heizer, A. 2009. Os Jardins de Glaziou na Exposição de Paris de 1889. In: *Glaziou e os jardins sinuosos*. Catálogo da exposição realizada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Dantes Editora. 101p.

- Heemann, A. C. W.; Miguel, O. G. & Miguel, M. D. 2004. Revisão do gênero *pteroaulon* - aspectos fitoquímicos e atividades biológicas. *Visão Acadêmica* 5: 53-60.
- Herrera, T.; Ortega, M. M.; Godínez, J. L. & Butanda, A. 1998. Uma etnobotânica no México. *Episteme* 15: 133-136.
- Hetzl, B. & Negreiros, S. (Orgs.). 2011. *Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Manati. 152p.
- Hetzl, B. 2011. Raízes na França, plenitude no Brasil. In: Hetzel, B. & Negreiros, S. (Orgs.). *Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Manati. 152p.
- Hooker, W. J. 1851. *A popular guide to the Royal Botanic Gardens of Kew*. 10th ed. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 60p.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN. 2009. Portaria n. 127, de 30 de abril de 2009: estabelece a chancela da paisagem cultural brasileira. *Diário Oficial da União*, dia 05 de maio de 2009.
- IPNI (The International Plants Names Index). < <http://www.ipni.org/>> .
- Kennedy, D. O. ; Haskell, C. F. ; Robertson, B. ; Reay, J. ; Brewster-Maund C. ; Luedemann, J. ; Maggini, S. ; Ruf, M. ; Zangara, A. & Scholey, A. B. 2008. Improved cognitive performance and mental fatigue following a multi-vitamin and mineral supplement with added guarana (*Paullinia cupana*). *Appetite* 50: 506-513.
- Kenseth, J. (ed.) 1991. *The age of the Marvelous*. Hanover, N.H.: Hood Museum of Art.
- Kohlmaier, G. & Sartory, B. von. 1986. *Houses of glass: a nineteenth-century building type*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 641p.
- Kury, L. 1998. Ciência e nação: romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 5, n^o2, pp. 267-91.
- Kury, L. 2001. Entre utopia e pragmatismo: a história natural no Iluminismo tardio. In: Soares, L. C (Org.). *Da revolução científica à big (business) Science*. São Paulo/Niterói, Hucitec/Eduff.
- Kury, L. 2004. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 11: 109-29.
- Kury, L. 2008. As artes da imitação nas viagens científicas do século XIX. In: Almeida, M. & Vergara, M. R. (Org.). *Ciência, história e historiografia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Via Lettera/Mast, p. 321-333.
- Laemmert, E. & Laemmert, H. 1880. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1862*. Rio de Janeiro, p. 987.

- Laemmert, E. & Laemmert, H. 1878. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1862*. Rio de Janeiro, p. 809.
- Laemmert, E. & Laemmert, H. 1877. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1862*. Rio de Janeiro, p. 972.
- Laemmert, E. & Laemmert, H. 1876. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1862*. Rio de Janeiro, p. 963.
- Laemmert, E. & Laemmert, H. 1862. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1862*. Rio de Janeiro, p. 313-314.
- Lamy, D. 2008. Le dessin botanique dans la transmission des connaissances. In: *Passions Botaniques: Naturalistes voyageurs au temps des grandes découvertes*. Editions Ouest-France. p. 139-156.
- Lara, S. H. 2008. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. *Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n.28, p.17-39.
- Lawrence, H. 2008. *City trees: a historical geography from the Renaissance through the nineteenth century*. United States of America. University of Virginia Press.
- Leandri, J. 1963. Un botaniste français pionnier de la floristique brésilienne. *Adansonia* 3: 5-18.
- Leão, T. C. C.; Almeida, W. R.; Dechoum, M.; Ziller, S. R. 2011. *Espécies Exóticas Invasoras no Nordeste do Brasil: Contextualização, Manejo e Políticas Públicas*. Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste e Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental. Recife, PE. 99p.
- Lellinger, D. B. 2002. *A modern Multilingual Glossary for Taxonomic Pteridology*. American Fern Society, Inc. 263p.
- Lemos, C. A. C. 1999. *A república ensina a morar (melhor)*. São Paulo, Editora: Hucitec.
- Leppard, M. 1978. The Amazonian waterlily. *Journal of the Royal Horticultural Society* 103: 121-122.
- Limido, L. 2002. *L'Art des jardins sous le Second Empire. Jean-Pierre Barillet-Deschamps (1873-1924)*. Editions Champ Vallon, 282p.
- Lisboa, K. M. 1997. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo, Editora HUCITEC. FAPESP.
- Lisboa, K. M. 1999. Humboldt e os viajantes no Brasil na primeira metade do século XIX. In: Zea, L. & Magallón, M. (orgs.) *El mundo que encontró Humboldt*. México, Instituto Panamericano de Geografía e História, Fondo de Cultura Económica.

- Lisboa, K. M. 2009. O Brasil dos Naturalistas Spix e Martius: Taxonomia e sentimento. *Acervo*. v.22, n°1, p. 179-194.
- Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>
- Lopes, M. M. & Muriello. 2005. Ciências e Educação em Museus no final do século XIX. In: *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. v.12, p. 13-30.
- Lopes, M. M. L. 2000. Cooperação Científica na América Latina no final do Século XIX: os intercâmbios dos museus de ciências naturais. *Interciência*. 25 (5) p.228-233.
- Lopes, M. M. 1997. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo, Hucitec.
- Lorenzi, H. 2008. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. V. 1. 5^a.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum.
- Lorenzi, H. & Matos, F. J. A. 2002. *Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas*. São Paulo, Nova Odessa, 512p.
- Lorenzi, H. & Souza, H.M. 2001. *Plantas Ornamentais no Brasil - arbustivas, herbáceas e trepadeiras*. 3a. edição. Nova Odessa – SP: Instituto Plantarum.
- Lugli, A. 1998. *Naturalia e Mirabilia: les cabinets de curiosités en Europe*. Paris: Adam Biro.
- Luz, A. A. 2004. A Missão Artística Francesa: novos rumos para a Arte no Brasil. Rio de Janeiro: *Revista da Cultura*, Ano IV, n° 7, p. 16-22.
- Macedo, J. 2012. Modelos conceituais e análises arqueológicas na compreensão da paisagem urbana: a pesquisa arqueológica do Passeio Público do Rio de Janeiro. In: Macedo, J.; Andrade, R. & Terra, C. (orgs.). 2012. *Arqueologia na paisagem: novos valores, dilemas e instrumentais*. Rio de Janeiro: Rio Books. 176p.
- Macedo, S. S. & Sakata, F. G. 2002. *Parques urbanos no Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- Magnin-Gonze, J. 2004. *Histoire de la botanique*. Delachaux et Niestlé, Paris.
- Marques, V. R. B. 2005. Escola de homens de ciências: A Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779. *Educar, Curitiba*, n. 25, p. 39-57, 2005. Editora UFPR.
- Martens, G. von 1871. Algae brasiliensis circa Rio de Janeiro a cl. A. GLAZIOU, horti publici directore, botanico indefesso, annis 1869 et 1870 collectae. *Vidensk. Meddr. dansk naturh. Foren* 3: 144-148.
- Martin, G. J. 1995. *Ethnobotany: A methods manual*. London: Chapman and Hall, 285p.

- Martius, C. F. P. Von; Eichler, A. G. & Urban, I. (Eds.). 1840-1906. *Flora Brasiliensis...* 15v. Monachii in typographia regia C. Wolf et fil. et in offic. Lithograph. Keller, Munich.
- Martius, C. F. P. Von. 1867. *Beiträge zur Ethnografie Americas, zumal Brasiliens*. 2 v. Leipzig, Friedrich Fleischer.
- Martius, C. F. P. Von. 1867. *Die Vergangenheit und Zukunft der Amerikanischen Menschheit*. Leipzig, Friedrich Fleische.
- Martius, C. F. P. Von. 1858. *Über die Pflanzen-Namen in der Tupi-Sprache*. München : Weiss.
- Martius, C. F. P. Von. 1845. Como se escrever a história do Brasil. Trad. Wilhelm Schüch. *RIHGB* 24: 381-403.
- Martius, C. F. P. Von. 1844. *Das Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens*. Munique, Druck der Wolfschen Buchdruckerei.
- Martius, C. F. P. Von. 1843. *Sistema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis*. Lipsiae.
- Martius, C. F. P. Von. 1823-53. *História Naturalis Palmarum*. 3v. Leipzig, Weigel.
- Martius, C. F. P. Von. 1838. *Die Vergangenheit und Zukunft der Amerikanischen Menschheit*. Ein Vortrag Naturforscher und Ärzte in Freiburg.
- Martius, C. F. P. Von. 1832. *Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens. Eine Abhandlung*. Munique/Leipzig, Friedrich Fleischer.
- Martius, C. F. P. Von. 1823-31. *Nova genera et species plantarum ...* 3v. Monachii : Typis Lindaueri.
- Mckay, H. 1937. William John Burchell: notes on his Catalogue Geographicus and herbarium of south african plants. *South African Association for the Advancement of Science* . p.346-356.
- Medeiros, M. F. T. (org.). 2010. *Aspectos históricos na pesquisa etnobiológica*. Recife: NUPEEA. 145p.
- Mello Leitão, C. 1937. *A biologia no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Coleção Brasileira, vol. 99.
- Mérian, J. Y. 2009. A atualidade de Glaziou. *Glaziou e os jardins sinuosos*. Catálogo da exposição realizada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Dantes Editora. 101p.
- Miranda, E. E. 2009. *Jardins Botânicos do Brasil*. São Paulo: Metalivros. 351p.
- Moncan, P. 2009. *Paris les jardins d’Hausmann*. Les Éditions du Mécène. 143p.
- Moro, M. F., Souza, V. C., Oliveira-Filho, A. T., Queiroz, L. P., Fraga, C. N., Rodal, M. J. N., Araújo, F. S. & Martins, F. R. 2012. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies

- exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? *Acta bot. Bra.* 26: 991 - 999.
- Noelli, F. S. 1998. Múltiplos Usos de Espécies Vegetais Pela Farmacologia Guarani Através de Informações Históricas. Universidade Estadual de Feira de Santana. *Diálogos, DHI/UEM*, 02: 177-199.
- Noronha Santos, 1945. O parque da praça da República, antigo da Aclamação, notícia histórica do Campo de Santana. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, nº8, p. 102-163.
- Noronha Santos. 1944. Traços Bibliográficos de Auguste François Marie Glaziou. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 8: 164 – 172.
- Novaro, N. 2005. Breeders rights and Brazilian roses. *Flora Culture International*, Heiloo, v. 15, n.4, p. 32.
- Ogura, Y. 1972. *Comparative anatomy of vegetative organs of the pteridophytes*. Gebrüder Borntraeger, Berlin. Stuttgart, 502p.
- Oliveira, A. R. 2012. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro e as paisagens da corte. In: Kury, L. & Gesteira, H. 2012. *Ensaio de História das Ciências no Brasil: das Luzes à nação independente*.
- Pádua, J. A. 2002. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Paterson, A. 2008. *The Gardens at Kew*. Royal Botanic Gardens, Kew. 352p.
- Pedrosa, M. 1998. Da Missão Francesa: seus obstáculos políticos. In: ARANTES, O. B. F. (org.). *Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III*. São Paulo: EDUSP.
- Phillips, O. & Gentry, A. H. 1993. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. *Economic Botany* 47: 15-32.
- Pimentel, A. M. de A. 1907. O Brasil Central. *Revista IHGB*, tomo LXVIII, p. 260-376.
- Piragibe, C. 2008. O parque do barão de São Clemente e o jardim de Glaziou. In: *Anais II Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas*. p. 72-81.
- Prado, J. & Freitas, C. A. A. 2005. Flora da Reserva Ducke, Amazonas, Brasil: Pteridophyta – Cyatheaceae. *Rodriguésia* 56 (86): 35-37.
- Prado Júnior, C. 1987. *História econômica do Brasil*. 35ªed. Editora Brasiliense. 305p.
- Prance, G. T.; Baleé, W.; Boom, B. M. & Carneiro, R. L. 1987. Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazônia. *Conservation Biology* 1: 296-310.

- Pyšek, P., Richardson, D. M., Rejmánek, M., Webster, G. L., Williamson, M. & Kirschner, J. 2004. Alien plants in checklists and floras: towards better communication between taxonomists and ecologists. *Taxon* 53: 131 – 143.
- Rainer, H. 2001. Nomenclatural and taxonomic notes on *Annona* (Annonaceae) *Ann. Naturhist. Mus. Wien* 103: 513-524.
- Raminelli, R. J. 1998. Ciência e colonização. *Revista tempo*. Niterói, v.7, p.5-28.
- Rios, M. 2002. *La comunidad Benjamin Constant y las plantas útiles de la “capoeira”: un enlace etnobotánico en la Región Bragantina, Pará, Amazonía Brasileña*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos-Estudos Amazônicos, Belém, 539p.
- Robba, F. & Macedo, S. S. 2002. *Praças Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Rothfels, C. J.; Sundue, M. A.; Li-y, K.; Larsson, A.; Kato, M.; Schuettpelz, E. & Pryer, K. M. 2012. A revised family-level classification for eupolypod II ferns (Polypodiidae: Polypodiales). *Taxon* 61: 515-533.
- Rousseau, J.J. 1776-1778. *Les Rêveries du promeneur solitaire*. Publisher: Paris, Librairie des bibliophiles.
- Sá, M. R. 2001. O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.VIII (suplemento), 899-924.
- Saint Girons, B. 2001. Jardins et paysages : une opposition catégorielle. In: Pigeaud, J. & Barbe, J. P. (orgs.). *Histoires de jardins - lieuxetimaginaire*. série Perspectives Littéraires, Paris : Presses Universitaires de France.
- Saint-Hilaire, A. 1824. *Plantes Usuelles des Brésiliens*. Grimbert Libraire, Paris.
- Saint-Hilaire, A. 1824. *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguai*. Chez A. Berlin, Imprimer Libraire, Paris.
- Sanjad, N. 2004. Charles Frederick Hartt e a institucionalização das ciências naturais no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 11: 449-55.
- Santos, L. C. 2008. Antônio Moniz de Souza, o “Homem da Natureza Brasileira”: ciência e plantas medicinais no início do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 15: 1025-1038.
- Schaer, R. 1993. *L’Invention des musées*. Paris: Gallimard.
- Schama, S. 1996. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Schwarcz, L. M. 2008. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. Companhia das Letras.
- Seção de Museologia do Museu Nacional/UFRJ. 2007-2008. *Os diretores do Museu Nacional/UFRJ*. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf>
- Segawa, H. 1996. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp. 255p.
- Senna-Valle, L. & de Sá, I. M. 2007. Dos naturalistas à etnobotânica contemporânea: um panorama dos estudos de plantas no Brasil. In: Barbosa, L. M.; Santos Junior, N. A. dos (Orgs.). *A botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais*. São Paulo, Sociedade Botânica do Brasil, 680p: 558-561.
- Senna-Valle, L. & de Sá, I. M. 2009. Etnobotânica Histórica: uma abordagem diacrônica nos estudos etnobotânicos. In: *Botânica Brasileira futuro e compromissos*. 60º congresso nacional de botânica. Sociedade Botânica do Brasil. EDUNEB: BA. p. 1083-1087.
- Simon, W. J. 1983. *Scientific Expeditions in the Portuguese Overseas Territories (1783-1808)*. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Smith, A. R.; Pryer, K. M.; Schuettpelz, E.; Korall, P.; Schneider, H. & Wolf, P. G. 2006. A classification for extant ferns. *Taxon* 55: 705–731.
- Smith, L. B. & Smith, R. C. 1966-67. Itinerary of William John Burchell in Brazil, 1825-1830. *Phytologia*, vol. 14.
- Soares, J. P. M. & Ferrão, C. 2008. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Kapa Editorial.
- Spix, J. B. von & Martius, C. F. P. von. 1823-31. *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern in den Jahren 1817-1820*. Stuttgart, Brockhaus. 3v. e atlas.
- Spix, J. B. von & Martius, C. F. P. von. 1976. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Melhoramentos. São Paulo. 3 vols.
- Stehmann, R.; Forzza, R. C.; Salino, A.; Sobral, M.; Costa, D. P. & Kamino, L. H. Y. 2009. *Plantas da Floresta Atlântica*. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 516 p.
- Sylvestre, L. S. & Mynssen, C. M. 2014. Cyatheaceae. *Catálogo das espécies de plantas vasculares e briófitas do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto de

- Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://florariojaneiro.jbrj.gov.br>>
- Tabacow, J. (Ed.) 2004. *Arte e paisagem: Roberto Burle Marx*. São Paulo: Studio Nobel, 224p.
- Taylor, L. 1998. *Herbal Secrets of the Rainforest*. Prima Publishing, INC. Rocklin, Ca. 315p.
- Teixeira, D. M. 1998. Psitácidas como pragas para a agricultura no Brasil colônia. *História Naturalis*, Rio de Janeiro, v.1, p. 311-313.
- Terra, C. G. 2013. *Paisagens construídas: jardins, praças e parques do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX*. Rio de Janeiro: Rio Books. 240p.
- Terra, C. G. 2000. *Os jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado*. 2.ed. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ.
- Thacker, C. 1979. *The History of Gardens*. Berkeley -Los Angeles - London: University of California Press.
- The Plant List. <www.theplantlist.org>.
- Thiesse, A. M. 1999. *La création des identités nationales: Europe XVIIe-XXe siècle*. Paris: Ed. du Seuil.
- Thomas, K. 1989. *O homem e o mundo natural: mudanças nas atitudes em relação as plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Trail, J. W. H. 1877. New palms collected in the valley of the Amazon in North Brazil in 1874. *Journal of Botany*, vol. 15, pp. 1-10, 40-9, 75-81.
- Trail, J. W. H. 1877. Some remarks on the synonymy of palms of the Amazon valley. *Journal of Botany*, vol. 15, pp. 129-32.
- Trail, J. W. H. 1876. Description of new species and varieties of palms collected in the valley of the Amazon in North Brazil in 1874. *Journal of Botany*, vol. 14, pp. 323-33, 353-9.
- Trindade, J. A. 2014. Os jardins de Glaziou para a Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro/RJ. *Revista Espaço Acadêmico*, n.156, p. 60-73.
- Trindade, J. A. 1997. A importância histórico-cultural da arborização urbana na cidade do Rio de Janeiro. In: Seminário de arborização urbana no Rio de Janeiro, 1., Rio de Janeiro, 1996. *Coleção paisagismo*. Rio de Janeiro: EBA; UFRJ.
- Vadon, C. 2013. Les chasseurs de plantes au XIX^e siècle. In: *Passions Botaniques: Naturalistes voyageurs au temps des grandes découvertes*. Editions Ouest-France. p. 77-94.

- Valente, M. C.; Santos, E.; Trinta, E. F.; Flaster, B.; Emmerich, W.; Oliveira, B. A. D.; Costa, C. G.; Carvalho, L. D.; Ávila F.; Ichaso, C. L. F.; Guimarães, E. F.; Vianna, M. C.; Carauta, J. P. P.; Vidal, M. R. R. & Vidal, W. N. 1979. O Jardim do Passeio Público do Rio de Janeiro. Paisagismo. *Rodriguésia* 31: 235-319.
- Vandelli, D. 1781. *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes à História da Natureza para formar um Museu Nacional*. Lisboa: Academia de Sciencia de Lisboa. Régia Oficina Tipográfica.
- Varnhagen, F. A. de 1877. *A questão da capital: marítima ou no interior?* Vienna d'Austria: Imp. do Filho de Carlos Gerold.
- Vergara, M. de R. 2006. Ciência e história no Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central na Primeira República. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos* 13(4): 909-925.
- Wiersema, J. H. & León, B. 1999. *World economic plants: a standard reference*. CRC Press. LLC. 749p.
- Wurdack, J. J. 1970. Erroneous data in Glaziou collections of Melastomataceae. *Taxon* 19: 911-913.
- W3 Trópicos (Missouri Botanical Garden VAST – VAScular trópicos)
<<http://www.tropicos.org/>>.